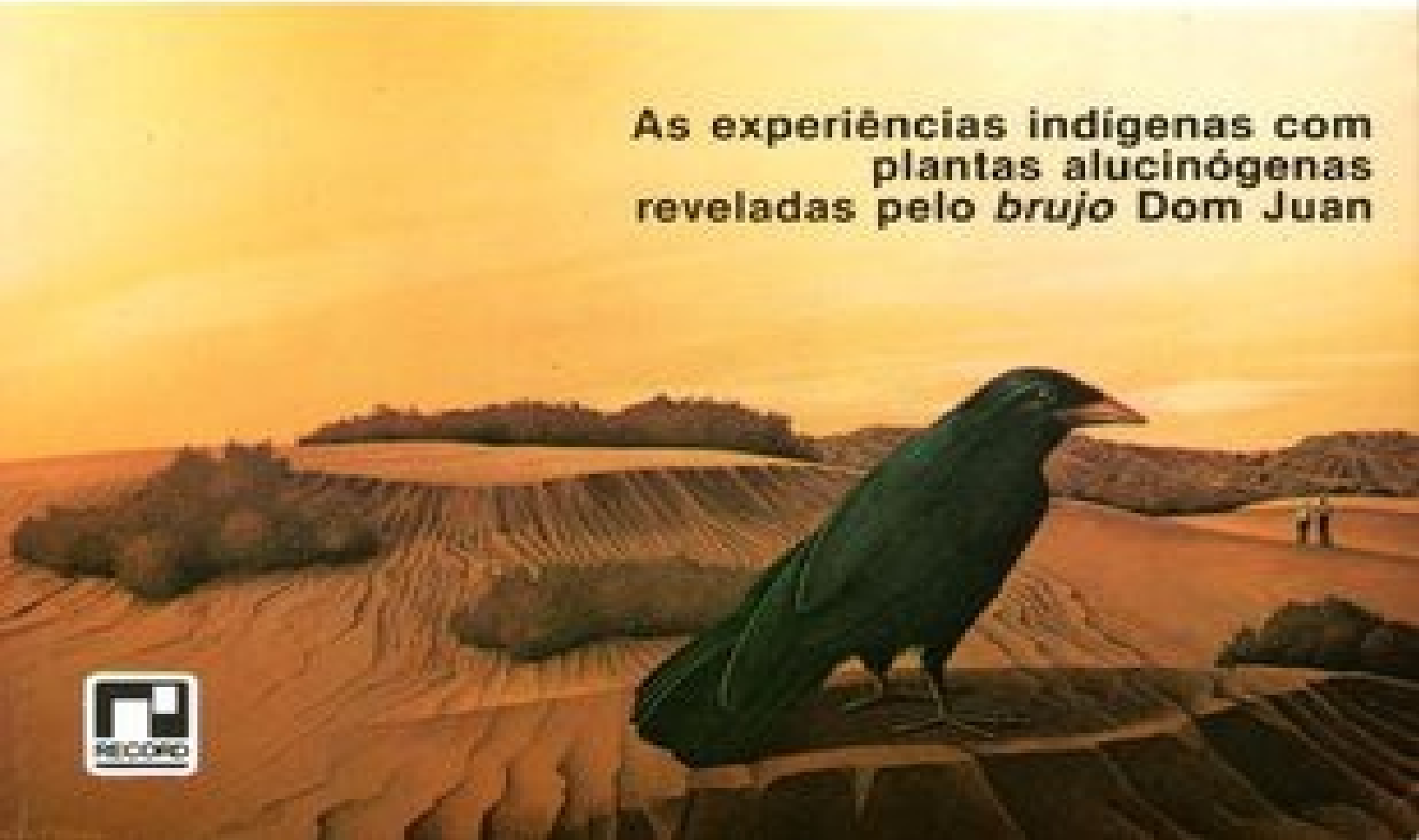
CARLOS CASTANEDA

A ERVA DO DIABO

Os Ensinamentos de Dom Juan

As experiências indígenas com plantas alucinógenas reveladas pelo *brujo* Dom Juan



RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ÍNDICE

PREFÁCIO
EM LOUVOR DESTE LIVRO...
AGRADECIMENTOS
INTRODUÇÃO
PARTE UM – OS ENSINAMENTOS
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
PARTE DOIS – UMA ANÁLISE ESTRUTURAL
A ORDEM OPERACIONAL
A PRIMEIRA UNIDADE
HOMEM DE CONHECIMENTO
A SEGUNDA UNIDADE
UM HOMEM DE CONHECIMENTO TEM UM ALIADO
A TERCEIRA UNIDADE
UM ALIADO TEM UM REGULAMENTO
A QUARTA UNIDADE
O REGULAMENTO ERA CORROBORADO POR CONSENSO ESPECIAL
A ORDEM CONCEITUAL
O APRENDIZ
RESUMO
APÊNDICES
APÊNDICE A – O PROCESSO DE COMPROVAR O CONSENSO

ESPECIAL
APÊNDICE B — ESBOÇO DE ANALISE ESTRUTURAL

A ERVA DO DIABO

As experiências indígenas com plantas alucinógenas reveladas por Dom Juan

Carlos Castaneda

PREFÁCIO

Este livro é etnografia e alegoria.

Carlos Castaneda, sob a orientação de Dom Juan, nos conduz por aquele momento no crepúsculo, por aquela fresta no universo que há entre o claro e o escuro, para um mundo que não é apenas diferente do nosso, mas também de uma ordem de realidade inteiramente diferente. A fim de alcança-lo ele teve o auxilio de *mescalito, yerba del diablo e humito* – peiote, datara e cogumelos. Mas esta não é uma simples narrativa de experiências alucinógenas, pois as sutis manipulações de Dom Juan conduzem o viajante enquanto suas interpretações dão significado aos fatos que nós, através do aprendiz de feiticeiro, temos a oportunidade de experimentar.

Os antropólogos nos ensinam que o mundo tem definições diversas em diversos lugares. Não é só que os povos tenham costumes diferentes: não é só que os povos acreditem em deuses diferentes e esperem diferentes destinos após a morte. É, antes, que os mundos de povos diferentes têm formas diferentes. Os próprios pressupostos metafísicos variam: o espaço não se conforma com a geometria euclidiana, o tempo não constitui um fluxo contínuo de sentido único, as causas não se conformam com a lógica aristotélica, o homem não se diferencia do não-homem nem a vida da morte, como no nosso mundo. Conhecemos alguma coisa da forma desses outros mundos pela lógica dos idiomas nativos e pelos mitos e cerimônias, conforme registrados pelos antropólogos. Dom Juan nos mostrou uns vislumbres do mundo de um feiticeiro yaqui, e como o vemos sob a influência de substâncias alucinógenas, nós os captamos com uma realidade totalmente diversa daquelas outras fontes. Nisso reside a principal virtude desta obra.

Castaneda afirma, com razão, que este mundo, com todas as suas diferenças de percepção, tem sua lógica interna. Ele procurou explicar isso do interior, pode-se dizer -de dentro de suai experiências ricas e intensamente pessoais, quando sob a tutela de Dom Juan em vez de examiná-lo nos termos de nossa lógica. O fato de ele não conseguir nisso um êxito total deve-se a uma limitação que nossa cultura e nossa língua impõem sobre a percepção, e não a sua limitação pessoal; no entanto, em seus esforços ele une para nós o mundo de um feiticeiro yaqui com o nosso, o mundo da realidade não ordinária com o mundo da realidade ordinária.

A importância primordial de entrar em mundos outros que não os nossos – e, pois, da própria antropologia – reside no fato de que essa experiência nos leva a

compreender que o nosso próprio mundo é também um complexo cultural. Experimentando outros mundos, vemos o nosso como ele é e assim podemos também ver de relance como deve de fato ser o mundo verdadeiro, aquele entre o nosso próprio complexo cultural e aqueles outros mundos. Daí a alegoria, bem como a etnografia. A sabedoria e a poesia de Dom Juan, e a habilidade e poesia de seu escriba, nos dão uma visão de nós e da realidade. Como em todas as boas alegorias, o que se vê está com o espectador, e não precisa de exegese aqui.

As entrevistas de Carlos Castaneda com Dom Juan tiveram início quando ele era estudante de antropologia na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Temos uma dívida para com ele por sua paciência, sua coragem e perspicácia ao procurar e enfrentar o desafio de seu duplo aprendizado e por nos relatar os detalhes de suas experiências. Nesta obra ele demonstra a habilidade essencial da boa etnografia -a capacidade de ingressar num mundo estranho. Acredito que ele encontrou um caminho com o coração.

WALTER GOLDSCHMIDT

EM LOUVOR DESTE LIVRO...

"Não posso exprimir direito a emoção que senti ao ler essa narrativa. A toda hora eu largava o manuscrito e me levantava para andar... De repente, tanta coisa até então ambígua passava a ter sentido. Mais que isso: tinha um significado profundamente humano.

"Ora, para alguns antropólogos, o mundo verdadeiro não é aquilo que se vive, mas sim as estruturas ocultas (leis) que governam as aparências. Assim, eles pretendem tornar a antropologia uma ciência do mesmo tipo que as ciências físicas, pois estas também rejeitam as aparências e insistem em que a realidade não reside nelas, e sim nas leis que as governam. "O que me perturba nesse método, quando utilizado exclusivamente, é que conduz a uma rejeição do mundo dos sentidos, até mesmo à rejeição da experiência primária. Creio que isso se aplica à maior parte dos livros sobre antropologia. Seu isolamento intelectual os separa da realidade essencial -a realidade humana. Sua seriedade e vocabulário corroem a margem viva. Tenho de forçar meus poderes de sensibilidade para estabelecer com eles a intimidade humana que eles não conseguem estabelecer comigo. Considero a maior parte deles muito afastada da experiência humana original, num setor que seria injusto chamar de particular, pois seus autores procuram povoá-los oficialmente.

"É por isso que A Erva do Diabo foi, para mim, uma experiência emocionante. Relata uma realidade humana, não um equivalente da realidade. O

fato de ser lindamente escrito é óbvio. O fato de ser verdadeiro talvez seja igualmente óbvio, mas talvez seja mais verdadeiro para o antropólogo que se tenha ocupado com essas experiências."

— Edmund Carpenter

Professor de Antropologia do Carnegie Stevens College

Universidade da Califórnia em Santa Cruz

Para mi solo recorrer los caminos que tienen corazon, cualquier camino que tenga corazon.

Por ahi yo recorro, y Ia unica prueba que vale es atravesar todo su largo. Y por ahi yo recorro mirando, mirando, sin alinto.

(Para mim só existe percorrer os caminhos que tenham coração, qualquer caminho que tenha coração.

Ali viajo, e o único desafio que vale é atravessá-lo em toda a ma extensão. E por ali viajo olhando, olhando, arquejante.)

DOM JUAN

. . . não se pode tentar mais nada do que estabelecer o principio e a direção de uma estrada infinitamente longa. A pretensão de qualquer plenitude sistemática e definitiva seria, pelo mente, uma auto-ilusão. Aqui a perfeição só pode ser obtida pelo estudante individual no sentido subjetivo, de que ele comunica tudo quanto conseguiu ver.

GEORGE SIMMEL

AGRADECIMENTOS

Desejo exprimir minha profunda gratidão ao Professor Clement Meighan, que iniciou e traçou o rumo de meu trabalho de campo na antropologia; ao Professor Harold Garfinkel, que me deu o modelo e o espírito das indagações exaustivas; ao Professor Robert Fdgerton, que comentou meu trabalho desde o início; aos Professores William Bright e Pedro Carrasco por suas críticas e encorajamentos; e ao Professor Lawrence Watson por seu valioso auxílio no esclarecimento de minha análise. Finalmente, agradeço à Sra. Grace Stimson e ao Sr. F. A. Guilford a sua colaboração no preparo deste manuscrito.

INTRODUÇÃO

No verão de 1960, quando eu era estudante de antropologia na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, fiz várias viagens ao Sudoeste a fim de coligir informações sobre as plantas medicinais utilizadas pelos índios do local. Os fatos que descrevo aqui começaram durante uma de minhas viagens. Eu estava esperando numa cidade da fronteira para tomar um ônibus, conversando com um amigo que tinha sido meu guia e auxiliar na pesquisa. De repente ele chegou bem junto de mim e cochichou que o homem sentado defronte da janela, um velho índio de cabelos brancos, era grande conhecedor de plantas, especialmente o peiote. Pedi a meu amigo que me apresentasse ao homem.

Meu amigo cumprimentou-o e em seguida apertou a mão dele. Depois de conversarem um pouco, meu amigo me fez sinal para ir para junto deles, mas logo me deixou sozinho com o velho, sem nem se dar ao trabalho de nos apresentar. Ele não ficou nada constrangido. Dei o meu nome e ele disse que se chamava Juan e que estava às minhas ordens. Usava o tratamento de cortesia em espanhol. Nós nos apertamos as mãos, por iniciativa minha, e depois ficamos calados por um momento. Não era um silêncio forçado, mas um sossego, natural e descansado, de ambas as partes. Embora sua cara e pescoço escuros fossem enrugados, mostrando sua idade, achei que o corpo dele era ágil e musculoso.

Então, contei-lhe que estava interessado em obter informações sobre plantas medicinais. Embora, na verdade, eu fosse quase totalmente ignorante a respeito do peiote, fiz de conta que sabia muita coisa a respeito, sugerindo até que seria vantajoso para ele conversar comigo. Enquanto eu tagarelava, ele meneava a cabeça, devagar, mas não dizia nada. Eu evitava os olhos dele e acabamos ficando os dois num silêncio total. Por fim, depois do que pareceu muito tempo, Dom Juan levantou-se e ficou olhando pela janela. O ônibus dele tinha chegado. Despediu-se e saiu da estação.

Fiquei aborrecido por ter falado tolices com ele, e por ter sido penetrado por aqueles olhos extraordinários. Quando meu amigo voltou, procurou consolar-me por não ter conseguido aprender nada com Dom Juan. Explicou que o velho muitas vezes ficava calado, ou não se metia, mas o efeito perturbador daquele primeiro encontro não passou muito facilmente.

Fiz questão de descobrir onde morava Dom Juan e depois visitei-o várias vezes. Em todos os encontros eu procurava levá-lo a falar sobre o peiote, porém sem sucesso. Mas nós nos tornamos bons amigos e a minha investigação

científica ficou esquecida, ou pelo menos foi novamente dirigida para canais que ficavam a um mundo de distância de meu propósito original.

O amigo que me apresentou a Dom Juan explicou depois que o velho não era nativo do Arizona, onde nos encontramos, e sim um índio yaqui de Sonora, México.

A princípio eu considerava Dom Juan simplesmente como um homem meio especial, que sabia muita coisa sobre peiote e que falava espanhol muito bem. Mas o pessoal com quem ele morava acreditava que ele tinha uma espécie de "sabedoria secreta", que ele era um brujo. A palavra espanhola brujo significa em português bruxo, curandeiro, feiticeiro. Denota essencialmente uma pessoa que tenha poderes extraordinários e geralmente maléficos.

Eu já conhecia Dom Juan havia um ano quando ele afinal resolveu confiar em mim. Um dia ele me explicou que possuía um certo conhecimento, que aprendera com um mestre, um "benfeitor", como ele dizia, que o dirigira numa espécie de aprendizagem. Dom Juan, por sua vez, me escolhera para servir de seu aprendiz, mas ele me avisou que eu teria de assumir um compromisso muito sério e de que o treinamento seria longo e árduo.

Ao descrever seu mestre, Dom Juan usou a palavra diablero. Mais tarde eu soube que diablero é um termo usado somente pelos índios sonoras. Refere-se a uma pessoa perversa que pratica a magia negra e é capaz de se transformar num animal -um pássaro, um cão, um coiote ou qualquer outra criatura. Em uma de minhas idas a Sonora eu tive uma experiência estranha, que ilustra as reações dos índios para com os diableros. Eu estava dirigindo de noite em companhia de dois amigos índios quando vi um animal que parecia ser um cão atravessando a estrada. Um de meus companheiros disse que não era um cão, e sim um enorme coiote. Diminuí a marcha e parei à margem da estrada para olhar bem para o animal. Ele ficou focalizado pelas luzes dos faróis mais uns segundos e depois correu para o chaparral. Não havia dúvida de que era um coiote, mas era o dobro do tamanho normal. Falando muito agitados, meus amigos concordaram que era animal muito singular e um deles sugeriu que podia ser diablero. Resolvi utilizar uma versão dessa experiência para interrogar os índios daquela região a respeito de suas crenças na existência de diableros. Conversei com muita gente, contando a história e fazendo perguntas. As três conversas que se seguem indicam o que eles sentiam.

— Você acha que foi um coiote, Choy? -perguntei a um rapazinho, depois de ele ouvir a história.

— Quem sabe? Um cão, sem dúvida. Grande demais para um coiote.

— Acha que pode ter sido um diablero?

— Isso é tudo besteira. Não existem essas coisas.

— Por que diz isso, Choy?

— As pessoas imaginam coisas. Aposto que, se você tivesse pegado aquele animal, teria visto que era um cachorro. Caos vez eu tinha negócios em outra cidade e me levantei de aceda e arreei um cavalo. Quando eu estava saindo, vi na estrada uma sombra escura, que parecia um animal imenso. Meu cavalo empinou, lançando-me fora da sela. Também bem assustado, mas, quando fui ver, a sombra era uma mulher caminhando para a cidade.

— Quer dizer, Choy, que você não acredita que existem diablero?

— Diableros! O que é um diablero? Diga-me o que é um diablero! -Não sei, Choy. Manuel, que estava comigo naquela noite, dissse que o coiote podia se um diablero. Talvez possa que é um diablero?

— Dizem que um diablero é um brujo que se transforma em qualquer forma que ele queira adotar. Mas todo mundo sabe que isso é besteira pura. Os velhos daqui estão cheios de histórias de diableros. Você não encontra essas coisas entre nós jovens.

— Que tipo de animal acha que foi, Dona Luz? -perguntei a uma mulher de meia-idade.

— Só Deus pode saber ao certo, mas não creio que tenha sido um coiote. Há coisas que parecem ser coiote, mas não são. O coiote estava correndo, ou estava comendo?

— Estava parado de pé, a maior parte do tempo, mas quando eu o vi, logo no começo, acho que estava comendo alguma coisa.

— Tem certeza de que não estava carregando nada na boca?

— Talvez estivesse. Mas diga-me, isso faria alguma diferença?

— Faria, sim. Se estivesse carregando alguma coisa na boca, não era um coiote.

— O que era, então?

— Um homem ou uma mulher.

— Como é que a senhora chama essas pessoas, Dona Luz?

Não respondeu. Continuei a lhe fazer perguntas, mas sem nada conseguir. Por fim ela disse que não sabia. Perguntei-lhe se essas pessoas eram chamadas diableros e ela respondeu que diablero era um dos nomes que lhes eram dados.

— Conhece algum diablero? -perguntei -Conheci uma mulher -respondeu ela. -Foi morta. Aconteceu quando eu era menininha. Dizem que a mulher se

transformava numa cadela. E uma vez um cachorro entrou na casa de um homem branco, para roubar queijo. O homem matou o cão com uma espingarda, e no mesmo momento em que o cachorro morreu na casa do branco a mulher morria na sua cabana. Os parentes dela se reuniram e foram ao branco, pedir indenização. O homem pagou um bom dinheiro por tê-la matado.

— Como é que eles puderam pedir indenização se ele só matou um cachorro?

— Disseram que o branco sabia que não era um cão, pois havia outras pessoas com ele e todos viram que o cão se punha de pé nas patas traseiras como um homem, para alcançar o queijo, que estava numa bandeja pendurada do teto. Os homens estavam esperando o ladrão porque o queijo do branco roubado todas as noites. E assim o homem matou o ladrão sabendo que não era um cachorro.

— E hoje existem *diableros*, Dona Luz?

Essas coisas são muito misteriosas. Dizem que não há mais diableros, mas eu duvido, pois um membro da família de um diablero tem de aprender o que o diablero sabe. Os diableros têm suas próprias leis, e uma delas é que o diablero tece de ensinar seus segredos a um membro de sua família.

— O que acha que era o animal, Genaro? -perguntei s um homem muito velho.

— Um cachorro de um dos ranchos da região. Que mais havia da ser?

— Podia ser um *diablero*! -Um diablero? Você está maluco? Não existem diableros.

— Quer dizer que não existem hoje, ou que nunca existiram?

— Antigamente existiam, sim. Todo mundo sabe disso. Mas as pessoas tinham muito medo deles e os mataram a todos.

— Quem os matou, Genaro?

— Todos os membros da tribo. O último diablero de que tive notícia foi S . . . Ele matou dúzias, talvez até centenas de pessoas com sua feitiçaria. Não podíamos suportar aquilo e o pessoal se juntou e o pegou de surpresa uma noite e o queimou.

— Há quanto tempo foi isso, Genaro?

— Em 1942.

— Você o viu com seus olhos?

— Não, mas as pessoas ainda falam disso. Dizem que não restaram cinzas, embora a fogueira fosse feita de madeira troe. No fim sobrou apenas uma grande poça de gordura.

Embora Dom Juan classificasse seu benfeitor como um diablero nunca mencionou o local onde adquirira seu conhecimento, nem identificou seu mestre.

Na verdade, Dom Juan revelou muito pouco acerca de sua vida pessoal. Ele só contou que tinha nascido no Sudoeste, em 1891; que tinha passado quase toda a vida no México; que em 1900 sua família fora exilada pelo governo mexicano para o México Central, junto com milhares de outros índios sonoras, e que viveu no México Central e do Sul até 1940. Assim, como Dom Juan viajou muito, sua sabedoria pode ter sido o resultado de muitas influências. E embora ele se considerasse um índio de Sonora, eu não tinha certeza se devia situar o contexto de seus conhecimentos inteiramente na cultura dos índios sonoras. Mas não pretendo aqui determinar seu meio cultural preciso. Comecei meu aprendizado com Dom Juan em junho de 1961. Antes disso eu o vira em várias ocasiões, mas sempre como observador antropológico. Durante essas primeiras conversas, eu tomava notas de maneira disfarçada. Depois, de memória, eu reconstruía a conversa toda. Quando comecei a participar como aprendiz, porém, esse método de tomar notas tornou-se muito difícil, pois nossa conversa versava sobre muitos assuntos diferentes.Então, Dom Juan -sob fortes protestos -permitiu que eu registrasse abertamente tudo o que fosse dito. Eu também queria tirar fotografias e gravar coisas, mas ele não o permitiu.

Fiz meu aprendizado primeiro no Arizona e depois em Sonora, pois Dom Juan se mudou para o México, durante meu treinamento. O método que eu usava era estar com ele por alguns dias, de vez em quando. Minhas visitas se tornaram mais frequentes e duraram mais tempo nos meses do verão de 1961, 1962, 1963 e 1964. Em retrospecto, acho que esse método de aprendizado impediu que o treinamento tivesse êxito, pois retardou o advento do comprometimento total que eu precisava para me tornar um feiticeiro. No entanto, o método foi benéfico de meu ponto de vista pessoal, pois me permitiu um certo alheamento, o que por sua vez provocava um senso de exame crítico que seria impossível de conseguir se eu tivesse participado continuamente, sem interrupção. Em setembro de 1965, voluntariamente parei com o aprendizado.

Vários meses depois de me retirar, pensei pela primeira vez na possibilidade de organizar minhas anotações de campo de maneira sistemática. Como os dados que eu coligira eram muito volumosos e incluíam muitas informações variadas, comecei tentando fazer um sistema de classificação. Dividi os dados em setores de conceitos e métodos relacionados e arrumei os setores hierarquicamente de acordo com sua importância subjetiva -isto é, em termos do impacto que cada qual teve sobre mim. Desse modo cheguei à seguinte classificação: alucinógenas; processos e fórmulas utilizados na feitiçaria; aquisição e manipulação de objetos de poder; de plantas medicinais; canções e lendas.

Refletindo sobre os fenômenos que eu experimentara, verifiquei que minha

tentativa de classificação não produzira mais do que um inventário de categorias; e qualquer tentativa de refinar meu plano, portanto, só redundaria num inventário mais complexo. Não era isso que eu queria. Nos meses que se seguiram à minha retirada do aprendizado, precisei compreender o que experimentara, e o que experimentara era o ensinamento de um sistema coerente de crenças por meio de um método pragmático e experimental. Fora óbvio para mim desde a primeira sessão de que participei que os ensinamentos de Dom Juan possuíam uma coesão interna. Uma vez que resolveu definitivamente comunicar-me seu conhecimento, passou a apresentar suas explicações em gradações ordenadas. Descobrir essa ordem e compreendê-la foi para mim uma tarefa muito difícil.

Minha incapacidade de chegar a uma compreensão parece dever-se ao fato de que, depois de quatro anos de aprendizado, eu era ainda um principiante. Era claro que o conhecimento de Dom Juan e seu método de transmiti-lo eram os de seu benfeitor assim, minhas dificuldades em compreender os ensinamentos dele devem ter sido análogas às que ele mesmo tinha encontrado. Dom Juan aludiu à nossa semelhança como principiantes por comentários ocasionais sobre sua incapacidade de compreender seu mestre durante sua própria aprendizagem. Esses comentários me levaram a crer que, para qualquer principiante, índio ou não-índio, o conhecimento da feitiçaria se tornava incompreensível devido às características extraordinárias dos fenômenos que ele experimentava. Pessoalmente, como ocidental, achava essas características tão fantásticas que era impossível explicá-las em termos de minha própria vida duna, e fui forçado a concluir que qualquer tentativa de classificar meus dados de campo em meus próprios termos seria inútil.

Assim, tornou-se óbvio para mim que os conhecimentos de Dom Juan tinham de ser examinados em termos de como ele mesmo os compreendia; e só nesses termos é que poderiam tornar-se evidentes e convincentes. Tentando conciliar meus pontos de vista com os de Dom Juan, porém, verifiquei que, sempre que ele procurava explicar-me seus conhecimentos, usava conceitos que tornassem as coisas "inteligíveis" para ele. Como esses conceitos me eram estranhos, minhas tentativas de compreender sua sabedoria da maneira como ele a compreendia me colocaram em outra posição insustentável. Portanto, meu primeiro trabalho foi conceituação dele. Trabalhando nesse sentido, verifiquei que Dom Juan dava ênfase especial a um certo setor de seus ensinamentos -para ser preciso, as utilizações das plantas alucinógenas. Baseando-me nisso, repassei todo o meu esquema de categorias.

Dom Juan utilizava, separadamente e em ocasiões diferentes, três plantas

alucinógenas: o peiote (*Lophophora williamsii*), a datura (*Datura inoxia* syn. *D. meteloides*) e um cogumelo (possivelmente *Psilocybe mexicana*). Desde antes de seu contato com os europeus, os índios americanos já conheciam as propriedades alucinógenas dessas três plantas. Devido a suas propriedades, elas têm sido vastamente empregadas para o prazer, para curas, para a feitiçaria e para atingir um estado de êxtase. No contexto específico de seus ensinamentos, Dom Juan associava o uso da Datura *inoxia* e da Psilocybe mexicana para a aquisição do poder, um poder que ele denominava "aliado". Associava o uso da Lophophora williamsii à aquisição da sabedoria, ou o conhecimento da maneira certa de viver.

Para Dom Juan, a importância dessas plantas residia em sua capacidade de provocar estados de uma percepção especial num ser humano. Assim, ele me levou a experimentar uma série desses estados com o objetivo de expor e dar validez a seu conhecimento. Eu os denominei "estados de realidade não comum", significando uma realidade incomum, ao contrário da realidade da vida de todo dia. A distinção baseia-se no significado inerente dos estados da realidade não comum. No contexto do conhecimento de Dom Juan eram considerados reais, embora sua realidade fosse diferenciada da realidade comum.

Dom Juan acreditava que os estados de realidade não comum eram a única forma de aprendizagem pragmática e o único meio de se adquirir o poder. Transmitia a impressão de que os outros ramos de seus ensinamentos eram secundários, diante da aquisição do poder. Este ponto de vista penetrava a atitude de Dom Juan em tudo o que não se relacionasse diretamente com os estados de realidade não comum. Espalhadas em minhas anotações de campo há referências esparsas ao modo de sentir de Dom Juan. Por exemplo, em uma conversa com ele sugeriu que há alguns objetos que possuem um certo poder em si mesmos. Embora ele em pessoa não tivesse consideração por objetos de poder, disse que eram muitas vezes utilizados como apoios por brujos menos experientes. Muitas vezes lhe perguntei a respeito desses objetos, mas ele parecia inteiramente desinteressado de falar sobre eles. Mas quando o assunto surgiu novamente em outra ocasião, ele consentiu, com relutância em falar a respeito.

— Existem certos objetos que são imbuídos do poder – disse ele. – Há dezenas desses objetos, que são criados por homens poderosos, com o auxilio de espíritos benignos. Esses objetos são ferramentas... não ferramentas comuns, mas sim ferramentas da morte. No entanto, são apenas instrumentos; não têm o poder de ensinar. A falar a verdade, são do reino de objetos de guerra, destinados à luta: são feitos para matar, para serem lançados.

— Que tipo de objetos são eles, Dom Juan?

— Não são propriamente objetos; são, antes, tipos de poder.

— Como se pode obter esses tipos de poder, Dom Juan?

— Isso depende do tipo de objeto que você queira.

— Quantos tipos existem?

— Como já disse, há dezenas de vezes. Qualquer coisa pode ser um objeto de poder.

— Bem, então, quais são os mais poderosos?

— O poder de um objeto depende de seu possuidor, do tipo de homem que ele é. Um objeto de poder criado por um brujo sem importância é quase uma brincadeira; por outro lado, um brujo forte e poderoso empresta sua força a suas ferramentas.

— Então, quais são os objetos de poder mais comuns? Quais os que a maioria dos brujos prefere?

— Não há preferências. São todos objetos de poder, igualmente.

— Possui algum deles, Dom Juan?

— Não respondeu; ficou olhando para mim e riu. Permaneceu calado muito tempo e eu achei que minhas perguntas o estavam aborrecendo.

— Há limites para esses tipos de poder -continuou ele. -Mas estou certo de que isso lhe seria incompreensível. Levei quase uma vida para entender que, sozinho, um aliado pode revelar todos os segredos desses poderes secundários, tornando-os meio infantis. Tive dessas ferramentas um dia, quando era muito jovem.

— Que objetos de poder você tinha?

— Maíz-pinto, cristais e penas.

— O que é maíz-pinto, Dom Juan?

— É um grãozinho de milho que tem um traço vermelho no meio.

— É um grão só?

— Não. Um brujo possui 48 grãos.

— O que fazem os grãos, Dom Juan?

— Cada um deles pode matar um homem se entrar no corpo dele.

vE como é que um grão entra num corpo humano?

— É um objeto de poder e seu poder consiste, entre outras coisas, em entrar no corpo.

— O que é que faz quando entra no corpo?

— Ele se embebe no corpo; instala-se no peito, ou nos intestinos. O homem

fica doente, e a não ser que o homem que o esteja curando seja mais forte do que o feiticeiro, ele morre dentro de três meses depois que o grão lhe penetrou no corpo.

— Existe alguma maneira de curá-lo?

-O único meio é chupar para fazer sair o grão, mas há muito poucos brejos que ousariam fazer isso. Um brejo poderá chupar e fazer o grão sair, mas a não ser que ele seja suficientemente forte para repeli-lo, o grão entra no corpo dele e o mata.

— Mas como é que um grão consegue entrar no corpo de alguém?

— Para explicar isso, preciso contar-lhe a respeito da feitiçaria do milho, que é uma das mais poderosas feitiçarias que conheço. O feitiço é feito por dois grãos. Um deles é colocado dentro do broto de uma flor amarela. A flor então é colocada num lugar em que entre em contato com a vítima: a estrada em que ela anda todo dia, ou qualquer lugar em que esteja habitualmente. Assim que a vítima pisa no grão, ou o toca de alguma maneira, o feitiço está feito. O grão embebe-se no seu corpo.

— O que acontece com o grão depois que o homem o tocou?

— Todo seu poder entra dentro do homem, e o grão fica livre. Torna-se apenas mais um grão. Pode ser deixado no local do feitiço, ou pode ser varrido dali; não importa. É melhor varrê-lo para o mato rasteiro, onde será comido por um pássaro.

— Os pássaros não o comem antes de o homem tocá-lo?

— Não. Nenhum pássaro é assim tão burro eu lhe asseguro. Os pássaros não chegam perto dele.

Dom Juan então descreveu um processo muito complexo, pelo qual esses grãos de poder podem ser obtidos.

— Deve ter em mente que maíz-pinto é um simples instrumento, não um aliado -disse ele. -Depois que estabelecer essa diferença, não terá mais problema. Mas se considerar que esses instrumentos são supremos, será um tolo.

— Os objetos de poder são tão poderosos quanto um aliado? -perguntei.

Dom Juan riu com desprezo antes de responder. Parecia que ele estava-se esforçando muito para ser paciente comigo.

— Maíz-pinto, cristais e penas são simples brinquedos, comparados com um aliado disse ele. -Esses objetos de por só são necessários quando o homem não tem um aliado. É uma perda de tempo procurá-los, especialmente no seu caso. Você devia estar procurando arranjar um aliado; quando o conseguir, há de

compreender o que lhe digo agora. Os objetos de poder são como uma brincadeira de criança.

— Não me interprete mal, Dom Juan -protestei eu. -Quero ter um aliado, mas também desejo saber tudo o que puder. Você mesmo já disse que saber é poder.

— Não! -disse ele, com ênfase. -O poder reside no tipo do poder que a gente tem. De que adianta saber coisas inúteis?

No sistema de crenças de Dom Juan, a aquisição de um aliado significava exclusivamente a exploração dos estados de não comum que ele produzia em mim pela utilização de plantas alucinógenas. Ele acreditava que, concentrando-me nesses estados e omitindo outros aspectos do conhecimento que ele ensinava, eu chegaria a uma visão coerente dos fenômenos que eu experimentara.

Por isso, dividi este livro em duas partes. Na primeira, apresento passagens de minhas anotações de campo que tratam dos estados de realidade não comum que experimentei em meu aprendizado. Como dispus minhas notas para servirem à continuidade da narração, elas nem sempre estão em ordem cronológica. Sempre escrevi minha descrição de um estado de realidade não comum vários dias depois de o ter experimentado, esperando até ser capaz de tratá-lo calma e objetivamente. Mas as minhas conversas com Dom Juan eram anotadas assim que ocorriam, logo após cada estado de realidade não comum. Portanto, minhas descrições dessas conversas precedem a plena descrição de uma experiência.

Minhas anotações de campo revelam a versão subjetiva do que eu percebia enquanto tinha a experiência. Essa versão é apresentada aqui assim como eu a narrava a Dom Juan, que exigia uma rememoração completa e fiel de todos os detalhes e a narração completa de cada experiência. No momento de anotar essas experiências, acrescentei detalhes secundários, para procurar retratar o ambiente total de cada estado de realidade não comum. Queria descrever o impacto emocional que experimentara o mais completamente possível.

Minhas anotações de campo revelam ainda o conteúdo do sistema de crenças de Dom Juan. Condensei longas páginas de perguntas e respostas entre Dom Juan e eu, a fim de não ter de reproduzir as repetições das conversas. Mas também desejo refletir com precisão o estado de espírito feral de nossas conversas, e por isso só suprimi os diálogos que em nada contribuíam para minha compreensão do seu método de conhecimento. As informações que Dom Juan me dava sobre seu método de conhecimento eram sempre esporádicas, e para cada explicação da parte dele havia sempre horas de perguntas de minha parte. Não obstante, houve inúmeras ocasiões em que ele expôs seu conhecimento livremente.

Na segunda parte deste livro, apresento uma análise estrutural baseada exclusivamente sobre os dados expostos na primeira parte. Em minha análise, procuro justificar as seguintes premissas: (1) Dom Juan apresentava seus ensinamentos como um sistema de pensamento lógico; (2) o sistema só fazia sentido quando examinado à luz de suas unidades estruturais; e (3) o sistema era concebido para dirige um aprendiz a um nível de conceituação que explicava a ordem dos fenômenos que ele experimentava.

PARTE UM – OS ENSINAMENTOS

1

As anotações sobre minha primeira sessão com Dom Juan são datadas de 23 de junho de 1961. Foi nessa ocasião que começaram os ensinamentos. Eu já tinha estado com ele várias vezes antes disso, apenas como observador. Em todas as oportunidades, pedia-lhe que me falasse a respeito do peiote. Todas as vezes ele não fazia caso de meu pedido, mas nunca deixava o assunto inteiramente de lado, e interpretei a hesitação dele como sendo uma possibilidade de poder falar a respeito de seus conhecimentos com um pouco-mais de insistência.

Naquela determinada sessão, ele me mostrou claramente que poderia atender à minha solicitação desde que eu possuísse a necessária clareza de espírito e de propósito com relação ao que lhe perguntara. Era-me impossível satisfazer essa condição, pois eu só lhe pedira para me falar sobre o peiote como um meio de estabelecer uma comunicação com ele. Pensei que seu conhecimento do assunto poderia torná-lo mais disposto a falar e mais aberto, possibilitando-me assim uma entrada em seu conhecimento sobre as propriedades das plantas. Mas ele interpretou meu pedido ao pé da letra, e estava preocupado com meus objetivos ao querer saber acerca do peiote.

Sexta-feira, 23 de junho de 1961

— Quer-me ensinar alguma coisa a respeito do peiote, Dom Juan?

— Por que quer saber disso?

— Eu queria mesmo saber a respeito. Só querer saber não basta como motivo?

— Não! Tem de procurar em seu íntimo para saber por que um rapaz como você quer empreender essa tarefa de aprendizagem.

— Por que você mesmo aprendeu sobre isso, Dom Juan?

— Por que quer saber?

— Talvez nós dois tenhamos os mesmos motivos.

— Duvido. Sou índio. Não temos os mesmos caminhos.

— O único motivo que tenho é que desejo saber a respeito, só para aprender. Mas asseguro-lhe, Dom Juan, não tenho más intenções.

— Acredito em você. Já o fumeguei.

— Perdão?

— Não importa agora. Sei quais são suas intenções.

— Quer dizer que leu meus pensamentos?

— Poda ser.

— Então quer-me ensinar?

— Não! -Por eu não ser índio?

-Não. Porque você não conhece seu íntimo. O importante é você saber exatamente por que quer envolver-se. Aprender a respeito de Mescalito é uma coisa muito séria. Se você fosse índio, só o seu desejo seria suficiente. Muito poucos índios têm esse desejo.

Domingo, 25 de junho de 1961

Fiquei com Dom Juan a tarde toda na sexta-feira. Eu ia partir por volta das sete da noite. Estávamos sentados na varanda em frente da casa dele e eu resolvi perguntar-lhe mais uma vez sobre os ensinamentos. Era quase uma pergunta de rotina e eu já estava quase esperando que ele tornasse a recusar-se. Perguntei-lhe se havia um jeito de ele aceitar apenas o meu desejo de aprender, como se eu fosse um índio. Ele custou muito a responder. Fui obrigado a esperar, pois ele parecia estar procurando resolver alguma coisa.

Por fim ele me disse que havia um meio, e passou á expor um problema. Disse que eu estava muito cansado de ficar sentado no chão e que o que eu devia fazer era encontrar um ponto (sitio) no chão em que eu pudesse sentar-me sem me cansar. Eu estava sentado com os joelhos levantados, de encontro ao peito, e os braços trançados em volta das pernas. Quando ele disse que eu estava cansado, percebi que minhas costas estavam doendo e que eu estava quase exausto.

Esperei que ele explicasse o que queria dizer um "ponto", mas ele não procurou elucidar isso abertamente. Pensei que talvez ele quisesse dizer que eu devia mudar de posição, de modo que me levantei e sentei mais perto dele. Protestou contra meu movimento e frisou claramente que um ponto significava um lugar em que a pessoa se sentisse naturalmente feliz e forte. Mostrou o lugar em que estava sentado e disse que era o ponto dele, acrescentando que tinha proposto um enigma que eu teria de resolver sozinho, sem mais conversas.

O que ele tinha proposto como um problema a ser resolvido era certamente um enigma. Não tinha idéia de como começar, nem mesmo do que ele teria em mente. Várias vezes pedi uma indicação, ou pelo menos uma sugestão, sobre como proceder para encontrar um ponto em que me sentisse feliz e forte. Insisti e argumentei, dizendo que eu não tinha idéia do que ele realmente queria dizer porque não podia conceber o problema. Ele sugeriu que eu andasse pela varanda até encontrar o ponto.

Levantei-me e comecei a andar pelo chão. Senti que estava fazendo papel de bobo e sentei-me diante dele.

Ele ficou muito aborrecido comigo e me acusou de não prestar atenção e disse que talvez eu não quisesse aprender. Depois de algum tempo, acalmou-se e explicou que nem todos os lugares eram bons de se sentar ou estar, e que dentro dos limites da varanda havia um ponto que era único, um ponto em que eu estaria em minha melhor forma. Cabia a mim distingui-lo de todos os outros lugares. A idéia geral era que eu teria de "sentir" todos os pontos possíveis que me fossem acessíveis, até poder estabelecer, sem dúvida, qual o certo.

Argumentei que, embora a varanda não fosse muito grande (2,5 por 3,5 m), o número de pontos possíveis era imenso e eu levaria muito tempo para verificar todos, e como ele não tinha especificado o tamanho do ponto, as possibilidades podiam ser infinitas. Meus argumentos foram em vão. Levantou-se e me avisou muito severamente de que eu poderia levar dias para resolver aquilo, mas que, se não resolvesse o problema, mais valia eu partir, pois ele não teria mais nada a me dizer: Frisou que sabia onde ficava meu ponto, e que, portanto, eu não lhe poderia mentir; disse que aquele era o único meio pelo qual ele poderia aceitar meu desejo de aprender a respeito de Mescalito como motivo válido. Acrescentou que no mundo dele, nada era dado de presente, e que tudo o que se tinha de aprender tinha de ser aprendido com dificuldade.

Deu a volta à casa e foi ao chaparral, urinar. Depois, entrou em casa diretamente pelos fundos.

Achei que a tarefa de encontrar o suposto ponto de felicidade era sua maneira de me despachar, mas levantei-me e comecei a andar de um lado para outro. O céu estava azul. Eu via tudo o que havia na varanda e perto dela. Devo ter andado por uma hora ou mais, mas nada aconteceu para revelar a posição do ponto. Fiquei cansado de andar e sentei-me; depois de alguns momentos, sentei-me em outro lugar, e depois em outro, até ter percorrido todo o chão de maneira semi-sistemática. Propositadamente, procurei "sentir" diferenças entre os lugares, mas faltava-me o critério para a diferenciação. Senti que estava perdendo meu tempo, mas fiquei ali. Raciocinei que tinha vindo de muito longe só para ver Dom Juan, e não tinha mesmo mais nada para fazer.

Deitei-me de costas e pus as mãos debaixo da nuca, como um travesseiro. Depois, rolei e fiquei deitado de bruços um pouco. Repeti esse processo de rolar no chão todo. Pela primeira vez, achei que tinha encontrado um vago critério. Sentia-me mais quente quando me deitava de costas.

Tornei a rolar, dessa vez na direção oposta e voltei a percorrer todo o chão, ficando de bruços em todos os lugares em que tinha ficado da costas em minha

primeira volta rolada. Experimentei as mesmas sensações de frio e calor, dependendo de minha posição, mas não havia diferença entre os pontos.

Então, ocorreu-me uma idéia que me pareceu brilhante: o ponto de Dom Juan! Fiquei ali sentado, depois deitei-me, primeiro de bruços e depois de costas, mas o lugar era igual a todos os outros. Levantei-me. Já bastava. Eu queria despedir-me de Dom Juan, mas não queria acordá-lo. Olhei para meu relógio. Eram duas horas da madrugada! Eu estava rolando havia seis horas.

Naquele momento, Dom Juan saiu da casa e foi para o chaparral. Depois voltou e ficou junto da porta. Sentia-me completamente rejeitado e queria dizer-lhe alguma coisa desagradável e ir embora. Mas percebi que não era culpa dele; que eu mesmo é quem tinha querido passar por toda aquela tolice. Disse-lhe que tinha fracassado; tinha passado a noite no chão da sua casa e ainda não conseguia entender o enigma dele.

Riu e disse que aquilo não o surpreendia porque eu não agido direito. Não tinha usado os olhos. Era verdade, o no entanto eu tinha muita certeza de que ele dissera que eu tinha de sentir a diferença. Expus esse argumento, mas ele que a gente pode sentir com os olhos, quando estes não olhando diretamente dentro das coisas. Quanto a mim, disse ele, não tinha outro meio de resolver esse problema a não fiado tudo o que eu tinha – meus olhos.

Foi para dentro. Eu tinha certeza de que ele me tinha atado observando. Achei que não havia outro jeito de ele saber que eu não tinha usado os olhos.

Recomecei a rolar, pois era esse o sistema mais cômodo. Dessa vez, porém, coloquei o queixo nas mãos e olhei pata todos os detalhes.

Depois de um intervalo, a escuridão em volta de mim mudou. Quando me concentrava no ponto bem defronte de mim, toda a periferia de meu campo de visão tornava-se brilhantemente colorida com um amarelo-esverdeado homogêneo. O efeito era impressionante. Mantive os olhos fixos no ponto diante de mim e comecei a rastejar de lado sobre a barriga, um pouquinho de cada vez.

De repente, num ponto perto do meio do chão, verifiquei outra modificação de tonalidade. Num lugar à minha direita, ainda na periferia de meu campo de visão, o amarelo esverdeado tornava-se intensamente roxo. Concentrei minha atenção nele. O roso desmaiou para uma cor pálida, mas ainda brilhante que se manteve constante enquanto eu concentrava a atenção nela.

Marquei o local com meu paletó e chamei Dom Juan. Ele saiu para a varanda. Eu estava muito emocionado; tinha realmente visto a mudança nas tonalidades. Ele não pareceu impressionar-se, e disse-me que me sentasse no lugar e lhe que sensações tinha.

Sentei-me e depois deitei-me de costas. Ele ficou de pé a meu lado e me perguntou várias vezes como eu me sentia; mas não senti nada de diferente. Por uns quinze minutos procurei sentir ou ver alguma diferença, enquanto Dom Juan ficava pacientemente a meu lado. Eu estava aborrecido. Tinha um gosto de metal na boca. De repente, tive dor de cabeça. Tulha ânsias de vômito. A idéia de minhas tentativas idiotas me irritava a ponto de me enfurecer. Levantei-me.

Dom Juan deve ter observado a minha profunda frustração.

Não riu; e muito sério, declarou que eu tinha de ser inflexível comigo mesmo, se quisesse aprender. Eu só tinha duas opções, disse ele: desistir e ir para casa, e nesse caso eu nunca havia de aprender; ou decifrar o enigma.

Tornou a entrar em casa. Eu queria sair logo, mas estava muito cansado para dirigir; além disso, o fato de eu ter percebido as cores era tão impressionante que eu estava certo de ser um critério qualquer, e talvez houvesse outras modificações a serem percebidas. De qualquer forma, era muito tarde para partir. Por isso, sentei-me, estiquei as pernas e recomecei tudo.

Dessa vez eu me movi rapidamente por cada lugar, passando pelo ponto de Dom Juan, até o fim da varanda e depois virei-me para cobrir a extremidade externa. Quando cheguei ao centro, vi que estava havendo outra modificação de coloração em meu campo de visão. O verde-amarelado uniforme que eu via em todo o setor transformava-se, em um ponto à minha direita, num verde forte. Ficou assim por um momento e depois metamorfoseou-se em outro tom constante, diferente do outro que eu tinha visto antes. Tirei um de meus sapatos e marquei o ponto, continuando a rolar até ter coberto o chão em todas as direções possíveis. Não se deu nenhuma outra mudança de coloração.

Voltei ao ponto marcado pelo meu sapato e examinei-o. Ficava a mais ou menos 1,50 m do ponto marcado pelo meu paletó, numa direção sudeste. Perto dele havia uma pedra grande. Fiquei ali deitado por algum tempo, procurando descobrir alguma pista, olhando para todos os detalhes, mas não senti nada de diferente.

Resolvi tentar o outro ponto. Rodopiei depressa nos joelhos e já ia deitando no paletó quando senti uma apreensão anormal. Era mais como uma sensação física de alguma coisa me empurrando no estômago. Dei um salto e recuei num movimento só. Os cabelos de minha nuca se eriçaram. As pernas estavam levemente arqueadas, o tronco debruçado para a frente, e os braços esticados na mesma posição, rigidamente, com os dedos contraídos como garras. Reparei em minha estranha posição e assustei-me ainda mais.

Sem querer, andei para trás e sentei-me na pedra junto de meu sapato. Da

pedra passei para o chão. Tentei imaginar o que teria acontecido para me assustar assim. Achei que devia ser o cansaço que estava sentindo. Já era quase dia. Sentia-me tolo e encabulado. No entanto, não tinha jeito de saber o que me assustara, nem tinha descoberto o que era que Dom Juan queria.

Resolvi fazer uma última tentativa. Levantei-me e, devagar aproximei-me do lugar marcado pelo paletó e tornei a sentir a mesma apreensão. Dessa vez, fiz um grande esforço para me controlar. Sentei-me e depois ajoelhei-me para deitar de bruços, mas, a despeito de minha vontade, não consegui deitar-me. Pus as mãos no chão em frente de mim. Minha respiração estava ofegante; meu estômago estava embrulhado. Tive uma nítida sensação de pânico, e lutei para não fugir. Pensei que talvez Dom Juan me estivesse vigiando. Devagar, rastejei até o outro ponto e encostei as costas na pedra. Queria repousar um pouco para arrumar as idéias, mas adormeci.

Ouvi Dom Juan falando e rindo por cima de minha cabeça. Acordei.

— Você encontrou o ponto -disse ele.

A principio, não entendi, mas ele me garantiu de novo que o lugar em que eu adormecera era o ponto certo. Tornou a me perguntar como é que eu me sentia deitado ali. Respondi que realmente não notava nenhuma diferença.

Disse-me que comparasse minhas sensações daquele momento com o que eu tinha sentido deitado no outro ponto. Pela primeira vez, ocorreu-me que eu não poderia explicar minha apreensão da noite. Incitou-me, numa espécie de desafio, a me sentar no outro ponto. Por algum motivo inexplicável eu chegava a ter medo do outro lugar, e não me sentei lá. Declarou que só um tolo podia deixar de perceber a diferença.

Perguntei-lhe se cada um dos dois pontos tinha um nome especial. Ele disse que o bom era chamado o sitio e o mau o inimigo: disse que os dois lugares eram a chave do bem-estar do homem, especialmente para uma pessoa que buscava o conhecimento. O simples ato de sentar no ponto da gente criava uma força superior; por outro lado, o inimigo enfraquecia a pessoa e podia até provocar a sua morte. Ele disse que eu tinha refeito a minha energia, que tinha gasto muito na noite anterior, dormindo um pouco no meu ponto.

Disse ainda que as cores que eu tinha visto, associadas a cada ponto especial, tinham o mesmo efeito geral, de dar ou de roubar a força.

Perguntei-lhe se para mim haveria outros pontos como os dois que eu encontrara, e como deveria proceder para descobri-los. Respondeu que muitos lugares no mundo seriam comparáveis àqueles dois, e que o melhor meio de descobri-los seria verificar suas cores respectivas.

Eu não sabia bem se tinha ou não resolvido o problema, e nem estava mesmo convencido de que tinha havido um problema: não podia deixar de sentir que toda aquela experiência era forçada e arbitrária. Tinha certeza de que Dom Juan me vigiara a noite toda e depois quisera agradar-me, dizendo que o local em que eu adormecera era o lugar que eu procurava. No entanto, eu não via um motivo lógico para isso, e quando ele me desafiou a sentar-me no outro ponto, não consegui fazê-lo. Havia uma estranha divisão entre a minha experiência pragmática de recear o "outro ponto" e minhas deliberações racionais sobre o caso todo.

Dom Juan, por outro lado, estava muito certo de meu sucesso, e, agindo de acordo com isso, disse-me que me ia ensinar a respeito do peiote.

— Você me pediu que lhe falasse sobre Mescalito disse ele. -Queria descobrir se tinha bastante fibra para encontrá-lo cara a cara. Mescalito não é brincadeira. Você tem de ter domínio sobre si. Agora, sei que posso admitir o seu simples desejo como um bom motivo para aprender.

— Vai mesmo ensinar-me a respeito do peiote?

— Prefiro chamá-lo Mescalito. Faça o mesmo.

— Quando vai começar?

— Não é assim tão simples. Primeiro, você tem de estar pronto.

— Creio que estou pronto.

— Isso não é brincadeira. Você tem de esperar até não haver nenhuma dúvida, e então o encontrará.

— Tenho de preparar-me?

— Não. Só tem de esperar. Pode desistir de tudo, depois de algum tempo. Você se cansa facilmente. Ontem, você queria desistir assim que ficou difícil. Mescalito exige um propósito muito sério.

2

Segunda-feira, 7 de agosto de 1961

Cheguei à casa de Dom Juan no Arizona por volta das sete horas da noite de sexta- feira. Havia mais cinco índios sentados com ele na varanda da casa. Cumprimentei-o e esperei que eles dissessem alguma coisa. Depois de um silêncio formal, um dos homens levantou-se, chegou perto de mim e disse "Buenas noches". Levantei-me e disse "Buenas noches". Depois todos os outros homens se levantaram e se aproximaram de mim e nós todos murmuramos

"buenas noches" e nos apertamos as mãos, mal tocando uns nos dedos dos outros ou pegando a mão por um instante e largando-a abruptamente.

Nós todos nos sentamos outra vez. Eles pareciam meio encabulados, sem saber o que dizer, embora todos falassem espanhol.

Deviam ser umas sete e meia quando todos se levantaram de repente e foram para os fundos da casa. Ninguém dizia uma palavra, fazia tempo. Dom Juan me fez sinal para acompanhá-los e nós todos entramos numa velha camioneta estacionada lá. Sentei-me atrás com Dom Juan e mais dois rapazes mais moços. Não havia almofadas nem bancos e o chão de metal era duro de doer, especialmente quando saímos da estrada pavimentada e passamos para uma de terra. Dom Juan cochichou-me que íamos à casa de um amigo dele, que tinha sete mescalitos para mim.

— Não tem nenhum, Dom Juan? -perguntei-lhe.

— Tenho, mas não podia oferecê-los a você. Entende, é outra pessoa que tem de fazer isso.

— Pode dizer-me por quê?

— Talvez você não seja agradável a "ele" e "ele" não goste de você, e então nunca poderá conhecê-lo com afeto, como se deve; e nossa amizade ficará estragada.

— Por que ele não havia de gostar de mim? Nunca lhe fiz nada.

— Não precisa fazer nada para ele gostar de você ou não. Ou ele o recebe ou o joga fora.

— Mas se ele não me receber, não há alguma coisa que eu possa fazer para obrigá-lo a gostar de mim?

Os dois outros homens pareceram ouvir minha pergunta e riram.

— Não! Não sei de nada que se possa fazer – disse Dom Juan.

Virou-se meio de lado e não pude mais falar-lhe.

Devemos ter viajado pelo menos por uma hora antes de parar diante de uma casinha.

Estava bem escuro e depois que o motorista desligou os faróis eu só conseguia distinguir a silhueta vaga do prédio.

Uma moça, mexicana, a julgar pelo sotaque, estava gritando com um cão para ele parar de latir. Saltamos do caminhão e entramos na casa. Os homens resmungaram "Buenas noches" ao passarem pela moça. Ela os cumprimentou e continuou a gritar com o cão.

A sala era grande e amontoada de um mundo de coisas. Uma luz fraca de uma

lâmpada elétrica muito pequenina tornava a cena muito, lúgubre. Havia várias cadeiras de pernas quebradas e assentos caídos encostadas às paredes. Três dos homens sentaram-se num sofá, que era o móvel maior da sala. Era muito velho e estava apoiado no chão; à luz fraca parecia ser vermelho e sujo. Nós outros nos sentamos nas cadeiras. Permanecemos calados por muito tempo.

De repente, um dos homens levantou-se e foi para outra sala. Tinha talvez uns 50 e poucos anos, e era moreno, alto e forte. Um momento depois voltou com um vidro de café.

Abriu a tampa e entregou-me o vidro: dentro havia sete artigos de aparência estranha. Eram de tamanhos e consistência variados. Uns eram quase redondos, outros alongados. Ao tato, pareciam a polpa de nozes ou a superfície da cortiça. Sua cor acastanhada os fazia parecer cascas de nozes duras e secas. Peguei nelas, esfregando sua superfície por algum tempo.

— Isso é para mascar (esto se masca) — cochichou Dom Juan.

Não tinha percebido que se havia sentado junto de mim, até ele falar. Olhei para os outros homens, mas ninguém estava olhando para mim; estavam conversando entre si, em voz baixa. Foi um momento de grande indecisão e medo. Sentia-me quase incapaz de me controlar.

— Tenho de ir ao banheiro -disse-lhe eu. — Vou até lá fora, dar uma volta.

Entregou-me o vidro de café e eu coloquei os botões de peiote ali. Já ia saindo da sala, quando o homem que me dera o vidro se aproximou de mim e disse que tinha uma privada no outro aposento.

O vaso ficava quase junto da porta. Junto dela, quase encostada ao vaso, havia uma grande cama, ocupando mais da metade do quarto. A mulher estava ali dormindo. Fiquei parado junto da porta um pouco e depois voltei à sala onde estavam os outros homens. O dono da casa falou-me em inglês:

— Dom Juan disse que você é da América do Sul. Lá existe mescal?

Respondi-lhe que nunca tinha ouvido falar nisso.

Pareceram estar interessados na América do Sul e conversamos um pouco sobre os índios. Neste momento, um dos homens me perguntou por que eu queria comer peiote. Eu disse que queria saber como era. Todos riram, encabulados. Dom Juan me disse baixinho:

— Masque, masque (masca, masca).

Minhas mãos estavam úmidas e meu estômago, contraído. O vidro com os botões de peiote estava no chão ao lado de minha cadeira. Abaixei-me, peguei um ao acaso e o pus na boca. Tinha um gosto de coisa velha. Mordi, dividindo-o em dois, e comecei a mastigar um dos pedaços. Senti um amargo forte e

pungente; num momento, toda minha boca estava dormente. O amargo aumentava enquanto eu mascava, forçando urna salivação incrível. Minhas gengivas e a parte interna de minha boca estavam como se eu tivesse comido carne- seca ou peixe salgados, parecendo obrigar-me a mascar mais. Pouco depois, masquei o outro pedaço, e minha boca estava tão amortecida que eu nem sentia mais o amargor. O botão de peiote tinha uma penca de fibras, como a parte fibrosa da laranja ou da cana, e eu não sabia se devia engoli-la ou cuspi-la. Naquele momento, o dono da casa levantou-se e convidou a todos Para saírem para a varanda.

Saímos e ficamos sentados no escuro. Estava bastante agradável lá fora e o anfitrião trouxe uma garrafa de tequila.

Os homens estavam sentados numa fileira, encostados à parede. Eu estava à extrema direita da fila. Dom Juan, que continuava a meu lado, colocou o vidro com os botões de peiote entre as minhas pernas. Depois, passou-me a garrafa, que tinha vindo pela fila, e disse-me que bebesse um pouco de tequila para tirar o amargor.

Cuspi os fiapos do primeiro botão e tomei um gole. Ele me disse que não ó engolisse, mas apenas bochechasse para fazer parar a salivação. Não adiantou muito para a saliva, mas certamente ajudou a tirar um pouco do amargo.

Dom Juan deu-me um pedaço de damasco seco, ou talvez fosse um figo seco ─ eu não conseguia ver no escuro, nem sentir o gosto ─ e disse-me que o mastigasse bastante e devagar, sem me apressar. Tive dificuldade em engoli-lo; parecia que não queria descer.

Depois de um curto intervalo a garrafa foi novamente passada. Dom Juan deu-me um pedaço de carne-seca. Disse-lhe que não estava com vontade de comer.

─ Isto não é comer ─ falou ele, com firmeza.

A função repetiu-se seis vezes. Lembro-me de já ter mascado seis botões de peiote, quando a conversa ficou muito animada: embora eu não conseguisse distinguir que língua estavam falando, o tema da conversa, da qual todos participavam, era muito interessante, e eu procurei ouvir atentamente para também poder participar. Mas quando tentei falar, vi que não conseguia; as palavras passeavam a esmo pela minha cabeça.

Fiquei sentado, encostado à parede, escutando o que os homens falavam. Estavam falando italiano e repetiam continuamente uma frase a respeito da estupidez dos tubarões. Achei que era um assunto lógico e coerente. Eu havia contado a Dom Juan que o rio Colorado no Arizona fora chamado pelos

primeiros espanhóis de "el rio de los tizones" (rio dos tições); e que alguém tinha escrito errado ou entendido errado a palavra tizones e o rio foi chamado "el rio de los tiburones" (rio dos tubarões). Eu tinha certeza de que estavam comentando essa história, mas não me ocorreu pensar que nenhum deles sabia falar italiano.

Estava com muita vontade de vomitar, mas não me lembro se o fiz, de fato. Perguntei se alguém poderia arranjar-me água. Estava com uma sede insuportável.

Dom Juan me trouxe uma panela grande. Colocou-a no chão junto da parede. Trouxe também uma canequinha. Mergulhou-a na panela e deu-a a mim, dizendo que eu não podia beber, mas que devia apenas refrescar minha boca com ela.

A água tinha um aspecto estranho, reluzente, como um verniz grosso. Quis perguntar a Dom Juan a respeito e com dificuldade tentei formular meus pensamentos em inglês, mas depois pensei que ele não sabia falar inglês. Houve um momento de muita confusão e tive noção do fato de que, embora tivesse um pensamento claro em minha cabeça, eu não podia falar. Queria comentar sobre o. estranho aspecto da água, mas o que se seguiu não foi fala: era a sensação de meus pensamentos não falados saindo de minha boca em forma líquida. Era uma sensação fácil de vômito sem as contrações do diafragma. Era um agradável fluxo de palavras líquidas.

Bebi. E a sensação de estar vomitando passou. A essa altura todos os sons haviam desaparecido e vi que tinha dificuldade em focalizar os olhos. Procurei Dom Juan e ao virar a cabeça notei que meu campo de visão tinha-se reduzido a uma área circular defronte de meus olhos. Essa sensação não era nem assustadora nem incômoda, ao contrário, era uma novidade; eu podia praticamente varrer o solo, focalizando um ponto e depois movendo minha cabeça devagar em qualquer direção. Quando eu havia saído para a varanda, tinha reparado que estava toda no escuro, a não ser a luminosidade distante das luzes da cidade. No entanto, dentro da área circular de minha visão, tudo era claro. Esqueci-me de minha preocupação com Dom Juan e os outros homens e entreguei-me totalmente a explorar o terreno com minha visão aguçada.

Vi a junção do chão da varanda com a parede. Virei minha cabeça lentamente para a direita, seguindo a parede, e vi Dom Juan sentado de encontro a ela. Movi a cabeça para a esquerda para focalizar a água. Encontrei o fundo da panela; ergui minha cabeça ligeiramente e vi um cão preto de tamanho médio aproximando-se. Notei que ele vinha em direção à água. O cão começou a beber. Levantei a mão para espantá-lo da minha água; focalizei minha vista no cão para executar o movimento e de repente eu vi que ele se tornava transparente. A água

era um líquido brilhante e viscoso. Eu a vi descendo pela garganta do cachorro e entrando no corpo dele. Eu a vi percorrendo todo o corpo dele e depois saindo por cada um dos pelos. Vi o fluido iridescente passando por cada pelo individual e depois projetando-se dos pelos para formar uma juba longa, branca e sedosa.

Naquele momento, tive a sensação de convulsões intensas e em poucos instantes formou-se em volta de mim um túnel, muito baixo e estreito, duro e estranhamente frio. Quando o toquei, parecia uma parede de folha sólida. Vi que eu estava sentado no chão do túnel. Tentei levantar-me, mas dei com a cabeça no teto de metal e o túnel contraiu-se até estar-me sufocando. Lembro-me de que tive de arrastar-me até uma espécie de curva onde acabava o túnel; quando finalmente cheguei lá, se é que cheguei, eu tinha esquecido completamente o cão, Dom Juan e a mim mesmo. Estava exausto. Minhas roupas estavam ensopadas, de um liquido frio e viscoso. Eu rolava para diante e para trás, procurando encontrar uma posição para descansar, uma posição em que meu coração não batesse tão forte. Num desses movimentos, tornei a ver o cão.

Todas as recordações me voltaram de repente, e tudo ficou claro em minha mente. Virei-me para procurar Dom Juan, mas não conseguia distinguir nada nem ninguém. Eu só conseguia ver o cão ficando iridescente; uma luz intensa se irradiava de seu corpo. Torneia ver a água fluindo através dele, acendendo-o como a uma fogueira. Cheguei até à água, afundei meu rosto na panela e bebi com ele. Minhas mãos estavam diante de mim no chão e, enquanto eu bebia, vi o fluido correndo por minhas veias e criando tonalidades de vermelho, amarelo e verde. Bebi mais e mais. Bebi até estar todo em fogo; eu estava todo aceso. Bebi até que o liquido saiu de meu corpo por todos os poros, projetando-se para fora como fibras de seda, e eu também adquiri uma juba comprida, lustrosa e iridescente. Olhei para o cachorro e a juba dele era igual à minha. Uma felicidade suprema me encheu o corpo todo e corremos juntos para uma espécie de calor amarelo que vinha de algum lugar indefinido. E ali brincamos. Brincamos e lutamos até eu saber os desejos dele e ele saber os meus. Cada um manipulava o outro à maneira dos teatros de fantoches. E o fazia mexer as pernas quando torcia meus dedos dos pés e cada vez que ele batia a cabeça, eu sentia um desejo irresistível de saltar. Mas a maior travessura dele era fazer com que eu coçasse minha cabeça com o pé enquanto estava sentado, o que conseguia abanando as orelhas de. um lado para outro. Isso para mim era inteira e insuportavelmente engraçado. Uma tal graça e ironia; tanto domínio, pensei. A euforia que se apossou de mim era indescritível. Eu ria até quase não poder respirar.

Tinha a sensação nítida de não conseguir abrir os olhos; eu estava olhando

por um tanque de água. Era um estado longo e muito doloroso, cheio da ansiedade de não poder despertar, e no entanto de sentir-me acordado. Então, de repente, o mundo ficou claro e em foco. Meu campo de visão tornou-se novamente muito redondo e amplo, e com isso surgiu um ato consciente comum, que foi o de virar-me e procurar aquele ser maravilhoso. Nesse ponto, encontrei a transição mais difícil. A passagem de meu estado normal se dera quase sem eu sentir: eu tinha consciência; meus pensamentos e sentimentos eram um corolário dessa consciência; e a passagem foi clara e suave. Mas essa segunda modificação, o despertar para uma consciência clara e sóbria, foi verdadeiramente chocante. Eu tinha esquecido que era homem! A tristeza de uma situação tão irreconciliável foi tão intensa que eu chorei.

Sábado, S de agosto de 1961

Mais tarde naquela manhã, depois de tomar o café, o dono da casa, Dom Juan e eu voltamos para a casa do segundo. Eu estava muito cansado, mas não consegui dormir na camioneta. Só depois que o homem se foi é que eu adormeci, na varanda da casa de Dom Juan.

Quando acordei já estava escuro; Dom Juan me cobrira com uma manta. Eu o procurei, mas ele não estava em casa. Depois apareceu, trazendo uma panela de feijão frito e um monte de *tortillas*. Eu estava com muita fome.

Depois de comermos, descansamos, e ele me pediu que lhe contasse tudo o que me acontecera na véspera. Narrei minha experiência com muitos detalhes e o mais precisamente possível. Quando terminei, ele meneou a cabeça e disse:

— Acho que você está bem. É difícil explicar agora como e por quê. Mas creio que as coisas foram bem para você. Sabe, às vezes ele é brincalhão, como uma criança; outras vezes é terrível e temível. Ou ele brinca, ou fica muito sério. É impossível saber de antemão como é que ele vai ser com outra pessoa. No entanto, quando a gente o conhece bem. . . às vezes. Você brincou com ele hoje. E a única pessoa que eu conheço que tenha tido um encontro desses.

— De que modo a minha experiência é diferente da dos outros?

— Você não é índio; por isso é difícil calcular o que é que há. No entanto, ele ou aceita as pessoas ou as rejeita, não importando que sejam índias ou não. Isso eu sei. Já vi muitas. Sei também que ele brinca, que faz umas pessoas rirem, mas nunca o vi brincar com ninguém.

— Pode dizer-me agora, Dom Juan, como é que o peiote protege. . .

Não me deixou terminar. Apertou meu ombro com força.

— Nunca se refira a ele por esse nome. Você ainda não o viu o suficiente para conhece-lo.

— Como é que Mescalito protege as pessoas?

— Ele aconselha. Responde a todas as perguntas que você fizer.

— Então Mescalito é real? Quero dizer, é uma coisa que se possa ver?

Pareceu ficar confuso com minha pergunta. Ficou olhando para mim com uma expressão vazia.

— O que quero dizer é que Mescalito . . .

— Eu ouvi o que você falou. Você não o viu ontem?

Eu queria dizer que só tinha visto um cachorro, mas reparei que ele estava com um ar intrigado.

— Então você acha que o que eu vi ontem foi ele?

Olhou para mim com desprezo. Riu, sacudiu a cabeça como se não pudesse acreditar e, num tom de voz muito truculento, acrescentou: -A poco crees que era tu... mamá (Não me diga que acreditas que era tua... mamãe?) Ele parou antes de dizer mamá porque o que ele queria dizer era "tu chingada madre", expressão idiomática usada como alusão desrespeitosa à mãe do outro. A palavra mamá ficou tão disparatada que nós dois nos rimos muito.

Depois, percebi que ele tinha adormecido sem responder à minha pergunta.

Domingo, 6 de agosto de 1961

Levei Dom Juan de carro à casa onde eu tinha tomado peiote. No caminho, ele me disse que o nome do homem que me "oferecera a Mescalito" era John. Quando chegamos à casa, encontramos John sentado na varanda com dois rapazes. Todos estavam muito alegres. Riam e conversavam livremente. Os três falavam inglês com perfeição. Eu disse a John que tinha ido agradecer-lhe por me ter ajudado.

Eu queria ter as impressões deles sobre meu comportamento durante a experiência alucinógena, e disse-lhes que tinha estado procurando pensar no que eu tinha feito naquela noite, e que não conseguia lembrar-me. Eles riram e mostraram relutância em falar a respeito. Pareciam estar-se controlando por causa de Dom Juan. Todos olharam para ele, como que esperando permissão para continuar. Dom Juan deve ter dado alguma indicação, embora eu não notasse nada, pois, de repente, John começou a me contar o que eu tinha feito naquela noite.

Ele disse que sabia que eu tinha sido "aceito" quando me ouviu vomitando. Ele calculou que eu devia ter vomitado umas 30 vezes. Dom Juan corrigiu-o, dizendo que foram só dez vezes.

— Depois nós todos fomos para junto de você — continuou John. — Estava

duro e com convulsões. Por muito tempo, ficou deitado de costas, mexendo com a boca, como se estivesse falando. Em seguida, começou a bater com a cabeça no chão e Dom Juan pôs um chapéu velho na sua cabeça e você parou. Tremeu e gemeu durante várias horas, deitado no chão. Acho que nessa altura todos adormeceram; mas eu o ouvia bufando e gemendo, enquanto dormia. Depois, eu o ouvi gritar e acordei. Vi você dando saltos no ar, berrando. Depois, deu uma corrida até à água, derrubou a panela e começou a nadar na poça d'água.

"Dom Juan lhe trouxe mais água. Você ficou sentado quieto diante da panela. Em seguida, você se levantou de um salto e tirou toda a roupa. Estava, de joelhos diante da água, bebendo em grandes goles. Depois, ficou ali sentado, olhando pata o vazio. Pensamos que você ia ficar ali para sempre. Quase todos estavam dormindo, inclusive Dom Juan, quando, de repente, você tornou a dar um pulo, uivando e foi atrás do cão. O animal se assustou e uivou também, correndo para os fundos da casa. Neste momento todos acordaram.

"Nós todos nos levantamos. Você voltou pelo outro lado, ainda perseguindo o cão, que estava correndo na sua frente, latindo e uivando. Acho que você deve ter dado umas 20 voltas ao redor da casa, correndo em círculos, latindo como um cachorro. Fiquei com medo de que as pessoas ficassem curiosas. Não há vizinhos por perto, mas seus uivos eram tão altos que podiam ser ouvidos a quilômetros.

Um dos rapazes acrescentou:

— Você pegou o cachorro e o trouxe para a varanda no colo.

— Então, começou a brincar com o cão — continuou John. — Lutou com ele, e você e o cão se mordiam e brincavam. Achei que isso era engraçado. Normalmente, meu cachorro não brinca. Mas dessa vez, você e o cão rolavam um por cima do outro.

— -Correu para a água e o cachorro bebeu com você disse o rapaz. — Correu umas cinco ou seis vezes para a água com o cão.

— Quanto tempo durou isso? -perguntei.

— Horas — disse John. — A um dado momento, perdemos os dois de vista. Acho que devem ter corrido para os fundos. Só ouvíamos vocês latindo e grunhindo. Você fazia ruídos tão semelhantes aos do cachorro que não podíamos distinguir os dois.

— Talvez fosse só o cão — disse eu.

Eles riram, e John disse: — Era você que estava latindo, rapaz! — E depois, o que aconteceu?

Os três homens se entreolharam e demonstraram ter dificuldade em resolver o

que tinha acontecido depois. Por fim, o rapaz que ainda não tinha dito nada falou.

— Ele se engasgou — disse ele, olhando para John.

vSim, você certamente se engasgou. Começou a chorar de maneira muito estranha e depois caiu no chão. Pensamos que estivesse mordendo a língua; Dom Juan abriu seus maxilares e despejou água no seu rosto. Então, você começou a tremer e a ter convulsões de novo. Ficou imóvel por muito tempo. Dom Juan disse que estava tudo acabado. Nesta altura, já era de manhã, de modo que o cobrimos com uma manta e o deixamos dormindo na varanda.

Parou e olhou para os outros, que obviamente procuravam não rir. Virou-se para Dom Juan e perguntou alguma coisa. Dom Juan sorriu e respondeu à pergunta. John virou-se para mim e disse:

— Nós o deixamos aqui na varanda porque estávamos com medo de que você fosse urinar nos quartos todos.

Todos riram muito.

— O que aconteceu comigo? — perguntei. — Eu...

— Se você . . . ? — John parecia estar-me imitando. Não íamos falar disso, mas Dom Juan disse que não faz mal. — Você urinou por cima do meu cachorro!

— O que foi que eu fiz?

— Você não pensa que o cachorro estivesse correndo porque estava com medo de você, não é? O cão corria porque você estava mijando nele.

A essa altura todos riram muito. Tentei fazer perguntas a um dos rapazes, mas estavam todos rindo e ele não me ouviu. John continuou:

— Mas meu cachorro se desforrou; ele também mijou em você! Essa declaração aparentemente era muito engraçada, pois eles todos morreram de rir, inclusive Dom Juan. Depois que todos se aquietaram, perguntei muito sério:

— É mesmo verdade? Isso aconteceu mesmo?

— Juro que meu cão realmente mijou em você — respondeu John, ainda rindo.

Quando estávamos voltando para a casa de Dom Juan, perguntei-lhe:

— Tudo aquilo aconteceu mesmo, Dom Juan?

— Sim. Mas eles não sabem o que você viu. Não compreendem que você estava brincando com "ele". Foi por isso que eu não o interrompi.

— Mas esse negócio do cão e eu urinando um ao outro é verdade?

— Não era um cão! Quantas vezes tenho de lhe dizer isso? É o único jeito de compreendê-lo. O único jeito! Foi "ele" que brincou com você.

— Você sabia que tudo isso estava acontecendo antes de eu lhe contar?

Vacilou um momento antes de responder.

— Não, depois que você me contou eu me lembrei de como você estava estranho. Eu desconfiava de que você estava bem porque você não parecia assustado.

— O cão brincou mesmo comigo como eles dizem?

— Que diabo! Não era um cão!

Quinta-feira, 17 de agosto de 1961

Contei a Dom Juan o que eu sentia a respeito de minha experiência. Do ponto de vista de meu pretenso trabalho, tinha sido uma coisa desastrosa. Disse que não estava interessado em outro "encontro" desses com Mescalito. Concordei que tudo o que me acontecera fora para lá de interessante, mas acrescentei que nada daquilo poderia realmente me levar a procurá-lo outra vez. Eu acreditava seriamente que não era feito para esse tipo de esforço. O peiote provocara em mim, como reação posterior, uma estranha sensação de desconforto físico. Era um medo ou infelicidade indefinidos; uma melancolia de algum tipo, que eu não podia definir exatamente. E eu não considerava esse estado nobre, de maneira alguma. Dom Juan riu e disse:

— Você está começando a aprender.

— Esse tipo de aprendizagem não me serve. Não fui feito para isso, Dom Juan.

— Você sempre exagera.

— Não é exagero.

— É, sim. O problema com você é que você só exagera os pontos maus.

— Não há pontos bons, a meu ver. Só sei é que isso me amedronta.

— Não há nada de mau em se sentir medo. Quando se tem medo, vê-se as coisas de modo diferente.

— Mas não gosto de ver as coisas de modo diferente, Dom Juan. Acho que vou deixar de lado a aprendizagem de Mescalito. Não estou preparado para isso, Dom Juan. Esta situação é mesmo ruim para mim.

— Claro que é ruim até para mim. Você não é o único que está confuso.

— Por que você havia de estar confuso, Dom Juan?

— Estive pensando no que vi na outra noite. Mescalito essa chegou a brincar com você. Isso me deixou confuso, porque foi um indício (agouro).

— Que tipo de indício, Dom Juan?

— Mescalito estava indicando você para mim.

vPara quê?

— Não estava claro para mim então, mas agora está. Ele queria dizer que você era o "homem escolhido" (escogido). Mescalito me mostrou você e, fazendo isso, me disse que você era o escolhido.

— Quer dizer que eu fui escolhido entre outros para alguma tarefa, coisa assim?

— Não. O que quero dizer é que Mescalito me disse que você podia ser o homem que estou procurando.

— Quando foi que ele lhe disse isso, Dom Juan?

— Brincando com você, ele me disse isso. Isso faz de você o homem escolhido para mim.

— O que significa ser o homem escolhido?

— Há alguns segredos que conheço (Tengo secretos). Tenho segredos que não poderei revelar a ninguém, a não ser que encontre o meu homem escolhido. Na outra noite, quando eu o vi brincando com Mescalito, ficou claro para mim que você era esse homem. Mas você não é índio. Que estranho!

— Mas o que isso significa para mim, Dom Juan. O que tenho de fazer?

— Já resolvi e vou ensinar-lhe os segredos que constituem o todo de um homem de sabedoria.

— Quer dizer os segredos sobre Mescalito?

— Sim, mas não são só esses os segredos que conheço. Há outros, de um tipo diferente, que eu gostaria de dar a alguém. Eu também tive um mestre, o meu benfeitor, e também me tornei um homem escolhido ao executar certa façanha. Ele me ensinou tudo o que sei.

Tornei a perguntar-lhe o que esse novo papel exigiria de mim; ele disse que a única coisa necessária era aprender, aprender no sentido do que eu tinha experimentado nas duas sessões com ele.

O modo como se modificara a situação era bem estranho. Eu tinha resolvido dizer a ele que ia desistir da idéia de aprender a respeito do peiote, e então, antes de eu poder fazê-lo entender, ele me oferecia para ensinar-me o seu "conhecimento". Não sabia o que ele queria dizer com isso, mas senti que reviravolta repentina era muito séria. Argumentei que não tinha qualificações para essa tarefa, pois ela exigia um tipo raro de coragem que eu não possuía. Disse-lhe que minha natureza era mais de comentar os atos praticados por outros. Queria saber das opiniões dele sobre tudo. Disse-lhe que ficaria feliz se

pudesse ficar ali sentado e ouvi-lo falar por dias e dias. Para mim, isso seria aprender.

Escutou sem interromper. Falei muito tempo. Então, ele disse:

— Tudo isso é muito fácil de entender. O medo é o primeiro inimigo natural que o homem tem de vencer em seu caminho para o conhecimento. Além disso, você é curioso. Isso acerta as coisas. E há de aprendera despeito de você mesmo, é esta a regra.

Ainda protestei um pouco, procurando dissuadi-lo. Mas ele parecia estar convencido de que não havia nada que eu pudesse fazer senão aprender.

— Você não está pensando na ordem certa — disse ele. -Mescalito chegou a brincar com você. É nisso que tem de pensar. Por que não medita sobre isso, em vez de no seu medo?

— Foi assim tão raro?

— Foi a única pessoa que já vi brincar com ele. Você não está habituado com este tipo de vida; portanto as indicações (agouros) lhe passam despercebidas. No entanto, é uma pessoa séria, mas sua seriedade está ligada ao que você faz, não ao que se passa fora de você. Preocupa-se muito com você. É este o problema. E isso dá um cansaço horrível.

— Mas o que mais se pode fazer, Dom Juan?

— Procure e veja as maravilhas em volta de você.

Está cansado de olhar só para si, e essa fadiga o torna surdo e cego para todo o resto.

— Tem razão, Dom Juan, mas como posso modificar-me?

— Pense na maravilha de Mescalito brincando com você. Não pense em mais nada o resto virá por si.

Domingo, 20 de agosto de 1961

Ontem à noite Dom Juan começou a me conduzir ao reino de seu conhecimento. Ficamos sentados defronte da casa dele, no escuro. De repente, depois de um longo silêncio, ele começou a falar. Disse que ia aconselhar-me com as mesmas palavras que o benfeitor dele usara no primeiro dia em que o recebeu como aprendiz. Parece que Dom Juan tinha decorado as palavras, pois ele as repetiu várias vezes, para ter a certeza de que eu não perdia nenhuma:

— Um homem vai para o conhecimento como vai para a guerra, bem desperto, com medo, com respeito e com uma segurança absoluta. Ir para o conhecimento ou ir para a guerra de qualquer outra maneira é um erro, e quem o cometer há de se arrepender.

Perguntei-lhe por que era isso e ele disse que, quando o homem preenche esses quatro requisitos, não há erros que ele tenha de explicar; nessas condições, seus atos perdem a qualidade desastrada dos atos de um tolo. Se um homem desses fracassar, ou sofrer uma derrota, terá perdido apenas uma batalha, e não haverá remorsos tristes por isso.

Depois ele disse que pretendia ensinar-me a respeito de um "aliado", da mesmíssima maneira que seu benfeitor lhe Vista. Frisou bem a expressão "mesmíssima", repetindo-a várias vezes.

Um "aliado", disse ele, é um poder que um homem pode introduzir em sua vida para ajudá-lo, aconselhá-lo e dar-lhe a força necessária para executar atos, grandes ou pequenos, certos ou errados. Este aliado é necessário para realçar a vida de um homem, orientar suas ações e aumentar seus conhecimentos. De fato, um aliado é o auxiliar indispensável do conhecimento. Dom Juan falou isso com muita convicção e força. Pareceu escolher as palavras com cuidado. Repetiu a seguinte frase quatro vezes:

— Um aliado o fará ver e compreender coisas a respeito das quais nenhum ser humano poderia esclarecê-lo.

— Um aliado é assim como um anjo da guarda?

— Não é guarda nem anjo. E um auxiliar.

— Mescalito é seu aliado?

— Não! Mescalito é outro tipo de poder. Um poder raro! Um protetor, um mestre.

— O que torna Mescalito diferente de um aliado?

— Não pode ser domesticado e usado como se pode fazer com um aliado. Mescalito está fora da gente. Ele resolve mostrar-se em muitas formas para quem estiver defronte dele, não importando que essa pessoa seja um brujo ou um peão de fazenda.

Dom Juan falava com grande fervor de Mescalito ser o mestre da maneira certa de se viver. Perguntei-lhe como é que Mescalito ensinava a "maneira certa de viver" e Dom Juan respondeu que Mescalito mostrava como se deve viver.

— Como é que ele mostra? — perguntei.

— Ele tem muitas maneiras de mostrar. Às vezes, mostra por sua mão, ou nas pedras, ou nas árvores, ou apenas diante de você.

— E como um quadro diante da gente?

— Não. B um ensinamento diante de você.

— Mescalito fala com a pessoa?

— Sim. Mas não por palavras.

— Como é que ele fala, então?

— Fala de maneira diferente com cada homem.

Senti que minhas perguntas o aborreciam. Não perguntei mais nada. Ele continuou a explicar que não havia passos precisos para se conhecer Mescalito; por isso, ninguém podia ensinar a respeito dele, a não ser o próprio Mescalito. Essa qualidade tornava-o um poder único; não era o mesmo para todos os homens.

Por outro lado, para se adquirir um aliado era necessário, disse Dom Juan; o ensinamento mais preciso e que se seguisse estágios ou passos sem um único desvio. Existem muitos desses poderes aliados no mundo, falou, mas ele só conhecia de perto dois. E pretendia conduzir-me a eles e seus segredos, mas cabia a mim escolher um deles, pois eu só poderia ter um. d aliado do benfeitor dele estava na yerba del dublo (erva-do-diabo), mas ele pessoalmente não gostava dela, embora seu benfeitor lhe tivesse ensinado seus segredos. Seu próprio aliado estava no humito (fuminho), falou Dom Juan, mas ele não explicou a natureza do fumo.

Perguntei-lhe a respeito. Ficou calado. Depois de uma longa pausa, perguntei-lhe:

— Que tipo de poder tem um aliado?

— É um auxílio. Já lhe disse.

— Como é que auxilia?

— Um aliado é um poder capaz de transportar o homem além dos limites dele mesmo. É assim que um aliado pode revelar assuntos que nenhum ser humano poderia revelar.

— Mas Mescalito também leva a pessoa além dos seus limites. Isso não faz dele um aliado?

— Não. Mescalito tira a pessoa dela mesma para ensinar-lhe. Um aliado a tira para lhe dar poder.

Pedi-lhe que me explicasse esse ponto mais detalhadamente, ou que me descrevesse a diferença em efeitos entre os dois. Ele me olhou por muito tempo e riu. Disse que aprender por conversas era não só uma perda de tempo, como ainda era estupidez, pois aprender era a tarefa mais difícil que o homem poderia empreender. Pediu-me para lembrar-me da ocasião em que tentei encontrar meu ponto e como eu queria encontrá-lo sem trabalho, pois eu esperava que ele me fornecesse todas as informações. Se ele tivesse feito isso, disse ele, eu nunca teria aprendido. Mas saber como era difícil encontrar meu ponto e, acima de

tudo, saber que ele existia, dar-me-ia um raro senso de confiança. Disse que, enquanto eu ficasse agarrado a meu "ponto bom", nada me poderia causar um m £ físico, pois eu tinha a segurança de que, naquele deter ponto, eu estava no meu máximo. Tinha o poder de me livrar de tudo quanto pudesse prejudicar-me. Contudo, se ele me tivesse contado onde ele ficava, eu nunca teria tido a confiança necessária para considerar aquilo o verdadeiro conhecimento. Assim, saber era realmente poder.

Depois, Dom Juan disse que cada vez que o homem resolve aprender, ele tem de trabalhar duro como eu trabalhei para encontrar aquele ponto, e os limites de sua aprendizagem são determinados por sua própria natureza. Assim, ele não via vantagem em falar sobre o conhecimento. Disse que certos tipos de conhecimento eram poderosos demais para a força que eu possuía, e que falar sobre eles só me faria mal. Parece que achava que não havia mais nada a dizer. Levantou-se e foi para casa. Falei-lhe que a situação me confundia. Não era o que ou imaginara ou queria que fosse.

Respondeu que os temores são naturais, que todos nós os sentimos e que não há nada a fazer a respeito. Porém, por outro lado, por mais aterrador que seja o conhecimento, é mais terrível ainda pensar num homem sem um aliado, ou sem o conhecimento.

3

Durante o espaço de mais de dois anos que se passou entre o momento em que Dom Juan resolveu ensinar-me a respeito dos poderes dos aliados e o momento em que ele achou que eu estava preparado para aprender a respeito deles pragmaticamente, da forma participante que ele considerava como aprendizagem, ele aos poucos definiu as características gerais dos dois aliados em pauta. Preparou-me para o corolário indispensável de todas as verbalizações e a consolidação de todos os ensinamentos, os estados de realidade não comum.

A princípio, ele falou sobre os poderes aliados de maneira muito normal. As primeiras referências que tenho em minhas anotações estão intercaladas com outros temas de conversas.

Quarta-feira, 23 de agosto de 1961

— A erva-do-diabo (o estramônio) era aliada de meu benfeitor. Também poderia ter sido minha, mas eu não gostava dela.

— Por que não gostava da erva-do-diabo, Dom Juan?

— Tinha um grave inconveniente.

— É inferior aos outros poderes aliados?

— Não. Não me interprete mal. Ela é tão poderosa quanto os melhores aliados, mas há nela alguma coisa de que eu, pessoalmente, não gosto.

— Pode dizer-me o que é?

— Ela modifica os homens. Dá-lhes um gosto do poder cedo demais, sem lhes fortificar os corações, tornando-os dominadores e imprevisíveis. Ela os torna fracos, no meio de grande poder.

— E não há um meio de evitar-se isso?

— Há um meio de se vencer isso, mas não de evitá-lo. Quem quer que se torne aliado da erva tem de pagar esse preço.

— Como se pode vencer esse efeito, Dom Juan?

— A erva-do-diabo tem quatro cabeças; a raiz, a haste e as folhas, as flores e as sementes. Cada qual é diferente, e quem a tornar sua aliada tem de aprender a respeito delas nessa ordem. A cabeça mais importante está nas raízes. O poder da erva-do-diabo é conquistado por meio de suas raízes. A haste e as folhas são a cabeça que cura as moléstias; usada direito, essa cabeça é uma dádiva para a humanidade. A terceira cabeça fica nas flores e é usada para tornar as pessoas malucas ou para fazê-las obedientes, ou para matá-las. O homem que tem a erva por aliada nunca absorve as flores, nem meio a haste e as folhas, a não ser no caso de ele mesmo estar doente; mas as raízes e as sementes são sempre absorvidas; especialmente as sementes, que são a quarta cabeça da erva-do-diabo e a mais poderosa das quatro.

— Meu benfeitor dizia que as sementes são a "cabeça sóbria". . , a única parte que poderia fortalecer o coração do homem. A erva-do-diabo é dura com seus protegidos, dizia ele, porque pretende matá-los depressa, coisa que geralmente consegue antes de eles descobrirem os segredos da "cabeça sóbria". Existem, porém, histórias sobre homens que desvendaram os segredos da cabeça sóbria. Que desafio para um homem de sabedoria!

— Seu benfeitor desvendou esses segredos?

— Não.

— Conhece alguém que o tenha feito?

— Não. Mas houve época em que esse conhecimento era importante.

— Conhece alguém que tenha conhecido esses homens?

— Não conheço, não.

— O seu benfeitor conhecia?

— Sim.

— Por que ele não desvendou os segredos da cabeça sóbria?

— Domesticar a erva-do-diabo para torná-la uma aliada é uma das tarefas mais difíceis que conheço. Por exemplo, ela nunca se tornou minha aliada, talvez porque eu nunca tivesse gostado dela.

— E pode usá-la como aliada a despeito de não gostar dela?

— Posso; não obstante, prefiro não o fazer. Talvez seja diferente com você.

— Por que tem o nome de erva-do-diabo?

Dom Juan esboçou um gesto de indiferença, deu de ombros e ficou calado por algum tempo. Por fim, disse que "erva-do-diabo" era seu nome provisório (su nombre de feche). Disse ainda que havia outros nomes para erva-do-diabo, mas que não deviam ser usados, pois o uso de um nome era coisa séria, especialmente quando se está aprendendo a domesticar um poder aliado. Perguntei-lhe por que usar um nome era coisa tão grave. Ele disse que os nomes eram reservados para serem utilizados só quando se pede socorro, em momentos de grande necessidade e tensão, e assegurou-me que esses momentos ocorrem sempre, mais cedo ou mais tarde, nas vidas dos que procuram o conhecimento.

Domingo, 3 de setembro de 1961

Hoje à tarde Dom Juan apanhou duas plantas de Datura do campo.

Inesperadamente, ele abordou o assunto da erva-do-diabo em nossa conversa e depois convidou-me a ir com ele procurar uma nos morros.

Tomamos o carro e fomos para as montanhas próximas. Peguei uma pá da mala e fomos para uma das gargantas. Caminhamos por algum tempo, abrindo caminho pelo chaparral, que era espesso na terra macia e arenosa. Ele parou junto de uma plantinha de folhas verde-escuro e flores grandes, brancas, em forma de sino.

— Esta aqui — disse ele.

E começou logo a cavar. Quis ajudá-lo, mas ele recusou, sacudindo a cabeça energicamente, e continuou a cavar um buraco circular em volta da planta: um buraco em forma de cone, fundo nas beiradas e formando um montinho no centro do círculo. Quando ele parou de cavar, ajoelhou-se junto da haste e com os dedos limpou a terra macia em volta dela, descobrindo uns dez centímetros de uma raiz grande, tuberosa e em forquilha, cuja espessura formava um contraste marcante com a espessura da haste, que era frágil, em comparação.

Dom Juan olhou para mim e disse que a planta era masculina, porque a raiz se bifurcava no ponto exato onde encontrava a haste. Depois, levantou-se e se afastou, procurando algema coisa.

— O que está procurando, Dom Juan?

— Quero encontrar um pau.

Comecei a procurar, mas ele me impediu.

— Você não! Sente-se ali. — Ele apontou para umas pedras, a uns seis metros de distância. — Eu o encontrei.

Dali a pouco ele voltou com um galho comprido e seco. Usando-o como enxada, ele soltou com cuidado a terra ao longo dos dois ramos da raiz. Limpou-os até uma profundidade de mais ou menos 60 centímetros. Então, a terra ficou tão compacta que era impossível penetrar mais fundo com o pau.

Parou e sentou-se para respirar. Sentei-me ao lado dele. Ficamos calados por algum tempo.

— Por que não cava com a pá? — perguntei.

— Podia cortar e machucar a planta. Eu tinha de arranjar um pau que pertencesse a essa região para que, se batesse na raiz, o dano não fosse tão sério quanto o que fosse causado por uma pá ou outro objeto estranho.

-Que tipo de pau pegou?

-Qualquer galho seco da árvore paloverde serviria. Se não houver galhos secos, você tem de cortar um.

— Pode-se usar os galhos de outras árvores?

— Já lhe disse, só o paloverde, nenhuma outra.

— Por que isso, Dom Juan?

— Porque a erva-do-diabo tem muito poucos amigos, e o paloverde nessa região é a única árvore que se dá com ela. . . a única coisa que se agarra a ela (lo único que prende). Se você danificar a raiz com uma pá, ela não vai crescer para você quando a replantar, mas se você a danificar com um pau desses, o provável é que a planta nem o sentirá.

— O que você vai fazer com a raiz agora?

— Vou cortá-la. Você tem de ir embora daqui. Vá procurar outra planta e espere até que o chame.

— Não quer que eu o ajude?

— Só pode ajudar-me se eu lhe pedir!

Afastei-me e comecei a procurar outra planta, para combater o forte desejo de me virar e espiá-lo. Depois de algum tempo ele se juntou a mim.

— Agora, deixe eu procurar a fêmea — disse ele.

— Como é que se distingue os dois?

— A fêmea é mais alta e cresce acima do solo, de modo que parece uma arvorezinha. O macho é grande e se espalha perto do solo, parecendo mais um arbusto cerrado. Depois de cavarmos a fêmea, você verá que ela tem uma única raiz que se estende por um pedação, até se ramificar. O macho, por outro lado, tem uma raiz ramificada junto da haste.

Olhamos juntos pelo campo de Daturas. Depois, apontando para uma planta, ele disse:

— Aquela é uma fêmea. — E passou a cavá-la, como tinha feito com a outra planta.

Assim que ele limpou a raiz eu pude ver que esta correspondia a sua previsão. Tornei a deixa-lo quando ele ia cortar a raiz.

Quando chegamos em casa ele abriu o embrulho em que tinha colocado as plantas de Datura. Primeiro, pegou a maior, a masculina, e lavou-a numa grande bandeja de metal. Com muito cuidado, esfregou toda a terra da raiz, haste e folhas. Depois dessa limpeza meticulosa, separou a haste da raiz, fazendo uma incisão superficial em volta de sua junção com uma faquinha serrilhada e partindo as duas. Pegou a haste e separou dela todas as partes, fazendo montinhos individuais das folhas, flores e sementes espinhosas. Jogou fora tudo 0 que estava seco ou que tinha sido estragado pelos bichos, guardando somente as partes intatas. Amarrou os dois ramos da raiz com pedaços de barbante, partiu-os em dois depois de fazer um corte superficial na junção, e conseguiu dois pedaços de raiz de tamanhos iguais.

Depois, pegou um pano grosseiro e colocou nele primeiro os dois pedaços de raiz atados juntos; por cima disso colocou as folhas, num apanhado arrumado, e em seguida as flores, as sementes e a haste. Dobrou o pano e deu um nó nos cantos.

Repetiu exatamente o mesmo processo com a outra planta, a feminina, só que quando chegou à raiz, em vez de corta-la, deixou a forquilha intata, como a letra Y invertida. Depois, colocou todas as partes em outro embrulho de pano. Quando acabou, já estava quase escuro.

Quarta-feira, 6 de setembro de 1961

Hoje, no fim da tarde, voltamos a falar sobre a erva-do-diabo.

— Acho que devemos recomeçar a tratar daquela erva — disse Dom Juan de repente.

Depois de um silêncio cortês, perguntei: — O que vai fazer com as plantas?

— As plantas que eu cavei e cortei são minhas — disse ele. — É como se fosse eu mesmo; com elas, vou ensinar-lhe o meio de domesticar a erva-do-diabo.

— Como vai fazer isso?

— A erva-do-diabo é dividida em porções (partes) . Cada uma dessas porções é diferente; cada qual tem sua finalidade e serviços especiais.

Ele abriu a mão esquerda e mediu no chão uma distância desde a ponta do polegar até à ponta de seu quarto dedo.

— Esta é a minha porção. Você vai medir a sua com sua própria mão. Agora, para ter domínio sobre a erva-do-diabo, tem de começar tomando a primeira porção da raiz. Mas como eu o levei até ela, você tem de tomar a primeira porção da raiz de minha planta. Medi-a para você, de modo que, na verdade, é a minha porção que você deve tomar a princípio.

Ele entrou na casa e pegou um dos embrulhos de pano. Sentou-se e abriu-o. Notei que era a planta masculina. Reparei ainda que só havia um pedaço de raiz. Ele pegou o pedaço que restava dos dois e segurou-o diante de meu rosto.

— Esta é a sua primeira porção — disse ele. — Eu a dou a você. Eu mesmo a cortei para você. Medi-a com minha mão, agora eu a dou a você.

Por um momento, passou-me pela cabeça a idéia de que eu teria de mastigá-la como uma cenoura, mas ele a colocou num saquinho de algodão branco.

Em seguida, foi até os fundos da casa. Ficou ali sentado no chão, de pernas cruzadas, e com um mano redondo começou a amassar a raiz dentro do saco. Trabalhava sobre uma pedra chata que servia de almofariz. De vez em quando ele lavava as duas pedras com água de uma baciazinha chata, de madeira.

Enquanto amassava, entoava um cântico ininteligível, muito baixinho e monótono. Depois de ter reduzido a raiz dentro do saco a uma polpa macia, colocou-a na bacia de madeira. Tornou a pôr o pilão e o almofariz de pedra na bacia, encheu-a de água e depois levou-a a uma espécie de cocho de porcos triangular, encostado à cerca dos fundos.

Disse que a raiz tinha de ficar de molho a noite toda e permanecer do lado de fora da casa para apanhar sereno.

— Se amanhã for um dia quente, de sol, será um excelente augúrio — disse ele.

Domingo, 10 de setembro de 1961

A quinta-feira, dia 7 de setembro, foi um dia muito límpido e quente. Dom Juan pareceu estar muito satisfeito com o bom presságio e repetiu várias vezes que a erva-do-diabo provavelmente tinha gostado de mim. A raiz tinha ficado de molho a noite toda e, por volta das dez da manhã, fomos até os fundos da casa. Ele pegou a bacia do cocho, colocou-a no chão e sentou-se ao lado dela. Pegou o saco e esfregou-o no fundo da bacia. Segurou-o a alguns centímetros acima da

água e espremeu o conteúdo, depois deixou o saco cair na água de novo. Repetiu isso mais três vezes, depois largou o saco, jogando-o no cocho, e deixou a bacia ao sol quente.

Duas horas depois nós voltamos lá. Ele trouxe consigo uma chaleira média com água fervendo, amarelada. Inclinou a bacia com muito cuidado e despejou a água de cima, conservando o depósito grosso que se acumulara no fundo. Despejou a água fervendo no depósito e tornou a deixar a bacia ao sol.

Essa sequência foi repetida mais três vezes, a intervalos de mais de uma hora. Por fim, ele despejou a maior parte da água da bacia, inclinou-a para apanhar o sol do fim da tarde e largou-a.

Quando voltamos, horas depois, já estava escuro. No fundo da bacia havia uma camada de uma substância pegajosa. Parecia amido mal cozido, esbranquiçado ou cinza-claro.

Havia talvez uma colher de chá daquilo. Levou a -bacia para dentro da casa e, enquanto punha água para ferver, eu tirei pedaços de sujeira que o vento tinha soprado para o depósito. Ele riu de mim.

— Esse pingo de sujeira não vai fazer mal a ninguém.

Depois que a água ferveu, ele despejou mais ou menos uma xícara na bacia. Era a mesma água amarelada que ele já usara antes. Aquilo dissolveu o depósito, formando uma espécie de substância leitosa.

— Que tipo de água é essa, Dom Juan?

— Água de frutas e flores da garganta.

Ele despejou o conteúdo da bacia numa velha caneca de barro que parecia um jarro de flores. Ainda estava muito quente, de modo que ele soprou para esfriá-la. Tomou um gole e entregou-me a caneca.

— Beba agora! — disse ele.

Peguei-a automaticamente e, sem refletir, bebi a água toda. Tinha um gosto meio amargo, embora esse amargo quase não se percebesse. O que era marcante era o odor pungente da água. Tinha cheiro de barata.

Quase imediatamente comecei a transpirar. Fiquei com muito calor e o sangue me afluiu aos ouvidos. Vi um ponto vermelho em frente dos olhos e os músculos de meu estômago começaram a contrair-se em cãibras dolorosas. Depois, embora eu não sentisse mais dores, comecei a ficar frio e ensopado de suor.

Dom Juan perguntou-me se eu estava vendo tudo escuro, ou se tinha pontos pretos em frente dos olhos. Disse-lhe que estava vendo tudo vermelho.

Meus dentes batiam por causa de um nervoso incontrolável que me inundava,

em ondas, como que se irradiando do meio de meu peito.

Depois, perguntou-me se eu estava com medo. Suas perguntas me pareceram sem sentido. Respondi que obviamente eu estava com medo, mas ele tornou a me perguntar se eu estava com medo dela. Não entendi o que ele dizia e respondi que sim. Ele riu e disse que eu não estava realmente com medo. Perguntou se eu continuava a ver vermelho. Tudo o que eu via era um imenso ponto vermelho diante dos olhos. Depois de algum tempo, senti-me melhor. Aos poucos os espasmos nervosos desapareceram, deixando apenas um cansaço dolorido e agradável e um forte desejo de dormir. Não conseguia manter os olhos abertos, embora continuasse a ouvir a voz de Dom Juan. Adormeci. Mas a sensação de estar imerso num vermelho profundo continuou a noite toda. Até sonhei em vermelho.

Acordei no domingo, por volta das três da tarde. Tinha dormido quase dois dias. Estava com uma ligeira dor de cabeça e meu estômago estava embrulhado e sentia dores muito agudas e intermitentes nos intestinos. A não ser isso, tudo foi como num despertar comum. Vi que Dom Juan estava sentado defronte de sua casa, cochilando. Ele me sorriu.

— Tudo foi bem, na outra noite — disse ele. -Você viu vermelho e isso é o importante.

— O que aconteceria se eu não visse vermelho?

— Teria visto preto, e isso seria mau sinal.

— Por quê?

— Quando uma pessoa vê preto, isso significa que ela não foi feita para a erva-do-diabo e ela vomita a alma, tudo verde e preto.

— E morreria?

— Não creio que alguém morresse, mas ficaria doente por muito tempo.

vO que acontece com aqueles que vêem vermelho?

— Não vomitam, e a raiz lhes proporciona um efeito de prazer, o que significa que eles são fortes e de natureza violenta... coisa de que a erva gosta. L assim que ela atrai. A única desvantagem é que os homens acabam escravos da erva-do-diabo, em retribuição ao poder que ela lhes dá. Mas isso são coisas sobre as quais não temos controle. O homem só vive para aprender. E se aprende é porque é essa a natureza de seu destino, para melhor ou para pior.

— O que faço agora, Dom Juan?

— Agora você tem de plantar um broto que eu cortei da outra metade da primeira porção de raiz. Tomou a metade na outra noite, e agora a outra metade

tem de ser posta na terra. Tem de crescer e germinar antes que você possa empreender o verdadeiro trabalho de domesticar a planta.

— Como vou domesticá-la?

— A erva-do-diabo é domesticada por meio da raiz. Passo a passo, você deve aprender os segredos de cada porção da raiz. Deve absorvê-los a fim de aprender os. segredos e conquistar o poder.

— As porções diferentes são preparadas da mesma maneira que você preparou a primeira?

— Não, cada porção é diferente.

vQuais os efeitos específicos de cada porção?

— Já disse, cada qual ensina um tipo diferente de poder. O que você tomou a outra noite ainda não é nada. Qualquer pessoa pode fazer isso. Mas só o brujo pode tomar as porções profundas. Não lhe posso dizer o que provocam porque ainda não sei se ela o receberá. Temos de esperar.

— Então quando me dirá?

— Quando a sua planta tiver crescido e germinado.

— Se a primeira porção pode ser tomada por qualquer para que é usada?

— De forma diluída, é boa para tudo o que se refere à virilidade, gente velha que perdeu o vigor, ou rapazes em busca de aventuras, ou mesmo mulheres que desejam a paixão.

— Você disse que a raiz só é usada para o poder, mas arejo que é também usada para outros uns, além do poder. Estou cesto?

Ficou-me olhando muito tempo, com um olhar firme que me encabulou. Senti que minha pergunta o irritara, mas não podia entender por quê.

— Essa erva só é usada para o poder — disse ele por fim, num tom seco e severo. — O homem que quer de volta asa vigor, os jovens que procuram suportar a fadiga e a fome, o homem que quer matar outro homem, uma mulher que quer ser fogosa... todos desejam o poder. E a erva lhes dará o poder! Acha que gosta dela? -perguntou, depois de uma pausa.

— Sinto um estranho vigor — disse eu, e era verdade. Eu o tinha observado ao acordar e sentia-o naquele momento. Era uma sensação muito especial de desconforto ou de frustração; todo meu corpo se movia e estendia com uma leveza e força desusadas. Meus braços e pernas comichavam. Meus ombros pareciam estar inchados; os músculos de minhas costas e de meu pescoço me davam vontade de me encostar ou me esfregar contra as árvores. Parecia-me que eu poderia demolir um muro, se me atirasse de encontro a ele.

Não falamos mais nada. Ficamos sentados na varanda, Por algum tempo. Reparei que Dom Juan estava adormecendo; de bateu a cabeça algumas vezes e depois simplesmente esticou as pernas, deitou-se no chão com as mãos por trás da cabeça e dormiu. Levantei-me e fui para o quintal, onde consumi minha energia física exagerada limpando o terreno; lembrei- me de que ele tinha dito que gostaria que eu ajudasse a Um a limpeza nos fundos da casa.

Mais tarde, quando ele acordou e foi lá para os fundos, eu já catava mais descansado.

Sentamo-nos para comer e, durante a refeição perguntou-me três vezes como me sentia. Como isso era raro, anal eu falei:

— Por que está preocupado com o que estou sentindo, Dom Juan? Espera que eu tenha uma má reação por ter bebido o suco?

Ele riu. Pareceu-me que estava agindo como um menino levado que fez uma travessura e está verificando os resultados de vez em quando. Ainda rindo, ele disse:

— Você não me parece doente. Ainda há pouco você até falou grosso comigo.

— Não falei, não, Dom Juan — protestei. -Não me lembro de ter jamais falado assim com você. — Eu fazia muita questão disso, pois não me lembrava de ter alguma vez ficado zangado com ele.

— Você a defendeu — disse ele.

— Defendi quem?

— Você estava defendendo a erva-do-diabo. Já parecia um amante.

Eu ia protestar ainda com maior vigor, mas me contive.

— Não percebi que a estava defendendo.

— Claro que não. Nem se lembra do que disse, não é?

— Não me lembro, não. Tenho de confessá-lo.

— Está vendo? A erva-do-diabo é assim. Ela se insinua em você como uma mulher.

Você nem toma conhecimento. Só o que lhe interessa é que ela o faz sentir-se bem e poderoso: os músculos intumescidos de força, os punhos comichando, as solas dos pés ardendo para derrubar alguém. Quando o homem a conhece, ele fica mesmo cheio de desejos. Meu benfeitor costumava dizer que a erva-do-diabo conserva os homens que querem o poder e livra-se dos que não o sabem usar. Mas naquele tempo o poder era mais comum; era procurado mais avidamente. Meu benfeitor era um homem poderoso e, segundo o que ele me disse, o benfeitor dele, por sua vez, era ainda mais dado à busca do poder. Mas

naqueles tempos havia bons motivos para se ser poderoso.

— Você acha que hoje não há mais motivo para o poder?

— O poder é bom para você agora. É jovem. Não é índio. Talvez a erva-do-diabo fosse boa em suas mãos. Parece que você gostou dela. Ela o fez sentir-se forte. Eu também já senti tudo isso. E, no entanto, não gostei.

— Pode dizer-me por quê, Dom Juan?

— Não gosto do poder dela! Não há mais utilidade para ele. Antigamente, como nos dias de que falava meu benfeitor, teia motivos para se buscar o poder. Os homens realizavam maravilhas fenomenais e eram admirados por sua força e temidos e respeitados por sua sabedoria. Meu benfeitor me contou histórias de feitos verdadeiramente fenomenais que eram realizados há muito, muito tempo. Mas agora, nós, os índios, não mais esse poder. Hoje, os índios usam a erva para se esfregarem. Usam as folhas e flores para outros fins; dizem até que curam seus furúnculos. Mas não buscam seu poder, um poder que age como um ímã, mais poderoso e mais perigo de se usar à medida que a raiz se aprofunda na terra. Quando se chega a uma profundidade de quatro metros — e dizem que já chegaram -encontra-se o centro do poder permanente, poder sem fim. Poucos seres humanos já conseguiram isso no passado, e ninguém nos dias de hoje. Estou-lhe dizendo, o poder da erva-do-diabo não nos é mais necessário, a nós índios. Pouco a pouco, acho que perdemos o interesse e agora o poder não importa mais. Eu próprio não o procuro e, no entanto, quando era da sua idade, também o senti inchando dentro de mim. Senti-me como você hoje, só que 500 vezes mais fortemente. Matei um homem com um só golpe de meu braço. Eu lançava pedras, pedras imensas que nem vinte homens conseguiam mover. Uma vez, saltei tão alto que citei as folhas das árvores mais altas. Mas tudo em vão! A única coisa que fiz foi assustar os índios... só os índios. Os outros, que não sabiam nada daquilo, não acreditavam. Ou viam um índio doido, ou alguma coisa se mexendo em cima das árvores.

Ficamos calados por muito tempo. Eu tinha de dizer alguma coisa.

— Era diferente quando havia no mundo pessoas continuou ele — pessoas que sabiam que um homem podia formar-se numa onça ou num passarinho ou que o homem podia voar.

Por isso não uso mais a erva-do-diabo. Para quê? Para assustar os índios? (Para que? Para assustar a lo indios?).

E eu vi que ele estava triste e senti uma profunda empatia. Queria dizer-lhe alguma coisa, mesmo que fosse uma banalidade.

-Talvez, Dom Juan, seja essa a sorte de todos os homens que desejam saber.

— Talvez — disse ele, muito quieto.

Quinta-feira, 23 de novembro de 1961

Não vi Dom Juan sentado em sua varanda, quando cheguei. Achei aquilo estranho.

Chamei-o em voz alta e a nora dele saiu da casa.

— Ele está lá dentro — disse ela.

Descobri que ele tinha torcido o tornozelo havia várias semanas. Tinha feito seu próprio aparelho molhando tiras de pano numa papa feita de cacto e farinha de ossos. As tiras, amarradas apertadas em volta do tornozelo, secaram, formando um aparelho leve e aerodinâmico. Tinha a dureza do gesso mas não seu volume.

— Como foi que aconteceu? — perguntei.

A nora de Dom Juan, mexicana de Iucatã, que estava cuidando dele, respondeu-me.

— Foi um acidente! Ele caiu e quase quebrou o pé! Dom Juan riu e esperou até a mulher sair da casa antes de responder.

— -Acidente, o quê! Tenho um inimigo aqui perto. Uma mulher. "La Catalina!" Ela me empurrou num momento de fraqueza e eu caí.

— Por que essa mulher fez isso?

— Queria matar-me, só isso.

— Ela estava aqui com você?

— Estava! -Por que a deixou entrar?

— Não deixei. Ela entrou voando.

— Perdão?

— Ela é um melro (chanate). E muito eficiente, até. Fui apanhado de surpresa. Há muito tempo que ela tenta liquidar-me. Dessa vez, quase conseguiu.

— Você disse que ela é um melro? Quero dizer, um pássaro?

— Lá vem você de novo com suas perguntas. Ela é um melro! Assim como eu sou um corvo. Sou um homem ou um pássaro? Sou um homem que sabe tornar-se pássaro. Mas voltando a "la Catalina", ela é uma bruxa endiabrada! Seu desejo de me matar é tão forte que mal posso combatê-la. O melro entrou pela minha casa adentro e eu não consegui impedi-lo.

— Você pode transformar-se em pássaro, Dom Juan?

— Posso! Mas isso é coisa de que vamos tratar depois.

— Por que ela quer matá-lo?

— Ah, é um velho problema entre nós. Descontrolou-se e agora parece que eu terei de liquidá-la antes que ela me liquide.

— Você vai usar feitiçaria? -perguntei, com muitas esperanças.

— Não seja tolo. Nenhum feitiço teria efeito sobre ela. Tenho outros planos! Um dia lhe contarei a respeito.

— O seu aliado pode protegê-lo contra ela?

— Não! O fuminho só me diz o que devo fazer. Então, devo me proteger sozinho.

— E Mescalito? Ele não o pode proteger dela?

— Não! Mescalito é um mestre, não um poder a ser por motivos pessoais.

— E a erva-do-diabo?

— Já disse que preciso proteger-me, eu mesmo, seguindo as instruções de meu aliado, o fumo. E, ao que eu saiba, o fumo consegue fazer qualquer negócio. Se você quiser saber a respeito de qualquer coisa, o fumo lhe dirá. E ele lhe dará mente o conhecimento, como também os meios de agir. É o aliado mais maravilhoso que o homem pode ter.

— O fumo é o melhor aliado para todos?

— Não é o mesmo para todos. Há muitos que o temem e nem chegam perto dele. O fumo é como tudo o mais: não foi feito para todos nós.

— Que tipo de fumo é, Dom Juan?

— O fumo dos adivinhos! Em sua voz havia um marcado tom de veneração, coisa que eu nunca tinha notado antes.

— Vou começar contando-lhe exatamente o que meu benfeitor me disse quando começou a me ensinar a respeito. Muito embora naquela época, como você agora, eu não poderia ter compreendido. "A erva-do-diabo é para aqueles que querem o poder. O fumo é para aqueles que desejam contemplar e ver." E, em minha opinião, o fumo não tem igual. Uma vez um homem entre em seus domínios, todos os outros poderes estão a seu comando. E magnífico! Naturalmente, leva tida. Leva anos só para a pessoa se familiarizar com suas partes vitais: o cachimbo e a mistura do fumo. O Ido me foi dado por meu benfeitor e, depois de tantos anos de mexer com ele, tornou-se meu. Cresceu em minhas mãos. Passá-lo a suas mãos, por exemplo, será uma tarefa de verdade para mim, e um grande feito para você. . . se conseguirmos! O cachimbo sentirá a tensão de ser manuseado por outra pessoa; e se algum de nós cometer um erro, não haverá meio de impedir que o cachimbo estoure por sua própria força, ou que caia de nossas mãos para se espatifar, mesmo que caia num monte de palha.

Se isso acontecer, seria o nosso fim. Especialmente de mim. O fumo se voltaria contra mim de maneiras incríveis.

— Como poderia voltar-se contra você se é seu aliado?

Minha pergunta pareceu desviar seus pensamentos. Ele ficou calado um tempão.

— A dificuldade dos ingredientes -continuou ele, de repente -torna a mistura uma das substâncias mais perigosas que conheço. Ninguém pode prepará-la sem ser ensinado. p um veneno mortal para todos a não ser o protegido do fumo! O cachimbo e a mistura devem ser tratados com um cuidado íntimo. E o homem que quiser aprender deve preparar-se levando uma vida sossegada e dura. Seus efeitos são tão tremendos que só os homens mais fortes podem suportar a mais leve fumarada. Tudo é aterrador e confuso a princípio, mas cada nova baforada torna as coisas mais precisas. E de repente o mundo se abre de novo! Inimaginável! Quando isso acontece, o fumo torna-se nosso aliado e resolve qualquer problema permitindo- nos a entrada em mundos inconcebíveis. p esta a maior propriedade do fumo, seu maior dom. E realiza sua função sem prejudicar em nada. Considero o fumo um verdadeiro aliado!

Como sempre, estávamos sentados em frente da casa dele, onde o chão de terra é sempre limpo e batido; de repente, levantou-se e entrou em casa. Depois de alguns momentos, voltou com um embrulhinho e tornou a sentar-se.

— Este é o meu cachimbo — disse ele.

Inclinou-se para mim e mostrou-me um cachimbo que tirou de uma capa de lona verde. Devia ter seus 25 centímetros de comprimento. A haste era de madeira avermelhada; era simples, sem nenhum enfeite. O fornilho também parecia ser feito de madeira, mas era meio volumoso, comparado com a haste fina. Tinha um acabamento liso e era cinza-escuro, quase cor de carvão.

Ele segurou o cachimbo em frente de meu rosto. Pensei que o estivesse entregando a mim. Estendi a mão para pegá-lo, mas ele o puxou depressa.

— Este cachimbo me foi dado pelo meu benfeitor – disse ele. -Eu, por minha vez, o passarei a você. Mas primeiro tem de vir a conhecê-lo. Cada vez que vier aqui, eu o darei a você. Comece por tocá-lo. A princípio, segure-o só um pouquinho, até que você e o cachimbo se acostumem um a outro. Depois, ponha-o no bolso, ou talvez dentro da E por fim ponha-o na boca. Tudo isso deve ser feito aos pouquinhos e de modo vagaroso e cuidadoso. Depois de estabelecida a ligação (la amistad esto hecha), você fumará nele. Se seguir meu conselho e não se precipitar, o fumo também poderá vir a ser seu aliado preferido.

— Entregou-me o cachimbo, mas sem o largar. Estendi meu braço direito para

tocá-lo.

— Com ambas as mãos — disse ele.

— Toquei o cachimbo com as duas mãos por um instante. Não me estendeu totalmente o objeto, de modo que eu o pudesse agarrar, mas só o suficiente para eu poder tocá-lo. Depois, puxou-o de volta.

— O primeiro passo é gostar do cachimbo. Isso leva tempo!

— O cachimbo pode não gostar de mim?

— Não. O cachimbo não pode ter aversão por você, mas tem de aprender a gostar dele a fim de que, quando chegar o momento de fumar, o cachimbo ajude você a não ter medo.

— O que você fuma, Dom Juan?

— Isto!

Ele abriu o colarinho e mostrou um saquinho que usava por baixo da camisa, dependurado do pescoço como um medalhão. Tirou-o, desamarrou a ponta e, com muito cuidado, um pouco do conteúdo na palma da mão.

Pelo que pude ver, a mistura parecia folhas de chá cortadas bem fino, variando em cor do marrom-escuro ao verde-claro, com uns pontinhos de amarelo-vivo.

Pôs a mistura de volta no saquinho, fechou-o, amarrou-o cordão de couro e tornou a pô-lo por baixo da camisa.

— Que tipo de mistura é essa?

-Há muitas coisas nela. Conseguir todos os ingredientes é uma tarefa muito difícil. É preciso viajar longe. Os cogumelozinhos (los honguitos) necessários para preparar a mistura em certas épocas do ano e em determinados lugares.

— Você usa uma mistura diferente para cada tipo de auxílio de que precisa?

— Não! Só há um fumo, e não há nenhum outro como ele.

Apontou para o saquinho em seu peito e levantou o cachimbo que estava entre suas pernas.

— Estes dois são um só! Um não pode passar sem o outro. Este cachimbo e o segredo dessa mistura pertenciam a meu benfeitor. Foram passados a ele da mesma maneira que o meu benfeitor os deu a mim. A mistura, embora difícil de preparar, é possível de ser reposta.

Seu segredo reside em seus ingredientes e na maneira de eles serem tratados e misturados. O cachimbo, por sua vez, é coisa de toda uma vida. Deve ser tratado com o máximo cuidado. É resistente e forte, mas nunca se deve bater nem esbarrar nele. Deve ser manuseado com mãos secas, nunca quando as mãos estão

suadas, e só deve ser usado quando se está só. E ninguém, ninguém absolutamente, deve vê-lo, a não ser que você pretenda dá-lo a alguém. Foi isso o que o meu benfeitor me ensinou, e foi assim que cuidei de meu cachimbo a vida toda.

— O que aconteceria se você perdesse ou quebrasse o cachimbo?

Ele sacudiu a cabeça, muito devagar, e olhou-me.

— Eu morreria! -Todos os cachimbos dos feiticeiros são como o seu?

— Nem todos têm cachimbos como o meu. Mas conheço alguns homens que têm.

— Sabe fazer um cachimbo como este, Dom Juan? insisti. — Digamos que você não possuísse um, como é que poderia dar-me um se quisesse fazê-lo?

— Seu eu não tivesse o cachimbo, não poderia nem haveria de querer dar um cachimbo. Dar-lhe-ia outra coisa.

Pareceu estar meio zangado comigo. Guardou o cachimbo com muito cuidado na capa, que devia ser forrada com um material macio, pois o cachimbo, que cabia ali apertado, entrou facilmente. Dom Juan retornou à casa para guardar o cachimbo.

— Está zangado comigo, Dom Juan? — perguntei, quando ele voltou. Pareceu ficar espantado com a minha pergunta.

— Não! Nunca me zango! Nenhum ser humano pode fazer alguma coisa tão importante que mereça isso. A gente se zanga, com as pessoas quando acha que seus atos são importantes. Não sinto mais isso.

26 de dezembro de 1961

A ocasião específica para replantar o "broto", como Dom Juan chamava a raiz, não estava marcada, embora devesse seguinte na domesticação do poder da planta.

Cheguei à casa de Dom Juan no sábado, 23 de dezembro, da tarde. Ficamos calados por algum tempo, Arte. O dia estava quente e nublado. Havia meses me tinha dado a primeira porção. Está na hora de devolver a erva à terra -disse ele de repente, -Mas primeiro vou arrumar uma proteção para você. Guarda-la-à e a vigiará, e só deve ser vista por seus olhos. Como vou arrumá-la, eu também vou vê-la. Isso não é com, pois, como já lhe disse, não gosto da erva-do-diabo. Não somos um só. Mas minha memória não vai durar muito; sou velho demais. Porém, você tem de resguardá-la dos olhos dos outros, pois, enquanto durar a recordação de eles a terem o poder da proteção estará prejudicado.

Foi ao quarto dele e puxou três embrulhos de pano de debaixo uma velha

esteira. Depois, voltou à varanda e sentou-se.

Depois de um longo silêncio, abriu um dos embrulhos. Era Datara fêmea que ele apanhara comigo; todas as folhas, e sementes que arrumara estavam secas. Pegou o comprido pedaço de raiz em forma de Y e tornou a amarrar o embrulho.

A raiz tinha secado e murchado e os galhos da forquilha mais separados e contorcidos. Colocou a raiz no colo, abriu sua bolsa de couro e puxou de sua faca. Segurou a raiz seca diante de mim.

— Esta parte é para a cabeça — disse ele, e fez a primeira incisão na cauda do Y, que, em posição invertida, asse-se à forma de um homem de pernas abertas. - Esta o coração continuou, e cortou perto da junção do Y. Depois, cortou as pontas da raiz, deixando uns sete centímetros de madeira em cada ramo do Y. Então, devagar e paciência, esculpiu a forma de um homem.

A raiz era seca e fibrosa. A fim de esculpi-la, Dom Juan fez duas incisões e descascou as fibras entre elas até à profundidade dos cortes. Mas quando chegou aos detalhes, ele cinzelou a madeira, como ao fazer os braços e as mãos. O resultado final foi uma figurinha vigorosa de um homem, de braços cruzados no peito e as mãos entrelaçadas.

Dom Juan levantou-se e foi até junto de uma agave azul que crescia em frente da casa, junto da varanda. Pegou o espinho duro de uma das folhas do centro, polpudas, dobrou-o e girou-o três ou quatro vezes. O movimento circular quase o destacou da folha; ele ficou pendurado. Dom Juan mordeu-o, ou melhor, prendeu-o entre os dentes e puxou-o. O espinho saiu da polpa, levando consigo um punhado de fibras compridas, como fios, presas à parte lenhosa como uma cauda branca, de uns 60 centímetros de comprimento. Ainda com o espinho preso nos dentes, ele torceu as fibras entre as palmas das mãos e fez um cordão, que embrulhou nas pernas da figurinha, para juntá-las. Em seguida, envolveu a parte inferior do corpo, até usar todo o cordão; com muita habilidade, trabalhou o espinho como um furador por dentro da parte dianteira do corpo, por baixo dos braços cruzados, até que a ponta aguçada aparecesse como que saindo das mãos da estatueta. Tornou a usar os dentes e, puxando de leve, fez o espinho sair quase todo. Parecia uma comprida lança saindo do peito da estatueta. Sem olhar mais para ela, Dom Juan colocou-a dentro de sua bolsa de couro. Parecia estar exausto do esforço. Deitou-se no chão e adormeceu.

Estava quase escuro quando ele acordou. Comemos os mantimentos que eu lhe trouxera e ficamos sentados na varanda mais um bocado. Depois, Dom Juan foi para os fundos da casa, levando os três embrulhos de pano. Cortou galhos e ramos secos e fez uma fogueira. Ficamos sentados diante dela, à vontade, e ele abriu os três embrulhos. Além do que continha as partes secas da planta fêmea,

havia outro com o que sobrara da planta masculina, e um terceiro, volumoso, contendo pedaços verdes, recém-cortados, de Datura.

Dom Juan foi até ao cocho dos porcos e voltou com um almofariz de pedra, muito fundo, que mais parecia uma panela com o fundo arredondado. Fez um buraco raso e colocou o almofariz firmemente no chão. Colocou mais galhos secos na fogueira e depois pegou os dois embrulhos com os pedaços secos de plantas masculina e feminina e esvaziou-os todos de uma vez no almofariz. Sacudiu o pano para verificar se todos os pedaços tinham caído no almofariz. Do terceiro embrulho, pegou dois pedaços frescos de raiz de Datura.

-Vou prepará-los só para você -disse ele.

-Que tipo de preparação é essa, Dom Juan?

-Um desses pedaços vem de uma planta masculina, o outro de uma planta feminina. Esta é a única ocasião em que as duas plantas devem ser colocadas juntas. Os pedaços vem de uma profundidade de um metro.

Amassou-os dentro do almofariz com movimentos regulares do pilão. Enquanto o fazia, entoava em voz baixa, parecendo cantarolar monotonamente e sem ritmo. As palavras para mim. Ele estava absorto em seu trabalho.

Depois de completamente amassadas as raízes, ele pegou Olhas de Datura do embrulho. Estavam limpas e tinham sido apanhadas havia pouco e todas estavam isentas de bichos e de cortes. Colocou-as no almofariz, uma a uma. Pegou um punhado de flores de Datura e também as colocou no almofariz, do mesmo modo paciente. Contei 14 de cada. Depois, pegou um punhado de sementes frescas e verdes com todas as suas espigas e ainda fechadas. Não pude conta-las, pois ele as jogou no almofariz todas de uma vez, mas supus que também houvesse 14 delas. Juntou três hastes de Datura, sem as folhas. Eram vermelhas, escuras, e limpas, e pareciam vir de plantas grandes, a julgar por suas múltiplas ramificações.

Depois de colocadas todas essas coisas no almofariz, reduziu-as a uma polpa com os mesmos movimentos regulares. Em dado momento, inclinou o almofariz e com a mão raspou finta para uma panela velha. Dom Juan me estendeu a mão, e eu pensei que ele queria que a enxugasse. Mas, em vez disso pegou minha mão esquerda e, com um movimento muito rápido, separou o mais que pôde os dedos do meio e o quarto. Depois, com a ponta da faca, feriu-me entre os dois dedos, cortando a pele do quarto dedo. Agiu com tanta habilidade e rapidez que, quando puxei a mão, estava com um corte profundo, e o sangue jorrava em profusão. Tornou a agarrar minha mão, colocou-a sobre a panela e apertou-a para forçar a saída de mais sangue.

Meu braço ficou dormente. Eu estava em estado de choque, estranhamente frio e rígido, com uma sensação de opressão em meu peito e ouvidos. Senti que estava escorregando no assento. Eu estava desmaiando! Dom Juan largou minha mão e mexeu o conteúdo da panela. Quando voltei a mim do choque, fiquei realmente zangado com ele. Levei algum tempo para me controlar.

Ele arrumou três pedras em volta da fogueira e colocou a panela em cima delas. A todos os ingredientes, acrescentou uma coisa que me pareceu ser um pedaço grande de cola de marceneiro e uma chaleira de água, deixando tudo aquilo a ferver. As plantas de Datura, por si, já têm um cheiro muito especial. Combinadas com a cola de marceneiro, que exalou um cheiro forte quando a mistura começou a ferver, formavam um vapor tão intenso que tive de fazer força para não vomitar.

A mistura ferveu muito tempo, enquanto ficávamos sentados ali imóveis, diante dela. Às vezes, quando o vento soprava o vapor em minha direção, o fedor me envolvia e eu prendia a respiração, procurando evitá-lo.

Dom Juan abriu a bolsa de couro e tirou a estatueta, ele a entregou a mim com cuidado e disse-me que a colocasse dentro da panela, sem queimar os dedos. Levei-a com cuidado para a papa fervente. Ele pegou a faca e, por um instante, pensei que ia tornar a me cortar; em vez disso, empurrou a figurinha com a ponta da faca e a afundou.

Ficou olhando a papa ferver por mais um momento e depois começou a limpar o almofariz. Ajudei-o. Quando terminamos, ele colocou o almofariz e o pilão junto da cerca. Entramos em casa e a panela ficou nas pedras a noite toda.

No dia seguinte, de madrugada, Dom Juan mandou que eu tirasse a estatueta da cola e a dependurasse no telhado, de frente para o leste, para secar ao sol. Ao meio-dia estava dura como arame. O calor tinha soldado a cola e o verde das folhas se misturara a ela. A estatueta tinha um acabamento lustroso e estranho.

Dom Juan pediu-me que pegasse a estatueta. Em seguida, deu-me uma bolsa de couro que havia feito de um velho casaco de camurça que eu lhe dera havia tempos. A bolsa parecia com a dele, sendo a única diferença que a dele era feita de um couro marrom macio.

— Ponha sua "imagem" dentro da bolsa e feche-a disse ele.

Dom Juan não olhou para mim, propositadamente mantendo a cabeça virada. Depois que guardei a estatueta dentro da bolsa, ele me deu uma sacola de linha e disse-me que pusesse a panela de barro dentro dela.

Foi até meu carro, pegou a sacola de minhas mãos e prendeu-a ao porta-luvas, que estava aberto.

— Venha comigo — disse ele.

Acompanhei-o. Deu a volta à casa, fazendo um círculo completo, no sentido dos ponteiros do relógio. Parou na varanda e tornou a dar volta à casa, dessa vez em sentido contrário e voltando de novo à varanda. Ficou parado um pouco e depois sentou-se.

Eu estava condicionado a crer que tudo o que ele fazia tinha algum significado. Estava pensando no significado dos círculos em volta da casa, quando ele disse:

— Ei! Esqueci onde o coloquei.

Perguntei-lhe o que é que ele estava procurando. Respondeu que se tinha esquecido de onde colocara o broto que eu tinha de replantar. Tornamos a andar em volta da casa antes de ele se lembrar onde estava.

Mostrou-me um potinho de vidro num pedaço de tábua pregado à parede debaixo do telhado. O pote continha a outra metade da primeira porção da raiz de Datura. O broto tinha umas folhinhas crescendo em sua extremidade superior. O pote tinha um pouquinho de água, mas não tinha terra.

— Por que não tem terra? — perguntei.

— Nem todos os solos são iguais, e a erva-do-diabo só deve conhecer o solo em que há de viver e crescer. E agora está na hora de ela voltar à terra, antes que os bichos a estraguem.

— Podemos plantá-la aqui perto da casa? — perguntei.

— Não! Não! Aqui não. Ela deve voltar a um lugar de seu gosto.

— Mas onde posso encontrar um lugar de meu gosto?

— Não sei. Pode tornar a plantá-la onde quiser. Mas ela tem de ser cultivada e cuidada, pois tem de viver para você ter o poder que precisa. Se ela morrer, isso quer dizer que não o quer, e você não deve perturbá-la mais. Quer dizer que você não terá poder sobre ela. Portanto, precisa cuidar e tratar dela, para que cresça. Mas não deve mimá-la.

— Por que não?

— Porque, se não for vontade dela crescer, não adianta agradá-la. Mas, por outro lado, você tem de provar que gosta dela. Livre-a dos bichos e dê-lhe água quando a visitar. Isso deve ser feito com regularidade, até ela germinar. Depois de germinar a primeira semente, teremos certeza de que o deseja.

— Mas, Dom Juan, não me é possível cuidar da raiz como você quer.

— Se quiser o poder dela, tem de fazê-lo! Não há outro meio!

— Não pode cuidar dela quando eu não estiver aqui, Dom Juan?

— Não! Eu não! Não posso fazer isso! Cada um tem de nutrir seu próprio broto. Tive o meu. Agora, você tem de ter o seu. E só depois de ele germinar, como já lhe disse, é que você pode considerar-se pronto para aprender.

— Onde acha que eu devo plantá-la?

— Isso só você pode decidir! E ninguém pode saber do lugar, nem mesmo eu! É assim que a replanta tem de ser feita. Ninguém, mas ninguém mesmo, pode saber onde está sua planta. Se um estranho o acompanhar, ou o vir, pegue a raiz e corra para outro lugar. Ele lhe poderia causar males incríveis, manipulando o broto. Poderia aleijá-lo ou matá-lo. É por isso que nem eu posso saber onde está sua planta. Leve-o agora. -E entregou-me o potinho com o broto.

Peguei-o. Então, ele quase me arrastou para meu carro.

— Agora você tem de ir. Vá e escolha o lugar onde vai replantar ó broto. Cave um buraco fundo, na terra fofa, junto de um lugar com água. Lembre-se, ele tem de estar perto da água para poder crescer. Cave o buraco só com suas mãos, mesmo que elas sangrem. Coloque o broto no centro do buraco e faça um montinho (pilón) em volta dele. Depois, ensope-o de água. Quando esta se infiltrar, encha a cova com terra fofa. Depois, escolha um lugar a dois passos do broto, naquela direção (apontou para sudeste). Cave ali outro buraco fundo, também com as mãos e jogue ali o que está na panela. Depois, quebre-a e enterre-a em outro lugar, longe de onde está seu broto. Após enterrar a panela, volte a seu broto e torne a regá-lo. Em seguida, pegue a sua estatueta, segure-a entre os dedos onde está a sua ferida e, de pé no local onde você sepultou a cola, toque de leve no broto com a agulha. Dê a volta ao broto quatro vezes, parando cada vez no mesmo lugar para tocá-lo.

— Tenho de seguir uma direção especial, quando der a volta ao broto?

-Qualquer direção serve. Mas tem sempre de se lembrar em que direção você enterrou a cola, e que direção tomou ao andar em volta do broto. Toque de leve no broto em todas as vezes menos na última; então, empurre fundo. Mas faça-o com cuidado; ajoelhe-se para ter a mão mais firme, pois não deve quebrar a ponta dentro do broto. Se quebrar, está liquidado. A raiz não lhe servirá de nada.

— Tenho de pronunciar alguma palavra, enquanto ando em volta do broto?

— Não. Farei isso por você.

Sábado, 27 de janeiro de 1962

Assim que cheguei à casa dele hoje de manhã, Dom Juan me disse que me ia ensinar a preparar a mistura do fumo. Fomos para os morros e entramos bem longe em' uma das gargantas. Ele parou perto de um arbusto alto e esguio, cuja cor formava um contraste marcante com a vegetação em volta. O chaparral ao

redor do arbusto era amarelado, mas este era de um verde-vivo.

— Desta arvorezinha você tem de levar as folhas e as flores — disse ele. — A época propícia para apanhá-las é o Dia de Finados (el día de las ánimas).

Pegou sua faca e cortou a extremidade de um ramo fino. Escolheu outro ramo semelhante e também cortou a ponta. Repetiu essa operação até ter um punhado de pontas de ramos. Depois, sentou-se no chão.

— Olhe aqui — disse ele. -Cortei todos os galhos acima da forquilha formada por duas ou mais folhas e a haste. Está vendo? São todos iguais. Só usei a ponta de cada galho, onde as folhas são frescas e tenras. Agora, temos de procurar um lugar de sombra.

Caminhamos até ele demonstrar haver encontrado o que procurava. Pegou um cordão comprido do bolso e amarrou-o ao trunco e aos galhos mais baixos de dois arbustos, fazendo uma espécie de varal, onde ele pendurou os galhos, com as pontas para baixo. Arrumou-os pelo cordão em ordem; enganchados pela forquilha entre as folhas e a haste, eles pareciam uma longa fileira de cavaleiros verdes.

— E preciso que as folhas sequem à sombra -disse Dom Juan. — O lugar deve ser isolado e de difícil acesso. Assim, as folhas ficam protegidas. Devem ser deixadas para secar num lugar onde seja quase impossível encontrá-las. Depois de secas, devem ser postas num embrulho e lacradas.

Apanhou as folhas do cordão e atirou-as nos arbustos Próximos. Parecia que só pretendia ensinar-me o processo.

Continuamos a caminhar e ele escolheu três flores diferentes, dizendo que eram parte dos ingredientes e que deviam ser colhidas ao mesmo tempo. Mas as flores tinham de ser colocadas em potes de barro separados e postas para secar no escuro; era preciso pôr uma tampa em cada pote para as flores mofarem lá dentro. Ele disse que a função das folhas e das flores era adocicar a mistura do fumo.

Saímos da garganta e caminhamos para o leito do rio. Depois de uma volta grande, voltamos para a casa dele. Tarde da noite, ficamos sentados no seu quarto, coisa que ele raramente me permitia fazer, ocasião em que me contou a respeito do último ingrediente; os cogumelos.

— O verdadeiro segredo da mistura reside nos cogumelos -disse ele. — São o ingrediente mais difícil de colher. A ida ao lugar onde crescem é longa e perigosa, e escolher a qualidade certa é ainda mais arriscado. Há outros tipos de cogumelos que crescem juntos deles, e que não valem nada; estragariam os bons se fossem secados juntos. Leva tempo para se conhecer bem os cogumelos, e não

se errar. Sérios males podem resultar, se se usar o tipo errado ─ mal para o homem e para o cachimbo. Conheço homens que caíram mortos por terem usado um mau fumo. Assim que os cogumelos são colhidos, devem ser colocados numa cabaça, de modo que não há meio de verificá-los novamente. Entende, eles têm de ser estraçalhados para poderem passar pelo gargalo estreito da cabaça.

─ Como se pode evitar o erro?

─ Tendo cuidado e sabendo como escolher. Já lhe disse que é difícil. Nem todos podem domesticar o fumo; a maior parte das pessoas nem tenta.

─ Por quanto tempo você guarda os cogumelos dentro da cabaça?

─ Por um ano. Todos os outros ingredientes também são lacrados por um ano. Então, partes iguais deles são medidas e moídas separadamente num pó muito fino. Os cogumelozinhos não têm de ser moídos porque já por si tornam-se um pó fininho; basta amassar os pedaços. Quatro partes de cogumelos são acrescentadas a uma parte de todos os outros ingredientes juntos. Depois, são todos misturados e colocados numa bolsa como a minha. ─ Apontou para o saquinho pendurado debaixo de sua camisa. -Em seguida, todos os ingredientes são novamente colhidos e depois de postos para secar você está pronto para fumar a mistura que acabou de preparar. No seu caso, vai fumar no ano que vem. E no ano posterior, a mistura será toda sua, pois você a terá colhido sozinho. Da primeira vez que você fumar, acenderei seu cachimbo. Vai fumar toda a mistura no fornilho e vai esperar. A fumaça virá. Você a sentirá. Ela o libertará para ver tudo o que quiser ver. A bem dizer, é um aliado incomparável. Mas quem o procurar tem de ter um propósito e uma vontade irrepreensíveis. Ele precisa disso porque tem de pretender e querer sua volta, do contrário o fumo não o deixará voltar. Em segundo lugar, ele tem de pretender e querer lembrar-se de tudo o que o fumo lhe permitiu ver, do contrário tudo não passará de uma neblina em sua mente.

Sábado, 8 de abril de 1962

Em nossas conversas, Dom Juan sempre usava ou se referia à expressão "homem de conhecimento", mas nunca explicava o que queria dizer com isso. Perguntei-lhe a respeito.

─ Um homem de conhecimento é aquele que seguiu honestamente as dificuldades da aprendizagem ─ disse ele. Um homem que, sem se precipitar nem hesitar, foi tão longe quanto pôde para desvendar os segredos do poder e da sabedoria.

─ Qualquer pessoa pode ser um homem de conhecimento?

─ Não; não qualquer pessoa.

— -Então o que é preciso fazer para se tornar um homem de conhecimento?

— O homem tem de desafiar e vencer seus quatro inimigos naturais.

— Ele será um homem de conhecimento depois de vencer esses quatro inimigos?

— Sim. Um homem pode chamar-se um homem de conhecimento somente se for capaz de vencer os quatro.

— Então, qualquer pessoa que conseguir vencer esses inimigos pode ser um homem de conhecimento?

— Qualquer pessoa que os vencer torna-se um homem de conhecimento.

— Mas há algum requisito especial que o homem tenha de atender antes de lutar contra esses inimigos?

— Não. Qualquer pessoa pode tentar tornar-se um homem de conhecimento; muito poucos homens o conseguem, realmente, mas isso é natural. Os inimigos que um indivíduo encontra no caminho do saber para tornar-se um homem de conhecimento são realmente formidáveis; a maioria dos homens sucumbe a eles.

— Que tipos de inimigos são, Dom Juan?

Recusou-se a falar sobre os inimigos. Disse que se passaria muito tempo até que o assunto fizesse sentido para mim. Procurei manter a conversa e perguntei-lhe se ele achava que eu poderia tornar-me um homem de conhecimento. Respondeu que ninguém poderia dizer isso ao certo. Mas eu insisti para saber se havia algum indício que ele pudesse usar para saber se eu tinha ou não possibilidade de me tornar um homem de conhecimento. Falou que dependia de minha luta contra os quatro inimigos — se eu conseguiria derrotá-los ou ser derrotado por eles -mas que era impossível prever o resultado dessa luta.

Perguntei-lhe se ele podia usar feitiços ou adivinhação para ver o resultado da luta. Declarou claramente que os resultados da luta não poderiam ser previstos por meio algum, porque tornar-se um homem de conhecimento era uma coisa temporária. Quando pedi que ele explicasse isto, respondeu:

— Ser um homem de conhecimento não tem permanência. Nunca se é um homem de conhecimento, não de verdade. Ou antes, a pessoa se torna um homem de conhecimento por um instante muito breve, depois de derrotar os quatro inimigos naturais.

— Você tem de me dizer, Dom Juan, que tipo de inimigos eles são.

Não respondeu. Tornei a insistir, mas ele mudou de assunto e começou a falar sobre outra coisa.

Domingo 15 de abril de 1962

Quando eu estava me preparando para partir, tornei a lhe perguntar acerca dos inimigos do homem de conhecimento. Argumentei que ia passar algum tempo sem voltar, e que seria uma boa idéia escrever as coisas que ele tivesse a dizer e pensar a respeito enquanto estivesse fora. Hesitou um pouco, mas depois começou a falar:

— Quando um homem começa a, aprender, ele nunca sabe muito claramente quais seus objetivos. Seu propósito é fumo; sua intenção, vaga. Espera recompensas que nunca se materializarão, pois não conhece nada das dificuldades da aprendizagem. Devagar, ele começa a aprender... a princípio, pouco a pouco, e depois em porções grandes. E logo seus pensamentos entram em choque. O que aprende nunca é o que ele imaginava, de modo que começa a ter medo. Aprender nunca é o que se espera. Cada passo da aprendizagem é uma nova tarefa, e o medo que o homem sente começa a crescer impiedosamente, sem ceder. Seu propósito torna-se um campo de batalha. "E assim ele se deparou com o primeiro de seus inimigos naturais - o Medo! Um inimigo terrível, traiçoeiro, e difícil de vencer. Permanece oculto em todas as voltas do caminho, rondando, à espreita. E se o homem, apavorado com sua presença, foge, seu inimigo terá posto um fim à sua busca.

— O que acontece com o homem se ele fugir com medo?

— Nada lhe acontece, a não ser que nunca aprenderá. Nunca se tornará um homem de conhecimento. Talvez se torne um tirano, ou um pobre homem apavorado e inofensivo; de qualquer forma, será um homem vencido. Seu primeiro inimigo terá posto um fim a seus desejos.

— E o que pode ele fazer para vencer o medo?

— A resposta é muito simples. Não deve fugir. Deve desafiar o medo, e, a despeito dele, deve dar o passo seguinte na aprendizagem, e o seguinte, e o seguinte. Deve ter medo, mente, e no entanto não deve parar. É esta a regra! E o momento chegará em que seu primeiro inimigo recua. O homem começa a se sentir seguro de si. Seu propósito torna-se mais forte. Aprender não é mais uma tarefa aterradora. Quando cesse momento feliz, o homem pode dizer sem hesitar que derrotou seu primeiro inimigo natural.

— Isso acontece de uma vez, Dom Juan, ou aos poucos?

— Acontece aos poucos e no entanto o medo é vencido da repente e depressa.

— Mas o homem não terá medo outra vez, se lhe acontecer alguma coisa nova?

— Não. Uma vez que o homem venceu o medo, fica livre dele o resto da vida, porque, em vez do medo, ele adquiriu a clareza de espírito que apaga o medo.

Então, o homem já conhece seus desejos; sabe como satisfazê-los. Pode antecipar os novos passos na aprendizagem e uma clareza viva cerca tudo. O homem sente que nada se lhe oculta. E assim ele encontra seu segundo inimigo: a Clareza! Essa clareza de espírito, que é tão difícil de obter, elimina o medo, mas também cega.

"Obriga o homem a nunca duvidar de si. Dá-lhe a segurança de que ele pode fazer o que bem entender, pois ele vê tudo claramente. E ele é corajoso porque é claro e não pára diante de nada porque é claro. Mas tudo isso é um engano; é como uma coisa incompleta. Se o homem sucumbir a esse poder de faz-de-conta, sucumbiu a seu segundo inimigo e tateará com a aprendizagem. Vai precipitar-se quando devia ser paciente, ou vai ser paciente quando devia precipitar-se. E tateará com a aprendizagem até acabar incapaz de aprender mais qualquer coisa.

— O que acontece com um homem que é derrotado assim, Dom Juan? Ele morre por isso?

— Não, não morre. Seu inimigo acaba de impedi-lo de se tornar um homem de conhecimento; em vez disso, o homem pode tornar-se um guerreiro valente, ou um palhaço. No entanto, a clareza, pela qual ele pagou tão caro, nunca mais se transformará de novo em trevas ou medo. Será claro enquanto viver, mas não aprenderá nem desejará nada.

— Mas o que tem de fazer para não ser vencido?

— Tem de fazer o que fez com o medo: tem de desafiar sua clareza e usá-la só para ver, e esperar com paciência e medir com cuidado antes de dar novos passos; deve pensar, acima de tudo, que sua clareza é quase um erro. E virá um momento em que ele compreenderá que sua clareza era apenas um ponto diante de sua vista. E assim ele terá vencido seu segundo inimigo, e estará numa posição em que nada mais poderá prejudicá-lo. Isso não será um engano. Não será um ponto diante da vista. Será o verdadeiro poder. Ele saberá a essa altura que o poder que vem buscando há tanto tempo é seu, por fim. Pode fazer o que quiser com ele. Seu aliado está às suas ordens. Seu desejo é a ordem. Vê tudo o que está em volta. Mas também encontrou seu terceiro inimigo: o Poder! O poder é o mais forte de todos os inimigos. E naturalmente a coisa mais fácil é ceder; afinal de contas, o homem é realmente invencível. Ele comanda; começa correndo riscos calculados e termina estabelecendo regras, porque é um senhor. "Um homem nesse estágio quase nem nota seu terceiro inimigo se aproximando. E de repente, sem saber, certamente terá perdido a batalha. Seu inimigo o terá transformado num cruel e caprichoso.

— E ele perderá o poder?

— Não, ele nunca perderá sua clareza nem seu poder.

— Então o que o distinguirá de um homem de conhecimento?

— Um homem que é derrotado pelo poder morre sem mente saber manejá-lo. O poder é apenas uma carga em 'ice destino. Um homem desses não tem domínio sobre si, e não sabe quando ou como usar seu poder.

— A derrota por algum desses inimigos é uma derrota final?

— Claro que é final. Uma vez que esses inimigos dominem o homem, não há nada que ele possa fazer.

— Será possível, por exemplo, que o homem derrotado pelo poder veja seu erro e se emende?

— Não. Uma vez que o homem cede, está liquidado.

— Mas, e se ele estiver temporariamente cego pelo poder, e depois recusar?

— Isso significa que a batalha continua. Isso significa que ele ainda está tentando ser um homem de conhecimento. O indivíduo é derrotado quando não tenta mais e se abandona.

— Mas então, Dom Juan, será possível que um homem se entregue ao medo durante anos, mas que no fim ele o vença.

— Não, isso não é verdade. Se ele ceder ao medo, nunca o vencerá porque se desviará do conhecimento e nunca mais tentará. Mas sé procurar aprender durante anos no meio de seu medo, acabará dominando-o, porque nunca se entregou realmente a ele.

— E como o homem pode vencer seu terceiro inimigo, Dom Juan?

— Também tem de desafiá-lo, propositadamente. Tem de vir a compreender que o poder que parece ter adquirido, na nunca é seu. Deve controlar-se em todas as ocasiões, Com cuidado e lealdade tudo o que aprendeu. Se conseguir ver que a clareza e o poder, sem seu controle sobre si, são piores do que os erros, ele chegará a um ponto em que lado. Então, saberá quando e como usar seu poder. E assim terá derrotado seu terceiro inimigo. O homem estará, então, no fim de sua jornada do saber, e quase sem perceber encontrará seu último inimigo: a Velhice! Este inimigo é o mais cruel de todos, o único que ele não conseguirá derrotar completamente, mas apenas afastar. É o momento em que o homem não tem mais receios, não tem mais impaciências de clareza de espírito... um momento em que todo seu poder está controlado, mas também o momento em que ele sente um desejo irresistível de descansar. Se ele ceder completamente a seu desejo de se deitar e esquecer, se ele se afundar na fadiga, terá perdido o último round, e seu inimigo o reduzirá a uma criatura velha e débil. Seu desejo de se retirar dominará toda sua clareza, seu poder e sabedoria. Mas se o homem

sacode sua fadiga, e vive seu destino completamente, então poderá ser chamado de um homem de conhecimento, nem que seja no breve momento em que ele consegue lutar contra o seu último inimigo invencível. Esse momento de clareza, poder e conhecimento é o suficiente.

4

Era raro Dom Juan falar abertamente sobre Mescalito. Sempre que eu indagava sobre o assunto, ele se recusava a falar, mas sempre dizia o suficiente para criar uma impressão a respeito de Mescalito, uma impressão que era sempre antropomórfica. Mescalito era masculino, não só por causa da regra gramatical que dá à palavra o gênero masculino, mas também devido a suas qualidades constantes de protetor e meie. Dom Juan reiterava essas características de vários motes, sempre que conversávamos.

Domingo, 24 de dezembro de 1961

— A erva-do-diabo nunca protegeu ninguém. Só serve para dar poder. Já Mescalito, por outro lado, é delicado como um bebê.

— Mas você disse que por vezes Mescalito é assustador.

— Claro que é assustador, mas depois que você passa a conhece-lo, é delicado e bom.

— Como mostra sua bondade?

— É protetor e mestre.

— Como ele protege?

— Você o pode conservar consigo sempre e ele velará pira que nada de mau lhe aconteça.

— Como se pode conservá-lo sempre?

— Numa bolsinha, preso debaixo do braço ou pendurado no pescoço por um cordão.

— Você o tem com você?

— Não, porque tenho um aliado. Mas outras pessoas o têm.

— O que ele ensina?

— Ensina a viver direito.

— Como ele ensina?

— Mostra coisas e diz o que são (enzeña las cosas te dice lo que son).

— Como?

— Você terá de ver por si.

Terça-feira, 30 de janeiro de 1962

— O que você vê quando Mescalito o leva com ele, Dom Juan?

— Não se pode falar dessas coisas. Não lhe posso dizer.

— Se dissesse, alguma coisa má lhe aconteceria?

— Mescalito é um protetor, um protetor bom e delicado; mas isso não significa que se possa caçoar dele. Como é um protetor bom, também pode ser um horror em si com aqueles de quem não gosta.

— Não pretendo caçoar dele. Só quero saber o que faz os outros executarem ou verem.

Descrevi-lhe tudo o que Mescalito me fez ver, Dom Juan.

— Com você é diferente, talvez porque não conheça os costumes dele. Tem de aprender os costumes dele como uma criança aprende a caminhar.

— Por quanto tempo ainda tenho de aprender?

— Até que ele próprio comece a fazer sentido para você.

— E depois?

— Então, você vai entender por si. Não vai mais ter de contar nada.

— Pode dizer-me onde é que Mescalito o leva?

— Não posso falar disso.

— Só quero saber é se existe um outro mundo ao qual ele leva as pessoas.

— Existe.

— É o céu?

— Ele o leva pelo céu.

— Quero dizer, é o céu onde Deus está?

— Agora você está sendo burro. Não sei onde Deus está.

— Mescalito é Deus? O único Deus? Ou é um dos deuses?

— Ele é apenas um protetor e mestre. É um poder.

— É um poder dentro de nós?

— Não. Mescalito não tem nada a ver conosco. Ele está fora de nós.

— Então, todos os que tomam Mescalito devem vê-lo da mesma forma.

— Não, nada disso. Ele não é o mesmo para todos.

Quinta-feira, 12 de abril de 1962

— Por que não me conta mais a respeito de Mescalito, Dom Juan?

— Não há nada a contar.

— Deve haver milhares de coisas que eu deva saber antes ë tornar a encontrá-lo.

— Não. Talvez para você não haja nada que tenha de Como já lhe disse, ele não é o mesmo para todos.

— Sei, mas assim mesmo eu gostaria de saber como é que os outros se sentem a respeito dele.

— A opinião daqueles que gostam de falar a respeito dele não vale grande coisa. Você verá. Provavelmente, vai y' dele até certo ponto, e daí em diante nunca mais o fará.

— Pode contar-me a respeito de sua primeira experiência?

— Para quê?

— Dessa forma, saberei como agir com Mescalito.

— Você já sabe mais do que eu. Chegou a brincar com ele. Um dia verá como o protetor foi bondoso para com você. Daquela primeira vez, estou certo de que ele lhe disse muitas e muitas coisas, mas você estava surdo e cego.

Sábado, 14 de abril de 1962

— Mescalito assume alguma forma, quando se revela?

— Sim, qualquer forma.

— Então, quais são as formas mais comuns que você conhece?

— Não há formas comuns.

— Quer dizer, Dom Juan, que ele aparece sob qualquer forma, mesmo para homens que o conhecem bem?

— Não. Ele aparece em qualquer forma para aqueles que só o conhecem um pouco, mas para aqueles que o conhecem bem, é sempre constante.

— Como é que ele é constante?

— Ele lhes aparece, às vezes, como homem, como nós, ou como uma luz. Apenas uma luz.

— Mescalito muda sua forma permanente com aqueles que o conhecem bem?

— Não que eu saiba.

Sexta-feira, 6 de julho de 1962

Dom Juan e eu saímos numa viagem na tarde de sábado, dia 23 de junho. Ele disse que íamos procurar honguitos (cogumelos) no Estado de Chihuahua. Falou que ia ser uma viagem demorada e difícil. E tinha razão. Chegamos a uma cidadezinha de mineração no norte de Chihuahua às dez da noite da quarta-feira, 27 de junho. Estacionei o carro nos arredores da cidade e caminhamos para a

casa dos amigos dele, um índio tarahumara e a mulher. Dormimos lá.

No dia seguinte, o homem nos acordou por volta das cinco horas. Trouxe-nos uma papa e feijão. Sentou-se e conversou com Dom Juan enquanto comíamos, mas não disse nada a respeito de nossa viagem.

Depois de comermos, o homem pôs água em meu cantil e dois pãezinhos na mochila. Dom Juan entregou-me o cantil, prendeu a mochila com uma cordilha nos seus ombros, agradeceu ao homem suas gentilezas e, virando-se para mim, disse:

— Está na hora de irmos.

Caminhamos pela estrada de terra por um quilômetro e meio. Dali, cortamos caminho pelos campos e dentro de duas horas estávamos ao pé dos morros ao sul da cidade. Subimos as encostas suaves em direção ao sudoeste. Quando chegamos às encostas mais íngremes, Dom Juan mudou de direção e seguimos um vale alto para leste. Apesar de sua idade avançada, ele andava tão incrivelmente depressa que, ao meio-dia, eu estava completamente exausto. Sentamo-nos e abrimos o saco de pão.

-Pode comer tudo, se quiser — disse ele.

— E você?

— Não estou com fome, e não vamos precisar dessa comida mais tarde.

Estava muito cansado e com fome, e aceitei o oferecimento dele. Achei que seria uma boa ocasião para falar sobre o objetivo de nossa viagem, e perguntei, com naturalidade:

— Acha que nos vamos demorar aqui?

— Estamos aqui para colher um pouco de Mescalito. Vamos ficar até amanhã.

— Onde está Mescalito?

— Em volta de nós.

Cactos de muitas espécies cresciam em profusão em toda a região, mas eu não conseguia distinguir o peiote entre eles.

Recomeçamos a andar e, às três horas, chegamos a um vale comprido e estreito com morros íngremes dos lados. Sentia-me estranhamente excitado com a idéia de encontrar o peiote, que eu nunca vira em seu ambiente natural. Entramos no vale e devemos ter caminhado uns 120 metros, quando, de repente, vi três plantas que deviam ser, por certo, peiote. Estavam num feixe, poucos centímetros acima do solo, em frente a mim, à esquerda do caminho. Pareciam rosas verdes, redondas e polpudas. Corri para elas, mostrando-as a Dom Juan.

Ele não fez caso de mim e propositadamente manteve-se de costas quando se

afastou. Eu sabia que tinha cometido um erro, e o resto da tarde andamos em silêncio, movendo-nos devagar pelo solo chato do vale, que era coberto de pedrinhas aguçadas. Movíamo-nos no meio dos cactos, perturbando muitos lagartos e, de vez em quando, um pássaro solitário. E passei por montes de plantas de peiote sem dizer uma palavra.

Às seis horas, estávamos ao pé das montanhas que marcavam o fim do vale. Subimos para uma saliência. Dom Juan deixou cair a mochila e sentou-se.

Eu estava com fome outra vez, mas não tínhamos mais comida; sugeri que colhêssemos Mescalito e voltássemos à cidade. Pareceu ficar aborrecido e estalou os lábios. Disse que íamos passar a noite ali.

Ficamos sentados, calados. À esquerda, havia uma parede de rochedos e, à direita, estava o vale que acabávamos de atravessar. Este se estendia por alguma distância e parecia ser mais largo e não tão plano quanto eu pensava. Visto do lugar onde eu estava, era cheio de morrinhos e protuberâncias.

— Amanhã vamos começar a voltar — disse Dom Juan, sem olhar para mim, e apontando para o vale. — Vamos voltar e colhê-lo quando atravessarmos o campo. Isto é, só o apanharemos quando ele estiver no nosso caminho. Ele nos encontrará, e não vice-versa. Ele nos encontrará... se quiser.

Dom Juan descansou as costas na parede de pedra e, com a cabeça virada de lado, continuou a falar como se ali houvesse mais alguém, além de mim.

— Mais uma coisa. Só eu posso colhê-lo. Você talvez carregue o saco, ou ande adiante de mim... ainda não sei. Mas amanhã você não vai apontar para ele como fez hoje!

— Desculpe-Dom Juan.

— Não tem importância. Você não sabia.

— Seu benfeitor lhe ensinou tudo isso a respeito de Mescalito?

— Não! Ninguém me ensinou sobre ele. O próprio protetor foi meu mestre.

— Então Mescalito é como uma pessoa, com quem se pode falar?

— Não é, não.

— Então como é que ele ensina?

Ele ficou calado por um instante. Depois, disse:

— Lembra-se da vez que você brincou com ele? Você entendia o que ele queria dizer, não?

— Entendia! — É assim que ele ensina. Não sabia na ocasião, mas se lhe tivesse prestado atenção, ele lhe teria falado.

— Quando?

— Quando você o viu pela primeira vez.

Dom Juan pareceu estar muito aborrecido com minhas perguntas. Disse-lhe que tinha de fazer todas essas perguntas porque queria descobrir tudo o que pudesse.

— Não pergunte a mim! — Sorriu com malícia. — Pergunte a ele. Da próxima vez que o vir, pergunte tudo o que quer saber.

— Então Mescalito é mesmo uma pessoa com quem se pode falar...

Ele não me deixou terminar. Virou-se de costas, pegou o cantil, desceu da saliência e desapareceu atrás do rochedo. Eu não queria ficar ali sozinho e, embora não me tivesse convidado para ir com ele, acompanhei-o. Andamos por uns 150 metros e chegamos a um riachinho. Lavou as mãos e o rosto e encheu o cantil. Bochechou com a água, mas não bebeu. Peguei água nas mãos em concha e bebi, mas ele me fez parar, dizendo que não era preciso beber.

Entregou-me o cantil e começou a voltar para a saliência. Quando chegamos lá, tornamos a nos sentar de frente para o vale, de costas para a parede de rocha. Perguntei se podíamos fazer uma fogueira. Dom Juan reagiu como se fosse inconcebível fazer uma pergunta daquelas. Disse que naquela noite éramos hóspedes de Mescalito e que ele nos aqueceria.

Já estava anoitecendo. Dom Juan tirou do saco duas mantas leves, de algodão, e jogou uma no meu colo; depois, sentou-se de pernas cruzadas com a outra sobre os ombros. Abaixo de nós o vale estava escuro, suas bordas já difusas na névoa da noite.

Dom Juan ficou sentado, imóvel, olhando para o campo de peiote. Um vento constante soprava em meu rosto.

— O crepúsculo é a fresta entre os mundos — disse ele baixinho, sem se virar para mim.

Não perguntei o que ele queria dizer com isso. Meus olhos estavam cansados. De repente, senti-me exaltado; senti uma vontade estranha e avassaladora de chorar!

Deitei-me de bruços; o chão de pedra era duro e incômodo e eu tinha de trocar de posição a cada instante. Por fim, sentei-me e cruzei as pernas, pondo a manta sobre os ombros. Para espanto meu, essa posição era extremamente cômoda, e eu adormeci.

Quando acordei, ouvi Dom Juan falando comigo. Estava muito escuro. Eu não o via muito bem. Não entendi o que ele dizia, mas acompanhei-o quando desceu da saliência. Andávamos com cuidado, ou pelo menos eu o fazia, por causa do escuro. Paramos na base do paredão de pedra. Dom Juan sentou-se e

me fez sinal para sentar-me à sua esquerda. Abriu a camisa e tirou um saco de couro, que abriu e colocou no chão diante de si. Continha uma porção de botões de peiote secos.

Depois de uma longa pausa, pegou um dos botões. Segurou-o em sua mão direita, esfregando-o várias vezes entre o polegar e o indicador, enquanto entoava alguma coisa baixinho. De repente, soltou um grito tremendo.

— Aiiii!

Foi fantástico e inesperado. Fiquei apavorado. Vagamente, vi que ele punha o botão de peiote na boca e começava a mastigá-lo. Depois de um momento, pegou o saco todo, inclinou-se para mim e me disse, num cochicho, para pegar o saco, escolher um Mescalito, tornar a pôr o saco defronte de nós e depois fazer exatamente o que ele fazia.

Peguei um botão de peiote e esfreguei-o como Dom Juan tinha feito. Enquanto isso, ele cantarolava, balançando-se para frente e para trás. Tentei pôr o botão em minha boca várias vezes, mas estava encabulado para gritar. Então, como que num sonho, um grito incrível partiu de mim: Ahiiii! Por um momento, pensei que fosse outra pessoa. Tornei a sentir os efeitos de um choque em meu estômago. Estava caindo de costas. Estava desmaiando. Pus o botão de peiote na boca e mastiguei-o. Depois de algum tempo, Dom Juan pegou outro do saco. Fiquei aliviado ao ver que ele o punha na boca depois de um breve canto. Passou-me o saco e eu tornei a colocá-lo diante de nós, depois de ter pegado um botão. Este ciclo se repetiu cinco vezes, antes de eu reparar que estava com sede. Peguei o cantil para beber, mas Dom Juan me disse que lavasse a boca, sem beber, senão eu podia vomitar.

Bochechei bem com a água. Num certo ponto, beber foi uma tentação tremenda, e engoli um pouco de água. Imediatamente, meu estômago começou a contorcer-se. Esperava ter um fluxo indolor e sem esforço de liquido na boca, como acontecera em minha primeira experiência com o peiote, mas, para surpresa minha, só tive a sensação normal do vômito. Mas não durou muito.

Dom Juan pegou outro botão e me entregou o saco, e o ciclo se renovou e repetiu até que eu tivesse mascado 14 botões. A essa altura, todas as minhas primeiras sensações de sede, frio e desconforto tinham desaparecido. Em seu lugar, senti uma sensação estranha de calor e excitação. Peguei o cantil para refrescar minha boca, mas ele estava vazio.

-Podemos ir ao riacho, Dom Juan?

O som de minha voz não se projetou para fora, mas chocou-se com o céu de minha boca, voltou a minha garganta e ficou ressonando entre os dois. O eco era

suave e musical e parecia ter asas, que batiam dentro de minha garganta. Aquele contato me aliviou. Acompanhei seus movimentos para diante e para trás até desaparecer. Repetia pergunta. Minha voz tinha o som como se eu estivesse falando dentro de uma tumba.

Dom Juan não respondeu. Levantei-me e virei-me na direção do riacho. Olhei para ver se ele vinha, mas Dom Juan parecia estar ouvindo alguma coisa com atenção.

Fez um gesto imperioso com a mão, indicando que eu ficasse quieto.

-Abutho! (?) já está aqui! -disse ele.

Nunca tinha ouvido aquela palavra e estava pensando se devia perguntar-lhe a respeito, quando percebi um barulho zunindo em meus ouvidos. O som foi ficando mais alto aos poucos, até tornar-se como a vibração causada por um imenso rugido de touro. Durou só um momento e foi-se apagando até que tudo ficou quieto de novo. A violência e a intensidade do ruído me aterraram. Tremia tanto que mal me sustentava em pé, e, no entanto, estava perfeitamente lúcido. Se tinha estado sonolento alguns minutos antes, essa sensação tinha desaparecido completamente, dando lugar a um estado de extrema lucidez. O barulho me fazia lembrar um filme de ficção científica em que uma abelha gigantesca movia as asas, ao sair de uma zona de radiação atômica. Ri da idéia. Vi Dom Juan voltando a sua posição relaxada. E de repente a imagem de uma abelha gigantesca tornou a ocorrer-me. Era mais real do que pensamentos normais. Estava sozinha, rodeada por uma claridade extraordinária. Tudo o mais foi expulso de minha mente. Esse estado de clareza mental, sem precedentes em minha vida, provocou outro momento de terror.

Comecei a transpirar. Inclinei-me para Dom Juan para dizer-lhe que estava com medo. O rosto dele estava a alguns centímetros do meu. Estava olhando para mim, mas os olhos dele eram olhos de abelha. Pareciam vidros redondos, com uma luz própria no escuro. Seus lábios estavam protuberantes e deles partia um barulho tamborilante: "Petuh-peh-tuhpet-tuh." Dei um salto para trás, quase batendo de encontro ao paredão de pedra. Por uns momentos aparentemente intermináveis senti um medo insuportável. Eu estava ofegante e gemendo. O suor tinha-se congelado em minha pele, dando-me uma rigidez desajeitada. Então, ouvia voz de Dom Juan dizendo:

— Levante-se! Mexa-se! Levante-se!

A imagem desapareceu e eu torneia ver seu rosto conhecido.

— Vou buscar um pouco de água — disse eu, depois de outro momento interminável. Minha voz parecia rachada. Mal podia articular as palavras. Dom

Juan meneou a cabeça concordando. Quando me afastei, percebi que meu medo tinha desaparecido tão depressa e misteriosamente como tinha vindo.

Quando me aproximei do riacho, reparei que via todos os objetos do caminho. Lembrei-me de que acabava de ver Dom Juan claramente, enquanto antes eu mal distinguia os contornos de seu vulto. Parei e olhei para longe, e até via do outro lado do vale. Umas pedras do outro lado tornaram-se perfeitamente visíveis. Achei que devia ser de manhã cedo, mas ocorreu-me que devia ter perdido noção do tempo. Olhei pesa o relógio. Eram dez para as doze! Verifiquei o relógio para ver se estava funcionando. Não poma ser meio-dia; tinha de ser meia-noite! Pretendia dar uma corrida até à água e voltar às pedras, mas vi Dom Juan descendo e esperei por ele. Disse-lhe que estava enxergando no escuro.

Ele fitou-me por muito tempo, sem dizer nada; se falou, talvez eu não o tenha ouvido, pois estava-me concentrando na minha nova e rara faculdade de ver no escuro. Distinguia as pedrinhas diminutas na areia. Em certos momentos, as coisas todas estavam tão claras que parecia que era de manhã cedo. Em seguida, escurecia; depois, ficava claro de novo. Logo percebi que a claridade correspondia à diástole de meu coração, e a escuridão, à sua sístole. O mundo mudava do claro para o escuro e para o claro de novo com cada batida de meu coração.

Estava absorto nessa descoberta, quando o mesmo som estranho que eu já tinha ouvido se fez ouvir de novo. Meus músculos enrijeceram.

— Anuhctal (foi como entendi a palavra dessa vez) está aqui — disse dom Juan. Imaginei o rugido tão trovejante, tão avassalador, que nada mais importava. Depois que passou, percebi um súbito aumento no volume da água. O riacho, que um minuto antes era de menos de 30 centímetros de largura, expandiu-se até tornar-se um lago imenso. Uma luz que parecia vir de cima dele tocava a superfície, como se brilhasse através de uma folhagem espessa. De vez em quando a água brilhava por um segundo, dourada e negra. Depois ficava escura, sem luz, quase desaparecendo de vista, e no entanto estranhamente presente.

Não me lembro por quanto tempo fiquei ali só olhando, agachado na margem do lago negro. Enquanto isso, o rugido deve ter passado, pois o que me, levou de volta (à realidade?) foi novamente um zunido tremendo. Virei-me para procurar Dom Juan. Eu o vi subindo na saliência da pedra e desaparecendo atrás dela. No entanto, a sensação de estar sozinho não me aborrecia em absoluto; fiquei ali agachado num estado de completa confiança e abandono. O rugido se fez ouvir outra vez; era muito intenso, como o ruído provocado por um vento forte. Escutando com a maior atenção, consegui distinguir uma melodia definida. Era

uma miscelânea de sons agudos, como vozes humanas, acompanhada de um bombo profundo. Focalizei toda minha atenção na melodia, e tornei a reparar que a sístole e a diástole de meu coração coincidiam com o som do bombo e com a música.

Levantei-me, e a melodia parou. Procurei ouvir a batida de meu coração, mas não consegui. Tornei a agachar-me, pensando que talvez a posição de meu corpo tivesse provocado os sons! Mas nada aconteceu! Nem um som! Nem mesmo 0 meu coração! Achei que bastava, mas quando me ia levantando para sair dali, senti a terra tremer. A terra debaixo de meus pés estava sacudindo. Eu estava perdendo o equilíbrio. Caí para trás e fiquei deitado de costas, enquanto a terra tremia violentamente. Tentei segurar uma pedra ou uma planta, mas alguma coisa deslizava por baixo de mim. Levantei-me de um salto, fiquei de pé por um momento, e depois tornei a cair. A terra em que eu estava sentado estava-se movendo, deslizando para dentro da água como uma jangada. Fiquei imóvel, paralisado por um terror que era, como tudo o mais, único, ininterrupto e absoluto.

Movia-me pela água do lado negro empoleirado num torrão de terra que parecia uma tora. Tinha a impressão de estar indo para o sul, transportado pela corrente. Via a água se movendo e girando em volta. Estava fria, e estranhamente pesada ao tato. Imaginei que estivesse viva.

Não havia margens ou marcos visíveis e não me lembro dos pensamentos nem das sensações que devo ter tido durante essa viagem. Depois do que me pareceram horas de viajar, minha jangada deu uma guinada para a esquerda, para leste. Continuou a viajar na água por um trecho curto e inesperadamente bateu de encontro a alguma coisa. O impacto me atirou para frente. Fechei os olhos e senti uma dor aguda quando meus joelhos e braços esticados bateram na terra. Depois de um momento, olhei para cima. Estava deitado no chão. Era como se meu toro de terra se tivesse fundido com o pó. Sentei-me e olhei em volta. A água estava recuando! Movia-se para trás, como uma onda recuando, até desaparecer.

Fiquei ali sentado muito tempo, procurando compor as idéias e juntar tudo o que acontecera numa unidade coerente. Estava com o corpo todo dolorido. Minha garganta parecia uma chaga aberta; eu tinha mordido os lábios quando "aterrei". Levantei-me. O vento me fez perceber que estava com frio. Minhas roupas estavam molhadas. As mãos, queixo e joelhos tremiam tão violentamente que tive de me deitar de novo. Gotas de transpiração caíam em meus olhos e os faziam arder, até eu gritar de dor.

Depois de algum tempo, recuperei um pouco de estabilidade e levantei-me.

No luscofusco, a cena era muito clara. Dei alguns passos. Ouvi um som nítido de muitas vozes humanas. Pareciam estar falando alto. Acompanhei o som; andei uns 50 metros e parei de repente. Tinha chegado a um beco sem saída. O lugar em que eu estava era um curral formado por rochas imensas. Distinguia outra fileira delas, depois outra e mais outra, até se fundirem na montanha. Do meio delas vinha a música mais suave. Era um fluxo fluido, ininterrupto e misterioso de sons.

Ao pé de um dos rochedos, vi um homem sentado no chão, o rosto virado quase de perfil. Aproximei-me dele até estar a uns três metros de distância; ele virou a cabeça e olhou para mim. Parei. . . seus olhos eram a água que eu acabava de ver! Tinham o mesmo volume enorme, o brilho de ouro e negro. A cabeça dele era pontuda como um morango; sua pele era verde, cheia de muitas verrugas. A não ser a forma pontuda, a cabeça dele era exatamente igual à superfície da planta de peiote. Fiquei defronte dele, olhando; não conseguia afastar os olhos dele. Senti que ele estava propositadamente empurrando meu peito com o peso de seus olhos. Eu estava sufocando. Perdi o equilíbrio e caí no chão. Desviou o olhar. Ouvi que falava comigo. A princípio, a voz dele era como 0 farfalhar de uma brisa suave. Depois a ouvi como uma música ─ uma melodia de vozes ─ e "sabia" que estava dizendo: “O que quer?"

Ajoelhei-me diante dele e falei sobre a minha vida e depois chorei. Tornou a olhar para mim. Senti que seus olhos me puxavam e pensei que aquele momento seria o momento de minha morte. Fez-me sinal para me aproximar. Vacilei por um momento antes de me adiantar um passo. Quando me aproximei, desviou os olhos de mim e mostrou-me as costas da mão. A melodia dizia: "Olhe!" Havia um furo redondo no meio da mão dele. "Olhe!", tornou a dizer a melodia. Olhei através do buraco e vi minha própria imagem. Eu estava muito velho e fraco e estava correndo encurvado, com faíscas brilhantes voando em volta de mim. Então, três das fagulhas me atingiram, duas na cabeça e uma no ombro esquerdo. A figura, no buraco, ergueu-se por um momento, até estar inteiramente vertical, e depois desapareceu com o buraco.

Mescalito voltou novamente seus olhos para mim. Estavam tão perto de mim que eu os "ouvi" ribombar baixinho com aquele ruído especial que eu já ouvira tantas vezes naquela noite. Foram-se aquietando aos poucos, até se tornarem como uma lagoa tranquila, arrepiada por brilhos dourados e negros.

Desviou o olhar de novo e saltou como um grilo por uns 50 metros. Pulou várias vezes e depois desapareceu.

Quando dei por mim de novo, comecei a andar. Muito racionalmente, procurei reconhecer certos pontos, como as montanhas à distância, a fim de me

orientar. Em toda a experiência, eu tinha estado obcecado com os pontos cardiais, e acreditava que o norte tinha de estar à minha esquerda. Caminhei naquela direção por algum tempo, antes de compreender que era dia, e que eu não estava mais usando minha "visão noturna". Lembrei-me de que tinha um relógio e olhei as horas. Marcava oito horas.

Eram quase dez horas quando cheguei à saliência onde tinha estado na noite anterior. Dom Juan estava deitado no chão, dormindo.

— Onde você esteve? — perguntou ele.

Sentei-me para tomar fôlego. Depois de um longo silêncio, ele perguntou: — Você o viu?

Comecei a lhe contar a sequência de minhas experiências desde o princípio, mas ele me interrompeu, dizendo que só 0 que interessava era se eu o havia visto ou não. Perguntou- me a que distância Mescalito tinha estado de mim. Disse-lhe que quase o havia tocado.

Essa parte de minha história interessou-lhe. Escutou atentamente todos os detalhes sem comentários, interrompendo somente para fazer perguntas a respeito da forma do ser que eu tinha visto, sua disposição e outros detalhes. Era mais ou menos meio-dia quando Dom Juan pareceu estar satisfeito com minha história. Levantou-se e prendeu um saco de lona em meu peito, disse-me que andasse atrás dele e que ia soltar Mescalito e que eu tinha de recebe-lo em minhas mãos e colocá-lo no saco com delicadeza.

Bebemos um pouco de água e começamos a caminhar. Quando chegamos à borda do vale, ele pareceu hesitar um momento, antes de decidir qual a direção a tomar. Quando resolveu, começamos a andar em linha reta.

Cada vez que chegávamos a uma planta de peiote, agachava-se defronte dela e com muito cuidado cortava a ponta com sua faquinha serrilhada. Fazia uma incisão paralela ao solo e polvilhava a "ferida", conforme ele a chamava, com um pó de enxofre puro que trazia num saquinho de couro. Segurava o botão novo em sua mão esquerda e espalhava o pó com a direita. Depois se levantava e me entregava o botão, que eu recebia com ambas as mãos, conforme ele ensinara, e colocava no saco.

— Fique reto e não deixe o saco encostar no chão nem nos arbustos nem em nada repetia ele, como se achasse que eu ia esquecer.

Colhemos 65 botões. Quando o saco estava completamente cheio, colocou-o em minhas costas e prendeu um novo em meu peito. Quando atravessamos o planalto, já tínhamos dois sacos cheios, contendo 110 botões de peiote. Os sacos eram tão pesados e volumosos que eu mal podia andar com aquele peso e

volume.

Dom Juan me cochichou que os sacos estavam pesados porque Mescalito queria voltar à terra. Disse que era a tristeza de deixar sua morada que fazia Mescalito pesar; meu verdadeiro trabalho era não deixar que os sacos tocassem no chão, pois, se isso acontecesse, Mescalito nunca permitiria que eu tornasse a pegá-lo.

Num dado momento, a pressão das tiras em meus ombros tornou-se insuportável. Alguma força estava exercendo uma pressão tremenda para me puxar para baixo. Eu estava muito apreensivo, e reparei que tinha começado a andar mais depressa, quase correndo; de certo modo, estava trotando atrás de Dom Juan.

De repente, o peso em minhas costas e meu peito diminuiu. O fardo tornou-se leve. Corri livremente para alcançar Dom Juan, que estava a minha frente. Disse-lhe que não estava mais sentindo o peso. Ele explicou que já tínhamos saído da morada de Mescalito.

Terça-feira, 3 de julho de 1962

— Acho que Mescalito já quase o aceitou — disse Dom Juan.

— Por que diz que ele quase me aceitou, Dom Juan?

— Ele não o matou, nem lhe fez mal. Deu-lhe um bom susto, mas não foi sério. Se ele não o tivesse aceito de todo, ter-lhe-ia aparecido como monstruoso e cheio de raiva. Algumas pessoas aprenderam o significado do horror, quando o encontraram e não foram aceitos por ele.

— Se ele é tão terrível, por que não me contou a respeito antes de me levar ao campo?

— Você não tem coragem para procurá-lo propositadamente, Achei melhor você não saber.

— Mas eu podia ter morrido, Dom Juan!

— Sim, podia. Mas eu tinha certeza de que tudo se iria bem com você. Ele brincou com você uma vez. Não lhe fez mal. Achei que também desta vez teria compaixão de você.

Perguntei-lhe se achava realmente que Mescalito tivera compaixão de mim. A experiência fora aterradora; parecia-me que eu quase morrera de susto.

Ele disse que Mescalito tinha sido muito bom comigo; mostrara-me uma cena que era uma resposta a uma pergunta. Juan disse que Mescalito me dera uma lição. Perguntei-lhe qual a lição e o que significava. Respondeu que seria impossível responder àquela pergunta porque eu estava com medo para saber

exatamente o que perguntara a Mescalito.

Dom Juan perscrutou minha memória sobre o que eu dissera a Mescalito antes de ele me mostrar a cena em sua mão. Mas eu não conseguia lembrar-me. Só me lembrava de ter caído de joelhos e "confessado meus pecados" a ele.

Dom Juan não pareceu interessado em continuar a falar respeito. Perguntei-lhe:

— Pode ensinar-me a letra das cantigas que cantou?

— Não posso, não. Aquelas palavras são minhas, palavras que o próprio protetor me ensinou. As canções são minhas canções. Não lhe posso dizer o que são.

— Por que não pode dizer-me, Dom Juan?

— Porque essas canções são um elo entre o protetor e eu. Estou certo de que um dia ele lhe ensinará suas próprias canções. Espere até então; e nunca, mas nunca mesmo, copie ou faço perguntas sobre canções que pertencem a outro.

— Qual foi o nome que você falou? Pode dizer-me isso, Dom Juan?

— Não. O nome dele nunca pode ser dito, a não ser para chamá-lo.

— E se eu o quiser chamar, eu mesmo?

— Se algum dia ele o aceitar, ele lhe dirá seu nome. Esse nome será só para você usar, ou para chamá-lo em voz alta ou para murmurar baixinho para si. Talvez lhe diga que o nome dele é José. Quem sabe?

— Por que é errado usar o nome dele quando se fala dele?

— Você já viu os olhos dele, não viu? Não se pode brincar com um protetor. E por isso que não me consigo habituar com a idéia de que ele quis brincar com você!

— -Como é que ele pode ser protetor se faz mal a algumas pessoas?

— A resposta é muito simples. Mescalito é um protetor porque ele está à disposição de todos os que o procuram.

— Mas não é verdade que tudo no mundo está à disposição de todos que o procuram?

— Não, isso não é verdade. Os poderes aliados só estão disponíveis para os brujos, mas qualquer pessoa pode ter parte de Mescalito.

— Mas então por que ele faz mal a algumas pessoas?

— Nem todos gostam de Mescalito; no entanto, todos o procuram com o intuito de se aproveitarem, sem qualquer trabalho. Naturalmente, o encontro dessas pessoas com ele é sempre horripilante.

— O que acontece quando ele aceita uma pessoa completamente?

— Ele aparece a essa pessoa como um homem, ou como uma luz. Quando uma pessoa consegue esse tipo de aceitação, Mescalito é constante. Depois disso, ele nunca muda. Talvez quando você q encontrar de novo ele seja uma luz, e algum dia ele poderá até levá-lo para voar e lhe revelar todos os seus segredos.

— O que devo fazer para chegar a esse ponto, Dom Juan?

— Tem de ser um homem forte, e sua vida tem de ser verdadeira.

— O que é uma vida verdadeira?

— Uma vida vivida com propósito, uma vida forte e boa.

5

Dom Juan indagava periodicamente, com naturalidade, a respeito do estado de minha planta Datura. No ano que se passou desde que eu plantei de novo a raiz, a planta, cresceu e se tornou um arbusto grande. Tinha sementeado e as sementes tinham secado. E Dom Juan achou que estava na hora de eu aprender mais a respeito da erva-do-diabo.

Domingo, 27 de janeiro de 1963

Hoje Dom Juan deu-me a informação preliminar sobre a “segunda porção" da raiz de Datura, o segundo passo para aprender a tradição. Ele disse que a segunda porção da raiz o verdadeiro princípio da aprendizagem; comparada com a primeira porção era brincadeira de criança. A segunda porção tinha de ser dominada; tinha de ser absorvida pelo menos 20 vezes, disse ele, antes de se poder passar ao terceiro passo.

— O que faz a segunda porção? — perguntei.

— A segunda porção da erva-do-diabo é usada para ver. Com ela, o homem pode flutuar pelo ar para ver o que se passa qualquer lugar que ele queira.

— O homem pode mesmo voar pelo ar, Dom Juan?

— Por que não? Como já lhe disse, a erva-do-diabo é para aqueles que buscam o poder.

O homem que domina a segunda porção pode usar a erva-do-diabo para fazer coisas inimagináveis, para conquistar mais poder.

— Que tipo de coisas, Dom Juan?

— Não lhe posso dizer. Cada homem é diferente.

Segunda-feira, 28 de janeiro de 1963

— Se você completar o segundo passo com êxito, só poderei mostrar-lhe mais um passo — disse Dom Juan. — Durante a aprendizagem sobre a erva-do-diabo, compreendi que ela não servia para mim, e não continuei mais no seu caminho.

— O que o levou á se decidir assim, Dom Juan?

— A erva-do-diabo quase me matava cada vez que eu tentava usá-la. Uma vez foi tão ruim que eu pensei que estava liquidado. No entanto, eu podia ter evitado todo esse sofrimento.

— Como? Há um meio especial de se evitar o sofrimento?

— Sim, há um Meio.

— É uma fórmula, um processo, ou o quê?

— É um modo de se agarrar as coisas. Por exemplo, quando eu estava aprendendo a respeito da erva-do-diabo, era por demais ansioso. Agarrava as coisas assim como as crianças agarram bala. A erva-do-diabo é apenas um entre um milhão de caminhos. Tudo é um entre um milhão de caminhos (un comino entre cantidades de caminos). Portanto, você deve sempre manter em mente que um caminho não é mais do que um caminho; se achar que não deve segui-lo, não deve permanecer nele, sob nenhuma circunstância. Para ter uma clareza dessas, é preciso levar uma vida disciplinada. Só então você saberá que qualquer caminho não passa de um caminho, e não há afronta, para si nem para os outros, em largá-lo se é isso o que seu coração lhe manda fazer. Mas sua decisão de continuar no caminho ou largá-lo deve ser isenta de medo e de ambição. Eu lhe aviso. Olhe bem para cada caminho, e com propósito. Experimente-o tantas vezes quanto achar necessário. Depois, pergunte-se, e só a si, uma coisa. Essa pergunta é uma que só os muito velhos fazem. Meu benfeitor certa vez me contou a respeito, quando eu era jovem, e meu sangue era forte demais para poder entendê-la. Agora eu a entendo. Dir-lhe-ei qual é: esse caminho tem coração? Todos os caminhos são os mesmos: não conduzem a lugar algum. São caminhos que atravessam o mato, ou que entram no mato.

Em minha vida posso dizer que já passei por caminhos compridos, mas não estou em lugar algum. A pergunta de meu benfeitor agora tem um significado. Esse caminho tem um coração? Se tiver, o caminho é bom; se não tiver, não presta. Ambos os caminhos não conduzem a parte alguma; mas um tem coração e o outro não. Um torna a viagem alegre; enquanto você o seguir, será um com ele. O outro o fará maldizer sua vida. Um o torna forte; o outro o enfraquece.

Domingo, 21 de abril de 1963

Na tarde de terça-feira, 16 de abril, Dom Juan e eu fomos pata os morros onde estão suas plantas de Datura. Pediu-me que o deixasse sozinho lá, e que o esperasse no carro. Voltou quase três horas depois, carregando um embrulho envolto num pano vermelho. Quando começamos a voltar para casa, ele mostrou o embrulho e disse que era seu último presente para mim.

Perguntei se ele queria dizer que não ia mais me ensinar. Explicou que se referia ao fato de eu ter uma planta completamente madura e não precisar mais das plantas dele.

No fim da tarde, nós nos sentamos no seu quarto; ele pegou um almofariz e pilão muito bem acabados. O almofariz tinha uns, 15 centímetros de diâmetro. Ele desfez um embrulho grande, cheio de pacotinhos, escolheu dois e colocou-os numa esteira a meu lado; depois, juntou mais quatro pacotinhos do mesmo

tamanho do embrulho que ele tinha trazido para casa. Disse que eram sementes, e que eu teria de moê-las fiara fazer um pó fino. Abriu o primeiro pacote e pôs parte do conteúdo no almofariz. As sementes eram secas, redondas e de uma cor de caramelo amarelado.

Comecei a trabalhar com o pilão; depois de certo tempo, ele me corrigiu. Disse que eu primeiro empurrasse o pilão de encontro a um dos lados do almofariz e depois o passasse pelo indo, subindo pelo outro lado. Perguntei o que ele ia fazer com o pó. Ele não quis falar a respeito.

A primeira batelada de sementes era extremamente dura de moer. Levei quatro horas para terminar. Minhas costas me doíam devido à posição em que me sentei. Deitei-me e queria dormir ali mesmo, mas Dom Juan abriu o segundo pacotinho e despejou parte do conteúdo dentro do almofariz. Dessa vez, as sementes eram um pouco mais escuras do que as primeiras, e estavam aglomeradas. O resto do conteúdo do pacote era uma espécie de pó, feito de grânulos pequeninos, redondos e escuros.

Eu queria comer alguma coisa, mas Dom Juan disse que, se eu quisesse aprender, tinha de seguir as regras, e estas diziam que eu só podia beber um pouquinho de água enquanto estivesse aprendendo os segredos da segunda porção.

O terceiro saquinho continha um punhado de gorgulhos vivos, pretos. E no último pacote havia sementes frescas e brancas, quase pastosas de tão macias, mas fibrosas e difíceis de moer numa pasta fina, como ele esperava que eu fizesse. Depois que acabei de moer o conteúdo dos quatro pacotes, Dom Juan mediu duas xícaras de uma água esverdeada, despejou-a numa panela de barro e a pôs no fogo. Quando a água ferveu, despejou a primeira batelada de sementes trituradas. Mexeu a mistura com um pedaço de madeira ou de osso longo e pontudo, que tinha na bolsa de couro. Assim que a água tornou a ferver, despejou as outras substâncias uma por uma, seguindo o mesmo processo. Depois, juntou mais uma xícara da mesma água e deixou a mistura ferver no fogo brando.

Então, disse-me que estava na hora de amassar a raiz. Com cuidado, extraiu um pedaço comprido da raiz de Datura do embrulho que tinha levado para casa. A raiz tinha uns 40 centímetros de comprimento. Era grossa, tendo talvez uns três centímetros de diâmetro. Falou que era a segunda porção, e novamente mediu a segunda porção ele mesmo, pois ainda era a raiz dele. Disse que da próxima vez que eu experimentasse a erva-do-diabo teria de medir minha própria raiz.

Empurrou-me o grande almofariz e eu passei a moer a raiz exatamente da

mesma maneira como ele tinha moído a primeira porção. Dirigiu-me nos mesmos passos e mais uma vez deixamos a raiz amassada de molho na água, exposta ao sereno. A essa altura, a mistura fervente tinha-se solidificado na panela de barro. Dom Juan tirou a panela do fogo, colocou-a dentro de uma sacola de linha e pendurou-a numa viga no meio do quarto.

Por volta das oito horas da manhã, no dia 17 de abril, Dom Juan e eu começamos a lixiviar o extrato da raiz com água. Era um dia límpido, ensolarado, e Dom Juan interpretou o bom tempo como um augúrio de que a erva-do-diabo gostava de mim; disse que quando eu estava presente, ele só podia lembrar-se de como ela tinha sido malvada com ele.

O processo que usamos na lixívia do extrato de raiz foi p mesmo que eu tinha observado na primeira porção. No fim da tarde, depois de despejar a água de cima pela oitava vez, havia uma colherada de uma substância amarelada no fundo da panela.

Voltamos ao quarto dele, onde ainda havia dois saquinhos, que ele ainda não tinha tocado. Abriu um deles, meteu a mão Ah e amassou a ponta aberta em volta do pulso, com a outra mão. Parecia estar segurando alguma coisa, a julgar pelo modo como sua mão se mexia dentro do saco. De repente, com um gesto brusco, tirou o saco da mão como quem descalça uma ao virando-o do avesso, e empurrou a mão para junto do meu rosto. Estava segurando um lagarto. A cabeça do bicho estava a poucos centímetros de meus olhos. Havia alguma coisa estranha na boca do lagarto. Fiquei um momento olhando para ela, e depois recuei involuntariamente. A boca do ficho estava cozida com pontos grosseiros. Dom Juan mandou que eu segurasse o lagarto com minha mão esquerda. Agarrei-o e ele se contorceu na minha palma. Eu estava enjoado. Minhas mãos estavam molhadas de suor.

Dom Juan pegou o último saquinho e, repetindo os mesmos gestos, tirou outro lagarto. Também o segurou junto do meu rosto. Vi que seus olhos estavam cozidos. Mandou que eu segurasse esse lagarto na minha mão direita.

Quando peguei os dois lagartos nas duas mãos, eu já estava quase vomitando. Sentia um desejo imenso de largá-los o sair dali.

— Não os aperte! — disse ele, e sua voz me devolveu sentido de alívio e de direção. Perguntou-me o que é que havia comigo. Tentou ficar sério, mas não conseguiu e desatou a rir. Tentei afrouxar os dedos, mas minhas mãos estavam transpirando tanto que os lagartos começaram a se contorcer tentado sair delas. Suas garrinhas afiadas arranhavam minhas mãos, provocando uma sensação incrível de nojo e náusea. Fechei os olhos e trinquei os dentes. Um dos lagartos já estava escorregando para meu pulso; bastava livrar a cabeça de entre meus

dedos para libertar-se. Tive uma sensação esquisita de desespero físico e um supremo desconforto. Rosnei para Dom Juan, entre os dentes, para me livrar das malditas coisas. Minha cabeça sacudia, involuntariamente. Ele olhou para mim, curioso. Eu rosnava como um urso, sacudindo o corpo. Pôs os lagartos em seus saquinhos e começou a rir. Eu também queria rir, mas estava com o estômago virado. Deitei-me.

Expliquei-lhe que o que me afetara era a sensação das garras deles nas minhas palmas; ele disse que havia muitas coisas que podiam enlouquecer uma pessoa, especialmente se ela não tivesse a resolução e o propósito necessários para aprender; mas que quando um homem tinha um espírito claro e inflexível, os sentimentos não eram em absoluto um obstáculo, pois ele era capaz de controlá-los.

Dom Juan esperou um pouco, e depois, com os mesmos gestos, tornou a entregar-me os lagartos. Disse-me que segurasse as cabeças deles para cima e os esfregasse de leve contra minhas têmporas enquanto lhes perguntava qualquer coisa que quisesse saber.

A princípio, não entendi o que ele queria que eu fizesse. Tornou a dizer-me que perguntasse aos lagartos a respeito de qualquer coisa que eu não pudesse descobrir sozinho. Deu-me uma série de exemplos: podia saber a respeito de pessoas que eu não via habitualmente, ou sobre objetos perdidos, ou lugares que eu não tinha visto. Então, percebi que ele estava falando a respeito de adivinhação. Fiquei muito entusiasmado. Meu coração começou a bater com força. Senti que estava perdendo o fôlego.

Advertiu-me de que não fizesse perguntas pessoais, da primeira vez; disse que eu devia pensar em alguma coisa que não tivesse nenhuma relação comigo. Eu tinha de pensar depressa e com clareza, pois não haveria jeito de inverter meus pensamentos.

Tentei desesperadamente pensar em alguma coisa que eu quisesse saber. Dom Juan me incitava imperiosamente, e fiquei espantado ao ver que não havia nada que eu quisesse "perguntar" aos lagartos.

Depois de uma espera dolorosamente longa, pensei numa coisa. Algum tempo atrás, um número grande de livros tinha sido roubado de uma sala de leitura. Não era um assunto pessoal, e no entanto eu estava interessado naquilo. Não tinha idéias preconcebidas sobre a identidade da pessoa ou pessoas que tinham tirado os livros. Esfreguei os lagartos de encontro às têmporas, perguntando-lhes quem era o ladrão.

Depois de algum tempo, Dom Juan colocou os lagartos dentro de seus sacos e

disse que não havia grandes segredos quanto à raiz e à pasta. A pasta era feita para dar a direção; a raiz tornava as coisas claras. Mas o verdadeiro mistério eram os lagartos. Eram o segredo de todo o feitiço da segunda porção, disse ele. Perguntei se era algum tipo especial de lagartos. Respondeu que eram. Tinham de vir da região da planta da pessoa; tinham de ser amigos da gente. E para se ter lagartos como amigos, disse ele, era preciso um longo período de preparação. Era preciso desenvolver uma sólida amizade com eles, dando-lhes comida e dizendo-lhes palavras amáveis.

Perguntei por que a amizade deles era tão importante. Ele disse que os lagartos só se deixavam apanhar se conhecessem o homem, e quem quer que levasse a sério a erva-do-diabo tinha de tratar os lagartos com seriedade. Disse que, em geral, os lagartos deviam ser apanhados depois que a pasta e a raiz fossem preparadas. Deviam ser apanhados no fim da tarde. Se a pessoa não fosse íntima dos lagartos, disse ele, podia-se passar dias e dias tentando capturá-los, sem o conseguir; e a pasta só dura um dia. Então, deu-me uma longa série de instruções a respeito do processo a seguir depois de unhados os lagartos.

-Uma vez apanhados os bichos, ponha-os em sacos separados. Depois, pegue o primeiro e fale com ele. Peça desculpas por machucá-lo e peça que o ajude. E com uma agulha de madeira, costure-lhe a boca. Use fibras de agave e um espinho de choya para costurar. Aperte bem os pontos. Em seguida, diga as mesmas coisas ao outro lagarto e costure-lhe as pálpebras. Quando a noite começar a cair, você estará pronto. Pegue o lagarto com a boca costurada e explique-lhe o assunto que você quer saber. Peça que ele vá ver por você; diga-lhe que teve de lhe costurar a boca para ele voltar depressa para você, sem falar com mais ninguém. Deixe que ele ande pela pasta, depois de a ter esfregado na cabeça dele; depois, ponha-o no chão. Se ele for na direção de sua boa forte, o feitiço terá êxito e será fácil. Se for na direção oposta, não terá sucesso. Se o lagarto se dirigir para você (sul), pode gerar mais do que uma boa sorte comum; mas se ele se dirigir para longe de você (norte), o feitiço será muito difícil. Você poderá até morrer! Por isso, se ele se afastar de você, será um bom momento para desistir. Nesse ponto, você pode tear a decisão de desistir. Se o fizer, perderá sua faculdade de comandar os lagartos, mas isso é melhor do que perder a lida. Por outro lado, pode resolver continuar o feitiço, a despeito de minha advertência. Se o fizer, o passo seguinte é pegar o outro lagarto e dizer-lhe que escute a história do irmão depois a descreva a você.

— Mas como é que o lagarto de boca costurada pode dizer-me o que vê? A boca dele não foi fechada para evitar que ele fale?

— Costurara boca do bicho impede que ele conte a história para estranhos.

Diz-se que os lagartos são tagarelas, que param para falar em toda parte. De qualquer forma, o passo seguinte é besuntar pasta na cabeça do bicho, e depois esfregar a cabeça dele na sua têmpora direita, conservando a pasta longe do centro de sua testa. No princípio de sua aprendizagem será uma boa idéia prender o lagarto a seu ombro direito com um cordão. Então, você não o perderá nem lhe fará mal. Mas, à medida que você for progredindo e se familiarizar com o poder da erva-do-diabo, os lagartos vão aprendendo a obedecer às suas ordens e ficarão empoleirados em seu ombro. Depois de espalhar a pasta em sua têmpora direita com o lagarto, mergulhe os dedos das duas mãos na papa; primeiro esfregue-a nas duas têmporas e depois espalhe-a nos dois lados de sua cabeça. A pasta seca muito depressa, e pode ser aplicada tantas vezes quantas for necessário. Comece todas as vezes usando primeiro a cabeça do lagarto e depois seus dedos. Mais cedo ou mais tarde o lagarto que foi ver volta e conta ao irmão a respeito da viagem, e o lagarto cego a descreve corso se você fosse da espécie deles. Quando o feitiço terminar, você põe o lagarto no chão e o deixa partir, mas não espia onda ele vai. Cave um buraco fundo com as suas mãos e enterre nele tudo o que usou.

Por volta das seis da tarde, Dom Juan raspou o extrato de raiz da panela para cima de uma pedra chata; havia menos de uma colher de chá de uma goma amarelada. Pôs a metade numa xícara e juntou um pouco de água amarelada. Girou a xícara na mão, para dissolver a substância. Depois, deu-me a xícara e disse-me que bebesse a mistura. Não tinha gosto, mas deixou um sabor meio amargo em minha boca. A água estava quente demais, e isso me aborreceu. Meu coração começou a disparar, mas logo me acalmei.

Dom Juan pegou a outra vasilha com a pasta. Esta parecia sólida e tinha uma superfície lustrosa. Tentei meter o dedo na crosta, mas Dom Juan deu um salto para mim e empurrou minha mão para longe da vasilha. Ficou muito aborrecido; disse que era muita tolice de minha parte fazer aquilo, e que se eu realmente quisesse aprender não devia ser descuidado. Aquilo era o poder, disse ele, apontando para a pasta, e ninguém sabia dizer ao certo que tipo de poder era realmente. Já era bem ruim termos de mexer com aquilo para nossos próprios fins -coisa que não podemos deixar de fazer porque somos homens, disse ele - mas pelo menos podíamos tratá-lo com o devido respeito. A mistura assemelhava-se à aveia. Parece que tinha suficiente amido para lhe dar aquela consistência. Pediu-me para pegar os sacos com os lagartos. Segurou o lagarto com a boca costurada e com cuidado entregou-o a mim. Fez-me pegá-lo com a mão esquerda e disse que eu pegasse um pouco da pasta com o dedo e a esfregasse na cabeça do lagarto e depois pusesse o lagarto na panela e o

segurasse ali até a pasta cobrir todo o corpo dele.

Em seguida, disse para eu tirar o lagarto da panela. Pegou esta e me levou a um local cheio de pedras, não muito longe da sua casa. Apontou para uma pedra grande e me disse para sentar diante dela, como se fosse minha planta de Datura e, segurando o lagarto diante de meu rosto, que eu lhe explicasse de novo o que queria saber, e pedir-lhe que fosse descobrir a resposta para mim. Aconselhou-me que dissesse ao lagarto que eu sentia muito ter de lhe causar algum desconforto, prometendo-lhe que seria bondoso para com todos os lagartos, em compensação. Depois, disse que eu o segurasse entre o terceiro e quarto dedos de minha mão esquerda, onde ele uma vez tinha feito um corte, e que eu dançasse e volta da pedra fazendo exatamente o que fizera quando tinha replantado a raiz da erva-do-diabo; perguntou-me se eu me lembrava de tudo o que tinha feito naquela ocasião. Respondi que sim. Frisou que tudo tinha de ser igualzinho, e que, se eu não me lembrasse, tinha de esperar até que tudo ficasse claro em minha cabeça. Avisou-me com veemência que, se eu agisse muito depressa, sem deliberação, eu me machucaria. Sua última instrução foi no sentido de que eu colocasse o lagarto de boca costurada no chão e olhasse para ver onde ele ia, para poder verificar o resultado da experiência. Disse que eu não devia desviar os olhos do lagarto, nem por um instante, pois era um truque comum dos lagartos distraírem a gente e depois fugirem. Ainda não estava completamente escuro. Dom Juan olhou para o céu.

— Vou deixá-lo sozinho — disse ele, afastando-se.

Segui todas as instruções e depois coloquei o lagarto no chão. Ele ficou imóvel onde eu o colocara. Depois, olhou para mim e correu para as pedras no leste e desapareceu entre elas.

Sentei-me no chão diante da pedra, como se estivesse em frente de minha planta. Uma tristeza profunda envolveu-me. Fiquei pensando no lagarto com sua boca costurada. Pensei em sua estranha viagem e em como me tinha olhado antes de fugir. Era um pensamento estranho, uma projeção aborrecida. A meu jeito, eu também era um lagarto, em outra estranha jornada. Meu destino talvez fosse apenas ver; naquele momento, eu sentia que nunca seria capaz de contar o que tinha visto. A essa altura, já estava muito escuro. Eu mal podia ver as pedras a minha frente. Pensei nas palavras de Dom Juan: "O crepúsculo é a fresta entre os mundos."

Depois de muito hesitar, comecei a seguir os passos determinados. A pasta, embora parecesse aveia, não tinha a consistência da aveia. Era muito lisa e fria. Tinha um cheiro especial e forte. Produzia uma sensação de frio na pele e secava depressa. Esfreguei minhas têmporas onze vezes, sem observar qualquer efeito.

Procurei cuidadosamente perceber qualquer modificação na percepção ou no estado de espírito, pois nem sabia o que devia antecipar. Na verdade, não tinha idéia da natureza da experiência, e estava à procura de indícios.

A pasta tinha secado e descascado em parte de minhas têmporas. Ia esfregar mais, quando percebi que estava sentado de cócoras, como os japoneses. Antes, estava sentado de pernas cruzadas, e não me lembrava de ter mudado de posição. Levei algum tempo para perceber plenamente que eu estava sentado no chão numa espécie de claustro com arcos altos. Achei que eram arcos de tijolos, mas, ao examiná-los, vi que eram de pedra.

A transição foi muito difícil. Veio tão de repente que eu não estava pronto para acompanhá-la. Minha percepção dos elementos da visão era difusa, como se eu estivesse sonhando. E no entanto, os componentes não mudavam. Continuavam constantes e eu podia parar ao lado de qualquer deles e examiná-los. A visão não era tão clara nem tão real quanto a provocada pelo peiote. Tinha um caráter nebuloso, uma qualidade pastel muito agradável.

Pensei se poderia levantar-me ou não, e quando vi já me tinha movido. Estava no topo de uma escadaria e H., uma amiga minha, estava ao pé da escada. Tinha os olhos febris e neles havia um brilho de loucura. Ela riu alto e com uma tal intensidade que se tornava aterradora. Começou a subir as escadas. Eu queria fugir ou me esconder, pois ela "já tinha sido louca". Foi essa a idéia que me veio à mente. Escondi-me por detrás de uma coluna e ela passou por mim sem olhar. “Ela agora vai fazer uma longa viagem" foi outra idéia que ocorreu então; e por fim, o último pensamento de que me recordo foi: "Ela ri cada vez que está prestes a endoidecer."

De repente, a cena tornou-se muito clara; não parecia mais um sonho. Era uma cena comum, mas eu parecia estar olhando através de vidraças. Tentei tocar uma coluna, mas só senti que não me podia mover; mas eu sabia que poderia ficar ali o tempo que quisesse, olhando a cena. Eu estava nela, e no entanto não fazia parte dela.

Experimentei uma barragem de pensamentos e argumentos racionais. Ao que eu soubesse, eu estava num estado normal de consciência sóbria. Todos os elementos pertenciam ao temo de meus processos normais. E no entanto eu sabia que não era um estado comum.

A cena mudou abruptamente. Era de noite. Eu estava no hall de um edifício. A escuridão dentro do prédio me fez sentir que na cena anterior o Sol tinha sido lindamente brilhante. No entanto, tinha sido tão comum que na ocasião eu nem tinha reparado. Quando olhei mais para a nova visão, vi um rapaz saindo de uma sala, carregando um grande saco de lona nos ombros. Não sabia quem ele era,

embora o tivesse teto uma ou duas vezes. Passou por mim e desceu as escadas. A, essa altura eu tinha esquecido minha apreensão e meus dilemas racionais. "Quem é aquele camarada?", pensei. "Por que é que o vi?"

A cena tornou a mudar e eu estava vendo o rapaz danificado livros; ele colava algumas das páginas juntas, apagava marcas e o mais. Depois, eu o vi arrumando os livros em num caixote de madeira. Havia uma pilha de caixotes. Não estavam no quarto dele, e sim num depósito. Outras imagens me vieram à cabeça, mas não eram claras. A cena tornou-se nublada. Tive uma sensação de estar girando.

Dom Juan sacudiu-me pelo ombro e eu acordei. Ajudou-me a levantar e nós voltamos para a casa dele. Tinham-se três horas e meia desde o momento em que eu comecei a esfregar a pasta em minhas têmporas até o momento em que acordei, mas o estado de visão não podia ter durado mais e dez minutos. Não senti nenhum efeito maléfico. Só com fome e sono.

Quinta-feira, 18 de abril de 1963

Ontem, Dom Juan me pediu para descrever minha experiência recente, mas eu estava com muito sono para poder falar a respeito. Não conseguia concentrar-me. Hoje, assim que acordei, tornou a pedir.

— Quem lhe disse que essa moça H. tinha estado louca? — perguntou ele, quando acabei a história.

— Ninguém. Foi apenas um dos pensamentos que tive.

— Você acha que eram seus pensamentos?

Respondi-lhe que eram meus pensamentos, embora não tivesse motivo algum para pensar que H. tinha estado doente. Eram pensamentos estranhos. Pareciam brotar em minha cabeça não sei de onde. Olhou para mim com curiosidade. Perguntei-lhe se não me acreditava; ele riu e disse que era costume meu ser descuidado com o que fazia.

— O que foi que eu fiz de errado, Dom Juan?

— Você devia ter escutado os lagartos.

— Como eu devia ter escutado?

— O lagartinho no seu ombro estava descrevendo tudo o que o irmão estava vendo. Estava falando com você. Estava-lhe contando tudo, e você não prestou atenção. Ao contrário, pensou que as palavras do lagarto eram seus próprios pensamentos.

— Mas eram mesmo os meus pensamentos, Dom Juan.

— Não eram. É esta a natureza desse feitiço. Na verdade, a visão é para ser escutada, mais do que vista. A mesma coisa aconteceu comigo. Ia avisá-lo

quando me lembrei de que meu benfeitor não me avisou.

— Sua experiência foi como a minha, Dom Juan?

— Não. A minha foi uma viagem infernal. Quase morri.

— Por que foi infernal?

— Talvez fosse porque a erva-do-diabo não gostasse de mim ou porque eu não soubesse claramente o que queria perguntar. Como você ontem. Devia estar pensando naquela moça quando perguntou a respeito dos livros.

— Não me lembro.

— Os lagartos nunca erram; consideram todos os pensamentos uma pergunta. O lagarto voltou e lhe contou coisas a respeito de H. que nunca ninguém poderá compreender, pois nem mesmo você sabia quais eram seus pensamentos.

— E a outra visão que tive?

— Seus pensamentos deviam estar firmes quando você fez pergunta. E é assim que esse feitiço deve ser conduzido, com clareza.

— Quer dizer que a visão da moça não deve ser levada a sério?

— Como pode ser levada a sério se você não sabe que perguntas os lagartinhos estavam respondendo?

— Ficaria mais claro para o lagarto se a pessoa só perguntasse uma coisa?

— Sim. Seria mais claro, se você pudesse firmar-se num pensamento.

— Mas o que aconteceria, Dom Juan, se a única pergunta não fosse simples?

— Enquanto seu pensamento for firme, e não se ocupar de outras coisas, ele é claro para os pequenos lagartos, e então a resposta deles será clara para você.

— Pode-se fazer mais perguntas aos lagartos, durante a visão?

— Não. A visão é olhar para tudo o que os lagartos lhe estão dizendo. É por isso que eu disse que é mais uma visão de ouvir do que de ver. É por isso que lhe pedi que tratasse de assuntos impessoais. Geralmente, quando a pergunta é a respeito de pessoas, seu desejo de tocá-las ou falar com elas é forte demais e o lagarto pára de falar e o feitiço se desfaz. Deve saber muito mais do que sabe agora antes de tentar ver coisas que lhe dizem respeito pessoalmente. Da próxima vez, mm de ouvir com atenção. Estou certo de que os lagartos lhe disseram muitas e muitas coisas, mas que você não estava ouvindo.

Sexta-feira, 19 de abril de 1963

— O que eram aquelas coisas que eu moí para a pasta, Na Juan?

— Sementes de erva-do-diabo e os gorgulhos que vivem das sementes. A medida é um punhado de cada. — Encolheu a mão direita para me mostrar a

quantidade.

Perguntei-lhe o que aconteceria se se usasse um dos elementos sozinho, sem os outros. Respondeu que isso só faria hostilizar a erva-do-diabo e os lagartos.

— Não se deve hostilizar os lagartos — disse ele — pois, no dia seguinte, no fim da tarde, tem de voltar ao local de sua planta. Fale com todos os lagartos e peça aos dois que o ajudaram em seu feitiço que tornem a aparecer. Procure bem, até ficar bem escuro. Se não conseguir encontrá-los, tem de tentar de novo no dia seguinte. Se você for forte, encontrará os dois, e então terá de comê-los, ali mesmo. E será dotado para sempre da faculdade de ver o desconhecido. Nunca mais terá de apanhar lagartos para fazer esse feitiço. Desde então eles passarão a viver dentro de você.

— O que devo fazer se só encontrar um deles?

— Se só encontrar um, tem de deixá-lo ir-se, no fim de sua busca. Se o encontrar no primeiro dia, não o guarde, na esperança de encontrar o outro no dia seguinte. Isso só fará estragar sua amizade com eles.

— O que acontece se eu não os encontrar de todo?

— Acho que isso seria o melhor para você. Quer dizer que você terá de apanhar dois lagartos toda vez que quiser a ajuda deles, mas significa também que você está livre.

— O que quer dizer com livre?

— Livre de ser escravo da erva-do-diabo. Se os lagartos vão viver dentro de você, a erva-do-diabo nunca o deixará ir-se.

— Isso é mau?

— Claro que sim. Ela o cortará de tudo o mais. Terá de passar a vida cuidando dela como aliada. Ela é possessiva. Uma vez que o dominar, só há um caminho a seguir... o caminho dela.

— E se eu descobrir que os lagartos estão mortos?

— Se você encontrar um ou ambos mortos, não deve tentar fazer esse feitiço por algum tempo. Afaste-se por um período. Acho que isso é tudo o que tenho de lhe dizer; o que lhe falei é a regra. Sempre que você fizer esse feitiço sozinho, tem de seguir todos os passos que descrevi enquanto se senta em frente de sua planta. Mais uma coisa. Não pode comer nem beber até terminar o feitiço.

6

O estágio seguinte nos ensinamentos de Dom Juan foi um novo aspecto no

domínio da segunda porção da raiz de Datura. No período decorrido entre os dois estágios da aprendizagem, Dom Juan só perguntava a respeito do desenvolvimento de minha planta.

Quinta-feira, 27 de junho de 1963

— É um bom hábito testar a erva-do-diabo antes de seguir plenamente o caminho dela — disse Dom Juan.

— Como se testa a planta, Dom Juan?

— Deve tentar outro feitiço com os lagartos. Já tem todos os elementos necessários para fazer mais uma pergunta aos lagartos, dessa vez sem a minha ajuda.

— E muito necessário que eu faça esse feitiço, Dom Juan?

— É o melhor meio de testar os sentimentos da erva-do-diabo relação a você. Esta planta está sempre testando você, de modo que é justo que você também a ponha à prova, e se, em algum ponto no caminho dela, você achar que por algum motivo não deve continuar, então deve simplesmente parar.

Sábado, 29 de junho de 1963

Abordei o assunto erva-do-diabo. Queria que Dom Juan me contasse mais a respeito, e no entanto não queria comprometer-me a participar.

— A segunda porção é só usada para adivinhar, não é, Dom Juan? -perguntei, para iniciar a conversa.

— Não só para adivinhar. A gente aprende o feitiço dos lagartos com a segunda porção, e ao mesmo tempo a gente põe à prova a erva-do-diabo; mas, na verdade, a segunda porção é utilizada para outros fins. O feitiço dos lagartos é só o começo.

— Então para que é usada, Dom Juan?

Não respondeu. Mudou de assunto bruscamente e perguntou-me de que tamanho eram as plantas de Datura que cresciam em volta da minha planta. Fiz um gesto para mostrar o tamanho.

— Já lhe ensinei como distinguir o macho da fêmea disse Dom Juan. — Agora vá até às suas plantas e me traga ambos. Vá primeiro para a sua planta antiga e olhe atentamente para o caminho feito pela chuva. A essa altura, ela já deve ter levado as sementes para longe. Olhe para as gretas (zanjitas) feitas pela enxurrada e daí verifique a direção da água. Depois veja a planta que cresce mais afastada da sua. Todas as plantas da erva-do-diabo que crescem no meio são suas. Mais tarde, quando sementearem, poderá ampliar o tamanho de seu território seguindo o curso da água de cada planta no caminho.

Deu-me instruções meticulosas sobre como conseguir um instrumento cortante. O corte da raiz, disse ele, tinha de ser feito da maneira seguinte: primeiro, eu tinha de escolher a planta que ia cortar e limpar toda a terra em volta do lugar onde a raiz se unia ao caule. Depois, tinha de executar exatamente a mesma dança que tinha dançado quando replantei a raiz. Em terceiro lugar, tinha de cortar fora a haste e deixar a raiz na terra. O último passo era cavar 40 centímetros de raiz. Aconselhou-me que não falasse nem demonstrasse sentimento algum durante esses atos.

-Você deve levar dois pedaços de pano -disse ele. -Estenda-os no chão e coloque as plantas neles. Depois, corte-as em pedaços e empilhe-as. A ordem depende de você; mas deve lembrar-se sempre da ordem que seguiu, pois é assim que você deve sempre fazê-lo. Traga- me as plantas assim que as tiver.

6 de julho de 1963

Na segunda-feira, 1° de julho, cortei as plantas de Datura que Dom Juan tinha pedido. Esperei até estar bem escuro para dançar em volta das plantas, pois não queria que me vissem. Eu estava bem apreensivo. Estava certo de que alguém ia presenciar meus atos estranhos. Já tinha escolhido as plantas que eu achava que eram masculina e feminina. Tive de cortar 40 centímetros da raiz de cada uma, e cavar tudo isso com um pedaço de pau não foi brincadeira. Levei horas. Tive de acabar o trabalho numa escuridão total, e quando estava pronto para cortá-las precisei usar uma lanterna. Meu medo original de que alguém pudesse ver-me era irrisório comparado com o medo de que alguém pudesse reparar na luz nos arbustos.

Levei as plantas para a casa de Dom Juan na terça-feira, 2 de julho. Abriu os embrulhos e examinou os pedaços. Disse que ainda teria de me dar as sementes de suas plantas. Empurrou um almofariz para minha frente. Pegou um pote de vidro e esvaziou seu conteúdo ─ sementes secas aglomeradas ─ no almofariz.

Perguntei-lhe o que eram, e ele disse que eram sementes comidas pelos gorgulhos. Havia muitos bichinhos entre as sementes ─ gorgulhos pretos. Falou que eram bichos especiais, e que tínhamos de tirá-los e pô-los num pote separado. Entregou-me outro pote, cheio até um terço do mesmo tipo de gorgulhos. Um pedaço e papel estava metido no pote para não deixar os gorgulhos escaparem.

─ Da próxima vez você terá de usar os bichinhos de suas plantas ─ disse Dom Juan. ─ O que tem de fazer é cortar as sementes que tenham buraquinhos; elas estão cheias de bichos. Abra as sementes e raspe tudo e ponha num pote. Junte um punhado de bichos e ponha-os noutra vasilha. Trate-os com brutalidade. Não seja delicado com eles. Meça um punhado das sementes

aglomeradas que os bichos comeram e um punhado do pó de bichos e enterre o resto em qualquer lugar naquela direção (nesta altura, apontou para sudeste) de sua planta. Depois, colha sementes boas e secas e guarde-as separadamente. Pode colher quantas quiser. Sempre poderá usá-las. É uma boa idéia tirar as sementes das favas lá, para poder enterrar tudo de uma vez.

Dom Juan me disse para moer primeiro as sementes aglomeradas, depois os ovos de gorgulhos; em seguida os bichos e, por fim, as sementes boas e secas:

Depois de estar tudo triturado num pó fino, Dom Juan pegou os pedaços de Datura que eu tinha cortado e empilhado. Separou a raiz masculina e embrulhou-a com cuidado num pedaço de pano. Entregou-me o resto e disse que eu cortasse tudo em pedacinhos, amassasse- os bem e depois pusesse todo o suco num pote. Disse que eu tinha de amassá-los na mesma ordem em que os tinha arrumado.

Quando acabei, ele me disse que pegasse uma xícara de água fervendo e a misturasse com tudo na panela, e depois juntasse mais duas xícaras. Entregou-me um pedaço de osso bem liso. Misturei a papa com aquilo e levei a panela ao fogo. Depois, ele disse que tínhamos de preparar a raiz, e que para isso tínhamos de usar o pilão maior, pois a raiz masculina não podia ser cortada de todo. Fomos para os fundos da casa. Ele estava com o pilão pronto, e eu amassei a raiz como já tinha feito antes. Deixamos a raiz de molho na água, exposta ao sereno, e fomos para dentro.

Disse-me que vigiasse a mistura na panela. Eu devia deixar que ela fervesse até ficar encorpada -até ficar dura de se mexer. Depois, deitou-se em sua esteira e foi dormir. A papa já estava fervendo havia pelo menos uma hora quando reparei que estava ficando cada vez mais dura de mexer. Achei que devia estar pronta e tirei-a do fogo. Coloquei-a na sacola de linha dependurada do teto e fui dormir.

Acordei quando Dom Juan se levantou. O sol estava brilhando num céu azul. Era um dia quente e seco. Dom Juan tornou a comentar que tinha certeza de que a erva-do-diabo gostava de mim.

Fomos tratar da raiz, e no fim do dia tínhamos um bocado de substância amarelada no fundo da tigela. Dom Juan despejou a água de cima. Achei que teso devia ser o fim do processo, mas ele tornou a encher a tigela com água fervendo.

Pegou a panela com a papa que estava dependurada no telhado. A papa parecia estar quase seca. Levou a panela para dentro de casa, colocou-a no chão com cuidado e sentou-se. Neste momento, começou a falar.

— Meu benfeitor me disse que era permitido misturar a planta com banha. E é

isso que você vai fazer. Meu benfeitor misturou-a com banha para mim, mas, como já disse, eu nunca fui muito amigo da planta e nunca tentei realmente me tornar um só com ela. Meu benfeitor me disse que, para obter melhores resultados, para aqueles que realmente desejam o poder, o certo é misturar a planta com a banha de um porco-do-mato. A gordura dos intestinos é a melhor. Mas você é quem escolhe. Talvez o destino resolva que você tome a erva-do-diabo como aliada, e nesse caso eu lhe aconselho, como meu benfeitor me aconselhou, a caçar um javali e tirar-lhe a gordura dos intestinos (sebo de tripa). Em outras épocas, quando a erva-do-diabo era a tal, os brujos iam em caçadas especiais para conseguir banha dos javalis. Procuravam os machos maiores e mais fortes; deles tiravam um poder especial, tão especial que era difícil acreditar, mesmo naquela época. Mas aquele poder está perdido. Não sei nada a respeito. Nem conheço alguém que saiba. Talvez a própria erva lhe ensine tudo isso.

Dom Juan mediu um punhado de banha, colocou-a na tigela com a papa seca e raspou a banha que ficou em sua mão na beirada da tigela. Disse-me que misturasse o conteúdo até estar tudo liso e bem misturado.

Bati a mistura durante quase três horas. Dom Juan de quando olhava e achava que ainda não estava boa. Por fim pareceu estar satisfeito. O ar batido para dentro da pasta lhe dera uma coloração cinza-clara e a consistência de gelatina. Ele pendurou a tigela do teto, junto da outra tigela. Disse que ia deixa-la ali até o dia seguinte, porque seriam necessários dois dias para preparar essa segunda porção. Disse que, enquanto isso, eu não comesse nada. Podia beber água, mas não sorver nenhum alimento.

No dia seguinte, quinta-feira, 4 de julho, Dom Juan mandou que eu lixiviasse a raiz quatro vezes. Da última vez que d a água da tigela, ela já estava escura. Ficamos sentados na varanda. Ele colocou as duas tigelas em frente dele. O extrato da raiz deu uma colher de chá de uma goma esbranquiçada. Colocou-a numa xícara e juntou água. Girou a xícara na mão para dissolver a substância e depois a entregou-me. Disse que eu bebesse tudo o que estava na xícara. Bebi depressa e depois pus a xícara no chão e me recostei. Meu começou a disparar; parecia que eu não conseguia respirar. Dom Juan mandou, com naturalidade, que eu despisse todas as minhas roupas. Perguntei-lhe por que e ele disse ia de me esfregar com a pasta. Hesitei. Não sabia se me ou não. Dom Juan insistiu, dizendo que eu me apressasse. Disse que havia muito pouco tempo para estar desperdiçando-o. Tirei toda a roupa.

Pegou seu pedaço de osso e cortou duas linhas horizontais na superfície da pasta, desse modo dividindo o conteúdo da tigela em três partes iguais. Depois,

começando do centro da linha superior, cortou uma linha vertical, perpendicular às outras duas, dividindo a pasta em cinco partes. Apontou para a parte direita inferior, e disse que aquela era para meu pé esquerdo. A parte acima dela era para minha perna esquerda. A parte superior, a maior, era para meus órgãos genitais. A seguinte, abaixo, à esquerda, .era para minha perna direita e a de baixo à esquerda era para o pé direito. Disse-me que aplicasse a parte da pasta designada para meu pé esquerdo à sola de meu pé e a esfregasse bem. Depois ensinou-me a aplicar a pasta à parte interna de toda a minha perna esquerda, em meus órgãos genitais, no lado de dentro de minha perna direita e por fim na sola de meu pé direito.

Segui as instruções dele. A pasta estava fria e tinha um cheiro especialmente forte. Quando acabei de aplicá-la, endireitei o corpo. O cheiro da mistura penetrou em minhas narinas. Parecia-me sufocante. O odor ativo estava mesmo me sufocando. Parecia um tipo de gás. Tentei respirar pela boca e falar com Dom Juan, mas não consegui.

Dom Juan estava olhando para mim, fixamente. Dei um passo em direção a ele. Minhas pernas pareciam elásticas e compridas, extraordinariamente compridas. Dei outro passo. As juntas de meus joelhos pareciam flexíveis, como uma vara de salto; tremiam e vibravam e se contraíam como elástico. Fiz um movimento para a frente. O movimento de meu corpo era lento e trêmulo; era mais como um tremor que se adiantava e subia. Olhei para baixo e vi Dom Juan sentado abaixo de mim, muito abaixo de mim. O impulso me levou mais um passo à frente, que foi ainda mais elástico e longo do que o anterior. E dali eu me elevei no ar. Lembro-me de que desci uma vez; então, dei um impulso com os dois pés, dei um salto para trás e planei de costas. Via o céu escuro acima de mim e as nuvens passando. Sacudi o corpo, para poder olhar para baixo. Vi a massa escura das montanhas. Minha velocidade era extraordinária. Meus braços estavam fixos, dobrados ao lado do corpo. Minha cabeça era a unidade de direção. Se eu a conservasse dobrada para trás, fazia círculos verticais. Mudava de direção virando a cabeça para o lado. Eu gozava de uma liberdade e velocidade como jamais conhecera. A maravilhosa escuridão me dava uma sensação de tristeza, talvez de saudade. Era como se tivesse encontrado um lugar ao qual noite. Tentei olhar em volta, noite era serena, e no entanto encerrava muito poder.

De repente, sabia que estava na hora de descer; era como se me tivessem dado uma ordem a que eu tinha de obedecer. E comecei a descer como uma pluma, com movimentos laterais. Esse tipo de movimento me enjoava muito. Era lento e irregular, como se eu estivesse sendo abaixado por roldanas. Fiquei enjoado.

Minha cabeça doía terrivelmente. Uma espécie de negrume envolveu-me. Tinha plena consciência de estar penso nele.

A próxima coisa de que me lembro foi a sensação de despertar. Estava na minha cama, em meu quarto. Sentei-me e a imagem de meu quarto dissolveu-se. Levantei-me. Estava despido! O movimento de ficar de pé me fez enjoar de novo.

Reconheci alguns pontos do lugar. Estava a mais ou menos um quilômetro da casa de Dom Juan, perto do lugar das plantas de Datura dele. De repente, tudo se focalizou, e percebi que teria de andar até à casa dele, nu. Ser privado de roupas era uma profunda desvantagem psicológica, mas não havia nada que eu pudesse fazer para resolver o problema. Pensei em fazer-me uma saia de galhos de árvores, mas a idéia parecia absurda e, além disso, já estava amanhecendo. Esqueci de meu desconforto e meu enjôo e comecei a caminhar para a casa. Estava obcecado com o medo de ser descoberto. Fiquei atento para a presença de gente e de cachorros. Tentei correr, mas machuquei os pés nas pedrinhas afiadas. Caminhei devagar. Já estava bem claro. Então, vi alguém andando pela estrada, e depressa escondi-me atrás das moitas. Minha situação me parecia ridícula. Um momento antes eu experimentava o prazer inacreditável de voar; no minuto seguinte estava-me escondendo, encabulado com minha própria nudez. Pensei em tornar a saltar para a estrada e correr na passando pela pessoa que pudesse estar-se aproximando. Pensei que ela ficaria tão espantada que, quando percebesse que era um homem nu, eu já estaria longe. Pensei em tudo isso, mas não ousei mexer-me.

A pessoa que vinha pela estrada estava pertinho de mim e parou de andar. Ouvi que chamava meu nome. Era Dom Juan, e estava com as minhas roupas. Enquanto eu as vestia, ele olhou para mim e riu; riu tanto que também eu acabei rindo.

Naquele mesmo dia, sexta-feira 5 de julho, no fim da tarde, Dom Juan pediu-me que narrasse os detalhes da experiência. Com o máximo de cuidado, narrei todo o episódio.

— A segunda porção da erva-do-diabo é usada para voar — disse ele, quando terminei. O unguento sozinho não basta. Meu benfeitor diz que é a raiz que dá a direção e a sabedoria, e é a causa do vôo. A medida que aprende mais, e toma mais para poder voar, você começa a ver tudo com muita clareza. Pode elevar-se pelo ar por centenas de quilômetros, para ver o que está acontecendo em qualquer lugar que queira, ou para desfechar um golpe fatal em seus inimigos bem longe. Quando se familiarizar com a erva-do-diabo, ela lhe ensinará como fazer essas coisas. Por exemplo, já lhe ensinou como mudar de direção. Do

mesmo modo, ela lhe ensinará coisas inimagináveis.

— Como o quê, Dom Juan?

— Isso eu não posso dizer. Cada homem é diferente. Meu benfeitor nunca me disse o que ele aprendeu. Disse-me como agir, mas nunca o que via. Isso é só para a gente.

— Mas conto-lhe tudo o que vejo, Dom Juan.

vAgora, sim. Mais tarde, não contará. Da próxima vez que você tomar a erva-do-diabo, você o fará por si, junto de suas próprias plantas, pois é lá que vai voltar à terra, junto de suas plantas. Lembre-se disso. Foi por isso que eu vim procurá-lo aqui, junto de minhas plantas.

Ele não disse mais nada e eu adormeci. Quando acordei de noitinha, sentia-me revigorado. Por algum motivo, eu exsudava uma espécie de satisfação física. Estava feliz, satisfeito. Dom Juan perguntou-me:

— Gostou da noite? Ou foi assustadora?

Disse-lhe que a noite tinha sido realmente magnífica.

— E a sua dor de cabeça? Foi muito ruim? — perguntou ele.

— A dor de cabeça foi tão forte quanto todas as outras sensações. Foi a pior dor que já tive — disse eu.

— Isso o impediria de querer provar novamente o poder da erva-do-diabo?

— Não sei. Não o desejo agora, mas posso desejá-lo depois. Não sei mesmo, Dom Juan.

Havia uma pergunta que eu queria fazer-lhe. Sabia que ele ia esquivar-se, de modo que esperei que ele mencionasse o assunto; esperei o dia inteiro. Por fim, antes de partir naquela noite, tive de perguntar-lhe:

— Voei de verdade, Dom Juan?

— Foi o que me disse. Não voou?

— Sei, Dom Juan. Quero dizer, meu corpo voou? Levantei vôo como um passarinho?

— Sempre me faz perguntas que não posso responder. Voou. É para isso que serve a segunda porção da erva-do-diabo. Quando tomar mais dela, vai aprender a voar perfeitamente. Não é uma coisa simples. Um homem voa com o auxilio da segunda porção da erva-do-diabo. E só isso que lhe posso dizer. O que quer saber não faz sentido. Os pássaros voam como pássaros e um homem que tomou a erva-do-diabo voa como tal (el enverbado vuela así).

— Assim como os pássaros? (?Así como los pájaros?)

— Não, voa como um homem que tomou a erva (No, así como los

enverbados).

vEntão, realmente não voei, Dom Juan. Voei em minha imaginação, só em minha mente. Onde estava meu corpo?

— Nas moitas — respondeu ele, mordaz, mas logo caiu na gargalhada outra vez. — O problema é que você só entende as coisas de um jeito. Não acha que um homem voa; e no entanto, um brujo pode mover-se mil quilômetros por segundo para ver o que está acontecendo. Pode desfechar um golpe em seus inimigos a distâncias imensas. Então, ele voa ou não?

— Sabe, Dom Juan, você e eu estamos orientados de maneira diferente. Suponhamos, para argumentar, que um de meus colegas tivesse estado aqui comigo quando tomei a erva-do-diabo. Ele teria podido ver-me voando?

— Lá vem você outra vez com suas perguntas de que aconteceria se... Não adianta falar assim. Se seu amigo, ou qualquer outra pessoa, tomar a segunda porção da erva, só vai poder voar. Agora, se só estivesse olhando para você, poderia ter visto você voando, ou não. Depende da pessoa.

— Mas o que quero dizer, Dom Juan, é que, se você e eu olharmos para um pássaro e o virmos voando, concordamos que está voando. Mas se dois de meus amigos me tivessem visto voando como voei ontem, concordariam em que eu estava voando?

— Bom, podiam ter concordado. Você concorda que os pássaros voam porque já os viu voando. Voar é coisa comum, com os pássaros. Mas não vai concordar com outras coisas que os pássaros fazem, pois nunca viu pássaros fazendo tais coisas. Se seus amigos soubessem a respeito dos homens voarem com a erva-do-diabo, então eles haviam de concordar.

— Vamos dizer a coisa em outras palavras, Dom Juan. O que quero dizer é que, se estivesse amarrado a uma pedra, com uma corrente pesada, ainda assim eu teria voado, pois meu corpo nada tinha a ver com meu vôo.

Dom Juan olhou para mim, incrédulo.

-Se você se amarrar a uma pedra — disse ele — acho que terá de voar segurando a pedra com sua corrente pesada.

7

Reunir os ingredientes e prepará-los para a mistura do fumo constituíam um ciclo anual. No primeiro ano Dom Juan ensinou-me o processo. Em dezembro de 1962, o segundo ano, quando o ciclo se renovou, Dom Juan apenas me dirigiu; eu mesmo reuni os ingredientes, preparei-os e os guardei até o ano seguinte.

Em dezembro de 1963 um novo ciclo teve início pela terceira vez. Dom Juan então me mostrou domo combinar os secos que eu colhera e preparara no ano anterior. Pôs a mistura do fumo numa bolsinha de couro e saímos mais uma vez para colher os vários componentes para o ano seguinte.

Dom Juan raramente mencionou o "fuminho" durante o se passou entre as duas colheitas. Cada vez que eu ia, porém, ele me dava seu cachimbo para eu segurar, e o processo de "me familiarizar" com o cachimbo seguiu havia descrito. Colocou o cachimbo em minhas mãos gradativamente. Exigia uma concentração completa e t naquele ato e dava-me orientações explicitas. Qualquer mal jeito com o cachimbo resultaria inevitavelmente em minha morte ou na dele, dizia.

Assim que terminamos o terceiro ciclo da coleta e preparação, Dom Juan começou a falar do fumo como aliado pela primeira vez, em mais de um ano.

Segunda-feira, 23 de dezembro de 1963

Estávamos voltando de carro para a casa dele depois de colher umas flores amarelas para a mistura. Eram um dos ingredientes necessários. Observei que naquele ano não tínhamos seguido a mesma ordem de colher os ingredientes que no ano anterior. Ele riu e disse que o fumo não era temperamental nem mesquinho, como a erva-do-diabo. Para o fumo, a ordem da coleta era sem importância; o que era necessário era que o homem que usasse a mistura fosse preciso e exato.

Perguntei a Dom Juan o que iríamos fazer com a mistura que ele tinha preparado e me dado para guardar. Respondeu que era minha, e acrescentou que eu tinha de utiliza-la o mais breve possível. Perguntei quanto era necessário de cada vez. O saquinho que ele me dera continha mais ou menos três vezes a quantidade que uma bolsinha de fumo normal conteria. Disse-me que eu teria de usar todo o conteúdo de meu saco em um ano, e a quantidade que eu precisaria cada vez que fumasse era assunto pessoal.

Queria saber o que aconteceria se eu nunca acabasse o saco. Dom Juan disse que nada aconteceria; o fumo não exigia nada. Ele mesmo não precisava mais fumar, e no entanto todos os anos preparava uma nova mistura. Depois, emendou-se e disse que raramente tinha de fumar. Perguntei-lhe o que fazia com a mistura que não fumava, mas ele não respondeu. Disse que a mistura não prestava mais, se não fosse usada dentro de um ano.

Nesse ponto, tivemos uma longa discussão. Não formulei minhas perguntas direito, e as respostas dele pareciam confusas. Eu queria saber se a mistura perderia suas propriedades alucinógenas, ou seu poder, depois de um ano, assim

tornando necessário o ciclo anual, mas ele insistiu que a mistura não perderia seu poder em época alguma. A única coisa que acontecia, falou, era que um homem não precisaria mais dela, pois teria preparado um novo suprimento; tinha de dispor do que sobrasse da mistura velha de determinada maneira, que Dom Juan não me quis revelar nesse ponto.

Terça-feira, 24 de dezembro de 1963

— Disse que não precisa mais fumar, Dom Juan?

— Sim, porque o fumo é meu aliado e não preciso mais fumar. Posso chamá-lo a qualquer momento, em qualquer lugar.

— Quer dizer que ele vem mesmo que você não fume?

— Quero dizer que vou até ele livremente.

— Também poderei fazer isso?

— Se conseguir fazer dele seu aliado, sim.

Terça-feira, 31 de dezembro de 1963

Na quinta-feira, 26 de dezembro, tive minha primeira experiência com o aliado de Dom Juan, o fumo. O dia todo andei de carro com ele, e trabalhei para ele. Voltamos para casa à tardinha. Mencionei que não tínhamos comido nada o dia todo. Não se preocupou nem um pouco; em vez disso, começou a dizer-me que era essencial que eu me familiarizasse com o fumo. Disse que eu tinha de experimentá-lo eu mesmo para compreender sua importância como aliado.

Sem me dar oportunidade de dizer coisa alguma, Dom Juan me disse que ia acender o cachimbo dele para mim, naquele momento. Procurei dissuadi-lo, argumentando que não acreditava estar preparado. Disse-lhe que achava que não tinha 0 o cachimbo por bastante tempo. Mas ele angu u que não me restava mais muito tempo para aprender, eu tinha de usar o cachimbo muito breve. Pegou o cachimbo da bolsinha e afagou-o. Sentei-me no chão ao lado dele e tentei desesperadamente ficar enjoado e desmaiar – fazer qualquer coisa para adiar esse passo inevitável.

O quarto estava quase escuro. Dom Juan tinha acendido s querosene e o colocara no canto. Geralmente o mantinha o quarto numa semi-escuridão repousante, a luz amarela sempre calmante. Mas, dessa vez, a luz fraca e inusitadamente vermelha; era enervante. Desamarrou seu saquinho de mistura sem tirá-lo do cordão preso pescoço. Pegou o cachimbo pertinho dele, colocou-o de sua camisa e pôs um pouco da mistura dentro do Fez com que eu observasse aquilo, dizendo que, se mistura se derramasse, cairia dentro da camisa.

Don Juan encheu três quartos do fornilho e depois amarrou o saquinho com uma das mãos, enquanto segurava o cachimbo com a outra. Pegou um pratinho

de barro, deu-o a mim, e pediu que fosse buscar uns carvõezinhos do fogo lá fora. Fui para os fundos da casa e peguei um punhado de carvão do fogão de tijolo. Voltei depressa para o quarto. Eu estava muito preocupado. Era como um pressentimento.

Sentei-me junto de Dom Juan e entreguei-lhe o pratinho. Olhou para o prato e calmamente disse que os carvões eram grandes demais. Queria menores, que coubessem dentro do fornilho do cachimbo. Voltei para o fogão e peguei outros. Segurou o prato de carvões e colocou-o diante de si. Estava sentado de pernas cruzadas e metidas embaixo dele. Olhou para mim pelo canto do olho e debruçou-se para a frente, até o queixo quase encostar nos carvões. Segurou o cachimbo na mão esquerda e, com um movimento muito rápido de sua mão direita, pegou um pedacinho de carvão em brasa e colocou-o no fornilho do cachimbo; depois, sentou reto e, segurando o cachimbo nas duas mãos, levou-o à boca e tirou três baforadas. Estendeu os braços para mim e, num cochicho forte, disse-me que pegasse o cachimbo com as duas mãos e o fumasse.

A idéia de recusar o cachimbo e fugir me passou pela cabeça por um momento; mas Dom Juan tornou a dizer, ainda num sussurro, que eu pegasse o cachimbo e fumasse. Olhei para ele. Seus olhos estavam fitos em mim. Mas seu olhar era amigo, preocupado. Era claro que eu fizera a escolha havia muito tempo; não tinha alternativa senão fazer o que ele dizia.

Peguei o cachimbo e quase o deixei cair. Estava quente! Levei-o a minha boca com muito cuidado, pois imaginava que seu calor fosse intolerável a meus lábios. Mas não senti calor algum.

Dom Juan me disse para inspirar. A fumaça entrou em minha boca e pareceu circular por ela. Era pesada! Parecia que eu estava com a boca cheia de massa. A imagem me ocorreu, embora nunca tivesse estado com a boca cheia de massa. A fumaça também parecia mentol e o interior de minha boca, de repente, ficou frio. Foi uma sensação refrescante. "Outra vez! Outra vez!", ouvi Dom Juan sussurrando. Senti a fumaça penetrar livremente dentro de meu corpo, quase sem meu controle. Não precisei que Dom Juan me incitasse mais. Mecanicamente, continuei a tragar.

De repente, Dom Juan debruçou-se e pegou o cachimbo de minhas mãos. Com delicadeza, bateu as cinzas no prato com os carvões, depois molhou o dedo com saliva e passou-o dentro do fornilho para limpar os lados. Soprou várias vezes pelo cabo. Vi que ele guardava o cachimbo em sua capa. Eu concentrava meu interesse em seus atos.

Depois que ele acabou de limpar o cachimbo e guardá-lo, ficou olhando para mim e percebi que todo meu corpo estava dormente, mentolado. Meu rosto

estava pesado e meu queixo dolorido. Não conseguia ficar com a boca fechada, mas não estava salivando. A boca estava seca e ardendo, e no entanto eu não estava com sede. Comecei a sentir um calor desusado pela minha cabeça. Um calor frio! Meu hálito parecia cortar as narinas e o lábio superior cada vez que eu expirava. Mas não queimava; doía como um pedaço de gelo.

Dom Juan sentou-se a meu lado, à minha direita, e sem se mexer segurou a capa do cachimbo de encontro ao chão, como que mantendo-o lá à força. Minhas mãos estavam pesadas. Meus braços estavam pendurados, puxando meus ombros para baixo. Meu nariz estava pingando. Limpei-o com as costas da mão, e o lábio superior desapareceu! Enxuguei o rosto, e toda a pele desapareceu! Estava derretendo! Sentia-me como se minha pele estivesse mesmo se derretendo. Levantei-me de um salto e procurei agarrar alguma coisa – qualquer coisa -para me apoiar. Estava sentindo um terror como nunca havia experimentado antes. Agarrei-me a uma vara que Dom Juan mantém espetada no chão no centro do quarto. Fiquei ali de pé por um momento, e depois virei-me para olhar para ele. Continuava ali sentado imóvel, segurando o cachimbo, olhando para mim.

Minha respiração estava dolorosamente quente (ou fria?). Estava-me sufocando. Inclinei a cabeça para a frente para repousa-la na vara, mas parece que não a encontrei, e minha cabeça continuou a se mover para baixo, além do ponto onde estava a vara. Parei quando já estava quase no chão. Endireitei-me. A vara estava ali defronte de meus olhos! Novamente tentei apoiar a cabeça nela. Tentei controlar-me e ficar consciente e conservei os olhos abertos ao me debruçar para tocar a vara com a testa. Estava a alguns centímetros de meus olhos, mas, quando encostei a cabeça nela, tive a sensação estranha de estar atravessando-a.

Numa busca desesperada por uma explicação racional, concluí que meus olhos estavam modificando a profundidade e que a vara devia estar a uns três metros de distância, embora eu a visse diretamente diante de meu rosto. Então, concebi um meio lógico, racional, de verificar a posição da vara. Comecei a me mover de lado em volta dela, um passo de cada vez. Meu argumento era que, andando em volta da vara assim, não poderia descrever um círculo de mais de um metro e meio de diâmetro; se a vara realmente estivesse a três metros de mim, ou fora de meu alcance, chegaria um momento em que estaria de costas para ela. Eu esperava que, naquele momento, a vara desaparecesse, pois realmente estaria atrás de mim.

Então, passei a fazer um círculo em volta da vara, mas ela permaneceu diante de meus olhos enquanto eu dava a volta. Num acesso de frustração, agarrei-a

com ambas as mãos, mas minhas mãos passaram através dela. Estava agarrando o ar. Calculei com cuidado a distância entre a vara e eu. Imaginei que devia ser de um metro. Isto é, meus olhos a percebiam como um metro. Por um momento, brinquei com a percepção de profundidade, mexendo a cabeça de um lado para outro, focalizando um olho de cada vez na vara e depois no fundo do quarto. Segundo minha avaliação da profundidade, a vara estava inegavelmente diante de mim, talvez a um metro de distância. Estendendo os braços para proteger minha cabeça, investi com toda a força. A sensação foi a mesma... atravessei a vara. Dessa vez, caí ao comprido no chão. Tornei a levantar-me. E levantar-me foi talvez o ato mais estranho de todos os que pratiquei naquela noite. Levantei-me por pensamento! Para levantar-me, não utilizai meus músculos nem meu esqueleto como estou acostumado a fazer, pois não tinha mais controle sobre eles. Soube disso no momento em que caí ao chão. Mas minha curiosidade a respeito da vara era tal que me "levantei por pensamento", numa espécie de ação reflexa. E antes de entender plenamente que não podia mover-me, já estava de pé.

Pedi ajuda a Dom Juan. Num momento, gritei freneticamente em altos brados, mas Dom Juan não se mexeu. Continuou a olhar para mim, pelo canto do olho, como se não quisesse virar a cabeça para me olhar de frente. Dei um passo em direção a ele, mas, em vez de andar para a frente, cambaleei para trás e caí de encontro à parede. Eu sabia que tinha batido de encontro à mesma com as costas, no entanto não parecia dura; eu estava completamente suspenso numa substância macia e esponjosa -era a parede. Meus braços estavam estendidos para os lados, e lentamente meu corpo todo pareceu afundar-se na parede. Só conseguia olhar para a frente, para o quarto. Dom Juan ainda me estava espiando, mas não fez qualquer movimento para me ajudar. Fiz um esforço supremo para tirar meu corpo da parede, mas ele só afundou cada vez mais. No meio de um terror indescritível, senti que a parede esponjosa se fechava sobre meu rosto. Tentei fechar os olhos, mas eles estavam abertos e fixos.

Não me lembro de mais nada do que aconteceu. De repente Dom Juan estava na minha frente, pertinho. Estávamos no outro quarto. Vi a mesa dele e o fogão com o fogo aceso o canto do olho, distingui a cerca do lado de fora da casa. Via tudo muito claramente. Dom Juan tinha trazido a lanterna de querosene e a dependurara da viga no meio do quarto. Tentei olhar em outra direção, mas meus olhos só estavam preparados para olhar bem em frente. Não distinguia, nem sentia, qualquer parte de meu corpo. Minha respiração ,não podia ser notada. Mas meus pensamentos estavam extremamente lúcidos. Estava claramente consciente de tudo o que se passava diante de mim. Dom Juan acercou-se de

mim e clareza do espírito acabou. Alguma coisa pareceu parar de mim. Não havia mais pensamentos. Vi Dom Juan aproximando e odiei-o. Queria estraçalhá-lo. Podia tê-lo naquele momento, mas não conseguia mexer-me. A princípio senti vagamente uma pressão na cabeça, mas isso desapareceu. Só reatava uma coisa... uma raiva avassaladora contra Dom Juan. Eu o via a alguns centímetros de Queria despedaçá-lo com as unhas. Senti que estava gemendo. Alguma coisa dentro de mim começou a convulsionar-se. Ouvi Dom Juan falando comigo. Sua voz era suave e calmante e, pareceu-me, infinitamente agradável. Chegou ainda mais perto e começou a recitar uma canção espanhola de ninar.

“Senhora Santana, por que chora o bebê? Por uma maçã que perdeu. Eu lhe darei uma. Darei duas. Uma para o menino e uma para você". ("Senora Santa Ana, porque llora el nino? Por una manzana que se le ha perdido. Yo Ie dará una. Yo le daré dos. Una para el niño y otra para vos!") Um calor invadiu-me. Era um calor do coração e dos sentimentos. As Dom Juan eram um eco distante. Lembravam as recordações esquecidas da infância.

A violência que eu sentira antes desapareceu. O ressentimento transformou-se num anseio ***Terça-feira,*** um afeto alegre por Dom Juan. Falou que eu devia esforçar-me por não adormecer; que eu não tinha mais corpo e que estava livre para transformar-me naquilo que quisesse. Deu um passo atrás. Meus olhos estavam num nível normal, como se eu estivesse de pé diante dele. Estendeu-me os dois braços e disse que eu entrasse dentro deles.

Ou eu avancei, ou ele se aproximou de mim. As mãos dele estavam já no meu rosto, nos meus olhos, embora eu não as sentisse.

— Entre dentro de meu peito — ouvi-o dizer. Senti como se o estivesse engolindo. Era a mesma sensação de esponjosidade da parede.

Então, ouvi a voz dele me ordenando para olhar e ver. Não o distinguia mais. Aparentemente meus olhos estavam abertos, pois via lampejos de luz num campo vermelho; era como se eu estivesse olhando para uma luz de olhos fechados. Então, meus pensamentos se ligaram de novo. Voltaram numa rápida barragem de imagens -rostos, cenas. Cenas sem qualquer coerência apareciam e sumiam. Era como um sonho rápido, em que as imagens se sobrepõem e mudam. Os pensamentos começaram a diminuir em número e intensidade e logo desapareceram de novo. Só havia uma consciência de afeição, de estar feliz. Não conseguia distinguir formas nem luz. De repente, fui puxado para cima. Senti distintamente que estava sendo levantado. E estava livre, movendo-me com uma extraordinária leveza e velocidade na água ou no ar. Nadava como uma enguia; contorcia-me e virava e me alçava e baixava à vontade. Sentia um vento frio

soprando em volta de mim, e comecei a flutuar como uma pluma, para diante e para trás, para baixo, e para baixo e para baixo.

Sábado, 28 de dezembro de 1963

Acordei ontem no fim da tarde. Dom Juan me disse que eu tinha dormido calmamente durante quase dois dias. Tinha uma dor de cabeça de rachar. Bebi um pouco d'água e fiquei enjoado. Sentia-me cansado, extremamente cansado, e depois de comer tornei a dormir.

Hoje, sentia-me novamente perfeitamente descansado. Dom Juan e eu conversamos sobre minha experiência com o fuminho. Pensando que ele queria que eu contasse a história toda como eu sempre fazia, comecei a descrever minhas impressões, mas ele me fez parar, dizendo que não era preciso. Disse-me que, na verdade, eu não tinha feito nada, e que tinha adormecido logo, de modo que não havia nada para contar.

— E aquilo tudo que senti? Não é importante? — insisti.

— Não, não com o fumo. Mais tarde, quando você aprender a viajar, conversaremos; quando aprender a entrar nas coisas.

— A gente "entra" mesmo nas coisas?

— Não se lembra? Você entrou e atravessou aquela parede.

— Acho que eu estava fora de meu juízo.

— Não estava, não.

— Agiu da mesma maneira quando fumou pela primeira vez, Dom Juan?

— Não, não foi igual. Temos personalidades diferentes.

— Como foi que você se comportou?

Dom Juan não respondeu. Reformulei a pergunta e tornei a indagar. Mas ele disse que não se lembrava de suas experiências e que minha pergunta era o mesmo que perguntar a um pescador o que ele sentira da primeira vez que pescara.

Falou que o fumo como aliado era único; e lembrei-lhe de ele também dissera que Mescalito era único. Argumentou que cada qual era único, mas que eram diferentes em qualidade.

— Mescalito é um protetor porque fala com você e pode guiar seus atos — disse ele. — Mescalito ensina a maneira certa de viver. E você pode vê-lo porque ele está fora de você. O fumo por outro lado, é um aliado. Transforma você e lhe dá poder sem jamais mostrar a sua presença. Não pode conversar com ele. Mas sabe que ele existe porque leva embora seu corpo e o torna leve como o ar. No entanto, você nunca o vê. Mas está ali, dando-lhe poder para realizar coisas

inimagináveis, como quando lhe tira seu corpo.

— Senti mesmo como se tivesse perdido meu corpo, Dom Juan.

— E perdeu.

— Quer dizer, eu não tinha mesmo corpo?

— O que é que você acha?

— Bem, não sei. Só posso dizer-lhe o que eu sentia.

— É só isso que existe, na realidade... o que você sentia.

— Mas como é que você me via, Dom Juan? Como é que eu lhe aparecia?

— Como eu o via não importa. É como na ocasião em agarrou a vara. Sentia que não estava ali e deu a volta à vara para se certificar de que estava lá. Mas quando saltou em cima dela, tornou a sentir que não estava ali, realmente.

— Mas você me via como estou agora, não?

— Não! Não estava como está agora! — É verdade! Isso admito. Mas tinha meu corpo, não tinha, embora não pudesse senti-lo?

— Não! Que diabo! Não tinha um corpo como o que tem hoje! — Então o que aconteceu com meu corpo?

— Eu pensava que você entendesse. O fuminho levou seu corpo.

— Mas para onde foi?

— Como, afinal, você espera que eu saiba disso?

Era inútil insistir em tentar obter uma explicação "racional". Disse-lhe que não queria discutir, nem fazer perguntas bobas, mas se eu aceitasse a idéia de que era possível perder meu corpo, perderia toda minha racionalidade.

Respondeu que eu estava exagerando, como sempre, e que não tinha perdido nem ia perder nada por causa do fuminho.

Terça-feira, 28 de janeiro de 1964

Perguntei a Dom Juan o que ele achava da idéia de dar o fumo a qualquer pessoa que desejasse ter a experiência.

Respondeu, indignado, que agir assim seria o mesmo que matá-la, pois ela não teria ninguém para guiá-la. Pedi a Dom Juan para explicar o que queria dizer. Falou que eu estava ali, vivo e conversando, porque ele me trouxera de volta. Tinha restaurado meu corpo. Sem ele eu nunca teria acordado.

— Como foi que restaurou meu corpo, Dom Juan?

— Mais tarde aprenderá isso, mas terá de aprender a fazê-lo sozinho. É por isso que eu quero que você aprenda o máximo que puder enquanto ainda estou por aqui. Já desperdiçou muito tempo fazendo perguntas burras sobre bobagens.

Mas talvez não seja o seu destino aprender tudo a respeito do fuminho.

— Bem, então o que devo fazer?

— Deixe que o fumo lhe ensine tudo o que puder aprender.

— O fumo também ensina?

— Claro que ensina.

— Ensina como Mescalito?

— Não, não é um mestre como Mescalito. Não mostra as mesmas coisas.

— Mas então o que é que o fumo ensina?

— Ensina-lhe como usar seu poder, e a saber que deve tantas vezes quantas puder.

— Seu aliado é muito assustador, Dom Juan. Foi diferente de tudo o que já experimentei. Achei que tinha perdido o juízo.

Por algum motivo, foi essa a imagem mais impressionante que me veio à cabeça. Considerava o acontecimento global do ponto de vista especial de ter tido outras experiências alucinógenas com as quais compará-lo, e a única coisa que me ocorria, repetidamente, era que, com o fumo, a gente perde o juízo.

Dom Juan não fez caso de minha imagem, dizendo que o que eu sentia era seu poder inimaginável. E para lidar com aquele poder, disse ele, é preciso viver uma vida forte. A idéia de vida forte não só pertence ao período de preparação, como também acarreta a atitude do homem depois da experiência. Disse que o fumo é tão forte que a gente só pode enfrentá-lo com força; senão, a vida da pessoa seria despedaçada.

Perguntei-lhe se o fumo tinha o mesmo efeito sobre todo mundo. Respondeu que produzia uma transformação, mas não em todo mundo.

— Então, qual o motivo especial por que o fumo produziu a transformação em mim? perguntei.

— Acho que esta é uma pergunta muito tola. Seguiu obedientemente todos os passos necessários. Não é mistério que o fumo o tenha transformado.

Pedi-lhe novamente para me contar a respeito de meu aspecto. Queria saber como tinha ficado, pois a idéia de um corpo que ele incutira em minha mente era, compreensivelmente, insuportável.

Ele disse que, para dizer a verdade, tivera medo de olhar para mim; sentiu-se do mesmo modo que seu benfeitor devia ter-se sentido ao vê-lo fumando pela primeira vez.

— Por que teve medo? Eu estava assim tão assustador? — indaguei.

— Nunca havia visto ninguém fumando antes.

— Nunca viu seu benfeitor fumando?

— Não.

— Nunca viu nem a si mesmo?

— Como poderia ver-me?

— Poderia fumar diante de um espelho.

Não respondeu, mas voltou-se para mim e sacudiu a cabeça. Tornei a perguntar se era possível olhar num espelho. Respondeu que seria possível, embora inútil, pois a pessoa provavelmente morreria de susto, se não de outra coisa.

— Então a gente deve ficar assustador — falei.

— A vida toda pensei sobre isso mesmo — disse ele. _ No entanto, nunca fiz perguntas, nem espiei no espelho. Nem me lembrei disso.

— Então, como posso descobrir?

— Terá de esperar, assim como eu fiz, até você dar o fumo a outra pessoa... se algum dia o dominar, é claro. Então verá como fica o homem. É essa a regra.

— O que aconteceria se eu fumasse em frente a uma câmara e tirasse um retrato de mim?

— Não sei. O fumo provavelmente se voltaria contra você. Mas suponho que o considere tão inofensivo que pensa que pode brincar com ele.

Disse-lhe que não pretendia brincar, mas que ele já me havia dito que o fumo não exigia estágios, e pensei que não havia mal em querer saber qual a aparência da pessoa fumando. Corrigiu-me, explicando que tinha querido dizer que não havia necessidade de seguir uma ordem determinada, como no caso da erva-do-diabo; o que era necessário com o fumo era a atitude adequada, disse ele. Desse ponto de vista, a gente tinha de ser exato ao seguir a regra. Deu-me um exemplo, explicando que não fazia diferença qual o ingrediente da mistura a ser apanhado primeiro, contanto que a quantidade fosse correta.

Perguntei se haveria algum mal em contar a terceiros a respeito de minha experiência. Respondeu que os únicos segredos que nunca podiam ser revelados eram como fazer a mistura, como se mover e como voltar; os outros assuntos não tinham importância.

8

Meu último encontro com Mescalito foi um conjunto de quatro sessões realizadas em quatro dias consecutivos. Dom Juan chamou essa longa sessão um

mitote. Era uma cerimônia de peyoteros e aprendizes. Havia dois homens mais velhos, mais ou menos da idade de Dom Juan, um dos quais e cinco homens mais moços, inclusive eu. A cerimônia teve lugar no Estado de Chihuahua, no México próximo à fronteira do Texas. Consistia em cantar e ingerir o peiote durante a noite. Na parte do dia, serventes mulheres, que ficavam fora dos limites do local dá cerimônia, forneciam água aos homens, e somente uma amostra de alimentos rituais eram consumidos cada dia.

Sábado, 12 de setembro de 1964

Na primeira noite da cerimônia, quinta-feira, 3 de setembro, tomei oito botões de peiote. Não tiveram efeito sobre mim, ou, se tiveram, foi muito ligeiro. Fiquei de olhos fechados a maior parte da noite. Sentia-me muito melhor assim. Não dormi, nem fiquei cansado. No fim da sessão, o canto extraordinário. Por um momento, senti-me exaltado e tive vontade de chorar, mas quando terminou o canto a sensação sumiu.

Nós todos nos levantamos e fomos para fora. As mulheres nos deram água. Alguns dos homens gargarejaram com ela; outros a beberam. Os homens não falavam nada, mas as mulheres conversavam e riam o dia todo. Os alimentos rituais eram servidos ao meio-dia. Consistiam em milho cozido.

Ao pôr-do-sol, na sexta-feira, 4 de setembro, começou a segunda sessão. O líder cantou sua canção de peiote e recomeçou o ciclo de cânticos peiotes e o consumo de botões de peiote. Terminou de manhã, cada homem cantando sua própria canção, em uníssono com os outros.

Quando saí, não vi tantas mulheres quanto na véspera. Alguém me deu água, mas eu não estava mais preocupado com o ambiente. Mais uma vez eu ingerira oito botões, mas o efeito fora diferente.

Deve ter sido no fim da sessão que a cantoria se acelerou muito, todo mundo cantando ao mesmo tempo. Percebi que alguma coisa ou alguém do lado de fora da casa queria entrar. Não sabia se a cantoria era para evitar que a coisa entrasse ou para atraí-la para o interior.

Era o único que não tinha uma canção. Todos pareciam olhar para mim com curiosidade, especialmente os mais jovens. Fiquei encabulado e fechei os olhos.

Então, percebi que eu podia ver o que se passava muito melhor de olhos fechados. Essa idéia ocupou toda minha atenção. Fechei os olhos e vi os homens em minha frente. Abri os olhos, e a imagem continuava igual. O ambiente era exatamente igual para mim, de olhos fechados ou abertos.

Da repente, tudo desapareceu, ou se desfez, e apareceu a figura viril de Mescalito que eu vira dois anos antes. Ele estava sentado a certa distância, de

perfil para mim. Olhei-o fixamente, mas ele não olhou para mim; não se virou nem uma vez.

Achei que estava fazendo alguma coisa errada, alguma coisa que o estava afastando. Levantei-me e fui para junto dele, para perguntar-lhe. Mas meu movimento dissolveu a imagem. Começou a desaparecer e os vultos dos homens que estavam comigo se superpuseram sobre ela. Tornei a ouvir a cantoria alta e frenética.

Fui para os arbustos próximos e andei um pouco. Tudo estava muito nítido. Reparei que eu estava vendo no escuro, mas dessa vez importava muito pouco. O importante era saber por que Mescalito me evitava.

Voltei para junto do grupo e quando ia entrar na casa, ouvi um ronco pesado e senti um tremor. A terra estava tremendo. Era o mesmo ruído que eu ouvira no vale de peiote dois arcos atrás.

Tornei a correr para dentro dos arbustos. Sabia que Mescalito estava lá, e que eu ia encontrá-lo. Mas ele não estava. Esperei até de manhã e me juntei aos outros pouco antes de terminar a sessão.

O mesmo ritual foi repetido no terceiro dia. Não estava cansado mas dormi durante a tarde.

Na noite de sábado, 5 de setembro, o velho cantou sua canção peiote para recomeçar o ciclo. Naquela sessão, só mastiguei um botão e não escutei nenhuma das canções, nem prestei atenção a nada do que se passou. Desde o primeiro momento, todo meu ser se concentrou unicamente em um ponto. Sabia que uma coisa muito importante para o meu bem-estar estava faltando.

Enquanto os homens cantavam, pedi a Mescalito, em voz alta, que me ensinasse uma canção. Meu pedido misturou-se com os cantos altos dos homens. Imediatamente, ouvi uma canção em meus ouvidos. Virei-me e sentei-me de costas para o grupo e escutei. Ouvi a letra e a melodia várias vezes e as repeti até ter aprendido toda a canção. Era uma canção comprida, em espanhol. Então, cantei-a para o grupo, várias vezes. E pouco depois uma nova canção insinuou-se nos meus ouvidos. Quando chegou a manhã, tinha cantado ambas as canções inúmeras vezes. Sentia-me renovado, revigorado.

Depois de nos darem água, Dom Juan deu-me um saco e nós todos fomos para os morros. Foi uma caminhada longa e fatigante até uma meseta. Ali vi várias plantas de peiote. Mas por algum motivo, não quis olhar para elas. Depois de atravessarmos o pequeno planalto, o grupo se espalhou. Dom Juan e eu voltamos, colhendo botões de peiote, tal como tínhamos feito da primeira vez que o ajudei.

Voltamos no fim da tarde do domingo, 6 de setembro. De noite o líder reabriu o ciclo. Ninguém disse nada, mas eu sabia perfeitamente que era a última reunião. Dessa vez, o velho cantou uma canção nova. Foi passado em volta um saco com botões frescos de peiote. Era a primeira vez que eu provava um botão fresco. Era polpudo mas duro de mascar. Parecia uma fruta verde e dura e era mais amargo do que os botões secos. Pessoalmente, achei o peiote fresco muito mais vivo.

Mastiguei 14 botões. Contei-os com cuidado. Não terminei o último, pois ouvi o ruído especial que marcava a presença de Mescalito. Todos cantavam freneticamente, e eu sabia que Dom Juan e todos os outros tinham ouvido o barulho. Recusei-me a pensar que sua reação fosse uma resposta a um sinal dado por um deles, só para me enganar.

Naquele momento, senti uma grande onda de sabedoria me invadir. Uma suposição que eu alimentava havia três anos transformou-se em certeza. Levara três anos para compreender, ou melhor, para descobrir, que o que quer que esteja encerrado no cacto Lophophora williamsii não tinha nada a ver comigo para existir como entidade; existia por si lá fora, solta. Então eu o soube.

Cantei febrilmente, até não poder mais pronunciar as palavras. Sentia como se as canções estivessem dentro de meu corpo, sacudindo-me incontrolavelmente. Tinha de sair e encontrar Mescalito, senão explodiria. Encaminhei-me para o campo de peiote. Continuei a cantar minhas canções. Sabia que eram minhas, individualmente — prova indiscutível de minha singularidade. Sentia cada passo; eles ressoavam na terra; seu eco produzia a euforia indescritível de ser homem.

Cada uma das plantas de peiote no campo brilhava com uma luz azulada e cintilante. Uma das plantas tinha uma luz muito clara. Sentei-me diante dela e cantei-lhe minhas canções. Enquanto eu cantava, Mescalito saiu de dentro da planta -o mesmo vulto de homem que eu já vira antes. Olhou para mim. Com grande audácia, para uma pessoa do meu temperamento, cantei para ele. Ouvi o som de flautas, ou do vento, uma vibração musical conhecida. Pareceu dizer-me, como dissera dois anos antes: "O que você quer?"

Falei bem alto. Disse que eu sabia que havia algo de errado em minha vida e meus atos, mas que não conseguia descobrir o que fosse. Implorei-lhe que me dissesse o que havia de errado comigo e também para me dizer seu nome, para eu poder chamá-lo quando precisasse dele. Olhou para mim, alongou a boca como uma trompa, até ela alcançar minha orelha, e depois me disse seu nome.

De repente, vi meu próprio pai de pé no meio do campo de peiote; mas o campo desaparecera e a cena era minha velha casa, o lar de minha infância. Meu

pai e eu estávamos de pé ao lado de uma figueira. Abracei meu pai e depressa comecei a contar-lhe coisas que nunca tinha podido dizer antes. Todos meus pensamentos eram concisos e coerentes. Era como se não tivéssemos tempo e eu tivesse de dizer tudo de uma vez. Falei coisas arrasadoras a respeito de meus sentimento para com ele, coisas que eu nunca teria podido exprimir, em circunstâncias normais.

Meu pai não disse nada. Só ficou ouvindo e depois foi puxado, ou sugado. Fiquei sozinho outra vez. Chorei de remorso e tristeza.

Passei pelo campo de peiote chamando o nome que Mescalito me ensinara. Alguma coisa surgiu de uma luz estranha, como de estrela, numa planta de peiote. Era um objeto comprido e luminoso — um bastão de luz do tamanho de um homem. Por um momento, iluminou todo o campo com uma luz intensa, amarelada ou âmbar; depois iluminou todo o céu, criando um espetáculo maravilhoso e portentoso. Achei que ia ficar cego, se continuasse a olhar; cobri os olhos e enterrei a nos braços.

Tive uma idéia clara de que Mescalito me havia dito comer mais um botão de peiote. Pensei: "Não posso fazer isso, pois não tenho faca para cortá-lo." — Coma um do chão — disse-me ele, do mesmo modo estranho.

Deitei-me de bruços e mastiguei a ponta de uma planta. Aquilo me acendeu. Encheu todos os cantos de meu corpo com calor e clareza. Tudo estava vivo. Tudo tinha detalhes delicados e complicados, e no entanto tudo era tão simples. Eu estava em toda parte; podia ver para cima e para baixo e em volta, tudo ao mesmo tempo.

Aquela sensação especial durou o suficiente para eu tomar conhecimento dela. Então, mudou para um terror opressivo, um terror que não me veio de repente, mas rapidamente. A princípio, meu mundo maravilhoso de silêncio foi abalado por ruídos agudos, mas não me preocupei. Depois, os ruídos foram se tornando mais fortes e eram ininterruptos, como se me estivessem envolvendo. E aos poucos perdi a sensação de estar flutuando num mundo tão diferenciado, indiferente e belo. Os ruídos se tornaram passadas gigantescas. Alguma coisa enorme respirava e se movia em volta de mim. Achei que me estava caçando.

Corri e escondi-me debaixo de um rochedo e procurei ver dali o que é que me perseguia. Em dado momento, saí de meu esconderijo para olhar, e meu perseguidor, fosse quem fosse, avançou. Era como uma alga marinha. Lançou-se sobre mim. Pensei que seu peso fosse esmagar-me, mas encontrei-me dentro de um cano, ou cavidade. Vi claramente que a alga não tinha coberto toda a superfície do solo em volta de mim. Ainda restava um pouco de terra livre debaixo do rochedo. Comecei a rastejar para baixo dele. Vi imensos pingos de

líquido caindo da alga. Eu "sabia" que ela estava segregando ácido digestivo a fim de me dissolver. Um pingo caiu no meu braço; tentei esfregar o ácido com pó e apliquei saliva, enquanto cavava mais. Em certo momento, fiquei quase vaporoso. Estava sendo empurrado para cima, para uma luz. Achei que a alga me dissolvera. Vagamente, vi uma luz que se tornava mais forte; estava saindo de debaixo da terra e por fim irrompeu no que reconheci como sendo o sol erguendo-se por detrás dos montes.

Aos poucos, comecei a recuperar meus processos sensoriais normais. Deitei-me de bruços com o queixo sobre meus braços cruzados. A planta de peiote diante de mim começou a iluminar-se de novo e, antes que eu pudesse mexer os olhos, apareceu novamente a luz comprida. Pairou sobre mim. Sentei-me. A luz tocou em meu corpo todo com uma força tranquila, e depois rolou e desapareceu.

Corri até o lugar onde estavam os outros homens. Todos voltamos para a cidade. Dom Juan e eu ficamos mais um dia com Roberto, o líder de peiote. Dormi o tempo todo que passamos lá. Quando já íamos embora, os rapazes que tinham tomado parte nas sessões de peiote foram procurar-me. Abraçaram-me, um por um, e riram, encabulados. Cada qual se apresentou. Conversei horas com eles, sobre tudo menos as sessões de peiote.

Dom Juan disse que estava na hora de partirmos. Os rapazes me abraçaram de novo.

— Volte — disse um deles.

— Já estamos esperando por você — acrescentou outro.

Fui embora devagar, procurando ver os homens mais velhos, mas nenhum estava lá.

Quinta-feira, 10 de setembro de 1964

Contar uma experiência a Dom Juan sempre me obrigava a relembrá-la passo a passo, o melhor que eu pudesse. Parecia ser este o único meio de me lembrar de tudo.

Hoje, contei-lhe os detalhes de meu último encontro com Mescalito. Ouviu minha história atentamente até o ponto em que Mescalito me disse seu nome. Então, Dom Juan me interrompeu.

— Agora está por si — disse ele. — O protetor o aceitou. De agora em diante, lhe serei de pouca ajuda. Não me precisa contar mais nada a respeito de seu relacionamento com ele. Já sabe o nome dele; e nem seu nome nem suas relações com você devem ser mencionados para qualquer ser vivo.

Insisti que queria contar-lhe todos os detalhes da experiência, pois não fazia

sentido para mim. Disse-lhe que precisava da ajuda dele para interpretar o que eu havia visto. Respondeu que eu podia fazer isso sozinho, que era melhor começar a pensar por mim. Argumentei que estava interessado em ouvir as opiniões dele, porque eu levaria muito tempo para chegar a opiniões próprias, e não sabia como proceder.

— Veja as canções, por exemplo — disse eu. — O que significam?

— Só você pode decidir sobre isso — respondeu. – Como vou saber o que significam? Só o protetor pode contar-lhe isso, assim como só ele pode ensinar-lhe suas canções. Se eu fosse contar-lhe o que significam, seria o mesmo que você aprender as canções de outra pessoa.

— O que quer dizer com isso, Dom Juan?

— Você pode saber quem são os impostores ouvindo as pessoas cantando as canções do protetor. Só as canções com alma são dele e foram ensinadas por ele. As outras são cópias das canções dos outros homens. As vezes, as pessoas são assim, enganadoras. Cantam as canções dos outros sem nem saber o que as mesmas dizem.

Falei que fazia tenção de perguntar para que se usavam as canções. Respondeu que as canções que eu tinha aprendido era para chamar o protetor e que sempre devia usá-las em conjunto com o nome dele, para chamá-lo. Depois, Mescalito provavelmente me ensinaria outras canções para outras finalidades, disse Dom Juan.

Perguntei-lhe, então, se achava que o protetor me havia aceito plenamente. Ele riu, como se achasse minha pergunta boba. Disse que o protetor me aceitara e fizera questão que eu soubesse que ele me aceitara, mostrando-se a mim como uma luz, por duas vezes. Dom Juan parecia estar muito impressionado com o fato de eu ter visto a luz duas vezes. Frisou esse aspecto de meu encontro com Mescalito.

Disse-lhe que não sabia como seria possível ser aceito pelo protetor e no entanto ficar aterrorizado por ele.

Dom Juan ficou muito tempo sem responder. Parecia estar confuso. Por fim, disse:

— Mas é tão claro. O que ele queria é tão claro que não sei como é que você pode deixar de entender.

— Tudo ainda é. incompreensível para mim, Dom Juan.

— Leva tempo para realmente ver e compreender o que Mescalito quer dizer; deve pensar em suas lições até elas ficarem claras.

Sexta feira, 11 de setembro de 1964

Mais uma vez insisti para que Dom Juan interpretasse minhas experiências visionárias. Despistou um pouco. Depois, falou como se já estivéssemos conversando a respeito de Mescalito.

— Não vê como é tolo perguntar se ele é uma pessoa com quem se pode conversar? disse Dom Juan. — Ele não se parece com nada que você já tenha visto. É como um homem, mas, ao mesmo tempo, não é nada como um homem. É difícil explicar isso a pessoas que não sabem nada sobre ele e que querem saber tudo a seu respeito de repente. E depois, suas lições são tão misteriosas quanto ele mesmo. Que eu saiba, ninguém pode prever seus atos. Se lhe fizer uma pergunta, ele lhe mostra o caminho, mas não lhe conta a respeito da mesma maneira que você e eu conversamos. Agora entende o que ele faz?

— Não creio que eu tenha dificuldade em entender isso. O que não consigo decifrar é o significado dele.

— Pediu-lhe para lhe dizer o que há de errado com você, e ele lhe deu o quadro completo. Não pode haver engano! Não pode dizer que não entendeu. Não foi uma conversa e, no entanto, foi. Depois, fez-lhe outra pergunta, e ele lhe respondeu exatamente da mesma maneira. Quanto ao que ele queria dizer, não estou certo de entendê-lo, pois você resolveu não me dizer qual foi sua pergunta. Repeti com cuidado as perguntas que me lembrava de ter feito; coloquei-as na ordem em que as fizera: "Estou fazendo o que é certo? Estou no caminho certo? O que devo fazer da minha vida?" Dom Juan disse que as perguntas que eu formulara eram simples palavras; era melhor não pronunciar as perguntas, e sim fazê-las de dentro. Disse-me que o protetor querido dar-me uma lição; e para provar que queria dar uma lição, e não assustar-me para eu fugir, ele se mostrara duas vezes como luz.

Falei que ainda assim não podia entender por que Mescalito me aterrorizava, se me aceitava. Lembrei a Dom Juan que, segundo suas declarações, ser aceito por Mescalito implicava que sua forma era constante e não mudava da felicidade para o pesadelo. Dom Juan tornou a rir de mim e disse eu pensasse sobre a pergunta que tinha no coração quando falei com Mescalito, então eu próprio havia de compreender a lição.

Pensar na pergunta que eu tivera em meu "coração" era um problema difícil. Disse a Dom Juan que tinha tido muitas coisas em mente. Quando perguntei se estava no caminho certo eu queria dizer: Tenho um pé em cada um dos dois mundos? Qual o mundo certo? Que rumo minha vida deve tomar?

Dom Juan ouviu minhas explicações e concluiu que eu não tinha uma visão clara do mundo, e que o protetor me dera uma lição lindamente clara. Ele disse:

— Você acha que há dois mundos para você... dois caminhos. Mas só existe um. O protetor mostrou-lhe isso com uma clareza inacreditável. O único mundo possível para você é o mundo dos homens, e esse mundo você não pode resolver largar. É um homem! O protetor lhe mostrou o mundo da felicidade, onde não há diferença entre as coisas porque lá não ninguém que indague pela diferença. Mas esse não é o mundo dos homens. O protetor o sacudiu dali para fora e lhe mostrou como é que o homem pensa e luta. Este é o mundo do homem! E ser um homem é estar condenado a esse mundo. Você tem a presunção de crer que vive em dois mundos, mas isso é apenas vaidade. Só existe um único mundo para nós. Somos homens, e temos de seguir o mundo dos homens satisfeitos.

— Creio que foi esta a lição.

9

Dom Juan aparentemente queria que eu trabalhasse o mais possível com a erva-do-diabo. Essa atitude estava em desacordo com sua propalada aversão pelo poder. Ele próprio explicou o fato dizendo que estava próximo o momento em que eu teria de fumar de novo, e que então já deveria ter adquirido um melhor conhecimento do poder da erva-do-diabo.

Sugeriu várias vezes que eu devia pelo menos testar a erva-do-diabo por meio de mais uma feitiçaria com os lagartos. Cogitei da idéia por muito tempo. A insistência de Dom Juan aumentou dramaticamente, até sentir-me obrigado a atender ao pedido dele. E um dia resolvi fazer uma adivinhação a respeito de uns objetos roubados.

Segunda-feira, 28 de dezembro de 1964

No sábado, 19 de dezembro, cortei a raiz de Datura. Esperei até estar bem escuro para executar minha dança em volta da planta. Preparei o extrato da raiz durante a noite e, no domingo, por volta das seis da manhã, fui ao local de minha Datura. Sentei-me diante da planta. Tinha tomado nota cuidadosamente dos ensinamentos de Dom Juan sobre o processo. Tornei a ler minhas anotações e vi que não era obrigado a moer as sementes ali. Por algum motivo, o simples fato de estar diante da planta me dava uma rara estabilidade emocional, uma clareza de pensamentos ou um poder de me concentrar em meus atos que eu normalmente não possuía.

Segui todas as instruções meticulosamente, calculando o tempo de modo que a pasta e a raiz ficassem prontas no fim da tarde. Por volta das cinco horas, estava empenhado em pegar um par de lagartos. Durante uma hora e meia tentei

todos os métodos que me ocorreram, mas fracassei em todas as tentativas.

Estava sentado defronte da planta de Datura, tentando imaginar uma maneira prática de atingir meu propósito, quando de repente lembrei-me de que Dom Juan dissera que é preciso conversar com os lagartos. A princípio, senti-me ridículo falando com os bichos. Era como estar encabulado ao falar diante de uma platéia. Mas a sensação logo desapareceu e continuei a falar. Estava quase escuro. Levantei uma pedra. Debaixo dela havia um lagarto. Tinha o aspecto de estar dormente. Apanhei-o. E então vi que havia outro lagarto duro debaixo de outra pedra. Eles nem se contorceram.

Costurar a boca e os olhos foi a tarefa mais difícil. Reparei que Dom Juan tinha dado um sentido de irrevogabilidade meus atos. A atitude dele era que, quando um homem começa um ato, não há meio de parar. No entanto, se eu tivesse querido parar, não havia nada que me impedisse. Talvez eu não quisesse parar.

Soltei um dos lagartos e ele foi numa direção nordeste — presságio de uma experiência boa, porém difícil. Prendi o outro lagarto a meu ombro e besuntei as têmporas conforme o ordenado. O lagarto estava duro; por um momento, pensei que tivesse morrido, e Dom Juan não me dissera o que devia fazer se isso acontecesse. Mas o lagarto estava só dormente.

Bebi a poção e esperei. Não senti nada de extraordinário. Comecei a esfregar a pasta em minhas têmporas. Apliquei-a 25 vezes. Depois, mecanicamente, como se eu estivesse distraído, espalhei-a repetidamente por toda a testa. Percebi meu engano e depressa limpei a pasta. Minha testa estava molhada de suor; fiquei febril. Uma ansiedade intensa me dominou, pois Dom Juan me avisara sempre de que não passasse a pasta na testa. O medo transformou- se numa sensação de completa solidão, uma sensação de estar condenado. Estava ali sozinho. Se alguma coisa de ruim ia acontecer-me, não havia ninguém para me ajudar. Queria fugir. Tinha uma sensação alarmante de indecisão, de não saber o que fazer. Um mundo de pensamentos me passou pela cabeça, numa velocidade extraordinária. Reparei que eram pensamentos meio estranhos; isto é, eram estranhos no sentido de que pareciam surgir de maneira diferente de pensamentos comuns. Sei a maneira como penso. Meus pensamentos têm uma ordem definida que é minha, e qualquer desvio é perceptível.

Um dos pensamentos estranhos foi sobre uma declaração feita por um autor. Lembro- me vagamente de que era mais como uma voz, ou alguma coisa dita em algum lugar nos fundos. Aconteceu tão depressa que me assustou. Parei para pensar nele, mas transformou-se num pensamento comum. Estava certo de ter lido a declaração, mas não conseguia lembrar- me do nome do autor. De repente,

lembrei-me de que era Alfred Kroeber. Então, outro pensamento estranho apareceu e "disse" que não era Kroeber, e sim Georg Simmel quem fizera tal declaração. Insisti que era Kroeber, e quando vi estava discutindo comigo mesmo. E tinha esquecido da sensação de estar condenado.

Minhas pálpebras estavam pesadas, como se eu tivesse tomado comprimidos para dormir. Embora eu nunca tivesse tomado essas coisas, foi a imagem que me ocorreu. Estava adormecendo. Queria ir para meu carro e entrar nele, mas não consegui mover-me.

Depois, de repente, acordei, ou melhor, senti claramente que tinha acordado. Meu primeiro pensamento foi a respeito da hora. Olhei em volta. Não estava em frente da planta de Datura. Displicentemente, aceitei o fato de estar tendo mais uma experiência de adivinhação. Eram 12:35 por um relógio acima de minha cabeça. Sabia que era de tarde.

Vi um rapaz carregando uma pilha de papéis. Eu estava quase tocando-o. Vi as veias do pescoço dele pulsando e ouvi batidas rápidas de seu coração. Eu estava absorto no que via e, até então, não tinha consciência da qualidade de meus pensamentos. Então, ouvi uma "voz" no meu ouvido descrevendo a cena, e percebi que a "voz" era o pensamento estranho em minha cabeça.

Fiquei tão absorto em escutar que a cena perdeu seu interesse visual para mim. Ouvi a voz em meu ouvido direito, acima de meu ombro. Ela realmente criava a cena, descrevendo-a. Mas obedecia à minha vontade, pois eu podia pará-la a qualquer momento e examinar os detalhes do que dizia à minha vontade. "Ouvi-vi" toda a sequência dos atos do rapaz. A voz continuou a explicá-los detalhadamente, mas, por algum motivo, a ação não era importante. A vozinha é que era a questão extraordinária. Três vezes, no curso da experiência, tentei virar- me para ver quem estava falando. Tentei virar a cabeça completamente para a direita, ou virar de repente para ver se havia alguém ali. Mas cada vez que o fazia, minha visão se turvava. Pensei: "O motivo por que não me posso virar é que a cena não está no reino da realidade normal". E esse pensamento era meu.

Daí em diante, concentrei minha atenção apenas na voz. Parecia vir de meu ombro. Era perfeitamente clara, embora fosse uma vozinha fraca. Mas não era voz de criança nem de falsete, e sim a voz de um homem em miniatura. Tampouco era minha voz. Supus que fosse inglês, o que eu estava ouvindo. Sempre que tentava propositadamente pilhar a voz, ela parava totalmente, ou abaixava, e a cena desaparecia. Pensei imagem. A voz era como a imagem criada por partículas de poeira nas pestanas, ou os vasos sanguíneos na córnea do olho, uma forma de verme que pode ser vista enquanto a gente não olha diretamente

para ela; mas no momento em que a gente procura olhá-la, sai de foco com o movimento do globo ocular.

Desinteressei-me completamente da ação. Enquanto escutava, a voz tornou-se mais complexa. O que eu pensava ser uma voz, era mais como alguma coisa cochichando idéias em meu ouvido. Mas isso não era certo. Alguma coisa estava pensando por mim. Os pensamentos eram fora de mim. Eu sabia que era assim, porque podia conter as minhas idéias e as idéias do “outro” ao mesmo tempo.

Em certo ponto, a voz criou cenas representadas pelo rapaz, que nada tinham a ver com minha pergunta originária sobre os objetos perdidos. O rapaz fazia coisas muito complexas. A ação se tornara importante de novo e não dei mais atenção a voz. Comecei a perder a paciência; eu queria parar. “Como posso fazer isso parar?", pensei. A voz em meu ouvido disse que eu devia voltar à garganta. Perguntei como, e a voz respondeu que eu devia pensar em minha planta.

Pensei em minha planta. Geralmente, sentava-me em frente dela. Já fizera isso tantas vezes que foi bem fácil visualiza-la. Acreditei que vê-la, como a vi naquele momento, era mais outra alucinação, mas a voz dizia que eu estava "de volta”! Esforcei-me para escutar. Só havia silêncio. A planta de Datura ira diante de mim parecia tão real quanto tudo o mais que eu havia visto, mas podia tocá-la, podia mover-me.

Levantei-me e fui para meu carro. O esforço me deixou exausto; sentei-me e fechei os olhos. Estava tonto e com vontade de vomitar. Sentia um zumbido nos ouvidos.

Alguma coisa deslizou para meu peito. Era o lagarto, Lembrei-me da advertência de Dom Juan, para soltá-lo. Voltei para a planta e desprendi o lagarto. Nem queria ver se estava vivo ou morto. Quebrei o pote de barro com a pasta e chutei um pouco de terra por cima. Entrei em meu carro e adormeci.

Quinta-feira, 24 de dezembro de 1964

Hoje, narrei toda a experiência a Dom Juan. Como sempre, escutou sem me interromper. No final, tivemos o seguinte diálogo:

— Fez uma coisa muito errada.

— Eu sei. Foi um erro muito estúpido, um acidente.

— Não há acidentes quando se trata da erva-do-diabo. Disse-lhe que ela o poria à prova o tempo todo. Na minha opinião, ou você é muito forte, ou a erva realmente gosta de você. O centro da testa é só para os grandes brujos, que sabem como tratar o poder dela.

— O que costuma acontecer quando o homem esfrega a testa com a pasta, Dom Juan?

— Se o homem não for um grande brujo, nunca voltará da viagem.

— Já esfregou a pasta na testa, Dom Juan?

— Nunca! Meu benfeitor disse que muito poucas pessoas voltam dessa viagem. O homem poderia partir por meses, e teria de ser tratado por outros. Meu benfeitor falou que os lagartos podiam levar o homem até o fim do mundo e mostrar-lhe os segredos mais maravilhosos, se solicitados.

— Conhece alguém que já tenha feito essa viagem?

— Sim, meu benfeitor. Mas nunca me ensinou como se volta.

— E assim tão difícil voltar, Dom Juan?

— É, sim. É por isso que seu ato é realmente surpreendente para mim. Tinha passos a seguir, e temos de seguir certos passos, pois é nos passos que o homem encontra força. Sem eles, não somos nada.

Ficamos calados durante horas. Ele parecia estar absorto numa meditação profunda.

Sábado, 26 de dezembro de 1964

Dom Juan perguntou-me se eu tinha procurado os lagartos. Disse-lhe que sim, mas que não os conseguira encontrar. Perguntei-lhe o que teria acontecido se um dos lagartos morresse enquanto o segurava. Respondeu que a morte de um lagarto seria um acontecimento infeliz. Se o lagarto de boca costurada tivesse morrido a qualquer momento, não haveria mais razão para continuar com o feitiço, disse ele. Também teria significado que os lagartos tinham retirado sua amizade e eu teria de desistir de aprender a respeito da erva-do-diabo muito tempo.

— Por quanto tempo, Dom Juan?

— Dois anos ou mais.

— O que aconteceria se o outro lagarto tivesse morrido?

— Se o segundo lagarto morresse, você estaria em perigo real. Estaria sozinho, sem um guia. Se morresse antes de começar o feitiço, você poderia parar; mas se parasse, também teria de abandonar de vez a erva-do-diabo. Se o lagarto morresse enquanto estivesse em seu ombro, depois de começar o feitiço, teria de continuar com ele, e isso seria mesmo loucura.

— Por que seria uma loucura?

— Porque nessas condições, nada faz sentido. Está sozinho, sem um guia, vendo coisas assustadoras e sem nexo.

— O que quer dizer "coisas sem nexo"?

— Coisas que vemos sozinhos. Coisas que vemos quando não temos direção.

Quer dizer que a erva-do-diabo está procurando livrar-se de você e finalmente expulsando-o.

— Conhece alguém que já tenha experimentado isso?

— Conheço, sim. Eu. Sem a sabedoria dos lagartos, fiquei maluco.

— O que viu, Dom Juan?

— Uma porção de tolices. Que mais haveria de ver, sem direção?

Segunda-feira, 28 de dezembro de 1964

— Você me disse, Dom Juan, que a erva-do-diabo põe os homens a prova. O que queria dizer com isso?

— A erva-do-diabo é como uma mulher, e como mulher, lisonjeia os homens. Prepara armadilhas para eles a cada passo. Fez isso com você, quando o forçou a passar a pasta na testa. Há de tentar de novo, e você provavelmente cairá. Estou-lhe advertindo. Não a tome com paixão, a erva-do-diabo é apenas um dos caminhos para os segredos de um homem de conhecimento. Há outros caminhos. Mas a armadilha dela é fazê-lo crer que o caminho dela é o único. Digo que é inútil desperdiçar a vida num caminho, especialmente se esse caminho não tiver coração.

— Mas como é que sabe quando o caminho não tem coração, Dom Juan?

— Antes de segui-lo, você faz a pergunta: esse caminho tem coração? Se a resposta for não, você o saberá, e então deve escolher outro caminho.

— Mas como saberei ao certo se um caminho tem ou não coração?

— Qualquer pessoa sabe isso. O problema é que ninguém faz a pergunta; e quando o homem afinal descobre que tomou um caminho sem coração, o caminho está pronto para matá-lo. Nesse ponto muito poucos homens conseguem parar para pensar e deixar o caminho.

— Como devo fazer para perguntar direito, Dom Juan?

— Pergunte, apenas.

— Quero dizer, existe um método apropriado, para não mentir a mim mesmo, acreditando que a resposta é sim quando na verdade é não?

— Por que havia de mentir?

— Talvez porque no momento o caminho seja agradável.

— Isso é tolice. Um caminho sem coração nunca é agradável. Tem de trabalhar muito até para segui-lo. Por outro lado, um caminho com coração é fácil; não o faz trabalhar para gostar dele.

De repente, Dom Juan mudou de assunto e rudemente apresentou-me a idéia de que eu gostava da erva-do-diabo. Tive de confessar que tinha pelo menos uma

preferência por ela.

Perguntou o que eu achava do aliado dele, o fumo, e tive de lhe dizer que a simples idéia dele me assustava barbaramente.

— Já lhe disse que, para escolher um caminho, você deve estar livre do medo e da ambição. Mas o fumo o cega de medo, e a erva-do-diabo o cega de ambição.

Argumentei que a gente precisa de ambição até para tomar algum caminho, e que a afirmação dele, de que a gente tinha de ser livre de ambição, não tinha sentido. Uma pessoa tem de ter ambição para poder aprender.

— O desejo de aprender não é ambição — disse ele. – É nosso destino como homens querer saber, mas procurar a erva-do-diabo é querer o poder, e isso é ambição, pois você não está querendo saber. Não deixe que a erva-do-diabo o segue. Já o fisgou. Engoda os homens e lhes dá uma sensação de poder; ela os faz sentir que podem fazer coisas que nenhum homem comum pode fazer. Mas isso é a armadilha dela. E em seguida o caminho sem coração se volta contra os homens e os destrói. Não custa muito morrer, e procurar a morte é não procurar nada.

10

No mês de dezembro de 1964 Dom Juan e eu fomos colher as várias plantas necessárias para fazer a mistura do fumo. Era o quarto ciclo. Dom Juan apenas supervisionava meus atos. Aconselhava-me a andar devagar, a olhar e pensar antes de colher qualquer planta.

Assim que os ingredientes estavam todos colhidos e guardados, aconselhou-me a me encontrar de novo com seu aliado.

Quinta-feira, 31 de dezembro de 1964

— Agora que sabe um pouco mais a respeito da erva-do-diabo e do fumo, pode dizer mais claramente qual dos dois prefere — disse Dom Juan.

— O fumo realmente me assusta, Dom Juan. Não sei bem por quê, mas não tenho um bom sentimento a respeito.

— Gosta da lisonja, e a erva-do-diabo o lisonjeia. Como uma mulher, ela o faz sentir-se bem. O fumo, por outro lado, é o poder mais nobre; tem o coração mais puro. Não engoda os homens nem os aprisiona, nem ama nem odeia. Só o que quer é a força. A erva-do-diabo também necessita de força, mas de um tipo diferente. Fica-se mais perto da virilidade em relação às mulheres. Ao contrário, a força exigida pelo fumo é a do coração. Você não tem isto! Mas muito poucos homens o têm. É por isso que lhe recomendo que aprenda mais a respeito do fumo. Ele revigora o coração. Não é como a erva-do-diabo, cheio de paixões, ciúmes e violência. O fumo é constante. Não precisa preocupar-se em esquecer alguma coisa no processo.

Quarta-feira, 27 de janeiro de 1965

Na terça-feira, 19 de janeiro, tornei a fumar a mistura alucinógena. Tinha dito a Dom Juan que estava muito apreensivo quanto ao fumo, e que ele me apavorava. Respondeu que eu devia experimentá-lo novamente para poder julgá-lo com justiça.

Fomos para o quarto dele. Eram quase duas horas da tarde. Apanhou o cachimbo. Fui pegar os carvões, e ficamos sentados, um defronte do outro. Falou que ia aquecer o cachimbo e despertá-lo e que, se eu olhasse bem, podia ver como ardia. Levou o cachimbo aos lábios umas três ou quatro vezes o sugou. Esfregou-o com carinho. De repente, meneou a cabeça, quase imperceptivelmente, fazendo-me um sinal para ver o despertar do cachimbo. Olhei, mas não consegui ver.

Deu-me o cachimbo. Enchi o fornilho com minha mistura, e depois peguei

um carvão em brasa com uma pinça que eu fizera de um pregador de roupa de madeira e que tinha guardado para aquela ocasião. Dom Juan olhou para minha pinça e começou a rir. Vacilei um momento e o carvão ficou grudado na pinça. Tive medo de bater com eles no cachimbo, e tive de cuspir no carvão para apagá-lo.

Dom Juan virou a cabeça e cobriu corpo estava-se sacudindo. Por um momento pensei que estivesse chorando, porém estava rindo, quieto.

A ação foi suspensa por muito tempo; então, rapidamente pegou um carvão, colocou-o no fornilho e mandou que eu fumasse. Era preciso fazer um esforço enorme para sugar a mistura; ela parecia estar muito compacta. Depois de experimentar uma vez, senti que tinha sugado o pó fino para dentro de minha boca, que ficou logo dormente. Vi o brilho do fornilho mas não sentia a fumaça como a de um cigarro. No entanto tinha a sensação de estar inalando alguma coisa, que primeiro me enchia os pulmões e depois descia para encher o resto de meu corpo.

Contei 20 inalações, e depois a contagem não interessava mais. Comecei a transpirar; Dom Juan olhou-me fixamente e ele dizia. Tentei dizer “Está bem”, mas, em vez disso, fiz um ruído estranho, uivante, que continuou a ressoar depois de fechar a boca. O som espantou Dom Juan, que teve outro acesso de riso. Eu quis fazer que "sim" com a cabeça, mas não podia mover-me.

Dom Juan abriu minhas mãos delicadamente e tirou-me o cachimbo. Mandou que me deitasse no chão, mas que não adormecesse. Pensei que me ia ajudar a deitar, mas não ajudou. Só ficou olhando para mim sem cessar. De repente, vi que o quarto estava-se desmoronando, e estava olhando para Dom Juan de uma posição de lado. Daí em diante as imagens ficaram estranhamente embaraçadas, como num sonho. Lembro-me vagamente de ter ouvido Dom Juan falar muito comigo durante o tempo em que fiquei imóvel.

Não senti medo, nem sensações desagradáveis durante o estado em si, nem fiquei enjoado quando acordei no dia seguinte. A única coisa fora do comum foi que não conseguia pensar claramente por algum tempo depois de ter acordado. Aos poucos, porém, num período de quatro ou cinco horas, voltei a meu normal.

Quarta-feira, 20 de janeiro de 1965

Dom Juan não falou sobre minha experiência, nem pediu que a descrevesse. Seu único comentário foi que eu tinha adormecido depressa demais.

— O único jeito de ficar acordado é tornar-se um passarinho, um grilo ou coisa parecida — disse ele.

— Como é que se faz isso, Dom Juan?

— É isso que lhe estou ensinando. Lembra-se do que lhe disse ontem quando você estava sem seu corpo?

— Não me lembro bem.

— Sou um corvo. Estou-lhe ensinando a virar corvo. Quando aprender isso, vai ficar acordado, e mover-se-á livremente; se não, você ficará sempre pregado no chão, onde quer que caia.

Domingo, 7 de fevereiro de 1965

Minha segunda tentativa com o fumo realizou-se por volta do meio-dia, no sábado, dia 30 de janeiro. Acordei no dia seguinte no princípio da, noite. Tinha a sensação de possuir um poder excepcional de me lembrar de tudo o que Dom Juan. me dissera durante a experiência. Suas palavras estavam impressas em minha mente. Ouvia-as com uma clareza e persistência extraordinárias. Durante essa tentativa, outro fato se tornou evidente para mim: todo meu corpo tinha-se tornado dormente logo depois que comecei a engolir o pó fino, que me entrava na boca cada vez que sugava o cachimbo. Assim, não só inalava o fumo, como também ingeria a mistura.

Tentei narrar minha experiência a Dom Juan; respondeu que eu não tinha feito nada de importante. Mencionei que me lembrava de tudo o que tinha acontecido, mas ele não quis saber. Cada recordação era precisa e inconfundível. O processo de fumar tinha sido o mesmo que na tentativa anterior. Era quase como se as duas experiências fossem perfeitamente passíveis de justaposição, e podia começar a recordar-me do momento em que terminou a primeira experiência. Lembrei-me claramente de que, desde o momento em que caí no chão, de lado, fiquei inteiramente desprovido de sentimentos e pensamentos. No entanto, minha clareza não se alterou de maneira alguma. Lembro-me de meu último pensamento, quando o quarto se tornou um plano vertical: "Devo ter batido com a cabeça no chão, e no entanto não sinto dor alguma".

Desse ponto em diante, só conseguia ver e ouvir. Repetia todas as palavras que Dom Juan dizia. Seguia todas suas direções. Pareciam claras, lógicas e fáceis. Falou que meu corpo estava desaparecendo e que só sobraria minha cabeça, e que, em tais condições, o único meio de ficar desperto e me mover era tornar-me um corvo. Ordenou-me que fizesse um esforço para piscar, acrescentando que, sempre que eu conseguisse piscar, estaria pronto para prosseguir. Depois, disse-me que meu corpo tinha desaparecido completamente e que só tinha a cabeça; disse que esta nunca desaparece porque é a cabeça que se transforma em corvo.

Mandou que eu piscasse. Deve ter repetido essa ordem e todas as outras

inúmeras vezes, pois eu me lembrava de todas com uma clareza extraordinária. Devo ter piscado, pois ele disse que eu estava pronto e mandou que endireitasse a cabeça e a pusesse no queixo. Disse que no queixo estavam as pernas do corvo. Mandou que sentisse as pernas e observasse que elas estavam saindo devagar. Depois, disse que eu ainda não estava sólido, que tinha de deixar crescer uma cauda e que esta sairia de meu pescoço. Mandou que estendesse a cauda como um leque, e que sentisse como ela varria o chão.

Em seguida, falou sobre as asas do corvo e disse que sairiam de meus maxilares, explicando que isso era difícil e doloroso. Mandou que as estendesse. Disse que tinham de ser extremamente longas, tão longas quanto eu pudesse estende-las, senão não conseguiria voar. Disse-me que as asas estavam saindo e que eram longas e lindas, e que eu teria de batê-las até serem asas de verdade.

Falou da parte de cima de minha cabeça e disse que ainda estava muito grande e pesada, e que seu volume impediria que eu voasse. Disse-me que o meio de reduzir seu tamanho seria piscando; cada vez que eu piscasse, minha cabeça diminuiria. Mandou que piscasse até sumir o peso de cima e eu poder saltar livremente. Então, falou que eu tinha reduzido minha cabeça ao tamanho de um corvo e que tinha de andar e pular até perder minha rigidez.

Havia uma última coisa que eu tinha de mudar, disse ele, antes de poder voar. Era a transformação mais difícil, e para realizá-la eu tinha de ser dócil e fazer exatamente o que ele me mandasse. Tinha de aprender a ver como um corvo. Disse que minha boca e meu nariz iam crescer entre meus olhos até eu ter um bico forte. Disse que os corvos sabem ver para os lados, e mandou que eu virasse a cabeça e olhasse para ele com um dos olhos. Explicou que, se eu quisesse trocar e olhar com o outro olho, teria de passar o bico para baixo, e que esse movimento me faria ver pelo outro olho. Mandou que trocasse de um olho para o outro. E então falou que eu estava pronto para voar e que o único meio de voar era deixar que ele me lançasse no ar.

Não tive nenhuma dificuldade em ter as sensações correspondentes a todas as ordens dele. Tive a percepção de estar deixando crescer pernas de pássaros, que, a princípio, eram fracas e vacilantes. Senti uma cauda saindo de minha nuca e asas de meus maxilares. As asas estavam bem dobradas. Senti que vinham saindo aos poucos. O processo foi difícil, mas não doloroso. Depois, pisquei até reduzir minha cabeça ao tamanho de um corvo. Mas o efeito mais surpreendente foi o dos olhos. Minha visão de pássaro!

Quando Dom Juan me mandou deixar crescer um bico, tive uma sensação aborrecida de falta de ar. Então, alguma coisa intumesceu-se e criou uma obstrução em minha frente. Mas foi só quando Dom Juan me mandou olhar

lateralmente que meus olhos conseguiram uma visão completa para os lados. Conseguia piscar um olho de cada vez e passar o foco de um olho para o outro. Mas a visão do quarto e tudo nele não era como a visão comum. No entanto, era impossível dizer de que modo era diferente. Talvez fosse torta, talvez as coisas estivessem fora de foco. Dom Juan tornou-se muito grande 'e brilhante. Alguma coisa nele era confortadora e segura. De repente, as imagens se turvaram; perderam seus contornos e tornaram-se padrões abstratos que oscilavam por algum tempo.

Domingo, 28 de março de 1965

Na quinta-feira, 18 de março, tornei a fumara mistura alucinógena. O processo inicial foi diferente em ligeiros detalhes. Tive de tornar a encher o fornilho do cachimbo uma vez. Depois que terminei a primeira mistura, Dom Juan mandou que eu limpasse o fornilho, mas ele mesmo pôs a mistura, pois faltava-me coordenação muscular. Era um esforço muito grande para mim mover os braços. Em meu saquinho, havia mistura suficiente para encher o cachimbo uma vez. Dom Juan olhou no saquinho e disse que aquela seria minha última tentativa com o fumo até o ano seguinte, pois já tinha usado toda minha provisão.

Virou o saquinho do avesso e sacudiu a poeira no pratinho com os carvões. Ela ardeu com um brilho laranja, como se Dom Juan tivesse colocado uma folha de material transparente sobre os carvões. A folha pegou fogo e depois formou um desenho complicado de linhas. Alguma coisa ziguezagueava pelas linhas em grande velocidade. Vi uma coisa que parecia uma bolinha de gude rolando para lá e para cá dentro do lugar aceso. Debruçou-se, pôs a mão ali, pegou a bolinha e colocou-a no fornilho do cachimbo. Mandou que eu desse uma tragada. Tive a impressão exata de que tinha posto a bolinha no cachimbo para eu suga-la. Num instante a quarto perdeu sua posição horizontal. Senti uma dormência profunda, uma sensação de peso.

Quando acordei, estava deitado de costas no fundo de uma vala de irrigação rasa, mergulhado na água até o queixo. Alguém estava segurando minha cabeça para cima. Era Dom Juan. A primeira idéia que tive foi que a água no canal tinha uma propriedade rara; era fria e pesada. Batia de leve contra mim, e minhas idéias se aclaravam com cada movimento que fazia. A princípio, a água tinha um halo verde brilhante, ou uma fluorescência, que logo se dissolveu, deixando apenas um riacho de água comum.

Perguntei a Dom Juan que horas eram. Respondeu que era de manhã cedo. Pouco depois, estava completamente desperto e saí da água.

— Tem de me contar tudo o que viu — disse Dom Juan, quando chegamos à

casa dele.

Falou ainda que estava tentando "trazer-me de volta" havia três dias, e tinha tido muita dificuldade nisso. Fiz muitas tentativas para descrever o que tinha visto, mas não conseguia concentrar-me. Mais tarde, no princípio da noite, achei que estava pronto para conversar com Dom Juan e comecei a contar-lhe tudo o que me lembrava desde que tinha caído de lado, mas ele não queria ouvir. Disse que a única coisa interessante era o que vi e fiz depois que ele me "lançou no ar e eu voei embora".

Só me lembrava de uma série de cenas ou imagens como de sonho. Não tinham uma ordem de sequência. Tive a impressão de que cada uma era como uma bolha isolada, flutuando para o foco e depois se afastando. Mas não eram simples cenas de se olhar. Eu estava dentro delas. Participava delas. Quando a princípio tentei lembrar-me das mesmas, tive a sensação de serem lampejos vagos e difusos, mas, depois, percebi que cada qual era extremamente clara, embora totalmente sem relação com a visão normal, e daí a sensação de serem vagas. As imagens eram poucas e simples.

Assim que Dom Juan mencionou que me "lançara ao ar", tive uma vaga lembrança de uma cena completamente clara, em que estava olhando diretamente para ele de alguma distância. Só olhava para seu rosto. Era de um tamanho monumental. Era chato e tinha um brilho intenso. Os cabelos dele eram amarelados e se moviam. Cada parte do rosto dele se movia sozinha, projetando uma espécie de luz âmbar.

A imagem seguinte foi aquela em que Dom Juan tinha realmente me lançado numa direção para a frente. Lembrei-me de ter "estendido as asas e voado". Senti-me sozinho, cortando o ar, movendo-me para a frente com dificuldade. Parecia mais estar andando do que voando. Cansava meu corpo. Não havia nenhuma sensação de voar livre, nenhuma exuberância.

Em seguida, lembrei-me de um momento em que fiquei imóvel, olhando para uma massa de bordas nítidas e escuras, num lugar que tinha uma luz baça e dolorosa; depois, vi um campo com uma variedade infinita de luzes. Estas se moviam e oscilavam e mudavam sua luminosidade. Eram quase como cores. Sua intensidade me ofuscou.

Em outro momento, um objeto estava quase encostando em meu olho. Era um objeto grosso e pontudo; tinha um brilho rosado definido. Senti um tremor súbito em algum ponto do meu corpo e vi uma multidão de formas rosadas semelhantes avançando para mim. Todas avançaram sobre mim. Dei um salto e fugi.

A última cena de que me lembrei foi de três pássaros prateados. Irradiavam

uma luz brilhante e metálica, quase como o aço inoxidável, mas intensa, móvel e viva. Gostei deles. Voamos juntos.

Dom Juan não fez comentários sobre minha narrativa.

Terça-feira, 23 de março de 1965

A seguinte conversa teve lugar no dia posterior, depois da narrativa de minha experiência:

— Não precisa muita coisa para virar corvo — disse Dom Juan. — Você o conseguiu e agora será sempre corvo.

— O que aconteceu depois que eu virei corvo, Dom Juan? Voei durante três dias?

— Não, voltou de noite, como eu lhe disse.

— Mas como foi que voltei?

— Estava muito cansado e foi dormir. Só isso.

— Quero dizer, voei de volta?

— Já lhe disse. Obedeceu-me e voltou para casa. Mas não se preocupe com isso. Não tem importância.

— Então, o que é importante?

— Em toda sua viagem, só houve uma coisa de grande valor... os pássaros prateados! — O que havia de tão especial neles? Eram apenas pássaros.

— Não apenas pássaros... corvos.

— Eram corvos brancos, Dom Juan?

— As penas pretas do corvo na verdade são prateadas. Os corvos brilham tão intensamente que não são aborrecidos pelos outros pássaros.

— Por que as penas pareciam prateadas?

— Porque você estava vendo como um corvo vê. Um pássaro que nos parece escuro, ao corvo parece branco. Os pombos brancos, por exemplo, são rosa ou azulados para o corvo; as gaivotas são amarelas. Agora, procure lembrar-se de como se juntou a eles.

Pensei naquilo, mas os pássaros eram uma imagem vaga e dissociada, sem continuidade. Disse-lhe que só me podia lembrar de que sentia que tinha voado com eles.

Perguntou-me se eu me associara a eles no ar ou no chão, mas eu não podia responder a isso. Quase se zangou comigo. Pediu para eu pensar a respeito. Disse:

— Tudo isso não vai significar nada, que diabo; será apenas um sonho louco

se você não se lembrar direito.

Esforcei-me para lembrar, mas não consegui.

Sábado, 3 de abril de 1965

Hoje, pensei em outra imagem em meu "sonho" com os pássaros prateados. Lembro-me de ter visto uma massa escura com milhares de furinhos. Na verdade, a massa era um aglomerado escuro de furinhos. Não sei por que pensei que fosse macia. Quando estava olhando para ela, três pássaros voaram diretamente para mim. Um deles fez um barulho; depois os três estavam juntos de mim, no chão.

Descrevi a imagem para Dom Juan. Perguntou-me de que direção os pássaros tinham vindo. Respondi que não podia saber isso. Ficou muito irritado e acusou-me de ser inflexível em meus pensamentos. Disse que eu podia lembrar-me perfeitamente se quisesse e que eu tinha medo de me deixar ser menos rígido. Falou que eu estava raciocinando em termos de corvos e homens, e que não era nem um corvo nem um homem no momento em que queria recordar.

Pediu para lembrar-me do que o corvo me dissera. Tentei pensar a respeito, mas minha mente pensou em dezenas de outras coisas. Não conseguia concentrar-me.

Domingo, 4 de abril de 1965

Hoje fui dar um longo passeio a pé. Estava bem escuro quando cheguei à casa de Dom Juan. Estava pensando nos corvos, quando, de repente, um "pensamento" muito estranho me passou pela cabeça. Era mais uma impressão ou sensação, do que um pensamento. O pássaro que tinha feito o barulho, disse que eles vinham do norte e iam para o sul, e quando nos, encontrássemos de novo eles viriam do mesmo sentido.

Contei a Dom Juan o que tinha pensado, ou talvez me lembrado.

— Não fique pensando se você se lembrou ou inventou isso — disse ele. — Esses pensamentos são só de homens. Não são de corvos, especialmente daqueles que você viu, pois eles são os emissários de seu destino. Você já é um corvo. Nunca há de modificar isso. De hoje em diante, os corvos lhe contarão, com seu vôo, todas as voltas de seu destino. Em que direção voou com eles?

— Não posso saber isso, Dom Juan! — Se pensar bem, vai lembrar-se. Sente-se no chão e diga-me a posição em que estava quando os corvos voaram até você. Feche os olhos e trace uma linha no chão.

Segui a sugestão dele e determinei o ponto.

— Não abra os olhos ainda! — continuou. — Em que direção vocês todos voaram com relação a esse ponto?

Fiz outra marca no chão.

Tomando aqueles pontos como orientação e referência, Dom Juan interpretou os vários desenhos de vôo que os corvos fariam para prever meu futuro ou destino pessoal.

Traçou os quatro pontos cardeais como o eixo do vôo do corvo.

Perguntei-lhe se os corvos sempre seguiam os pontos cardeais para dizer o destino do homem. Respondeu que a orientação era só minha; tudo o que os corvos fizessem em meu primeiro encontro com eles era da maior importância. Insistiu para eu recordar todos os detalhes, pois a mensagem e o padrão dos "emissários" eram um assunto individual e pessoal.

Havia mais uma coisa que ele insistia em que eu devia lembrar: a hora do dia em que os emissários me deixaram. Pediu que pensasse nas diferenças de luz em volta de mim entre o momento em que "comecei a voar" e o momento em que os pássaros prateados "voaram comigo". Da primeira vez que tive a sensação de um vôo doloroso, estava escuro. Mas quando vi os pássaros, tudo estava avermelhado – vermelho-claro, ou talvez laranja.

— Isso significa que era na parte da tarde — disse ele. — O Sol ainda não se tinha posto. O corvo fica cego com a claridade e não com a escuridão. Essa indicação da hora situa seus últimos emissários no fim do dia. Eles lhe chamarão e, ao voarem por cima de sua cabeça, tornar-se-ão brancos prateados; você os verá brilhando no céu e isso significará que sua hora chegou. Significará que vai morrer e virar um corvo.

— E se eu os vir de manhã?

— Não os verá de manhã! — Mas os corvos voam o dia todo.

— Não os seus emissários, seu bobo! — E os seus emissários, Dom Juan?

— Os meus virão de manhã. Também haverá três deles. Meu benfeitor me disse que a gente pode gritar para eles voltarem a ser pretos, se não quiser morrer. Mas agora sei que isso não se pode fazer. Meu benfeitor era dado a gritar, e a todo o barulho e violência da erva-do-diabo.

Sei que o fumo é diferente porque não tem paixão. B justo. Quando seus emissários prateados vierem buscá-lo, não precisa gritar. Basta voar com eles, como já fez. Depois de terem apanhado você, eles vão mudar de direção e serão quatro voando embora.

Sábado, 10 de abril de 1965

Eu estava experimentando breves lampejos de dissociação, ou estados superficiais de realidade não comum.

Um dos elementos da experiência alucinógena com os cogumelos ficava voltando a meus pensamentos: a massa macia e escura de furinhos. Continuava a pensar nela como uma bolha de gordura ou de óleo que começava a me atrair para seu centro. Era quase como se o centro fosse abrir-se e me engolir, e por momentos muito breves senti uma coisa parecendo um estado de realidade não comum. Como resultado, tive momentos de uma profunda agitação, ansiedade e desconforto, e propositadamente procurava terminar as experiências assim que começavam.

Hoje, conversei a respeito desse estado com Dom Juan. Pedi conselhos. Pareceu não se preocupar e disse que eu não levasse em consideração as experiências porque não tinham sentido, ou melhor, não tinham valor. Disse-me que as únicas experiências que valiam esforço e cuidado eram aquelas em que visse um corvo; qualquer outro tipo de "visão" seria apenas produto de meus receios. Tornou a lembrar-me de que, para participar do fumo, era preciso levar uma vida forte e tranquila. Pessoalmente eu parecia ter chegado a um limiar perigoso. Disse-lhe que não podia continuar; havia algo realmente apavorante nos cogumelos.

Repassando as imagens que eu recordava de minha experiência alucinógena, chegara à conclusão inevitável de ter visto o mundo de um modo que era estruturalmente diferente da visão comum. Nos outros estados de realidade não comum que experimentara, as formas e desenhos que visualizara estavam sempre dentro dos limites de minha concepção visual do mundo. Mas a sensação de ver sob a influência alucinógena da mistura do fumo não era a mesma. Tudo o que via estava em minha frente numa linha direta de visão; não havia nada acima nem abaixo daquela linha de visão.

Todas as imagens tinham uma planeza irritante e, contudo, o que era desconcertante, tinham muita profundidade. Talvez fosse mais preciso dizer que as imagens eram um aglomerado de detalhes incrivelmente vivos dentro de campos de luz diferentes; a luz nos campos se movia, criando um efeito de rotação.

Depois de pesquisar e me esforçar para recordar, fui levedo a fazer uma série de analogias ou imagens semelhantes a fim de "compreender" o que tinha "visto". O rosto de Dom, por exemplo, dava a impressão de ter sido submerso na água. Esta parecia mover-se num fluxo contínuo pelo rosto dele e por seus cabelos. Aumentava-os de tal modo que eu via todos os poros da pele dele ou todos os cabelos da sua cabeça, sempre que focalizava minha visão. Por outro lado, via massas de matéria que eram chatas e cheias de arestas, mas que não se moviam porque não havia flutuação na luz que vinha delas.

Perguntei a Dom Juan o que eram as coisas que eu tinha teso. Respondeu que, como essa era a primeira vez que havia visto como corvo, as imagens não eram claras, nem importantes, e que mais tarde, com a prática, eu seria capaz de reconhecer tudo. Abordei o assunto da diferença que tinha percebido no movimento da luz.

— As coisas vivas — disse ele — movem-se por dentro, e um corvo vê facilmente quando uma coisa está morta, ou vai morrer, pois o movimento parou ou está diminuindo para cessar. O corvo também sabe dizer quando alguma coisa se move depressa demais, e assim também ele sabe quando as coisas se movem no ritmo certo.

— O que significa quando alguma coisa se move depressa demais, ou no ritmo certo?

— Significa que o corvo sabe o que evitar e o que procurar. Quando alguma coisa se move depressa demais por dentro, significa que vai explodir violentamente, ou vai saltar para a frente, e o corvo a evitará. Quando se move por dentro no ritmo certo, é uma visão agradável e o corvo a procurará.

— As pedras se movem por dentro?

— Não, as pedras não; nem animais ou árvores mortos. Mas são belos de se ver. É por isso que os corvos rondam os cadáveres. Gostam de olhar para eles. Nenhuma luz se move dentro deles.

— Mas quando a carne apodrece, não se modifica ou move?

— Sim, mas é um movimento diferente. O que o corvo vê então são milhões de coisas movendo-se dentro da carne, com uma luz própria, e é isso que o corvo gosta de ver. E realmente um espetáculo inesquecível.

— Você já o viu, Dom Juan?

— Qualquer pessoa que aprende a se tornar corvo o verá. Você mesmo o verá.

Nesse ponto, fiz a pergunta inevitável a Dom Juan.

— Virei mesmo corvo? Quero dizer, qualquer pessoa que me visse pensaria que eu era um corvo comum?

— Não. Você não pode pensar assim, quando se trata do poder dos aliados. Essas perguntas não têm sentido e, no entanto, virar corvo é a coisa mais simples do mundo. E quase como brincar; tem suas utilidades. Como já lhe disse, o fumo não é para aqueles que buscam o poder. Só para aqueles que procuram ver. Aprendi a ser corvo porque esses pássaros são os mais eficientes de todos. Nenhum outro pássaro os aborrece, a não ser talvez águias maiores e famintas, mas os corvos voam em grupos e sabem defender-se. Os homens também não apoquentam os corvos, e isso é importante. Qualquer homem sabe distinguir

uma águia grande, especialmente uma águia rara, ou qualquer outro pássaro grande e fora do comum, mas quem vai ligar para um corvo? Este é seguro. E o ideal, em tamanho e natureza. Pode ir firmemente a qualquer lugar, sem chamar atenção. Por outro lado, é possível virar um leão ou um urso, mas isso é meio perigoso. Uma criatura dessas é muito grande; necessita-se de muita energia para transformar-se num deles. A gente também pode virar um grilo, ou lagarto, ou até uma formiga, mas isso é ainda mais perigoso, pois os animais grandes caçam os pequenos.

Argumentei que o que ele estava dizendo significava que s pessoa realmente se transformava num corvo, grilo ou outra Mas insistiu que eu não estava entendendo.

.— Leva muito tempo para se aprender a ser um corvo direito — disse ele. — Mas você não mudou, nem deixou de ser homem. Há mais alguma coisa.

— Pode dizer-me o que é essa coisa a mais, Dom Juan?

— Talvez que você já o saiba. Talvez que, se você não tivesse tanto medo de ficar maluco, ou de perder seu corpo, entendesse esse segredo maravilhoso. Mas talvez deva esperar até perder o medo para entender o que eu quero dizer.

11

O último acontecimento em minhas anotações de campo ocorreu em setembro de 1965. Foi o último dos ensinamentos de Dom Juan. Chamei-o de "um gosto especial de realidade não comum", porque não foi produto de nenhuma das plantas que usei antes. Parece que Dom Juan o provocou por meio de uma cuidadosa manipulação de indícios a respeito dele; isto é, comportou-se diante de mim de maneira tão hábil que criou a impressão clara e firme de que não era propriamente ele, e sim uma pessoa se fazendo passar por ele. Em consequência, senti um conflito profundo; queria acreditar que era Dom Juan e, no entanto, não podia ter certeza. O concomitante do conflito foi um terror consciente, tão agudo que afetou minha saúde por várias semanas. Depois, pensei que teria sido ajuizado terminar meu aprendizado naquele momento. Desde então não fui mais participante, e no entanto Dom Juan não deixou de me considerar aprendiz. Considerou minha retirada como apenas um período necessário de recapitulação, mais um passo na aprendizagem, que pode durar indefinidamente. Mas desde aquela ocasião, não explanou mais seus conhecimentos.

Escrevi o relato detalhado de minha última experiência quase um mês depois de sua ocorrência; embora já tivesse escrito muitas notas sobre os pontos mais

notáveis no dia seguinte, durante as horas de grande agitação emocional que precederam o auge de meu terror.

Sexta-feira, 29 de outubro de 1965

Na quinta-feira, 30 de setembro de 1965, eu devia ir ver Dom Juan. Os estados breves e superficiais de realidade não comum tinham persistido, a despeito de minhas tentativas propositadas de terminá-los, ou diminuí-los como Dom Juan sugerira. Senti que minha situação se agravava, pois a duração desses estados estava aumentando. Eu ficava muito consciente do barulho de aviões. O ruído de seus motores passando por cima inevitavelmente chamava minha atenção e a fixava, ao ponto em que eu sentia que estava acompanhando o avião como se estivesse dentro dele, ou voando com ele. Essa sensação era muito aborrecida. Minha incapacidade de me livrar dela me provocava uma ansiedade profunda.

Dom Juan, depois de escutar atentamente todos os detalhes, concluiu que eu estava sofrendo de uma perda da alma. Disse-lhe que tinha essas alucinações desde o momento em que fumei os cogumelos, mas ele insistia que eram coisa nova. Disse que, a princípio, eu tinha tido medo, e tinha apenas “sonhado coisas tolas", mas que agora eu estava mesmo enfeitiçado. A prova era que o barulho dos aviões era capaz de me transportar. Normalmente, disse ele, o ruído de um riacho ou um rio pode prender um homem enfeitiçado que perdeu a alma e transportá-lo para sua morte. Depois, pediu-me para descrever todas as minhas atividades durante o período antes de experimentar as alucinações. Fiz uma relação de todas as atividades de que me lembrava. E dessa relação, deduziu o ponto em que eu rinha perdido minha alma.

Dom Juan parecia estar muito preocupado, estado muito raro nele. Isso naturalmente aumentou minha apreensão. Falou que não tinha idéia clara de quem tinha capturado minha alma, mas que, fosse quem fosse, sem dúvida pretendia matar — ou me tornar muito doente. Então deu-me instruções muito precisas sobre a "forma de luta", uma posição do corpo específica a ser mantida enquanto ficasse no meu ponto bom. Eu tinha de manter essa posição que ele chamava de forma (una para pelear).

Perguntei-lhe para que era tudo isso, e com quem eu ia lutar. Respondeu que ia partir para ver quem tinha capturado minha a alma, e ver se seria possível pegá-la de volta. Enquanto isso, eu devia ficar no meu ponto até ele voltar. A forma de luta era na verdade uma precaução, falou, para o caso de acontecer alguma coisa na ausência dele, e tinha de ser utilizada se eu fosse atacado. Consistia em bater com a mão na barriga da perna e coxa direitas, e bater o pé esquerdo, numa espécie de dança que eu tinha de executar enquanto olhava para

o atacante.

Avisou-me de que a forma só devia ser adotada nos momentos de crise extrema, mas que, enquanto não houvesse perigo à vista, eu devia simplesmente ficar sentado de pernas cruzadas em meu ponto. Mas em circunstâncias de grande perigo, podia recorrer a um último meio de defesa — atirar um objeto sobre o inimigo. Disse-me que, em geral, a pessoa atira um objeto de poder, mas como eu não possuía nenhum, era obrigado a usar alguma pedrinha que coubesse na palma de minha mão direita, uma pedra que pudesse segurar na palma com o polegar. Disse que essa técnica só devia ser usada se a pessoa estivesse indubitavelmente em perigo de perder a vida. O lançamento do objeto tinha de ser acompanhado por um brado de guerra, um grito que tinha a propriedade de dirigir o objeto a seu alvo. Recomendou enfaticamente que eu tivesse cuidado e propósito no grito e não o usasse à toa, mas somente sob "graves condições de seriedade".

Perguntei o que ele queria dizer por "graves condições de seriedade". Respondeu que o grito ou brado de guerra era uma coisa que ficava com a pessoa por toda a vida; e assim tinha de ser bom desde o princípio. E o único meio de o iniciar corretamente era conter o medo inicial e a pressa, até a pessoa estar cheia do poder, e então o grito estouraria com direção e poder. Disse que eram essas as condições de seriedade para dar o grito.

Pedi-lhe que explicasse sobre o poder que devia encher a gente antes do grito. Falou que era uma coisa que percorria o corpo, vindo da terra onde a pessoa estivesse; era uma espécie de poder que emanava do ponto benéfico, para ser preciso. Era uma força que impulsionava o grito. Se essa força fosse bem tratada, o brado de guerra seria perfeito.

Tornei a perguntar-lhe se ele achava que me ia acontecer alguma coisa. Respondeu que não sabia de nada a respeito e me advertiu dramaticamente a ficar colado no meu ponto enquanto fosse necessário, pois essa era a única proteção que tinha contra qualquer coisa que pudesse acontecer.

Comecei a ficar assustado; implorei-lhe para ser mais preciso. Respondeu que só sabia que eu não devia mover-me, em circunstância alguma; não devia entrar na casa nem no mato. Acima de tudo, falou, eu não devia pronunciar uma única palavra, nem mesmo a ele. Disse que podia cantar meus cânticos de Mescalito se ficasse com muito medo, e depois acrescentou que eu já sabia muita coisa desses assuntos para ter de ser prevenido como uma criança sobre a importância de fazer tudo corretamente. Suas advertências produziram em mim um estado de angústia profunda. Estava certo de que ele esperava que acontecesse alguma coisa. Perguntei-lhe por que me recomendava para cantar os cânticos de

Mescalito, e o que é que ele achava que me ia assustar. Riu e disse que eu podia ficar com medo de estar sozinho. Entrou na casa e fechou a porta. Olhei para o relógio. Eram sete da noite. Fiquei sentado quieto por muito tempo. São ouvia barulho algum do quarto de Dom imo. Tudo estava quieto. Ventava. Pensei em dar uma corrida até meu carro para pegar meu casaco de couro, mas não ousava contrariar os conselhos de Dom Juan. Não estava com sono, só cansado; o vento frio não me deixava descansar.

Quatro horas depois, ouvi Dom Juan andando em volta da casa. Pensei que ele podia ter saído pelos fundos, para ir urinar no mato. Depois, chamou-me em voz alta.

— Ei, rapaz! Ei, rapaz! Estou precisando de você aqui — disse ele.

Quase me levantei para ir ter com ele. Era sua voz, mas não a mesma entonação, nem as palavras usuais. Dom Juan nunca me chamara "Ei, rapaz!". Por isso, fiquei onde estava. Senti um arrepio pela espinha. Recomeçou a gritar, usando a mesma frase, ou semelhante.

Eu o ouvia andando pelo quintal. Tropeçou numa pilha de lenha, como se não soubesse que ficava ali. Depois, foi à varanda e sentou-se junto da porta, com as costas encostadas as parede. Parecia estar mais pesado do que de costume. Os movimentos dele não eram lentos, nem desajeitados, apenas mais pesados. Jogou-se no chão, em vez de deslizar agilmente, como sempre fazia. Além disso, aquele não era o ponto dele, e Dom Juan nunca, em circunstância alguma, sentava-se outro lugar.

Depois, tornou a falar comigo. Perguntou-me por que me recusava a ir quando ele precisava de mim. Estava falando alto. Não queria olhar para ele, e no entanto tive uma necessidade impulsiva de espiar. Começou a balançar um pouco de um para outro. Mudei de posição, adotei a forma de luta que Dom Juan me ensinara e virei-me para olhar para ele. Meus músculos estavam duros e estranhamente tensos. Não sei o que me levou a tomar a forma de luta, talvez acreditasse que Dom Juan tivesse propositadamente querendo assustar-me, criando a impressão de que a pessoa que eu estava vendo não era ele. Achei que ele estava tendo muito cuidado de fazer o que não era habitual, para incutir uma dúvida no meu espírito. Estava com medo, mas ainda sentia que estava acima de tudo aquilo, pois estava tomando consciência e analisando a cena toda.

Nesse ponto, Dom Juan levantou-se. Seus movimentos eram completamente estranhos para mim. Pôs os braços na frente do corpo e deu um impulso para levantar-se, erguendo primeiro a traseira; depois, pegou a porta e endireitou a parte superior do corpo. Fiquei espantado ao ver como conhecia bem os movimentos dele, e que sentimento de assombro ele criava deixando-me ver um

Dom Juan que não se mexia como Dom Juan.

Deu alguns passos em minha direção. Estava segurando a parte inferior das costas com as duas mãos como se estivesse tentando endireitar-se, ou estivesse com dor. Ele gemia e bufava. O nariz parecia estar inchado. Disse que ia levar-me com ele e mandou que me levantasse e o seguisse. Foi para o lado oeste da casa. Mudei de posição para olhá-lo. Virou-se para mim. Não me mexi do meu ponto; estava colado nele. Ele berrou.

— Ei, rapaz! Disse-lhe para vir comigo. Se não vier, eu o arrasto!

Dirigiu-se para mim. Comecei a bater em minha canela e coxa, dançando depressa. Foi até à beira da varanda em frente a mim e quase me tocou. Freneticamente, preparei meu corpo para tomar a posição de lançar, mas ele mudou de direção e se afastou de mim, indo para o mato à minha esquerda. Em certo momento, quando se afastava, virou-se de repente, mas eu estava voltado para ele.

Desapareceu de vista. Mantive a posição de luta ainda um pouco, mas, como não o vi mais, tornei a sentar-me de pernas cruzadas, de costas para a pedra. A essa altura estava realmente apavorado. Queria fugir, mais, isso me atemorizava ainda mais. Senti que teria estado inteiramente mercê dele, se me tivesse pegado no caminho para o carro. Comecei a cantar os cânticos de peiote que conhecia. Mas senti que eram impotentes, ali. Só serviam como calmante e me aliviaram. Cantei-os várias vezes.

Lá pelas duas e meia da madruga, ouvi um barulho dentro de casa. Troquei logo de posição. A porta foi escancarada e Dom Juan saiu, tropeçando. Estava sufocando e segurava a garganta. Ajoelhou-se diante de mim e gemeu. Pediu-me numa voz alta e ganida, que fosse ajuda-lo. Depois tornou a berrar e ordenou que eu fosse. Fez barulhos de quem gargareja. Pediu-me para ir ajudá-lo porque alguma coisa o sufocava. Engatinhou de quatro até estar a talvez um metro e vinte de mim. Estendeu-me as mãos. Disse: "Venha cá!" Em seguida, levantou-se, de braços estendidos para mim. Parecia estar disposto a me agarrar. Bati o pé no chão e bati na minha canela e coxa. Estava fora de mim de medo.

Parou e foi para o lado da casa, para o mato. Mudei de posição para olhar para ele. Tornei a sentar-me. Não queria mais cantar. Minha energia parecia estar sumindo. Todo meu corpo estava dolorido; todos meus músculos estavam rígidos e dolorosamente contraídos. Não sabia o que pensar. Não podia resolver-me se devia ficar zangado com Dom Juan ou não. Pensei em saltar sobre ele, mas sabia que ele me teria abatido com a um inseto. Estava mesmo com vontade de chorar. Sentia um desespero profundo; a idéia de Dom Juan estava fazendo tudo aquilo para assustar-me me dava vontade de chorar. Não conseguia encontrar motivos

para aquela tremenda exibição teatral; os movimentos dele eram tão estudados que fiquei confuso. Não era que ele estava tentando mover-se como uma mulher; era mais como se uma mulher estivesse tentando mover-se como Dom Juan. Tive a impressão de que ela estava realmente tentando andar e mover-se com a calma de Dom Juan, mas que era muito pesada e não tinha a agilidade dele. Quem quer que fosse a pessoa ali na minha frente, dava a impressão de ser mulher, pesada e mais jovem, tentando imitar os movimentos lentos de um velho ágil.

Essas idéias me levaram a um estado de pânico. Um grilo começou a chirriar muito alto, bem perto de mim. Notei a riqueza do tom dele; imaginei que tivesse uma voz de barítono. O grito começou a sumir. De repente, todo meu corpo estremeceu. Tomei novamente a posição de luta e olhei na direção o do grilo. O som estava-me transportando; tinha começado a me apanhar antes de perceber que era só de grilo. O som tornou a se aproximar. Ficou terrivelmente alto. Comecei a cantar meus cânticos de peiote cada vez mais alto. De repente, o grilo parou. Sentei-me imediatamente, mas continuei a cantar. Um momento depois, vi o vulto de um homem correndo para mim da direção oposta ao ruído do grilo. Bati as mãos na coxa e canela e bati o pé vigorosamente, freneticamente. O vulto passou por mim muito depressa, quase me tocando. Parecia um cachorro. Tive um medo tal que fiquei dormente.

Não me lembro de mais nada do que pensei ou senti.

O orvalho da manhã foi refrescante. Sentia-me melhor. Fosse qual fosse o fenômeno, parecia ter partido. Eram 5:48 da madrugada quando Dom Juan abriu a porta, sossegado, e saiu. Esticou os braços, bocejando, e olhou para mim. Deu dois passos em minha direção, prolongando seus bocejos. Vi os olhos dele, espiando por pálpebras meio fechadas. Levantei- me de um salto; vi então que quem quer que, ou o que quer que estivesse diante de mim naquele momento não era Dom Juan.

Peguei uma pedrinha de arestas vivas do chão. Estava junto de minha mão direita. Nem olhei para ela; apenas segurei-a, apertando-a com o polegar contra meus dedos abertos. Adotei a forma que Dom Juan me ensinara. Senti um estranho vigor me enchendo, numa questão de segundos. Então, gritei e atirei a pedra sobre ele. Pareceu-me um brado magnífico. Naquele momento, não me importava viver ou morrer. Senti que o grito era tremendo, em sua potência. Era penetrante e prolongado, e chegava a dirigir minha pontaria. O vulto diante de mim vacilou, gritou e cambaleou para o lado da casa, tornando a entrar no mato.

Levei horas para sossegar. Não conseguia mais ficar sentado; fiquei trotando no mesmo lugar. Tinha de respirar pela boca, para conseguir ar suficiente.

Às onze horas da manhã, Dom Juan tornou a sair da casa. Eu já ia levantar de um salto, mas os movimentos, nessa ocasião, eram dele. Foi diretamente para o lugar dele e sentou-se em sua maneira habitual. Olhou para mim e sorriu. Era Dom Juan! Aproximei-me dele e, em vez de estar zangado, beijei a mão dele. Acreditei realmente que ele não tinha agido para criar um efeito teatral, mas que alguém se havia feito passar por ele para me fazer mal ou matar-me.

A conversa começou com especulações a respeito da identidade de uma pessoa feminina que supostamente se havia apossado de minha alma. Depois, Dom Juan pediu-me que lhe contasse todos os detalhes da experiência.

Narrei toda a sequência de acontecimentos de maneira muito deliberada. Riu o tempo todo, como se fosse uma piada. Depois que terminei, Dom Juan disse:

— Você foi muito bem. Venceu a batalha por sua alma. Mas esse caso é mais grave do que eu pensava. Sua vida não valia dois vinténs, ontem à noite. Foi bom ter aprendido alguma coisa no passado. Se não tivesse um pouco de treino, estaria morto a essas horas, pois quem quer que fosse que você viu ontem, queria liquidá-lo.

— Como é possível, Dom Juan, que ela tenha tomado sua forma?

— Muito simples. É uma diablera e tem um bom auxiliar do outro lado. Mas não foi tão esperta ao assumir minha forma, e você descobriu os ardis dela.

— Um auxiliar do outro lado é a mesma coisa que um aliado?

— Não, um auxiliar é a ajuda de um diablero. Um auxiliar é um espírito que vive do outro lado do mundo e ajuda um diablero a provocar doença e dor. Ajuda-o a matar.

— Um diablero também pode ter um aliado, Dom Juan?

— São os diableros que têm os aliados; mas antes que um diablero possa domesticar um aliado, geralmente tem os auxiliares para ajudá-lo em seus trabalhos.

— E a mulher que tomou sua forma, Dom Juan? Só tem um auxiliar, não um aliado?

— Não sei se ela possui ou não um aliado. Há quem não goste do poder de um aliado e prefere um auxiliar. Domesticar um aliado é trabalho duro. É mais fácil arranjar um auxiliar do outro lado.

— Acha que eu conseguiria arranjar um auxiliar?

— Para saber isso, tem de aprender muito mais. Estamos novamente no princípio, quase como no primeiro dia em que veio aqui pedir-me para lhe falar sobre Mescalito, e eu não podia porque você não teria compreendido. Aquele

outro lado é o mundo dos diableros. Acho que seria melhor contar-lhe meus próprios sentimentos, da mesma maneira que meu benfeitor me contou os dele. Ele era um diablero e um guerreiro; sua vida inclinava-se para a força e a violência do mundo. Mas eu não sou nada disso. Essa é a minha natureza. Você viu meu mundo desde o princípio. Quanto a lhe mostrar o mundo de meu benfeitor, só posso levá-lo até à porta, e você terá de decidir por si; terá de aprender a respeito por seus próprios esforços. Agora, devo confessar que cometi um erro. É muito melhor, vejo agora, começar como eu mesmo comecei. Então, é mais fácil ver como é simples e no entanto profunda a diferença. Um diablero é um diablero, e um guerreiro é um guerreiro. Ou então, o homem pode ser ambos. Há muita gente que é ambos. Mas o homem que apenas atravessa os caminhos da vida é tudo. Hoje não sou nem guerreiro nem diablero. Para mim só existe o percorrer os caminhos que têm coração, em qualquer caminho que possa ter coração. Ali eu viajo e para mim o único desafio que vale a pena é percorrer toda sua extensão. E ali viajo... olhando, olhando, arquejante.

Parou. Sua fisionomia revelara um estado de espírito especial; parecia estar estranhamente sério. Eu não sabia o que perguntar, nem o que dizer. Continuou:

— A coisa especial a se aprender é como chegar à fresta entre os mundos e como entrar no outro mundo. Existe uma fresta entre os dois mundos, o mundo dos diableros e o mundo dos homens vivos. Existe um lugar onde os dois mundos se sobrepõem. A fresta está ali. Abre e fecha como uma porta ao vento. Para chegar lá o homem tem de exercer sua vontade. Posso dizer que ele deve ter um desejo invencível de fazer isso, uma dedicação total. Mas ele tem de fazê-lo sem o auxílio de qualquer poder, ou de qualquer homem. O indivíduo sozinho deve ponderar e desejar, até o momento em que seu corpo esteja pronto para empreender a jornada. Esse momento é anunciado por um tremor prolongado nos membros e vômitos violentos. Geralmente, o homem não consegue dormir nem comer e vai minguando. Quando as convulsões não param, o homem está pronto para ir e a fresta entre os mundos aparece bem diante dos olhos dele, como uma porta monumental, uma fresta que sobe e desce. Quando a fresta se abre, o homem tem de deslizar por ela. É difícil enxergar do outro lado dos limites. É ventoso, como uma tempestade de areia. O vento rodopia. Então, o homem tem de andar, em qualquer direção. Será uma viagem curta ou longa, dependendo de sua força de vontade. Um homem de muita força faz uma viagem breve. Um homem indeciso e fraco faz uma viagem longa e perigosa. Depois dessa viagem o homem chega a um tipo de planalto. É possível distinguir algumas de suas características claramente. É uma planície acima do solo. É possível reconhecê-lo pelo vento, que se torna ainda mais violento, batendo e

uivando em volta. Em cima daquele planalto está a entrada para aquele outro mundo. E ali está uma película que separa os dois mundos; os homens mortos passam por ela sem barulho, mas nós temos de rompê-la com um grito. O vento torna-se mais forte, o mesmo vento rebelde que sopra no planalto. Quando o vento já está bastante forte, o homem tem de gritar e o vento o empurrará para atravessar. Aqui também a sua vontade tem de ser inflexível, para poder lutar contra o vento. Só precisa de um empurrãozinho; não precisa ser soprado para os confins do outro mundo. Uma vez do outro lado, o homem terá de vagar por ali. Se tiver sorte, encontrará um auxiliar por perto, não muito longe da entrada. O homem tem de lhe pedir ajuda. Em suas próprias palavras, tem de pedir ao auxiliar que lhe ajude e o torne um diablero. Quando o auxiliar concorda, ele mata o homem no mesmo lugar e, enquanto está morto, ensina-lhe. Quando você fizer a viagem, dependendo de sua sorte, poderá encontrar um grande diablero no auxiliar que o matará e lhe ensinará. Mas em geral a pessoa encontra brujos sem importância, que têm pouca coisa a ensinar. Mas nem você nem eles têm o poder de recusar. O melhor é encontrar um auxiliar masculino, para não se tornar presa de uma diablera, que fará a pessoa sofrer de uma maneira incrível. As mulheres são sempre assim. Mas isso só depende da sorte, a não ser que o benfeitor da pessoa seja ele mesmo um grande diablero, e nesse caso terá muitos auxiliares no outro mundo, e pode dirigir a pessoa para ver um determinado auxiliar. Meu benfeitor era um homem desses. Dirigiu-me para encontrar seu auxiliar espírito. Depois que voltar, você não será mais o mesmo. Está comprometido a voltar para ver seu auxiliar frequentemente. E comprometeu-se a viajai cada vez mais longe da entrada, até que um dia irá longe demais e não poderá voltar. As vezes, um diablero pode pegar uma alma e empurrá-la pela entrada e deixá-la em custódia de seu auxiliar, até roubar q pessoa de toda sua força de vontade. Em outros casos, como o seu, por exemplo, a alma pertence a uma pessoa de vontade forte, e o diablero pode guardá-la dentro de sua sacola, pois ela é muito pesada para carregar de outro modo. Em tais casos, como no seu, uma luta pode resolver o problema... uma luta em que o diablero ou ganha tudo ou perde tudo. Dessa vez, ela perdeu a batalha e teve de soltar sua alma. Se vencesse, teria levado a alma para o seu auxiliar, para sempre.

— Mas como foi que venci?

— Não saiu do seu ponto. Se se tivesse movido um centímetro, teria sido liquidado. Ela escolheu o momento em que eu não estava presente como sendo o melhor para dar o golpe, e o fez bem feito. Fracassou porque não levou em conta sua própria natureza, que é violenta, e também porque você não se arredou do ponto em que é invencível.

— Como é que ela me teria matado se eu tivesse me movido?

— Teria dado um golpe como um raio. Mas, acima de tudo, teria guardado sua alma e você teria minguado.

— O que vai acontecer agora, Dom Juan?

— Nada. Você conquistou sua alma de volta. Foi uma boa luta. Aprendeu muitas coisas ontem à noite.

Em seguida, começamos a procurar a pedra que eu tinha atirado. Falou que, se conseguíssemos encontrá-la, podíamos ter a certeza absoluta de que o assunto estava encerrado. Procurando durante quase três horas. Eu tinha a impressão de que a reconheceria.

Mas não consegui.

Naquele mesmo dia, no princípio da noite, Dom Juan levou-me para os morros perto da casa dele. Ali, deu-me instruções longas e detalhadas sobre métodos específicos de luta.

Em dado momento, ao repetir certos passes recomendados, encontrei-me sozinho. Tinha subido uma ladeira correndo e estava ofegante. Suava muito e, no entanto, estava com frio.

Chamei Dom Juan várias vezes, mas não respondeu, e eu comecei a ter uma estranha apreensão. Ouvi um farfalhar no mato, como se alguém se estivesse aproximando de mim.

Escutei atentamente, mas o barulho cessou. Depois, tornei a ouvi-lo, mais alto e mais perto.

Naquele momento, ocorreu-me que os fatos da véspera iam-se repetir. Dentro de alguns segundos, meu medo aumentou desproporcionadamente. O farfalhar no mato aproximou-se mais e minhas forças minguavam. Queria gritar ou chorar, fugir ou desmaiar. Meus joelhos se dobravam; caí no chão, gemendo. Não conseguia nem fechar os olhos. Depois disso, só me lembro de que Dom Juan fez uma fogueira e esfregou os músculos contraídos de meus braços e pernas.

Fiquei num estado de desespero profundo, por várias horas. Depois, Dom Juan explicou minha reação desproporcionada como sendo uma ocorrência comum. Disse-lhe que não sabia analisar logicamente o que provocara meu pânico, e ele respondeu que não era o medo da morte, e sim o medo de perder minha alma, um medo comum entre os homens que não tem um propósito inabalável.

Essa experiência foi o último dos ensinamentos de Dom Juan. Desde então, tenho evitado procurar suas lições. E embora Dom Juan não tenha mudado sua

atitude de benfeitor com relação a mim, acredito que eu tenha sucumbido ao primeiro inimigo de um homem de conhecimento.

PARTE DOIS – UMA ANÁLISE ESTRUTURAL

O seguinte sistema estrutural, tirado dos dados sobre os estados da realidade não comuns apresentados na primeira parte dessa obra, foi concebido como uma tentativa de expor a coesão interna e a irrefutabilidade dos ensinamentos de Dom Juan. A estrutura, conforme a avalio, compõe-se de quatro conceitos, que constituem as principais unidades: (1) homem de conhecimento; (2) um homem de conhecimento tinha um aliado; (3) um aliado tinha uma regra; e (4) a regra foi corroborada por um consenso especial. Essas quatro unidades por sua vez são compostas de uma série de idéias subsidiárias; assim, a estrutura total compreende todos os conceitos significativos que foram apresentados até o momento em que parei a aprendizagem. De certo modo, essas unidades representam sucessivos níveis de análise, cada nível modificando o anterior. (Para o esboço das unidades de minha análise estrutural, ver Apêndice (1).

Como essa estrutura conceitual depende totalmente do significado de todas as suas unidades, o seguinte esclarecimento parece ser indicado neste ponto: em toda essa obra, o significado foi exposto como o entendi. Os conceitos componentes da sabedoria de Dom Juan, conforme os apresentei aqui, não podiam ser a réplica exata do que ele mesmo disse. A despeito de todo o esforço que eu fiz para apresentar esses conceitos o mais fielmente possível, seu significado foi afetado por minhas próprias tentativas de classificá-los. A disposição das quatro principais unidades desse sistema estrutural, porém, é uma sequência lógica que parece estar isenta da influência de artifícios de classificação estranhos, de minha concepção. Mas, no que diz respeito às idéias componentes de cada unidade principal, foi impossível evitar minha influência pessoal. Em certos pontos, são necessários recursos de classificação externos, a fim de tornar os fenômenos compreensíveis. E, para desempenhar essa tarefa aqui, foi necessário fazer um ziguezague dos pretensos significados e sistema de classificação do mestre para os significados e recursos de classificação do aprendiz.

A ORDEM OPERACIONAL

A PRIMEIRA UNIDADE

HOMEM DE CONHECIMENTO

Num estágio muito primário de minha aprendizagem, Dom Juan declarou que o objetivo de seus ensinamentos era "mostrar como me tornar um homem de conhecimento". Uso essa declaração como ponto de partida. 8 óbvio que tornar-se um homem de conhecimento era um objetivo operacional. L igualmente óbvio que todas as partes dos ensinamentos ordenados de Dom Juan estavam ligados à execução desse objetivo, de uma maneira ou de outra. Meu raciocínio aqui é que, nas circunstâncias, sendo "homem de conhecimento" um objetivo operacional, isso deve ter sido indispensável para explicar alguma "ordem operacional". Então, justifica-se concluir, que, a fim de compreender essa ordem operacional, é preciso compreender seu objetivo: homem de conhecimento.

Depois de estabelecer "homem de conhecimento" como primeira unidade estrutural, foi possível organizar com segurança os seguintes sete conceitos como seus componentes próprios: (1) tornar-se um homem de conhecimento era questão de aprendizagem; (2) um homem de conhecimento tem um propósito inflexível; (3) um homem de conhecimento tem clareza de espírito; (4) para ser um homem de conhecimento é preciso um trabalho exaustivo; (5) um homem de conhecimento é um guerreiro; (6) ser um homem de conhecimento é um processo incessante; e (7) um homem de conhecimento tem um aliado.

Esses sete conceitos são temas. Percorrem os ensinamentos, determinando todo o caráter do conhecimento de Dom Juan. Como objetivo operacional de seu ensinamento era produzir um homem de conhecimento, tudo o que ensinava era imbuído das características específicas de cada um dos sete temas. Juntos formava o conceito "homem de conhecimento" como uma maneira de a pessoa se conduzir, um comportamento que era o resultado final de um treinamento longo e arriscado. "Homem de conhecimento", porém, não era um guia de comportamento, e sim uma série de princípios que abrangiam todas as circunstâncias fora do comum pertinentes ao conhecimento que era ensinado.

Cada um dos sete temas é composto, por sua vez, de vários outros conceitos, que abrangem suas facetas diferentes.

Pelas declarações de Dom Juan era possível supor-se que um homem de conhecimento podia ser um diablero, isto é, um feiticeiro de magia negra. Declarou que seu mestre era um diablero e ele também, no passado, embora tivesse deixado de se ocupar de certos aspectos da prática da feitiçaria. Como o objetivo de seus ensinamentos era mostrar como ser um homem de conhecimento, e como seu conhecimento consistia em ser um diablero, podia haver uma conexão inerente entre homem de conhecimento e diablero. Embora Dom. Juan nunca usasse os dois termos indiferentemente, a probabilidade de serem relacionados suscitava a possibilidade de que "homem de conhecimento",

com seus sete temas e seus conceitos componentes, abrangia, teoricamente, todas as circunstâncias que poderiam surgir no curso de se tornar a pessoa um diablero.

Tornar-se um Homem de Conhecimento – É uma Questão de Aprendizagem

O primeiro tema tornava implícito o fato de que a aprendizagem era o único meio possível para um homem tornar-se um homem de conhecimento, e isso, por sua vez, implicava no ato de se fazer um esforço resoluto para conseguir um objetivo. Ser um homem de conhecimento era o resultado final de um processo, em oposição a uma aquisição imediata por um ato de graça ou pela doação por poderes sobrenaturais. A plausibilidade de aprender a ser um homem de conhecimento justificava a existência de um sistema para ensinar a consegui-lo.

O primeiro tema tinha três componentes: (1) não havia requisitos claros para ser um homem de conhecimento; (2) havia alguns requisitos disfarçados; (3) a decisão quanto a quem poderia aprender a ser um homem de conhecimento era tomada por um poder impessoal.

Aparentemente, não havia pré-requisitos claros que poderiam determinar quem seria, ou quem não seria qualificado para aprender como ser um homem de conhecimento. Teoricamente, a tarefa estava às ordens de qualquer pessoa que quisesse executá-la. No entanto, na prática, tal teoria não se coadunava com o fato de que Dom Juan, como mestre, escolhia seus aprendizes.

De fato, qualquer mestre, nas circunstâncias, teria escolhido seus aprendizes, pelo expediente de expô-los a alguns pré-requisitos disfarçados. A natureza específica desses pré-requisitos nunca era formalizada; Dom Juan só insinuava que havia certos indícios que a pessoa tinha de ter em mente quando considerava um aprendiz em perspectiva. Os indícios a que se referia deviam revelar se o candidato tinha ou não certa disposição de caráter, que Dom Juan denominava "propósito inflexível".

Não obstante, a decisão final no que dizia respeito a quem podia aprender a tornar-se um homem de conhecimento era deixada a um poder impessoal que Dom Juan conhecia, mas que estava fora de sua esfera de vontade. O poder impessoal parece que apontava a pessoa certa, permitindo que ela praticasse um feito de natureza extraordinária, ou então criando uma série de circunstâncias especiais em torno daquela pessoa. Daí, nunca havia qualquer conflito entre a ausência de pré-requisitos claros e a existência de pré-requisitos disfarçados, não revelados.

O homem que fosse destacado assim tornava-se o aprendiz. Dom Juan o

chamava o escogido, "aquele que foi escolhido". Mas ser um escogido significava mais do que ser um simples aprendiz. Um escogido, pelo simples ato de ser escolhido, por um poder, já era considerado diferente dos homens comuns. Já era considerado um recipiente de uma quantidade mínima de poder, que devia aumentar com a aprendizagem.

Mas aprender era um processo de uma busca inacabável, e o poder que tomava a primeira decisão, ou um poder semelhante, deveria tomar decisões semelhantes sobre se um escogido devia continuar a aprender ou se tinha sido vencido. Essas decisões se manifestavam por meio de augúrios que ocorriam em qualquer ponto dos ensinamentos. Quanto a isso, quaisquer circunstâncias especiais a respeito de um aprendiz eram consideradas augúrios.

Um Homem de Conhecimento Tem um Propósito Inflexível

A idéia de que um homem de conhecimento precisa de um propósito inflexível refere- se ao exercício da vontade. Ter um propósito inflexível quer dizer ter a vontade de realizar um processo necessário, mantendo-se em todos os momentos rigidamente dentro dos limites do conhecimento que está sendo ensinado. Um homem de conhecimento precisa de uma vontade rígida a fim de suportar a qualidade de obrigação que possuíam todos os atos quando executados dentro do contexto de seu conhecimento.

A qualidade de obrigação de todos os atos executados dentro desse contexto e o fato de serem inflexíveis e predeterminados sem dúvida eram desagradáveis para todos os homens, e por isso uma certa percentagem de propósito inflexível era procurada como o único requisito disfarçado necessário a um pretenso aprendiz.

Um propósito inflexível compunha-se de: (1) frugalidade, (2) firmeza de julgamento, e (3) falta de liberdade para inovar.

Um homem de conhecimento precisa da frugalidade porque a maior parte de seus atos obrigatórios trata de situações ou dê elementos ou fora dos limites da vida quotidiana, ou não habituais nas atividades comuns; e o homem que tivesse de agir de acordo com eles precisa' de um esforço extraordinário cada vez que agisse. Estava i., elícito que a pessoa só seria capaz de um esforço tão extraordinário se fosse frugal em qualquer outra atividade que não tratasse diretamente desses atos predeterminados.

Como todos os atos eram predeterminados e obrigatórios, um homem de conhecimento precisa de firmeza de julgamento. Esse conceito não implica no bom senso, mas sim a capacidade de avaliar as circunstâncias envolvendo qualquer necessidade de agir. Uma orientação para uma tal avaliação era dada

juntando, como fundamento lógico, todas as partes dos ensinamentos que estivessem ao comando da pessoa no momento dado em que qualquer ação tivesse de ser executada. Assim, a orientação estava sempre mudando, à medida que se aprendia mais partes; e no entanto, implicava sempre na convicção de que todo ato obrigatório que se pudesse ter de desempenhar seria, de fato, o mais apropriado nas circunstâncias.

Como todos os atos são preestabelecidos e compulsórios, ter de desempenhá-los significa uma falta de liberdade para inovar. O sistema de Dom Juan para transmitir o conhecimento estava tão bem estabelecido que não havia possibilidade de alterá-lo de maneira alguma.

Um Homem de Conhecimento Tem Clareza de Espírito

Clareza de espírito é o tema que dá o sentido de direção. O fato de todos os atos serem predeterminados significa que a orientação da pessoa dentro do ensinamento sendo prestado é igualmente predeterminada; consequentemente, a clareza de espírito dá apenas um sentido de direção. Reafirma continuamente a validez do rumo tomado por meio das idéias componentes de: (1) liberdade de buscar um caminho, (2) noção do propósito específico e (3) ser fluido.

Acreditava-se que a pessoa tivesse liberdade de procurar um caminho. Ter a liberdade de escolher não era incompatível com a falta de liberdade de inovar; essas duas idéias não eram opostas, nem interferiam uma com a outra. A liberdade de buscar um caminho referia-se à liberdade de escolher entre diferentes possibilidades de ação, que eram igualmente eficientes e utilizáveis. O critério de escolher era a vantagem de uma possibilidade sobre as outras, baseada na preferência da pessoa. Na verdade, a liberdade de escolher um caminho implicava num sentido de direção pela expressão das tendências pessoais.

Outro meio de criar um sentido de direção era pela idéia de que há um propósito específico para cada ato executado no contexto do conhecimento sendo transmitido. Por isso, o homem de conhecimento precisa de clareza de espírito a fim de corresponder a suas próprias razões para agir com o propósito específico de cada ação. O conhecimento do propósito especifico de cada ação era o guia que usava para julgar as circunstâncias que envolvessem qualquer necessidade de agir.

Outra faceta da clareza de espírito era a idéia de que um homem de conhecimento, a fim de reforçar o desempenho de seus atos obrigatórios, precisa reunir todos os recursos que os ensinamentos colocaram a seu dispor. Era esta a idéia de ser fluido. Criava um sentido de direção dando à pessoa a sensação de ser maleável e ter expediente. A qualidade compulsiva de todos os atos teria

imbuído a pessoa com uma sensação de rigidez ou esterilidade, se não fosse a idéia de que um homem de conhecimento tem de ser fluido.

Para Ser um Homem de Conhecimento E Preciso um Trabalho Exaustivo

Um homem de conhecimento tem de possuir, ou de adquirir no decurso de seu treinamento, uma capacidade total de trabalho. Dom Juan declarou que, para ser um homem de conhecimento, é preciso um trabalho exaustivo. Um trabalho exaustivo demonstrava uma capacidade: (1) de fazer esforços dramáticos; (2) de conseguir a eficiência; e (3) enfrentar um desafio.

No caminho do homem de conhecimento, um conhecimento do drama era, sem dúvida, o fato isolado mais importante, e um tipo especial de esforços era necessário para corresponder às circunstâncias que exigiam a exploração dramática; isto é, um homem de conhecimento precisava do esforço dramático. Tomando como exemplo o comportamento de Dom Juan, à primeira vista podia parecer que sua atuação dramática era apenas sua própria mania de teatralidade. No entanto, seus esforços dramáticos eram sempre muito mais do que uma simples representação; eram, antes, um profundo estado de crença. Pelos esforços dramáticos, transmitia a qualidade especial de finalidade a todos os atos que praticava. Consequentemente, seus atos passavam-se num palco em que a morte era um dos principais protagonistas. Era implícito que a morte era uma, possibilidade real durante a aprendizagem, devido à nata= inerentemente perigosa dos fatos com que lidava o homem de conhecimento; portanto, era lógico que o esforço teatral criado pela convicção de que a morte era um ator onipresente fosse mais do que simplesmente dramático.

Os esforços não acarretam apenas o drama, mas também a necessidade da eficiência. Os esforços tinham de ser eficazes; tinham de possuir a qualidade de serem devidamente canalizados, de serem adequados. A idéia da morte iminente criava não só o drama necessário para a ênfase geral, mas também a convicção de que todo ato envolvia uma luta pela sobrevivência, a convicção de que sobreviria a aniquilação, se os esforços da pessoa não satisfizessem os requisitos de ser eficazes.

Os esforços também encerram a idéia de desafio, isto é, o ato de verificar -e provar se a pessoa é capaz de desempenhar um ato devido dentro dos limites rigorosos do conhecimento objeto de ensinamento.

Um Homem de Conhecimento É um Guerreiro

A existência de um homem de conhecimento é uma luta incessante, e a idéia de que ele é um guerreiro, levando vida de guerreiro, dava à pessoa os meios de

conseguir a estabilidade emocional. A idéia de um homem em guerra abrange quatro conceitos: (1) um homem de conhecimento tem de ter respeito; (1.) ele tem de ter medo; (3) ele tem de estar bem desperto; (4) ele tem de ter confiança em si. Daí, ser um guerreiro é uma forma de autodisciplina que frisa a realização individual; no entanto, é uma posição em que os interesses pessoais são reduzidos a um mínimo, pois, na maioria dos casos, o interesse pessoal é incompatível com o rigor necessário para executar qualquer ato predeterminado obrigatório.

Um homem de conhecimento em seu papel de guerreiro era obrigado a ter uma atitude de consideração diferente pelas coisas com que lidava; tinha de imbuir tudo que se relacionava com seu conhecimento com um respeito profundo, a fim de colocar tudo numa perspectiva significativa. Ter respeito era o equivalente a avaliar seus próprios recursos insignificantes diante do Desconhecido.

Se a pessoa permanecesse nesse estado de espírito, a idéia de respeito estendia-se logicamente para incluir a própria pessoa, pois o eu era tão desconhecido quanto o próprio Desconhecido. Um sentimento de respeito tão moderador transformava a aprendizagem desse conhecimento específico, que, de outra forma, poderia parecer absurda, numa alternativa muito racional.

Outra necessidade da vida de um guerreiro era a necessidade de experimentar e avaliar com cuidado a sensação do medo. O ideal era que, a despeito do medo, a pessoa teria de prosseguir com seus atos. Supunha-se que o medo fosse vencido e havia um momento dado na vida de um homem de conhecimento em que era vencido, mas primeiro a pessoa tinha de ter consciência de estar com medo e avaliar essa sensação. Dom Juan afirmava que a pessoa só seria capaz de vencer o medo enfrentando-o.

Como guerreiro, um homem de conhecimento também precisava estar bem desperto. Um homem em luta tinha de estar alerta para ter conhecimento da maior parte dos fatores pertinentes aos dois aspectos obrigatórios da consciência: (1) consciência de propósito e (2) consciência do fluxo esperado.

Consciência de propósito era o ato de ter conhecimento dos fatores envolvidos no relacionamento entre o propósito específico de qualquer ato obrigatório e o propósito específico da pessoa para agir. Como todos os atos obrigatórios têm um propósito definido, um homem de conhecimento tem de estar bem desperto; isto é, precisa ser capaz em todas as ocasiões de relacionar o propósito definido de cada ato obrigatório com o motivo definido que ele tenha em mente para desejar agir.

Um homem de conhecimento, estando consciente desse relacionamento,

também é capaz de tomar ciência do que se acredita poder esperar do fluxo. O que chamei aqui de "consciência do fluxo esperado" refere-se à certeza de que se é capaz em todos os momentos de verificar os importantes elementos variáveis envolvidos no relacionamento entre o propósito específico de cada ato e a razão específica da pessoa para agir. Estando consciente do fluxo esperado, a pessoa devia poder verificar as modificações mais sutis. Essa consciência propositada das modificações explica o reconhecimento e a interpretação de augúrios e outros acontecimentos fora do comum.

O último aspecto da idéia do comportamento de um guerreiro era a necessidade da confiança em si, isto é, a garantia de que o propósito específico de um ato que a pessoa possa ter querido desempenhar era a única alternativa plausível para seus próprios motivos específicos de agir. Sem a confiança em si, a pessoa teria sido incapaz de preencher um dos aspectos mais importantes dos ensinamentos: a capacidade de reivindicar o conhecimento como poder.

Ser um Homem de Conhecimento É um Processo Incessante

Ser um homem de conhecimento não é um estado que implique em permanência. Nunca há a certeza de que, desempenhando-se passos predeterminados do conhecimento ensinado, a pessoa se torne um homem de conhecimento. Está implícito que a função dos passos é apenas mostrar como se tornar um homem de conhecimento. Assim, tornar-se um homem de conhecimento é uma tarefa que não se pode realizar plenamente; ou melhor, é um processo incessante, que envolve: (1) a idéia de que é preciso renovar a busca para ser um homem de conhecimento; (2) a idéia da transitoriedade da pessoa; e (3) a idéia de que é preciso seguir um caminho com um coração.

A renovação constante da busca de se tornar um homem de conhecimento é expressa no tema dos quatro inimigos simbólicos encontrados no caminho do conhecimento: medo, clareza, poder e velhice. Renovar a busca implica em conquistar e manter o controle sobre si mesmo. Um verdadeiro homem de conhecimento deve combater cada um dos quatro inimigos, sucessivamente, até o último momento de sua vida, a fim de se manter ativamente empenhado em tornar-se um homem de conhecimento. No entanto, a despeito da verdadeira renovação da busca, as circunstâncias eram inevitavelmente contra o homem; ele sucumbiria a seu último inimigo simbólico. Era essa a idéia de transitoriedade.

Contrabalançando o valor negativo da transitoriedade da pessoa, há a noção de que é preciso seguir "o caminho com um coração". O caminho com coração é uma maneira metafórica de asseverar que, a despeito de ser transitória, a pessoa ainda assim tem de prosseguir e tem de ser capaz de encontrar satisfação e realização pessoal no ato de escolher a alternativa mais acessível e identificar-se

completamente com ela.

Dom Juan sintetizou o fundamento lógico de todo seu conhecimento na metáfora de que o importante para ele era encontrar o caminho com coração e depois percorrer a sua extensão, significando que a identificação com a alternativa acessível era o suficiente para ele. A viagem em si era suficiente; qualquer esperança de chegar a uma posição permanente estava fora dos limites de seu conhecimento.

A SEGUNDA UNIDADE

UM HOMEM DE CONHECIMENTO TEM UM ALIADO

A idéia de que um homem de conhecimento tem um aliado era o mais importante dos sete temas componentes, pois é o único indispensável para explicar o que é um homem de conhecimento. Na classificação de Dom Juan, um homem de conhecimento tem um aliado, enquanto o homem comum não tem, e ter um aliado é o que o distingue dos homens comuns.

Dom Juan descreve um aliado como sendo "um poder capaz de transportar o homem além dos limites dele próprio"; isto é, um aliado é um poder que permite à pessoa transcender o reino da realidade comum. Consequentemente, ter um aliado implica em ter poder; e o fato de que um homem de conhecimento tem um aliado é em si prova de que o objetivo operacional dos ensinamentos foi atingido. Como esse objetivo era mostrar como se tornar um homem de conhecimento, e como o homem de conhecimento é aquele que tem um aliado, outra maneira de descrever o objetivo operacional dos ensinamentos de Dom Juan seria dizer que eles também mostram como obter um aliado. O conceito "homem de conhecimento", como o quadro filosófico do feiticeiro, tem um significado para todos os que querem viver dentro daquele quadro somente se tiverem um aliado.

Classifiquei este último tema componente do homem de conhecimento como segunda principal unidade estrutural devido a ser indispensável para explicar o que é um homem de conhecimento.

Nos ensinamentos de Dom Juan, havia dois aliados. O primeiro era contido nas plantas de Datura, comumente conhecidas como estramônio. Dom Juan chamava esse aliado por um dos nomes espanhóis da planta, yerba del dublo (erva-do-diabo). Segando ele, qualquer espécie de Datura continha o aliado. No entanto, todo feiticeiro tinha de cultivar um canteiro de uma espécie que ele considerava sua, não apenas no sentido de que as plantas fossem sua propriedade particular, mas no sentido de que estavam pessoalmente identificadas com ele.

As plantas de Dom Juan pertenciam à espécie inóxia; porém não parecia haver nenhuma relação entre esse fato e as diferenças que possam ter existido entre as duas espécies de Datura de que ele dispunha.

O segundo aliado era contido num cogumelo que identifiquei como pertencente ao gênero Psilocybe; talvez fosse Psilocybe mexicana, mas a

classificação é apenas sugerida, pois não consegui obter um espécime para análise em laboratório.

Dom Juan chamava esse aliado humito (fuminho), sugerindo que o aliado era análogo ao fumo ou à mistura de fumo que ele fazia com o cogumelo. O fumo era mencionado como se fosse o verdadeiro recipiente, e no entanto ele deixou bem claro que o poder se ligava a apenas uma espécie de Psilocybe; assim, era preciso um cuidado especial no momento da coleta a fim de não confundi-lo com nenhum de uma dúzia de outras espécies do mesmo gênero que cresciam na mesma zona.

Um aliado como conceito significativo incluía as seguintes idéias e ramificações: (1) um aliado não tinha forma; (2) um aliado era percebido como uma qualidade; (3) um aliado era domesticável; e (4) um aliado tinha um regulamento.

Um Aliado Não Tinha Forma

Um aliado era suposto ser uma entidade que existia fora e independente da pessoa, e no entanto, a despeito de ser uma entidade separada, supunha-se que o aliado não tivesse forma. Estabeleci "sem forma" como condição oposta a "com forma definida", distinção feita diante do fato de haver outros poderes semelhantes a um aliado e que têm uma forma definidamente perceptível. A condição sem forma do aliado significava que não possuía uma forma distinta, ou vagamente definida, ou mesmo reconhecível; e essa condição implicava que um aliado não era visível em momento algum.

Um Aliado Era Percebido como uma Qualidade

Uma sequência à ausência de forma de um aliado era outra condição expressa na idéia de que um aliado era percebido apenas como uma qualidade dos sentidos; isto é, como um aliado não tinha forma, sua presença era observada somente por seus efeitos sobre o feiticeiro. Dom Juan classificou alguns desses efeitos como tendo qualidades antropomórficas. Descreveu um aliado como tendo o caráter de um ser humano, insinuando assim que um feiticeiro individual estava em posição de escolher o aliado mais adequado, comparando seu próprio caráter com as supostas características antropomórficas de um aliado.

Os dois aliados referidos nos ensinamentos foram apresentados por Dom Juan como tendo uma série de qualidades opostas. Dom Juan classificava o aliado contido na Datura inóxia como possuindo duas qualidades: era feminino e dava um poder supérfluo. Achava que essas duas qualidades eram totalmente indesejáveis. Suas declarações sobre o assunto eram positivas, mas ele indicava ao mesmo tempo que seu julgamento do caso era uma escolha puramente

personalista.

A característica mais importante era sem dúvida o que Dom Juan chamava de sua natureza feminina. O fato de ele ser descrito como feminino, no entanto, não significava que o aliado fosse um poder feminino. Parecia que a analogia com uma mulher fosse apenas um meio metafórico de Dom Juan descrever o que ele achava serem os efeitos desagradáveis do aliado. Além disso, o gênero do nome da planta em espanhol, yerba, feminino, também pode ter ajudado a criar a analogia feminina. De qualquer forma, a personificação dessa aliada como poder feminino lhe atribuía as seguintes qualidades antropomórficas: (1) era possessivo; (2) era violento; (3) era imprevisível; e (4) tinha efeitos nocivos.

Dom Juan acreditava que o aliado tinha o poder de escravizar os homens que se tornavam seus seguidores; explicava essa qualidade como sendo possessiva, que ele relacionava com o caráter de uma mulher. O aliado possuía seus seguidores dando-lhes poder, criando um sentimento de dependência e dando-lhes força física e bem-estar.

Esse aliado também era supostamente violento. Sua violência de mulher manifestava- se quando forçava seus adeptos s cometerem atos destruidores, de força bruta. E essa característica específica o tornava mais adequado a homens de natureza violenta, que queriam encontrar na violência a chave poder pessoal.

Outra característica feminina era a imprevisibilidade. Para Dom Juan isso significava que os efeitos do aliado nunca eram constantes; ao contrário, supunha-se que mudavam irregularmente e não havia meio de prevê-los. A inconstância do aliado devia ser contrabalançada pelo cuidado meticuloso e dramático do feiticeiro em todos os detalhes do seu manuseio. Qualquer coisa desfavorável que fosse inexplicável, como resultado de algum erro ou manuseio errado, era explicado pela imprevisibilidade feminina do aliado.

Devido a sua possessividade, violência e imprevisibilidade, considerava-se que esse aliado tivesse um efeito geral nocivo sobre o caráter de seus adeptos. Dom Juan acreditava que o aliado queria transmitir suas características femininas, e que seus esforços nesse sentido em geral eram bem sucedidos.

Mas, além de sua natureza feminina, esse aliado tinha outra faceta que também era considerada uma qualidade: dava um poder supérfluo. Dom Juan foi muito enfático nesse ponto, e frisou que, como doador de poder generoso, o aliado era inigualável. Era suposto que desse a seus adeptos força física, uma sensação de audácia e a capacidade de desempenhar feitos extraordinários. Na opinião de Dom Juan, porém, um poder tão exorbitante era supérfluo; declarou que, pelo menos para ele, não havia mais necessidade dele. Não obstante, apresentava isso como um forte incentivo para um pretenso homem de

conhecimento, no caso de este ter uma inclinação natural para buscar o poder.

O ponto de vista partidário de Dom Juan era que o aliado contido na Psilocybe mexicana, ao contrário, tinha as características mais apropriadas e mais valiosas: (1) era masculina; e (2) era propiciadora do êxtase.

Descreveu aquele aliado como sendo a antítese do contido nas plantas de Datura. Considerava-o masculino, viril. Sua condição de masculinidade parecia ser análoga à feminilidade do outro aliado; isto é, não era um poder masculino, mas Dom Juan o classificava em termos do que considerava ser procedimento masculino. Nesse caso, também, o gênero masculino da palavra espanhola humito pode ter sugerido a analogia com um poder masculino.

As qualidades antropomórficas deste aliado, que Dom Juan julgava serem próprias de um homem, eram as seguintes: (1) era sem paixão; (2) era delicado; (3) era previsível; e (4) tinha efeitos benéficos.

A idéia de Dom Juan acerca da natureza sem paixão do aliado era expressa na crença de que era justo, de que nunca chegava a exigir atos extravagantes de seus adeptos. Nunca tornava os homens seus escravos, pois não lhes conferia um poder fácil; pelo contrário, humito era duro, mas justo com seus seguidores.

O fato de o aliado não exigir um comportamento abertamente violento tornava-o delicado. Supunha-se que induzisse a uma sensação de falta de corpo, e assim Dom Juan o apresentava como sendo calmo, delicado e propiciando a paz.

Também era previsível. Dom Juan descreveu seus efeitos sobre todos os seus seguidores individuais e nas experiências sucessivas de qualquer homem isolado como sendo constantes; em outras palavras, seus efeitos não variavam, ou, se o faziam, eram tão semelhantes que eram considerados os mesmos.

Em consequência de ser desapaixonado, delicado e previsível, esse aliado, pensava-se, tinha outra característica viril: um efeito benéfico sobre o caráter de seus adeptos. A virilidade de humito devia criar um estado muito raro de estabilidade emocional neles. Dom Juan acreditava que sob a orientação do aliado, a pessoa podia temperar o coração e adquirir o equilíbrio.

Um corolário de todas as características viris do aliado, acreditava, era a capacidade de provocar êxtase. Essa outra faceta de sua natureza também era vista como uma qualidade. Acreditava-se que humito removia o corpo de seus seguidores, permitindo-lhes assim realizarem formas especializadas de atividade, pertinentes a um estado de ausência de corpo. E Dom Juan afirmava que essas formas especializadas de atividade levavam inevitavelmente ao estado de êxtase. O aliado contido na Psilocybe era considerado ideal para os homens cujas

naturezas os predispunham a procurar a contemplação.

Um Aliado Era Domesticável

A idéia de que um aliado fosse domesticável implicava que, como poder, tinha o potencial de ser usado. Dom Juan explicou que era a capacidade inata do aliado de ser utilizável; depois que um feiticeiro domesticava um aliado, pensava-se que ele estivesse com o domínio de seu poder especializado, o que significava que ele poderia manipulá-lo para sua vantagem particular. A capacidade que tinha um aliado de ser domesticado contrapunha-se à incapacidade dos outros poderes, que eram semelhantes ao aliado, com exceção do fato de não cederem para serem manipulados.

A manipulação de um aliado tinha dois aspectos: (1) um aliado é um veículo; e (2) um aliado é um auxiliar.

Um aliado é um veículo no sentido de que serve para transportar o feiticeiro para o reino da realidade não comum. No que se refere a meus conhecimentos pessoais, ambos os aliados serviam como veículos, embora a função tivesse significados diferentes para cada um.

As qualidades gerais e indesejáveis do aliado contido na Datura inoxia, especialmente sua qualidade de imprevisibilidade, o transformavam num veículo perigoso, em que não se podia confiar. O ritual era a única proteção possível contra sua inconstância, mas isso nunca bastava para garantir a estabilidade do aliado; um feiticeiro que usasse esse aliado como veículo tinha de esperar augúrios favoráveis antes de prosseguir.

O aliado contido na Psilocybe mexicana, ao contrário, era considerado um veículo firme e previsível, em consequência de todas suas qualidades valiosas. Como resultado de sua previsibilidade, um feiticeiro que usasse esse aliado não precisava empenhar-se em nenhum ritual preparatório.

O outro aspecto da manipulação de um aliado era expresso na idéia de que um aliado era um auxiliar. Ser um auxiliar significava que um aliado, depois de servir a um feiticeiro como veículo, era novamente utilizável como auxiliar ou guia para ajuda-lo a conquistar o objetivo que ele tivesse em mente, ao ingressar no reino de realidade não comum.

Em sua capacidade de auxiliares, os dois aliados tinham propriedades diferentes e sui generis. A complexidade e aplicabilidade dessas propriedades aumentavam à medida que a pessoa avançava no caminho da aprendizagem. Mas, em termos gerais, o aliado contido na Datura inoxia era considerado um auxiliar extraordinário e essa capacidade parecia ser um corolário de sua facilidade para dar poder supérfluo. O aliado contido na Psilocybe mexicana,

porém, era considerado um auxiliar ainda mais extraordinário. Dom Juan achava que era sem igual na função de ser auxiliar, o que considerava uma extensão de suas qualidades gerais valiosas.

A TERCEIRA UNIDADE

UM ALIADO TEM UM REGULAMENTO

A única idéia indispensável entre os componentes do conceito de "aliado" é a de que ele tem um regulamento, para se explicar o que é um aliado. Devido a essa indispensabilidade, coloquei-a como terceira: unidade principal nessa classificação estrutural.

O regulamento, que Dom Juan também chamava a lei, era o rígido conceito de organização que regulava todos os atos que tinham de ser executados e o comportamento que devia ser observado em todo o processo de se lidar com o aliado. O regulamento era transmitido verbalmente do mestre ao aprendiz, idealmente sem alteração, por meio da interação mantida entre eles. O regulamento era, pois, mais do que um conjunto de regras; era, antes, uma série de esboços de atividade que dirigia o rumo a ser seguido no processo de manipular um aliado.

Sem dúvida, muitos elementos teriam correspondido à definição de Dom Juan de um aliado como sendo um "poder capaz de transportar um homem além dos limites dele próprio". Quem aceitasse essa definição poderia conceber, razoavelmente, que tudo o que possuísse essa faculdade poderia ser um aliado. E, logicamente, até mesmo condições orgânicas produzidas pela fome, fadiga e doença podiam servir como aliados, pois poderiam possuir a faculdade de transportar o homem além do reino da realidade comum. Mas a idéia de que um aliado tinha um regulamento eliminava todas essas possibilidades. Um aliado era um poder que tinha um regulamento. Todas as outras possibilidades não podiam ser consideradas aliadas porque não tinha regulamento.

Como conceito, o regulamento compreendia as seguintes idéias e seus vários componentes: (1) o regulamento era inflexível; (2) o regulamento não era cumulativo; (3) o regulamento era corroborado pela realidade comum; (4) o regulamento era corroborado pela realidade não comum; e (S) o regulamento era corroborado por um consenso especial.

O Regulamento Era Inflexível

Os esboços de atividade que constituíam o todo do regulamento eram passos inevitáveis que a pessoa tinha de seguir a fim de alcançar o objetivo operacional dos ensinamentos. Essa qualidade compulsória do regulamento era transmitida na idéia de que era inflexível. A inflexibilidade do regulamento estava

intimamente ligada à idéia de eficiência. Os esforços dramáticos criavam uma incessante luta pela sobrevivência e, nessas condições, somente o ato mais eficaz que a pessoa pudesse praticar asseguraria a sobrevivência. Como não eram permitidos pontos de referência individualistas, o regulamento Prescrevia os atos que constituíam a única alternativa para a sobrevivência. Assim, o regulamento tinha de ser inflexível; tinha de exigir uma obediência definida a seus comandos.

A obediência ao regulamento, porém, não era absoluta. Durante os ensinamentos, registrei um caso em que sua inflexibilidade foi cancelada. Dom Juan explicou aquele exemplo de variação como um favor especial, oriundo da intervenção direta de um aliado. Naquele caso, devido a meu engano sem querer ao manusear o aliado contido na Datura inoxia, o regulamento fora violado. Dessa ocorrência, Dom Juan deduzia que um aliado tinha a faculdade de intervir diretamente e impedir o efeito nocivo, e geralmente fatal, que resultava da não obediência a seu regulamento. Essa prova de flexibilidade era sempre considerada como o produto de um forte laço de afinidade entre o aliado e seu seguidor.

O Regulamento Não Era Cumulativo

A suposição aqui era de que todos os métodos concebíveis de manipular um aliado já tivessem sido usados. Teoricamente, o regulamento não era cumulativo; não havia possibilidade de aumentá-lo. A idéia da natureza não cumulativa do regulamento também se relacionava ao conceito da eficácia. Como o regulamento ditava a única alternativa eficaz para a sobrevivência pessoal do indivíduo, qualquer tentativa de modificá-lo ou alterar seu curso por inovações era considerado não só um ato supérfluo, como mortal. Só havia a possibilidade de se aumentar o conhecimento pessoal do regulamento, quer sob a orientação do mestre, quer sob a orientação especial do próprio aliado. Este último era considerado um exemplo de aquisição direta de conhecimento, e não um acréscimo ao do regulamento.

O Regulamento Era Corroborado Pela Realidade Comum

A corroboração do regulamento significava o ato de verifica-lo, o ato de atestar a sua validez, confirmando-o pragmaticamente de maneira experimental. Como o regulamento tratava de situações de realidade comum e não comum, sua corroboração se dava em ambas as áreas.

As situações de realidade comum com que lidava o regulamento muitas vezes eram situações extraordinariamente fora do comum, porém, por mais anormais que fossem, o regulamento era corroborado pela realidade comum. Por esse motivo deve ser considerada fora do âmbito deste trabalho, devendo ser mais propriamente o campo de outro estudo. Essa parte do regulamento trata dos

detalhes dos processos empregados no reconhecimento, coleta, mistura, preparo e cultivo das plantas de poder em que são contidos os aliados, dos detalhes de outros processos dos usos dessas plantas de poder e outras minúcias semelhantes.

O Regulamento Era Corroborado Pela Realidade Não Comum

O regulamento também era corroborado pela realidade não comum, e essa corroboração era feita da mesma maneira pragmática e experimental de revalidação que teria sido empregada em situações de realidade comum. A idéia de corroboração pragmática envolvia dois conceitos: (1) encontros com o aliado, que denominei estados de realidade não comum; e (2) os propósitos específicos do regulamento.

Os estados de realidade não comum. — As duas plantas em que se continham os aliados, quando utilizadas de acordo com os regulamentos respectivos dos aliados, produziam estados de uma percepção especial, que Dom Juan classificava de encontros com o aliado. Dava grande ênfase em provoca-los, ênfase que se resumia na idéia de que a pessoa tinha de encontrar-se com o aliado tantas vezes quantas fosse possível a fim de verificar seu regulamento de maneira pragmática e experimental. A suposição era que a proporção do regulamento que poderia ser verificada estava em relação direta com o número de vezes que a pessoa encontrasse o aliado.

O método exclusivo de provocar um encontro com o aliado era, naturalmente, por meio do uso adequado da planta em que o aliado era contido. Não obstante, Dom' Juan sugeriu que, em certo estado avançado do conhecimento, os encontros podiam realizar-se sem ouso da planta; isto é, podiam realizar-se por um simples ato de vontade.

Denominei os encontros com o aliado estados de realidade não comum. Escolhia expressão "realidade não comum", porque se coadunava com a afirmação de Dom Juan, de que esses encontros se realizavam numa continuidade da realidade, uma realidade que era apenas ligeiramente diferente da realidade comum da vida quotidiana. Consequentemente, a realidade não comum tem características específicas que podiam ser avaliadas supostamente em termos iguais por todo mundo. Dom Juan nunca formulou essas características de maneira definida, mas sua reserva parecia originar-se da idéia de que cada homem tinha de reivindicar o conhecimento como assunto de natureza pessoal.

As seguintes categorias, que considero as características específicas da realidade não comum, foram tiradas de minha experiência pessoal. No entanto, a despeito de sua origem aparentemente excêntrica, foram reforçadas e

desenvolvidas por Dom Juan nas premissas de seu conhecimento; conduziu seus ensinamentos como se essas características fossem inerentes à realidade não comum: (1) a realidade não comum era utilizável; (2) a realidade não comum tinha elementos constituintes.

A primeira característica — de que a realidade não comum era utilizável — implicava que ela servia para um serviço real. Dom Juan explicou várias vezes que o objetivo primordial de seu conhecimento era a consecução de resultados práticos, e que esse objetivo era pertinente na realidade comum e não comum. Asseverava que em seu conhecimento havia os meios de se fazer trabalhar a realidade não comum, do mesmo modo que a realidade comum. Segundo essa afirmativa, os estados provocados pelos aliados eram produzidos com o intuito propositado de serem utilizados. Nesse caso especial a explicação lógica de Dom Juan era que os encontros com os aliados eram feitos para se aprender os segredos deles, e esse fundamento lógico servia como um guia rígido para eliminar outros motivos pessoais que se pudesse ter para procurar os estados de realidade não comum.

A segunda característica da realidade não comum era que tinha elementos constituintes. Esses elementos eram os itens, os atos e os acontecimentos que a pessoa percebia, aparentemente com os sentidos, como fazendo parte de um estado de realidade não comum. O quadro total da realidade não comum era composto de elementos que pareciam possuir qualidades tanto dos elementos da realidade comum como dos componentes de um sonho comum, embora não fossem idênticos a nenhum dos dois.

Segundo minha opinião pessoal, os elementos componentes da realidade não comum tinham três características suas: (1) estabilidade, (2) singularidade, e (3) falta de consenso comum. Essas qualidades os faziam destacar-se como unidades discretas, possuindo uma individualidade inconfundível.

Os elementos constituintes da realidade não comum tinham estabilidade no sentido de serene constantes. Nesse ponto eram semelhantes aos elementos constituintes da realidade comum, pois nem mudavam nem desapareciam, como fariam os elementos componentes de sonhos comuns. Parecia que cada detalhe que formava um elemento componente da realidade não comum tinha um caráter concreto seu, caráter que eu percebia como sendo extraordinariamente estável. A estabilidade era tão marcada que me permitia estabelecer o critério de que, na realidade não comum, a gente possuía sempre a capacidade de fazer uma parada at fim de examinar qualquer dos elementos componentes durante o que parecia ser um espaço de tempo indefinido. A aplicação desse critério me permitia distinguir os estados de realidade não comum usados por Dom Juan de outros

estados de percepção especial que podiam parecer ser realidade não comum, mas que não correspondiam a esse critério.

A segunda característica exclusiva dos elementos constituintes da realidade não comum — sua singularidade — significava que todo detalhe do elemento constituinte era um item único e individual; parecia que cada detalhe fosse isolado dos outros, ou que os detalhes apareciam um de cada vez. A singularidade dos elementos parecia ainda criar uma necessidade única, que pode ter sido comum a todos: a necessidade imperiosa, a compulsão de amalgamar todos os detalhes isolados numa cena total, um composto total. Dom Juan obviamente estava ciente dessa necessidade e utilizava-a em todas as ocasiões possíveis.

O terceiro característico único dos elementos constituintes, e o mais dramático de todos, era a sua falta de consenso comum. A pessoa percebia os elementos constituintes quando num estado de solidão completa, que era mais como a solidão de um homem que presencia sozinho uma cena estranha na realidade comum, do que a solidão do sonho. Como a estabilidade dos elementos constituintes da realidade não comum permitia que a pessoa parasse para examinar qualquer deles por um tempo aparentemente indefinido, quase chegava a parecer que fossem elementos da vida quotidiana; no entanto, a diferença entre os elementos constituintes dos dois estados de realidade era a sua capacidade de consenso comum. Por consenso comum quero exprimir o acordo tácito sobre os componentes da vida quotidiana que os homens se dão uns aos outros de várias maneiras. Para os elementos constituintes da realidade não comum, o consenso comum era inatingível. Nesse ponto, a realidade não comum aproximava-se mais do estado de sonho do que da realidade comum. E no entanto, devido a suas características únicas de estabilidade e singularidade, os elementos constituintes da realidade não comum tinham um senso de realidade forte que parecia fomentar a necessidade de revalidar a sua existência em termos de consenso.

O objetivo específico do regulamento. — O outro componente do conceito de que o regulamento era verificado na realidade não comum era a idéia de que o regulamento tinha um objetivo específico. Esse objetivo era a conquista, geralmente com o uso de um aliado, de uma meta utilitária. No contexto dos ensinamentos de Dom Juan, supunha-se que o regulamento fosse aprendido corroborando-se o mesmo na realidade comum e na não comum.

A faceta decisiva dos ensinamentos, contudo, era a corroboração do regulamento nos estados de realidade não comum; e o que era corroborado nos atos e elementos percebidos na realidade não comum era o objetivo específico do regulamento. Esse objetivo específico tratava do poder do aliado, isto é, da

manipulação do aliado primeiro como veículo e depois como auxiliar, mas Dom Juan sempre tratava cada caso do objetivo específico do regulamento como uma unidade única, implicitamente abrangendo essas duas áreas.

Como o objetivo específico referia-se à manipulação do poder do aliado, tinha uma sequência inseparável — as técnicas de manipulação.

As técnicas de manipulação eram os processos, as operações em si, envolvidas em cada caso da manipulação do poder de um aliado. A idéia de que um aliado podia ser manipulado comprovava sua utilidade na consecução de objetivos pragmáticos, e as técnicas de manipulação eram os processos que se supunha tornarem o aliado usável.

O propósito específico e as técnicas de manipulação constituíam uma unidade única que o feiticeiro tinha de conhecer precisamente a fim de poder comandar seu aliado com eficiência.

Os ensinamentos de Dom Juan incluíam os seguintes objetivos específicos dos regulamentos dos dois aliados. Organizei-os aqui na mesma ordem em que ele os apresentou a mim. O primeiro objetivo específico que era observado na realidade não comum era a prova com o aliado contido na Datura inoxia. A técnica de manipulação era de ingerir uma poção feita com uma seção da ingestão dessa poção produzia produzia um estado superficial de realidade não comum, que Dom Juan utilizou para me testar, verificando se eu tinha ou não como aprendiz em perspectiva, afinidade com o aliado contido na planta. A poção devia produzir ou uma sensação de bem-estar físico não especificada, ou uma sensação de grande desconforto, efeitos que Dom Juan considerava, respectivamente, como um sinal de afinidade ou a falta dela.

O segundo objetivo específico era a adivinhação. Também fazia parte do regulamento do aliado contido na Datura inoxia. Dom Juan considerava a adivinhação uma forma de movimento especializado, na suposição de que um feiticeiro era transportado pelo aliado para um compartimento especial da realidade não comum, em que ele era capaz de adivinhar fatos que lhe eram desconhecidos.

A técnica de manipulação do segundo objetivo era um processo de ingestão-absorção. Uma poção feita com a raiz de Datura era ingerida e um unguento feito com as sementes de Datura era esfregado nas partes temporal e frontal da cabeça. Usei a expressão "ingestão-absorção" porque a ingestão podia ter sido ajudada pela absorção da pele para produzir um estado de realidade não comum, ou a absorção pela pele podia ser ajudada pela ingestão.

Essa técnica de manipulação exigia a utilização de outros elementos além da

planta de Datura, no caso, os dois lagartos. Deviam servir ao feiticeiro como instrumentos de movimento, significando aqui a percepção de estar num reino especial, em que se pode ouvir o lagarto falar e depois visualizar o que ele disse. Dom Juan explicava esses fenômenos como sendo os lagartos respondendo às perguntas que foram feitas para serem adivinhadas.

O terceiro objetivo específico do regulamento do aliado contido nas plantas de Datura tratava de outra forma especializada de movimento, o vôo corporal. Conforme explicou Dom Juan, um feiticeiro que usasse esse aliado era capaz de voar corporalmente por distâncias enormes; o vôo corporal era a capacidade do feiticeiro de se mover pela realidade não comum e depois voltar à sua vontade para a realidade comum.

A técnica de manipulação do terceiro objetivo específico também era um processo de ingestão-absorção. Uma poção feita com a raiz de Datura era ingerida e um unguento feito com as sementes de Datura era esfregado nas solas dos pés, na parte interna das duas pernas e nos órgãos genitais.

O terceiro objetivo específico não era corroborado profundamente; Dom Juan sugeriu que não tinha revelado outros aspectos da técnica de manipulação que permitissem ao feiticeiro adquirir um sentido de direção enquanto se movia.

O quarto objetivo específico do regulamento era a prova do aliado contido na Psilocybe mexicana. A prova não visava apenas determinar a afinidade ou falta de afinidade com o aliado, mas, antes, ser uma inevitável primeira experiência, ou o primeiro encontro com o aliado.

A técnica de manipulação do quarto objetivo específico utilizava uma mistura de fumo feita de cogumelos secos misturados com várias partes de cinco outras plantas, nenhuma das quais, que se soubesse, com propriedades alucinógenas. O regulamento frisava o ato de inspirar o fumo da mistura; assim, o mestre usava a palavra humito (fuminho) para referir-se ao aliado contido nela. Mas denominei esse processo "ingestão-inspiração por ser uma combinação de primeiro ingerir e depois inspirar. Os cogumelos, por serem macios, secavam produzindo um pó muito fino que era meio difícil queimar. Os outros ingredientes se reduziam a tiras, quando secos. Essas tiras eram incineradas no fornilho do cachimbo enquanto o pó dos cogumelos, que não ardia tão facilmente, era sugado para a boca e ingerido. Logicamente, a quantidade de cogumelos secos ingerida era maior do que a quantidade de tiras queimadas e inspiradas.

Os efeitos do primeiro estado de realidade não comum provocado pela Psilocybe mexicana deram ensejo à breve preleção de Dom Juan sobre o quinto objetivo específico do regulamento. Tratava do movimento -movimento com o auxilio do aliado contido na Psilocybe mexicana, para dentro e através de

objetos inanimados ou para dentro e através de seres animados. A técnica completa de manipulação podia incluir a sugestão hipnótica, além do processo da ingestão-inspiração. Como Dom Juan apresentou esse objetivo específico através de uma breve preleção, que não foi verificada posteriormente, foi-me impossível avaliar corretamente qualquer de seus aspectos.

O sexto objetivo específico do regulamento verificado na realidade não comum, que também envolvia o aliado contido na Psilocybe mexicana, tratava de outro aspecto do movimento -o movimento adotando uma forma diferente. Este aspecto do movimento estava sujeito à mais intensa verificação. Dom Juan asseverava que era necessária uma prática assídua a fim de dominá-lo. Afirmava que o aliado contido na Psilocybe mexicana tinha a capacidade inerente de fazer com que o corpo do feiticeiro desaparecesse; assim, a idéia de adotar uma outra forma era uma possibilidade lógica para conseguir o movimento em condições de ausência de corpo. Outra possibilidade lógica para conseguir movimentos era, naturalmente, a movimentação através dos objetos e seres, sobre a qual Dom Juan falara brevemente.

A técnica de manipulação do sexto objetivo específico do regulamento incluía não apenas a ingestão-inspiração, mas também, segundo todas as indicações, a sugestão hipnótica. Dom Juan lançara essa sugestão nos estágios transitórios para a realidade não comum, e também durante a primeira parte dos estados de realidade não comum. Classificava o processo aparentemente hipnótico como sendo apenas sua supervisão pessoal, significando que não me revelara a técnica de manipulação completa naquela determinada ocasião.

A adoção de uma forma diferente não significava que o feiticeiro estivesse livre para adotar, a qualquer momento, qualquer forma que ele quisesse assumir; ao contrário, implicava um treinamento de toda a vida para assumir uma forma preconcebida. A forma preconcebida que Dom Juan preferira adotar era a de um corvo, e consequentemente ele frisava essa forma determinada em seus ensinamentos. Mas deixou bem claro que o corvo era sua escolha pessoal, e que havia inúmeras outras formas preconcebidas possíveis.

A QUARTA UNIDADE

O REGULAMENTO ERA CORROBORADO POR CONSENSO ESPECIAL

Entre os conceitos constituintes que formavam o regulamento, o que era indispensável para explicá-lo era que o regulamento era corroborado por consenso especial; todos os outros conceitos constituintes em si eram insuficientes para explicar o significado do regulamento.

Dom Juan deixou bem claro que um aliado não é doado a um feiticeiro, mas que um feiticeiro aprendia a manipular o aliado pelo processo de corroborar seu regulamento. O pro cesso de aprendizagem total envolvia a verificação do regulamento na realidade não comum, bem como na comum. No entanto, a faceta crucial dos ensinamentos de Dom Juan era a corroboração do regulamento de maneira pragmática e experimental no contexto do que a pessoa percebia como sendo os elementos constituintes da realidade não comum. Mas esses elementos constituintes não estavam sujeitos a um consenso comum, e se a pessoa fosse incapaz de conseguir um acordo sobre sua existência, sua realidade percebida só teria sido uma ilusão. Como o homem teria de ficar sozinho na realidade não comum, por causa de sua solidão, tudo o que ele percebesse teria de ser excêntrico. A solidão e a excentricidade eram consequências do fato suposto de que nenhum outro ser humano lhe poderia dar um consenso comum sobre suas percepções.

Nesse ponto, Dom Juan apresentou a parte constituinte mais importante de seus ensinamentos: forneceu-me um consenso especial sobre os atos e elementos que eu percebera na realidade não comum, atos elementos que supostamente deviam corroborar o regulamento. Nos ensinamentos de Dom Juan, o consenso especial significava uma concordância tácita ou implícita sobre os elementos constituintes da realidade não comum, que ele, em sua capacidade de mestre, dava a mim, como aprendiz de seu conhecimento. Esse consenso especial não era de modo algum fraudulento ou espúrio, tal como uma ou duas pessoas poderiam dar-se ao descrever os elementos constituintes de seus sonhos individuais. O consenso especial que Dom Juan fornecia era sistemático, e para fornecê-lo ele pode ter precisado da totalidade de seu conhecimento. Com a aquisição de um consenso sistemático, os atos e os elementos percebidos na realidade não comum tornavam-se consensualmente reais, o que significava, no esquema de classificação de Dom Juan, que o regulamento do aliado tinha sido

corroborado. O regulamento tinha significado como conceito, então, somente enquanto era sujeito a um consenso especial, pois, sem ama concordância especial quanto a sua corroboração, o regulamento teria sido uma construção puramente excêntrica.

Devido ao fato de ser indispensável para explicar o regulamento, tornei a idéia de que o regulamento fosse corroborado por consenso especial a quarta unidade principal desse esquema estrutural. Essa unidade, por ser basicamente a interação entre dois indivíduos, compunha-se de: (1) o benfeitor, ou o guia para o conhecimento a ser ensinado, o agente que fornecia o consenso especial; (2) o aprendiz ou sujeito para quem era fornecido o consenso especial.

O fracasso ou o êxito em conseguir o objetivo operacional dos ensinamentos residia nessa unidade. Assim, o consenso especial era a culminação precária do seguinte processo: um feiticeiro tinha uma característica distinta, a posse de um aliado, que o diferençava dos homens comuns. Um aliado era um poder que tinha a propriedade especial de ter um regulamento. E a característica sui generis do regulamento era a sua corroboração na realidade não comum por meio do consenso especial.

O Benfeitor

O benfeitor era o agente sem o qual a corroboração do regulamento teria sido impossível. A fim de fornecer o consenso especial, ele desempenhava as duas tarefas de: (1) preparar o ambiente para o consenso especial para a corroboração do regulamento e (2) orientar o consenso especial.

Preparação do Consenso Especial

A primeira tarefa do benfeitor era preparar o ambiente necessário para provocar o consenso especial para a corroboração do regulamento. Como meu mestre, Dom Juan me fez: (1) experimentar outros estados de realidade não comum que ele explicou como sendo bem distintos daqueles produzidos para corroborar o regulamento dos aliados; (2) participar com ele de certos estados de realidade comum que pareciam ter sido produzidos por ele mesmo; e (3) recapitular cada experiência detalhadamente. A tarefa de Dom Juan, de preparar um consenso especial, consistia em reforçar e confirmar a corroboração do regulamento, dando um consenso especial sobre os elementos constituintes desses novos estados de realidade não comum, e sobre os elementos constituintes dos estados especiais de realidade comum.

Os outros estados de realidade não comum que Dom Juan me fez experimentar foram provocados pela ingestão do cacto Lophophora williamsii, comumente conhecido por peiote. Geralmente a parte superior do cacto era

cortada e guardada até secar e, depois, mastigada e ingerida; mas, em circunstâncias especiais, a parte superior era ingerida quando ainda fresca. A ingestão, porém, não era o único meio de experimentar um estado de realidade não comum com a Lophophora williamsii. Dom Juan sugeriu que estados espontâneos de realidade não comum ocorriam em condições sui generis, e ele as classificou como dádivas do poder contido na planta.

A realidade não comum provocada pela Lophophora williamsii tinha três características distintas: (1) acreditava-se que fosse produzida por uma entidade denominada "Mescalito"; (2) era utilizável; e (3) tinha elementos constituintes.

Mescalito era suposto ser um poder único, semelhante a um aliado no sentido de permitir que a pessoa transcendesse os limites da realidade comum, mas também bem diferente de um aliado. Como um aliado, Mescalito era contido numa planta definida, o cacto Lophophora williamsii. Mas, ao contrário de um aliado, que era apenas contido numa planta, Mescalito e a planta que o continha eram o mesmo; a planta era o centro de manifestações francas de respeito, merecendo uma veneração profunda. Dom Juan acreditava firmemente que, sob certas condições, como num estado de profunda aquiescência para com Mescalito, o simples ato de estar próximo ao cacto produziria um estado de realidade não comum.

Mas Mescalito não tinha regulamento e, por esse motivo, não era um aliado, embora fosse capaz de transportar o homem além dos limites da realidade comum. O fato de não ter regulamento não só barrava Mescalito de ser usado como aliado, pois que, sem um regulamento, ele não podia ser manipulado, como ainda o tornava um poder muito diferente de um aliado.

Como consequência direta de não ter regulamento, Mescalito à disposição de qualquer homem, sem a necessidade de uma longa aprendizagem ou o compromisso de técnicas de manipulação, como exigia um aliado. E como ele estava disponível sem qualquer treinamento, Mescalito era considerado um protetor. Ser um protetor significava que podia ser alcançado por qualquer pessoa. E no entanto, Mescalito como protetor era acessível a todos; e, com certos a indivíduos, não era compatível. Segundo Dom Juan, essa incompatibilidade era causada pela discrepância entre a "moralidade inflexível" de Mescalito e o caráter duvidoso do próprio indivíduo.

Mescalito também era um mestre. Supunha-se que tivesse funções didáticas. Era um diretor, um guia para o procedimento correto. Mescalito ensinava o caminho do bem. A idéia que Dom Juan fazia do caminho do bem parecia ser um sentido de correção que consistia não de retidão em termos de moral, mas de uma tendência para simplificar os padrões de comportamento nos termos da

eficiência promovida por seus ensinamentos. Dom Juan acreditava que Mescalito a simplificação ensinava ação do comportamento.

Acreditava-se que Mescalito fosse uma entidade. E como tal era suposto ter uma forma definida, que geralmente não era constante nem previsível. Essa qualidade indicava que Mescalito era percebido de maneiras diferentes não só por homens diferentes, como também pelo mesmo homem em ocasiões diferentes. Dom Juan exprimiu essa idéia em termos da faculdade de Mescalito de adotar qualquer formes a concebível. Para os indivíduos com quem ele era compatível, porém adotava uma forma imutável, depois que eles tivessem participado dele por alguns anos.

A realidade não comum produzida por Mescalito era utilizável, e nesse ponto era idêntica à produzida por um aliado. A única diferença era o fundamento lógico que Don Juan usava em seus ensinamentos para provocá-la: a pessoa devia procurar "as lições de Mescalito sobre o caminho certo".

A realidade não comum provocada por Mescalito também tinha elementos constituintes, e aqui mais uma vez os estados de realidade não comum produzidos por Mescalito e por um aliado eram idênticos. Em ambos, os característicos dos elementos constituintes eram a estabilidade, singularidade e falta de consenso.

O outro processo que Dom Juan usava parara preparar, o ambiente para o consenso especial era fazer-me coparticipar de estados especiais de realidade comum. Um estado especial de realidade comum era uma situação que podia ser descrita em termos das propriedades da vida de todo dia, só que poderia ser impossível conseguir um consenso comum sobre seus elementos constituintes. Dom Juan preparou o ambiente para o consenso especial da corroboração do regulamento, dando um consenso especial sobre os elementos constituintes dos estados especiais da realidade comum. Esses elementos constituintes eram elementos da vida de todo dia, cuja existência podia ser confirmada somente por Dom Juan, por concordância especial. Isso era uma suposição de minha parte, pois, como coparticipante dos estados especiais da realidade comum, eu acreditava que somente Dom Juan, como outro coparticipante, poderia saber quais os elementos constituintes que formavam o estado especial de realidade comum.

Em minha opinião pessoal, os estados especiais de realidade comum eram produzidos por Dom Juan, embora ele nunca tenha confessado fazê-lo. Parece que o conseguia por meio de uma manipulação hábil de indiretas e sugestões para dirigir meu comportamento. Denominei esse processo de "manipulação de sugestões". Tinha dois aspectos: (1) dar sugestões sobre o ambiente e (2) dar

sugestões sobre o comportamento.

No correr de seus ensinamentos, Dom Juan fez-me experimentar dois desses estados. Pode ter produzido o primeiro dando sugestões sobre o ambiente. O fundamento lógico de Dom Juan para produzi-lo era que eu precisava de um teste para provar minhas boas intenções, e só depois que ele me deu um consenso especial a respeito de seus elementos constituintes é que consentiu em começar seus ensinamentos. Por "sugestões sobre o ambiente", quero significar que Dom Juan me levara a um estado especial de realidade comum, isolando, por sugestões sutis, elementos constituintes da realidade comum que faziam parte do meio ambiente físico imediato. Os elementos isolados dessa maneira criavam nesse caso uma percepção visual específica de cor, que Dom Juan verificou tacitamente.

O segundo estado de realidade comum pode ter sido produzido por sugestões sobre o comportamento. Dom Juan, por uma associação íntima comigo, e por um comportamento constante, tinha conseguido criar uma imagem dele, imagem que me servia de padrão essencial pelo qual eu o reconhecia. Então executando certas reações específicas escolhidas, que, eram irreconciliáveis com a imagem que ele criara, Dom Juan foi capaz de modificar esse padrão essencial de reconhecimento.

A distorção, por sua vez, pode ter modificado a configuração normal dos elementos associados com o padrão num padrão novo e incongruente, que não poderia estar sujeito ao consenso comum; Dom Juan, como coparticipante daquele estado especial de realidade comum, era a única pessoa que sabia quais eram os elementos constituintes, e assim era a única pessoa que me poderia dar concordância sobre sua existência.

Dom Juan produziu o segundo estado especial de realidade comum também cerro prova, como uma espécie de recapitulação de seus ensinamentos. Parecia que ambos os estados especiais de realidade comum marcavam uma transição nos ensinamentos. Demonstravam ser um ponto de articulação. E o segundo estado pode ter marcado meu ingresso num novo estágio de aprendizagem, caracterizado por uma coparticipação mais direta entre a mestre e o aprendiz, para as finalidades de se chegar a um consenso especial.

O terceiro processo usado por Dom Juan para preparar um consenso especial foi fazer com que eu desse um relato detalhado do que experimentara depois de cada estado de realidade não comum e cada estado especial de realidade comum, e depois frisar certas unidades escolhidas, que ele isolava do meu relato. O fator essencial era dirigir os resultados dos estados de realidade não comum e minha suposição implícita aqui era que as características dos elementos constituintes da

realidade não comum — estabilidade, singularidade e falta de consenso comum — eram inerentes a eles e não o resultado da orientação de Dom Juan. Essa suposição baseava-se sobre a observação de que os elementos constituintes do primeiro estado de realidade não comum que experimentei possuíam as mesmas três características, e no entanto Dom Juan mal começara sua orientação. Supondo, pois, que essas características fossem inerentes aos elementos constituintes de realidade não comum em geral, a tarefa de Dom Juan consistia em utilizá-las como base para dirigir o resultado de cada estado de realidade não comum produzido pela Datura inoxia, Psilocybe mexicana e Lophophora williamsii.

O relato detalhado que Dom Juan me obrigava a prestar depois de cada estado de realidade não comum era uma recapitulação da experiência. Encerrava uma meticulosa narrativa verbal do que eu tinha percebido durante cada estado. Uma recapitulação tinha duas facetas: (1) á recordação dos fatos e (2) a descrição de elementos constituintes percebidos. A recordação dos fatos dizia respeito aos incidentes que eu parecia ter percebido durante a experiência que estava narrando: isto é, os fatos que pareciam ter acontecido e os atos que pareciam ter sido praticados. A descrição dos elementos constituintes percebidos era meu relato da forma específica e dos detalhes específicos dos elementos constituintes que eu parecia ter percebido.

De cada recapitulação da experiência, Dom Juan escolhia certas unidades por meio dos processos de: (1) dar importância a certos setores apropriados de minha narrativa e (2) negar qualquer importância a outros setores de minha narrativa. O intervalo entre os estados de realidade não comum era o período em que Dom Juan dissertava sobre a recapitulação da experiência.

Denominei o primeiro processo de "ênfase" porque acarretava uma especulação portentosa sobre a distinção entre o que Dom Juan concebera como os objetivos que eu deveria atingir no estado de realidade não comum e o que eu mesmo tinha percebido. Ênfase significava, portanto, que Dom Juan isolava certo setor de minha narrativa, centralizando ali o grosso de suas especulações. Ênfase podia ser positiva ou negativa. A ênfase positiva insinuava que Dom Juan estava satisfeito com um determinado item que eu percebera porque se conformava com os objetivos que ele esperava que eu conseguisse no estado de realidade não comum. A ênfase negativa significava que Dom Juan não estava satisfeito com o que eu percebera porque podia não se coadunar com as expectativas dele ou porque o julgasse insuficiente. Não obstante, ainda colocava o grosso de suas especulações naquele setor de minha recapitulação, a fim de frisar o valor negativo de minha percepção.

O segundo processo seletivo que Dom Juan empregava era negar toda importância a alguns setores de minha narrativa. Denominei isso de "falta de ênfase" porque era o oposto de ênfase. Parecia que, negando importância às partes de meu relato referentes aos elementos constituintes que ele considerava inteiramente supérfluos ao objetivo de seus ensinamentos, Dom Juan literalmente obliterava minha percepção dos mesmos elementos nos sucessivos estados de realidade não comum.

Orientando o Consenso Especial

O segundo aspecto da tarefa de Dom Juan como mestre era orientar o consenso especial, dirigindo o resultado de cada estado de realidade não comum e cada estado especial de realidade comum. Dom Juan dirigia esse resultado por meio de uma manipulação ordenada dos níveis extrínsecos e intrínsecos da realidade não comum e do nível intrínseco dos estados especiais de realidade comum.

O nível extrínseco da realidade não comum pertencia a sua disposição operativa. Envolvia a mecânica, os passos que conduziam à realidade não comum propriamente dita. O nível extrínseco tinha três aspectos discerníveis: (1) o período preparatório, (2) os estágios transitórios e (3) a supervisão do mestre.

O período preparatório era o tempo decorrido entre um e outro estado de realidade não comum. Dom Juan costumava dar-me instruções diretas e desenvolver o rumo geral de seus ensinamentos. O período preparatório era de importância vital em estabelecer os estados de realidade não comum e, como girava sobre eles, tinha duas facetas distintas: (1) o período anterior à realidade não comum e (2) o período seguinte à realidade não comum.

O período anterior à realidade não comum era um intervalo de tempo relativamente curto, 24 horas no máximo. Nos estados de realidade não comum produzidos pela Datura inoxia e Psilocybe mexicana, o período era caracterizado pelas instruções dramáticas e aceleradas, diretas, sobre o objetivo específico do regulamento e as técnicas de manipulação que eu devia corroborar no próximo estado de realidade não comum. Com a Lophophora williamsii o período era essencialmente de comportamento ritual, pois que Mescalito não tinha regulamento.

O período que se seguia à realidade não comum, por outro lado, era bastante longo; geralmente durava meses e permitia que Dom Juan discutisse e esclarecesse os acontecimentos ocorridos durante o estado anterior de realidade não comum.

Esse período era especialmente importante depois do uso da Lophophora

williamsii. Como Mescalito não tinha regulamento, o objetivo procurado na realidade não comum era a verificação das características de Mescalito; Dom Juan esboçava essas características durante os longos intervalos que se seguiam a cada estado de realidade não comum.

O segundo aspecto do nível extrínseco eram os estados de transição, que significam a passagem de um estado de realidade comum para um estado de realidade não comum, e vice-versa. Os dois estados de realidade se sobrepunham nesses estágios de transição, e o critério que eu usava para diferençar esses estágios de qualquer dos estados de realidade era o fato de serem os seus constituintes nebulosos. Nunca conseguia percebê-los ou lembrar-me deles com exatidão.

Nos termos do tempo percebido, os estágios de transição eram ou abruptos ou lentos. No caso da Datura inoxia, os estados de realidade comum e não comum quase se sobrepunham, e a transição de um para o outro se fazia abruptamente. As mais marcantes eram as passagens para a realidade não comum. A. Psilocybe mexicana, por sua vez, provocava estágios de transição que eu percebia serem lentos. A passagem da realidade comum para a não comum era especialmente prolongada e perceptível. Sempre tinha mais noção dela, talvez por causa de minha apreensão a respeito dos acontecimentos futuros.

Os estágios de transição provocados pela Lophophora williamsii pareciam combinar características dos outros dois. Para começar, tanto as passagens para a realidade não comum e a saída dela eram muito óbvias. A entrada na realidade não comum era lenta e eu a experimentava quase sem alteração de minhas faculdades; mas a volta à realidade comum era um estágio de transição abrupto, que eu percebia com clareza, mas com menos facilidade de avaliar cada detalhe.

O terceiro aspecto do nível extrínseco era a supervisão do mestre, ou o auxílio real que eu, como aprendiz, recebia enquanto experimentava um estado de realidade não comum. Estabeleci a supervisão como uma categoria à parte porque implicava que o mestre teria de ingressar na realidade não comum com o aprendiz, em certo ponto dos ensinamentos.

Durante os estados de realidade não comum provocados pela Datura inoxia recebi um mínimo de supervisão. Dom Juan dava muita importância a cumprir os passos do período preparatório, mas depois que eu tivesse satisfeito esse requisito, deixava-me prosseguir sozinho.

Na realidade não comum provocada pela Psilocybe mexicana, o grau de supervisão era o oposto completo, pois aí, segundo Dom Juan, o aprendiz precisava de muita orientação e auxilio. A corroboração do regulamento obrigava a adoção de uma outra forma, o que parecia sugerir que eu teria de

passar por uma série de ajustamentos muito especializados na percepção do ambiente. Dom Juan produzia esses ajustamentos necessários por meio de ordens verbais e sugestões durante os estágios de transição para a realidade não comum. Outro aspecto de sua supervisão era dirigir-me durante a primeira parte dos estágios de realidade não comum, ordenando que focalizasse minha atenção em certos elementos constituintes do estado de realidade comum anterior. Os itens que ele focalizava aparentemente eram escolhidos ao acaso, pois o importante era o ato de aperfeiçoar a forma adotada. O aspecto final da supervisão era devolver-me à realidade comum. Era implícito que essa operação também exigia um máximo de supervisão da parte de Dom Juan, embora não me lembre do processo exato.

A supervisão necessária para os estados provocados pela Lophophora williamsii era um misto das duas outras. Dom Juan permanecia a meu lado pelo tempo que podia, e no entanto não tentava de modo algum dirigir-me para dentro ou para fora da realidade não comum.

O segundo nível de ordem diferenciativa na realidade não comum eram os padrões aparentemente internos ou a organização aparentemente interna de seus elementos constituintes. Denominei isso de "nível intrínseco", e supus aqui que os elementos componentes eram sujeitos a três processos gerais, que pareciam ser o produto da orientação de Dom Juan: (1) um progresso para o específico; (2) um progresso para um âmbito mais extenso de apreciação; e (3) um progresso para uma utilização mais pragmática da realidade não comum.

O progresso para o específico era o avanço aparente dos elementos constituintes de cada estado sucessivo de realidade não comum no sentido de tornar-se mais preciso, mais específico. Acarretava dois aspectos distintos: (1) um progresso para formas individuais específicas; e (2) um progresso para resultados totais específicos.

O progresso para formas individuais específicas implicava que os elementos constituintes eram amorfamente conhecidos nos primeiros estados de realidade não comum e se tornavam específicos e desconhecidos nos últimos estados. O progresso parecia abranger dois níveis de modificação nos elementos constituintes da realidade não comum: (1) uma complexidade progressiva de detalhes percebidos; e (2) um progresso das formas conhecidas para as desconhecidas.

Uma crescente complexidade de detalhes significava que em cada estado sucessivo de realidade não comum, os mínimos detalhes que eu percebia como integrando os elementos constituintes tornavam-se mais complexos. Eu avaliava a complexidade em termos de estar ciente de que a estrutura dos elementos

constituintes tornava-se mais complicada, e no entanto os detalhes não se tornavam excessivamente ou desconcertantemente emaranhados. A maior complexidade referia-se antes ao aumento harmonioso dos detalhes percebidos, que variavam desde as minhas impressões de formas vagas, nos primeiros estados, até minha percepção de conjuntos maciços e complexos de detalhes mínimos nos últimos estados.

O progresso de formas conhecidas para desconhecidas implicava que a princípio, as formas dos elementos constituintes ou eram formas conhecidas encontradas na realidade comum, ou pelo menos evocavam a familiaridade da vida de todo dia. Mas nos estados sucessivos de realidade não comum, as formas específicas, os detalhes de constituir a forma e os padrões em que eram combinados os elementos constituintes tornavam-se progressivamente desconhecidos, até que eu não conseguisse mais compará-los com, e, em alguns casos, nem mesmo evocar, qualquer coisa que eu jamais tivesse percebido na realidade comum.

O progresso dos elementos constituintes para os resultados totais específicos era a aproximação gradativamente mais íntima do resultado total que eu conseguia com cada estado de realidade não comum ao resultado total que Dom Juan procurava, em matéria de corroborar o regulamento; isto é, a realidade não comum era provocada para corroborar o regulamento, e a corroboração tornava-se mais específica com cada tentativa sucessiva.

O segundo processo geral do nível intrínseco da realidade não comum era o progresso para um âmbito mais extenso de apreciação. Em outras palavras, era a melhoria que eu percebia em cada estado sucessivo de realidade não comum para a expansão da área sobre a qual eu podia ter exercido minha faculdade de focalizar a atenção. O ponto em pauta aqui era ou que existia uma área definida que se expandia, ou que minha capacidade de perceber parecia aumentar em cada estado sucessivo. Os ensinamentos de Dom Juan fomentavam e reforçavam a idéia de que havia uma área que se expandia, e denominei essa chamada área de "campo de apreciação". Sua expansão progressiva consistia de uma apreciação aparentemente sensorial que eu fazia dos elementos constituintes da realidade não comum que pertencesse a certo âmbito. Avaliava e analisava esses elementos constituintes, ao que parecia, com meus sentidos, e para todos os efeitos percebia o âmbito em que eles ocorriam como sendo mais extenso e abrangendo mais coisas em cada estado sucessivo.

O âmbito de apreciação era de dois tipos: (1) o âmbito dependente e (2) o âmbito independente. O âmbito dependente era uma área em que os elementos constituintes eram os itens do ambiente físico que tinha estado dentro de minha

consciência no estado de realidade comum anterior. O âmbito independente, ao contrário, era a área em que os elementos constituintes da realidade não comum pareciam passar a existir por si, livres da influência do ambiente físico da realidade comum anterior.

A referência clara de Dom Juan, em matéria de âmbito e apreciação, era que cada um dos dois aliados e Mescalito possuíam a propriedade de provocar as duas formas de percepção. No entanto, parecia-me que a Datura inoxia tinha maior capacidade de provocar um âmbito independente, embora na faceta do vôo corporal, que não percebi por tempo suficiente para poder avaliá-lo, o âmbito de apreciação fosse implicitamente dependente. A Psilocybe mexicana tinha a capacidade de produzir um âmbito dependente; e a Lophophora williamsii tinha a capacidade de produzir ambos.

Minha suposição era que Dom Juan utilizava essas propriedades diferentes a fim de preparar um consenso especial. Em outras palavras, nos estados produzidos pela Datura inoxia os elementos constituintes que não tinham consenso comum existiam independentemente da realidade comum anterior. Com a Psilocybe mexicana, a falta de consenso comum envolvia elementos constituintes que dependiam do ambiente da realidade comum anterior. E no caso da Lophophora williamsii, alguns dos elementos constituintes eram determinados pelo ambiente, enquanto outros eram independentes do ambiente. Assim, o uso das três plantas juntas parecia ter sido destinado a criar uma vasta percepção da falta de consenso comum quanto aos elementos constituintes da realidade não comum.

O último processo do nível intrínseco da realidade não comum era a progressão que eu percebia em cada estado sucessivo para um uso mais pragmático da realidade não comum. Essa progressão parecia estar relacionada com a idéia de que cada novo estado era um estágio de aprendizagem mais complexo, e que a complexidade crescente de cada novo estágio exigia um uso mais inclusivo e pragmático da realidade não comum. A progressão era mais notada quando se usava a Lophophora williamsii; a existência simultânea de um âmbito de apreciação dependente e independente em cada estado tornava o uso pragmático da realidade não comum mais extenso, pois abrangia ambos os âmbitos de uma vez.

Dirigindo-se o resultado dos estados especiais da realidade comum, parecia que se produzia uma ordem no nível intrínseco, uma ordem caracterizada pela progressão dos elementos constituintes para o específico; isto é, os elementos constituintes eram mais numerosos e eram isolados mais facilmente em cada estado sucessivo de realidade comum. Durante seus ensinamentos, Dom Juan só

provocou dois deles, mas ainda assim era possível eu verificar que, no segundo, foi mais fácil a Dom Juan isolar um grande número de elementos constituintes, e que a facilidade de resultados específicos afetava a rapidez com que era produzido o segundo estado especial de realidade comum. (Para o processo de comprovar o consenso especial, ver Apêndice A).

A ORDEM CONCEITUAL

O APRENDIZ

O aprendiz era a última unidade da ordem operacional. O aprendiz era, em si, a unidade que focalizava os ensinamentos de Dom Juan, pois tinha de aceitar a totalidade do consenso especial dado aos elementos constituintes de todos os estados de realidade não comum e todos os estados especiais de realidade comum, antes que o consenso especial se tornasse um conceito significativo. Mas o consenso especial, devido a ocupar-se dos atos e elementos percebidos na realidade não comum, acarretava uma ordem especial de conceituação, uma ordem que colocava esses atos e elementos percebidos de acordo com a corroboração do regulamento. Portanto, a aceitação do consenso especial significava para mim, como aprendiz, a adoção de um certo ponto de vista comprovado pela totalidade dos ensinamentos de Dom Juan; isto é, significava a minha entrada num nível conceitual, um nível compreendendo uma ordem de conceituação que tornaria os ensinamentos compreensíveis em seus próprios termos. Chamei-a de "ordem conceituai" porque era a ordem que dava significado aos fenômenos fora do comum que constituíam o conhecimento de Dom Juan; era a matriz do significado em que todos os conceitos desenvolvidos em seus ensinamentos estavam embutidos.

Considerando, pois, que o objetivo do aprendiz consistia em adotar essa ordem conceitual, ele tinha duas alternativas: podia fracassar em seus esforços, ou podia ter êxito.

A primeira alternativa, o fracasso na adoção da ordem conceitual, também significava que o aprendiz não conseguira alcançar o objetivo operacional dos ensinamentos. A idéia do fracasso era explicada no tema dos quatro inimigos simbólicos do homem de conhecimento; estava implícito que o fracasso não era apenas o ato de não continuar na busca do objetivo, mas o ato de abandonar totalmente a busca, sob a pressão criada por qualquer dos quatro inimigos simbólicos. O mesmo tema tornava claro também que os dois primeiros inimigos o medo e a clareza -eram a causa da derrota do homem no nível de aprendiz, que a derrota naquele nível significava o fracasso no aprendizado de dominar um aliado e que, como consequência desse fracasso, o aprendiz adotara a ordem conceitua) de maneira superficial e capciosa. Isto é, sua adoção da ordem conceitual era capciosa no sentido de ser uma afiliação fraudulenta ao significado proposto pelos ensinamentos, ou um compromisso fraudulento com o

mesmo. A idéia era que, ao ser derrotado, o aprendiz, além de ser incapaz de dominar o aliado, ficaria apenas com o conhecimento de certas técnicas de manipulação, mais a recordação dos elementos constituintes da realidade não comum percebidos, mas ele não identificaria o fundamento lógico que poderia dar-lhes sentido em si. Nessas circunstâncias, qualquer homem poderia ser forçado a desenvolver suas próprias explicações para setores escolhidos arbitrariamente dos fenômenos que ele experimentara, e esse processo acarretaria a adoção falha do ponto de vista proposto pelos ensinamentos de Dom Juan. Uma adoção capciosa da ordem conceitual, porém; aparentemente não se restringia somente aos aprendizes. No tema dos inimigos de um homem de conhecimento, também era implícito que o homem, depois de conseguir o objetivo de aprender a comandar um aliado, ainda poderia sucumbir aos assaltos de seus dois outros inimigos — o poder e a velhice. No esquema de categorias de Dom Juan, uma derrota dessas implicava que o homem tinha caído numa adoção superficial ou capciosa da ordem conceitual, como o tinha o aprendiz derrotado.

A adoção bem sucedida da ordem conceitual, por outro lado, significava que o aprendiz tinha alcançado o objetivo operacional — uma adoção de boa-fé, sob o ponto de vista proposto nos ensinamentos. Isto é, sua adoção da ordem conceitual era de boa-fé por ser uma afiliação completa e um compromisso completo com o significado expresso naquela ordem de conceituação.

Dom Juan nunca esclareceu o ponto exato em que, nem a maneira exata pela qual, um aprendiz deixava de ser aprendiz, embora estivesse clara a insinuação de que, uma vez alcançado o objetivo operacional do sistema — isto é, desde que ele soubesse dominar um aliado — ele não mais necessitaria do mestre para orientação. A idéia de que viria um momento em que as diretivas do mestre seriam supérfluas implicava que o aprendiz conseguiria adotar a ordem conceitual e, ao fazê-lo, adquiriria a capacidade de tirar conclusões significativas sem o auxílio do mestre.

No que dizia respeito aos ensinamentos de Dom Juan, e até o momento em que parei meu aprendizado, a aceitação do consenso especial parecia acarretar a adoção de duas unidades da ordem conceitual: (1) a idéia de uma realidade de consenso especial; (2) a idéia de que a realidade do consenso comum, de todo dia, e a realidade do consenso especial tinham um valor igualmente pragmático.

Realidade do Consenso Especial

O âmago dos ensinamentos de Dom Juan, como ele mesmo dizia, referia-se à utilização das três plantas alucinógenas com as quais ele provocava os estados de realidade não comum. A utilização dessas três plantas parece ter sido assunto de

propósito deliberado de sua parte. Parece tê-las empregado porque cada uma possuía diferentes propriedades alucinógenas, que interpretava como as diferentes naturezas inerentes dos poderes contidos nelas. Dirigindo os níveis extrínsecos e intrínsecos da realidade não comum, Dom Juan explorava as diferentes propriedades alucinógenas até que elas criaram em mim, como aprendiz, a percepção de que a realidade não comum era uma área perfeitamente definida, um reino separado da vida normal, de todo dia, cujas propriedades inerentes eram reveladas à medida que eu progredia.

Não obstante, também era possível que as supostas propriedades diferentes pudessem ser apenas o produto do próprio processo de Dom Juan de dirigir a ordem intrínseca da realidade não comum, embora em seus ensinamentos ele explorasse a idéia de que o poder contido em cada planta provocava estados de realidade não comum que eram diferentes uns dos outros. Se isso fosse verdade, suas diferenças nos termos das unidades desta análise parecem ter sido no âmbito de apreciação que a pessoa poderia perceber nos estados provocados por cada um dos três. Devido às peculiaridades de seu âmbito de apreciação, todas três contribuíam para produzir a percepção de uma área ou campo perfeitamente definidos, consistindo de dois compartimentos: o âmbito independente, chamado o campo dos lagartos, ou as lições de Mescalito; e o âmbito dependente, referindo-se à área em que a pessoa podia mover-se por seus próprios meios.

Uso a expressão "realidade não comum", como já foi observado, no sentido de uma realidade extraordinária, fora do comum. Para um aprendiz principiante essa realidade era, de toda forma, fora do comum, mas o aprendizado do conhecimento de Dom Juan exigia minha participação compulsória e meu compromisso com a prática pragmática e experimental de tudo o que eu tinha aprendido. Isso significava que eu, como o aprendiz, tinha de experimentar uma série de estados de realidade não comum e que o conhecimento de primeira mão, mais cedo ou mais tarde, tornaria as classificações "comum" e "não comum" sem significado para mim. A adoção em boa-fé da primeira unidade da ordem conceitual teria, pois, acarretado a idéia de que havia outro reino de realidade, separado mas não mais fora do comum, a "realidade do consenso especial". Aceitando como premissa principal que a realidade do consenso especial era um campo separado, teria explicado a idéia de que os encontros com os aliados ou com Mescalito tinham lugar num campo que não era ilusório.

A Realidade do Consenso Especial Tinha Valor Pragmático

O mesmo processo de dirigir os níveis extrínsecos e intrínsecos de realidade não comum, que pareciam ter criado o reconhecimento da realidade do consenso especial como campo separado, também parecia ser responsável por minha

percepção de que a realidade do consenso especial era prática e utilizável. A aceitação, do consenso especial em todos os estados de realidade não comum e em todos os estados especiais de realidade comum destinava-se a consolidar a consciência de que ele era igual à realidade do consenso comum, de todo dia. Essa igualdade baseava-se na impressão de que a realidade do consenso especial não era um campo que pudesse ser equacionado com os sonhos. Ao contrário, tinha elementos constituintes estáveis que estavam sujeitos a uma concordância especial. Era, na verdade, um campo onde a pessoa podia perceber o ambiente de maneira propositada. Seus elementos constituintes não eram excêntricos nem caprichosos, mas, sim, itens precisos ou fatos cuja existência era comprovada por todo o conjunto dos ensinamentos.

A implicação da igualdade era clara no tratamento que Dom Juan dava à realidade do consenso especial, um tratamento que era utilitário e natural; em momento algum ele se referiu a ela, nem eu tinha de me comportar com ela de qualquer maneira a não ser de forma utilitária e natural. O fato de as duas áreas serem consideradas iguais, porém, não significava que a qualquer momento a pessoa poderia comportar-se do mesmo modo em qualquer das áreas. Pelo contrário, o comportamento do feiticeiro tinha de ser diferente, pois cada área de realidade tinha qualidades que a tornavam utilizável a seu próprio modo. O fator de definição em termos de significado parecia ser a idéia de que essa igualdade podia ser medida em termos de utilidade prática. Assim, um feiticeiro tinha de acreditar que era possível passar de uma área para a outra, que ambas eram inerentemente utilizáveis, e que a única dessemelhança entre as duas era sua diferente capacidade de serem usadas, isto é, os diferentes propósitos a que serviam.

No entanto, seu isolamento parecia ser apenas um arranjo adequado que era pertinente a meu nível especial de aprendizado, que Dom Juan usava para me tornar ciente de que podia existir outro campo de realidade. Mas pelos seus atos, mais cio que por suas declarações, eu era levado a crer que, para um feiticeiro, só havia uma única continuidade de realidade que tinha duas partes, ou talvez mais do que duas, das quais ele tirava deduções de valor pragmático. A adoção de boa-fé da idéia de que a realidade do consenso especial tinha valor pragmático teria dado uma perspectiva significativa ao movimento.

Se eu tivesse aceito a idéia de que a realidade do consenso especial era utilizável porque possuía propriedades inerentemente utilizáveis que eram tão pragmáticas quanto as da realidade do consenso de todo dia, então teria sido lógico para mim compreender por que Dom Juan explorava a noção de movimento na realidade do consenso especial. Depois de aceitar a existência

pragmática de outra realidade, a única coisa que o feiticeiro tinha a fazer seria aprender a mecânica do movimento. Naturalmente, o movimento naquele caso tinha de ser especializado, porque dizia respeito às propriedades inerentes, pragmáticas, do consenso especial.

RESUMO

Os pontos de minha análise foram os seguintes:

1. O fragmento dos ensinamentos de Dom Juan que apresentei aqui consistiu em dois aspectos: a ordem operacional ou sequência significativa em que todos os conceitos individuais de seus ensinamentos eram ligados uns aos outros, e a ordem conceituai ou matriz de significado em que todos os conceitos individuais de seu ensino estavam embutidos.

2. A ordem operacional seguida tinha quatro unidades principais com suas respectivas idéias componentes: (1) o conceito "homem de conhecimento"; (2) a idéia de que um homem de conhecimento tinha o auxílio de um poder especializado chamado um aliado; (3) a idéia de que um aliado era governado por um conjunto de regras denominado regulamento; e (4) a idéia de que a corroboração do regulamento estava sujeita a um consenso especial.

3. Essas quatro unidades relacionavam-se da seguinte maneira: o objetivo da ordem operacional era ensinar à pessoa como se tornar um homem de conhecimento; um homem de conhecimento era diferente dos homens comuns porque tinha um aliado; um aliado era um poder especializado, que tinha um regulamento; a pessoa podia adquirir ou domesticar um aliado pelo processo de verificar seu regulamento no campo da realidade não comum e obtendo um consenso especial nessa corroboração.

4. No contexto dos ensinamentos de Dom Juan, tornar-se um homem de conhecimento não era uma realização permanente, e sim um processo. Isto é, o fator que determinava um homem de conhecimento não era apenas a posse de um aliado, mas a luta da vida toda do homem para se manter dentro dos limites de um sistema de crenças. Os ensinamentos de Dom Juan, contudo, visavam resultados práticos, e seu objetivo prático, com relação a ensinar a tornar-se um homem de conhecimento, era ensinar a adquirir um aliado aprendendo seu regulamento. Assim, o objetivo da ordem operacional era fornecer à pessoa um consenso especial sobre os elementos constituintes percebidos na realidade não comum, que eram considerados a corroboração do regulamento do aliado.

5. A fim de fornecer um consenso especial sobre a corroboração do regulamento do aliado, Dom Juan tinha de fornecer um consenso especial para os elementos constituintes de todos os estados de realidade não comum e os estados especiais de realidade comum provocados no decorrer de seus ensinamentos. O consenso especial, portanto, tratava dos fenômenos fora do comum, fato que me permitia supor que qualquer aprendiz, aceitando o consenso

especial, era levado a adotar a ordem conceitual do conhecimento sendo ensinado.

6. Do ponto de vista de meu estágio pessoal de aprendizagem, podia deduzir que até o momento em que me retirei do aprendizado, os ensinamentos de Dom Juan haviam fomentado a adoção de duas unidades da ordem conceitual: (1) a idéia de que havia um campo separado de realidade, outro mundo, que chamei de "realidade do consenso especial"; (2) a idéia de que a realidade do consenso especial, ou esse outro mundo, era tão utilizável quanto o mundo da vida de todo dia.

Quase seis anos depois que comecei o aprendizado, os conhecimentos de Dom Juan tornaram-se um todo coerente, pela primeira vez. Compreendi que ele tinha visado fornecer um consenso de boa-fé para as minhas descobertas pessoais, e embora não continuasse porque não estava, nem nunca estarei, preparado para suportar os rigores de um tal treinamento, meu próprio jeito de satisfazer os padrões dele de esforço pessoal foi minha tentativa de compreender seus ensinamentos. Senti que era imperioso provar, nem que fosse só para mim, que eles não eram uma excentricidade.

Depois de ter organizado meu esquema estrutural, e de ser capaz de desprezar muitos dados supérfluos a meu esforço inicial de descobrir a força lógica dos ensinamentos dele, tornou-se claro para mim que eles tinham uma coesão interna, uma sequência lógica que me permitia visualizar todo o fenômeno numa luz que eliminava o sentido de extravagância que era a marca de tudo o que experimentara. Era óbvio para mim que meu aprendizado era apenas o começo de um caminho muito longo. E as experiências fatigantes que tivera tão avassaladoras para mim, não passavam de um fragmento muito pequeno de um sistema de pensamento lógico do qual Dom Juan tirava conclusões significativas para a sua vida de todo dia, um sistema de crenças vastamente complexo, em que as indagações eram uma experiência que conduzia à exultação.

APÊNDICES

APÊNDICE A – O PROCESSO DE COMPROVAR O CONSENSO ESPECIAL

Comprovar o consenso especial exigia, a cada momento, a cumulação dos ensinamentos de Dom Juan. Para o fim de explicar o processo cumulativo, organizei a comprovação do consenso especial de acordo com a sequência em que ocorreram os estados de realidade não comum e de realidade comum especial. Dom Juan não parecia ter fixado o processo de dirigir a ordem intrínseca da realidade não comum e da realidade comum especial de maneira exata; parece ter isolado as unidades para a direção de maneira um tanto fluida.

Dom Juan começou a preparar o ambiente para o consenso especial produzindo o primeiro estado especial de realidade comum pelo processo de manipular sugestões a respeito do ambiente. Por esse método, isolou certos elementos constituintes do campo da realidade comum e, isolando-os, dirigiu-me para perceber unia progressão para o específico, neste caso a percepção de cores que pareciam emanar de dois pequenos pontos no chão. Ao serem isolados, esses pontos de coloração ficavam privados do consenso comum; parecia que só eu era capaz de vê-los, e assim criam um estado especial de realidade comum.

Isolar aqueles dois pontos no chão, privando-os do consenso comum, servia para estabelecer o primeiro elo entre a realidade comum e a não comum. Dom Juan me orientou para perceber uma porção da realidade comum de maneira desacostumada; isto é, transformou certos elementos comuns em itens que precisavam de um consenso especial.

A sequência do primeiro estado especial de realidade comum foi minha recapitulação da experiência; daí Dom Juan selecionou a percepção de diferentes áreas de coloração como as unidades para a ênfase positiva. Para ênfase negativa, isolou o relato de meu medo e fadiga e a possibilidade de minha falta de persistência.

Durante o período preparatório subsequente, colocou o grosso das especulações nas unidades que tinha isolado, e transmitiu a idéia de que era possível distinguir no ambiente mais do que o comum. Das unidades suscitadas pela minha recapitulação, Dom Juan também introduziu alguns dos conceitos componentes do homem de conhecimento.

Como segundo passo no preparo do consenso especial para a corroboração do regulamento, Dom Juan provocou um estado de realidade não comum com a

Lophophora williamsii. O conteúdo total daquele primeiro estado de realidade não comum era meio vago e dissociado, e no entanto os elementos constituintes eram muito bem definidos; percebi suas características de estabilidade, singularidade e falta de consenso comum quase tão claramente quanto nos estados posteriores. Essas características não eram tão óbvias, talvez por minha falta de prática; era a primeira vez que experimentava a realidade não comum.

Era impossível verificar o efeito da orientação prévia de Dom Juan sobre o rumo real da experiência; no entanto, sua mestria em dirigir o resultado de subsequentes estados de realidade não comum ficou bem clara, desse ponto em diante.

De minha recapitulação da experiência, escolheu as unidades para orientar a progressão para formas individuais específicas e resultadas totais. Tomou conhecimento de meus atos com um cão e ligou isso à idéia de que Mescalito era uma entidade visível. Era capaz de adotar qualquer forma; sobretudo, era uma entidade fora da pessoa.

O relato de meus atos também serviu para Dom Juan estabelecer a progressão para um âmbito de apreciação mais vasto; nesse caso o progresso foi para um campo dependente. Dom Juan deu ênfase positiva à noção de que eu me tinha movido e agido na realidade não comum quase como o teria feito na vida de todo dia.

O progresso para uma utilização mais pragmática da realidade não comum era feito dando ênfase negativa ao relato de minha incapacidade de prestar uma atenção lógica aos elementos constituintes percebidos. Dom Juan sugeriu que seria possível para mim examinar os elementos com independência e precisão; essa idéia suscitava duas características da realidade não comum, que era pragmática e que tinha elementos constituintes que podiam ser avaliados sensorialmente.

A falta de consenso comum para os elementos constituintes era demonstrada dramaticamente por uma interação de ênfase positiva e negativa colocadas nos pontos de vista de observadores que examinavam meu comportamento durante o decurso daquele primeiro estado de realidade não comum.

O período preparatório que se seguiu ao primeiro estado de realidade não comum durou mais de um ano. Dom Juan usou esse tempo para apresentar mais conceitos componentes do homem de conhecimento, e para revelar algumas partes dos regulamentos dos dois aliados. Ainda provocou um estado superficial de realidade não comum a fim de verificar minha afinidade com o aliado contido na Datura inoxia. Dom Juan utilizava todas as sensações vagas que tive no curso daquele estado superficial para esboçar as características gerais do aliado,

contrastando-o com o que ele tinha isolado como as características perceptíveis de Mescalito.

O terceiro passo para preparar o consenso especial na corroboração do regulamento foi provocar outro estado de realidade não comum com a Lophophora williamsii. A orientação prévia de Dom Juan pareceu guiar-me para perceber esse segundo estado de realidade não comum da seguinte maneira:

O progresso para o específico criava a possibilidade de se visualizar um ente cuja forma tinha mudado extraordinariamente, da forma conhecida de um cão no primeiro estado para a forma completamente desconhecida de um composto antropomórfico que existia, aparentemente, fora de mim.

O progresso para um âmbito de apreciação mais vasto era evidente em minha percepção de uma viagem. Durante essa viagem o campo de apreciação era tanto dependente como independente, embora uma maioria dos elementos constituintes dependesse do ambiente do estado de realidade comum anterior.

O progresso para um uso mais pragmático da realidade comum talvez fosse a característica mais marcante em meu segundo estado. Tornou-se evidente para mim, de maneira complexa e detalhada, que a pessoa podia mover-se na realidade não comum.

Examinei ainda os elementos constituintes com independência e exatidão. Percebi sua estabilidade, singularidade e de consenso muito claramente.

De minha recapitulação da experiência, Dom Juan frisou seguinte: objetivando o progresso para o específico, ele dava ênfase positiva a meu relato de ter eu visto Mescalito como um composto antropomórfico. O grosso da especulação nesse setor centralizava-se sobre a idéia de que Mescalito era capaz de ser um mestre e também um protetor.

A fim de dirigir o progresso para um âmbito mais vasto de apreciação, Dom Juan dava ênfase positiva ao relato de minha viagem, que obviamente tivera lugar no âmbito dependente; também dava ênfase positiva à minha versão das cenas visionárias que eu presenciei pela mão de Mescalito, cenas que pareciam ser independentes dos elementos constituintes da realidade comum anterior.

O relato de minha viagem e as cenas vistas pela mão de Mescalito também permitiram a Dom Juan dirigir o progresso para uma utilização mais pragmática da realidade não comum. Primeiro, aventou a idéia de que era possível ter-se uma direção; depois, interpretou as cenas como lições sobre a maneira correta de viver.

Alguns setores de minha recapitulação que tratavam da percepção de componentes supérfluos não recebiam ênfase alguma, por não serem úteis para

estabelecer a direção da ordem intrínseca.

O estado seguinte de realidade não comum, o terceiro, foi provocado para a corroboração do regulamento com o aliado contido na Datura inoxia. O período preparatório era importante e observado pela primeira vez. Dom Juan apresentou as técnicas de manipulação e revelou que o objetivo específico que eu tinha de corroborar era a adivinhação.

Sua direção prévia dos três aspectos da ordem intrínseca parecia ter tido os seguintes resultados: a progressão para o específico era manifestada em minha capacidade de perceber um aliado como uma qualidade; isto é, verifiquei a afirmação de que um aliado não era visível de todo. O progresso para o específico também produzia a percepção especial de uma série de imagens muito semelhantes àquelas que eu tinha visto pela mão de Mescalito. Dom Juan interpretava essas cenas como adivinhação, ou a corroboração do objetivo específico do regulamento.

A percepção daquela série de cenas acarretava também uma progressão para um âmbito mais extenso de apreciação. Dessa vez o âmbito era independente do ambiente da realidade comum precedente. As cenas não pareciam ser imagens superpostas nos elementos componentes, como as imagens que eu vira pela mão de Mescalito; na verdade, não havia outros componentes além dos que faziam parte das cenas. Em outras palavras, o âmbito total de apreciação era independente.

A percepção de um âmbito completamente independente também demonstrava progresso para uma utilização mais pragmática da realidade não comum. A adivinhação indicava que a pessoa poderia dar um valor utilitário ao que fosse visto.

Com o objetivo de dirigir a progressão para o específico, Dom Juan dava ênfase positiva à idéia de ser possível a pessoa mover-se por seus próprios meios no âmbito independente da apreciação. Explicou o movimento lá como sendo indireto, e como sendo realizado, nesse caso particular, pelos lagartos como instrumentos. A fim de estabelecer a direção do segundo aspecto do nível intrínseco, a progressão para um âmbito mais extenso de apreciação, centralizou o grosso da especulação sobre a idéia de que as cenas que eu tinha percebido, que eram as respostas à adivinhação, poderiam ter sido examinadas e prolongadas pelo tempo que eu quisesse. Para dirigir a progressão para uma utilização mais pragmática da realidade não comum, Dom Juan dava ênfase positiva à idéia de que o tópico a ser adivinhado tinha de ser simples e direto, para obter um resultado utilizável.

O quarto estado de realidade não comum foi provocado também para a

corroboração do regulamento do aliado contido na Datura inoxia. O objetivo específico do regulamento a ser corroborado tinha relação com o vôo corporal como outro aspecto do movimento.

Um resultado da direção da progressão para o específico pode ter sido a percepção da ascensão corporal pelo ar. Essa sensação era aguda, embora lhe faltasse a profundidade de todas as percepções anteriores de atos que eu teria supostamente executado na realidade não comum. O vôo corporal parecia ter-se realizado num campo de apreciação dependente, e parecia ter acarretado o movimento por meus próprios meios, o que pode ter sido o resultado de uma progressão para um âmbito de apreciação mais vasto.

Dois outros aspectos da sensação de flutuar pelo ar podem sido produtos diretos da progressão para uma utilização mais pragmática da realidade não comum. Eram eles, primeiro, a percepção da distância, uma percepção criada pela sensação de um vôo real, e, segundo, a possibilidade de adquirir direção no curso do pretenso movimento.

Durante o período preparatório seguinte, Dom Juan dissertou sobre a natureza supostamente nociva do aliado contido na Datura inoxia. E isolou os seguintes setores de meu relato: tetra dirigir a progressão para o específico, deu ênfase positiva s minha recordação de ter flutuado pelo ar. Embora eu não percebesse os elementos constituintes daquele estado de realidade não comum com a clareza que a essa altura já era habitual, minha sensação do movimento era muito definida, e Dom Juan usou-a para reforçar o resultado específico do movimento. A progressão para uma utilização mais pragmática da realidade não comum foi estabelecida centralizando-se o grosso da especulação sobre a idéia de que os feiticeiros podiam voar por distâncias enormes, especulação que dava margem à possibilidade de que a pessoa poderia mover-se no âmbito de apreciação dependente e depois passar esse movimento para a realidade comum.

O quinto estado de realidade não comum foi produzido pelo aliado contido na Psilocybe mexicana. Era a primeira vez que se usava a planta, e o estado que se seguiu estava mais de acordo com a prova do que com uma tentativa de corroborar o regulamento. No período preparatório, Dom Juan apresentou uma técnica de manipulação; como não revelou o objetivo específico a ser verificado, não acreditei que o estado fosse provocado para corroborar o regulamento. No entanto, a direção do nível intrínseco de realidade não comum estabelecido antes parece haver terminado nos seguintes resultados.

A direção da progressão para resultados específicos e totais provocaram em mim a percepção de que os dois aliados eram diferentes um do outro, e que cada qual era diferente de Mescalito. Percebi o aliado contido na Psilocybe mexicana

como uma qualidade — sem forma e invisível, e dando a sensação de incorporeidade. A progressão para um âmbito de apreciação mais vasto provocou a sensação de que o ambiente total da realidade comum anterior, que permanecia dentro de minha consciência, era utilizável na realidade não comum; isto é, a expansão do âmbito dependente parecia ter abrangido tudo. A progressão para uma utilização mais pragmática da realidade não comum provocou a percepção especial de que eu podia atravessar os elementos constituintes dentro do âmbito de apreciação dependente, a despeito do fato de eles parecerem ser elementos comuns da vida de todo dia.

Dom Juan não exigiu a recapitulação costumeira da experiência; era como se a ausência de um objetivo específico tivesse tornado aquele estado de realidade não comum apenas um prolongado estágio de transição. Durante o subsequente período de preparação, contudo, especulou sobre certas observações que fizera a respeito de meu comportamento durante a experiência.

Deu ênfase negativa ao impasse lógico que impediu que eu acreditasse que se pudesse atravessar as coisas ou pessoas. Com essa especulação, dirigiu a progressão para um resultado total específico do movimento através dos elementos constituintes da realidade não comum percebidos dentro do âmbito dependente da apreciação.

Dom Juan utilizou essas mesmas observações para dirigir o segundo aspecto do nível intrínseco, um âmbito de apreciação mais extenso. Se era possível o movimento através das coisas e dos seres, então o âmbito dependente tinha de se expandir de acordo; tinha de abranger o ambiente total da realidade comum anterior, que estava dentro da consciência da pessoa a qualquer dado momento, pois o movimento significava uma mudança constante de ambiente. Na mesma especulação, também estava implícito que a realidade não comum poderia ter sido usada de maneira mais pragmática. O movimento através de objetos e seres implicava um ponto de vantagem definida, que era inatingível para um feiticeiro na realidade comum.

Dom Juan depois usou uma série de três estados de realidade não comum, provocados pela Lophophora williamsii, para preparar melhor o consenso especial para a corroboração do regulamento. Esses três estados foram tratados aqui como uma unidade única porque tiveram lugar durante quatro dias consecutivos, e, durante as poucas horas entre eles, não tive qualquer comunicação com Dom Juan. A ordem intrínseca dos três estados também foi considerada uma única unidade, com as seguintes características. A progressão para o específico produziu a percepção de Mescalito como um ente antropomórfico visível, capaz de ensinar. A capacidade de ensinar implicava que

Mescalito era capaz de agir para as pessoas.

A progressão para um âmbito de apreciação mais vasto alcançou um ponto em que eu percebia os dois âmbitos ao mesmo tempo, sendo incapaz de distinguir as diferenças entre eles a não ser em termos de movimento. No âmbito dependente, era possível para mim mover- me por meus próprios meios e vontade, mas no âmbito independente conseguia mover-me só com o auxílio de Mescalito como instrumento. Por exemplo, as lições de Mescalito compreendiam uma série de cenas a que eu só podia assistir. O progresso para uma utilização mais pragmática da realidade não comum estava implícito na idéia de que Mescalito podia realmente dar lições sobre a maneira correta de viver.

No período preparatório que se seguiu ao último estado de realidade não comum nessa série, Dom Juan escolheu as seguintes unidades. Para a progressão no sentido do específico, deu ênfase positiva às idéias de que Mescalito era um instrumento no movimento pelo âmbito de apreciação independente, e que Mescalito era um ente didático, capaz de dar lições permitindo que a pessoa entrasse num mundo visionário. Especulou ainda sobre a insinuação de que Mescalito tinha pronunciado seu nome e supostamente me ensinara algumas canções; esses dois casos foram interpretados como exemplos da capacidade de Mescalito de ser protetor. E o fato de eu ter percebido Mescalito como uma luz foi enfatizado como a possibilidade de ele ter, afinal, adotado uma forma abstrata e permanente para mim.

Frisar essas mesmas unidades também serviu a Dom Juan para dirigir a progressão para um âmbito de apreciação mais vasto. Durante os três estados de realidade não comum, percebi claramente que o âmbito dependente e o independente eram dois aspectos distintos da realidade não comum, igualmente importantes. O âmbito independente era o setor onde Mescalito dava suas lições, e como esses estados de realidade não comum supostamente só eram provocados para se buscar essas lições, o âmbito independente era, logicamente, um setor de importância especial. Mescalito era um protetor e mestre, o que significava que ele era visível; no entanto, sua forma não tinha nada a ver com o estado de realidade comum anterior. Por outro lado, era suposto que a pessoa viajasse, se movesse, na realidade não comum, a fim de buscar as lições de Mescalito, idéia que implicava na importância do âmbito dependente.

A progressão para uma utilização mais pragmática da realidade não comum era estabelecida dedicando-se o grosso das especulações às lições de Mescalito. Dom Juan interpretava essas lições como sendo indispensáveis para a vida da pessoa; era uma dedução clara que a realidade não comum poderia ter sido usada

de maneira mais pragmática para deduzir pontos de referência que tivessem valor na realidade comum. Era a primeira vez que Dom Juan verbalizava tal insinuação.

O estado seguinte de realidade não comum, o nono nos ensinamentos, foi provocado a fim de corroborar o regulamento do aliado contido na Datura inoxia. O objetivo específico a ser corroborado naquele estado estava ligado à adivinhação, e a direção anterior do nível intrínseco terminava nos seguintes pontos. A progressão para um resultado total específico criava a percepção de uma série de cenas coerentes, que eram supostas serem a narrativa pela voz do lagarto dos acontecimentos a serem adivinhados, e a sensação de uma voz que realmente descrevia essas cenas. A progressão para um âmbito de apreciação independente resultava na percepção de um âmbito independente extenso e claro, isento da influência estranha da realidade comum. A progressão para uma utilização mais pragmática da realidade não comum terminava nas possibilidades utilitárias de exploração do âmbito independente. Essa tendência especial era estabelecida pela especulação de Dom Juan sobre a possibilidade de estabelecer pontos de referência no âmbito independente e utilizá-los na realidade comum. Assim, as cenas de adivinhação tinham um valor pragmático óbvio, pois supostamente representavam uma visão de atos praticados por outros, atos aos quais a pessoa não teria acesso por meios comuns.

No período preparatório seguinte, Dom Juan enfatizou mais dois temas componentes de um homem de conhecimento. Parecia estar-se aprontando para passar à busca de apenas um dos dois aliados, o aliado humito. No entanto, dava ênfase positiva à idéia de que eu tinha uma grande afinidade com o aliado contido na Datura inoxia, pois ele me permitira presenciar uma incidência de flexibilidade do regulamento, quando cometi um erro ao desempenhar uma técnica de manipulação. Minha suposição de que Dom Juan estava pronto para abandonar o ensino do regulamento do aliado contido na Datura inoxia foi reforçada pelo fato de ele não isolar quaisquer setores de minha recapitulação da experiência para explicar a direção do nível intrínseco dos subsequentes estados de realidade não comum.

Seguiram-se três estados de realidade não comum, provocados para corroborar o regulamento do aliado contido na Psilocybe mexicana. Foram tratados como uma unidade única. E embora se tivesse passado bastante tempo entre eles, naqueles intervalos Dom Juan não procurou especular sobre qualquer aspecto de sua ordem intrínseca.

O primeiro estado da série foi vago; terminou rapidamente e seus elementos constituintes não eram precisos. Tinha a aparência de ser mais um estágio de

transição do que propriamente um estado de realidade não comum.

O segundo estado tinha maior profundidade. Percebi o estado de transição para a realidade não comum separadamente pela primeira vez. Durante aquele primeiro estado de transição, Dom Juan revelou que o objetivo específico do regulamento que eu teria de corroborar tratava de outro aspecto do movimento, um aspecto que necessitava de sua supervisão exaustiva; denominei-o "movimentação adotando-se uma outra forma". Em consequência, dois aspectos do nível extrínseco da realidade não comum tornaram-se evidentes pela primeira vez: os estágios de transição e a supervisão do mestre.

Dom Juan usou sua supervisão naquele primeiro estágio de transição para focalizar a subsequente direção dos três aspectos do nível intrínseco. Seus esforços dirigiram-se, primeiro, a provocar um resultado total específico, guiando-me para experimentar uma sensação precisa de ter adotado a forma de um corvo.

A possibilidade de adotar uma outra forma a fim de conseguir a movimentação na realidade não comum acarretava por sua vez uma expansão do âmbito de apreciação dependente, único setor em que tal movimento podia ter lugar.

A utilização pragmática da realidade não comum era determinada mandando que eu focalizasse minha atenção em certos elementos constituintes do âmbito dependente, a fim de usá-los 'como pontos de referência para o movimento.

Durante o período preparatório que se seguiu ao segundo estado dessa série, Dom Juan recusou-se a especular sobre qualquer parte de minha experiência. Tratou o segundo estado como se tivesse sido apenas mais outro estágio de transição prolongado.

O terceiro estado da série, porém, foi predominante nos ensinamentos. Foi um estado em que o processo de dirigir o nível intrínseco culminou nos seguintes resultados: a progressão para o específico criou a percepção fácil de que eu tinha adotado uma outra forma de maneira tão completa que até provocava ajustamentos precisos na maneira de focalizar meus olhos e minha maneira de ver. Como resultado desses ajustamentos havia a minha percepção de uma nova faceta do âmbito de apreciação dependente -as minúcias que formavam os elementos constituintes -e essa percepção positivamente ampliava o âmbito de apreciação. A progressão para uma utilização mais pragmática da realidade não comum culminou na minha consciência de que era possível mover-me no âmbito dependente tão pragmaticamente como a pessoa anda na realidade comum.

No período preparatório que se seguiu ao último estado de realidade não

comum, Dom Juan introduziu um tipo de recapitulação diferente. Escolheu os setores para a recapitulação antes de ouvir minha narrativa; isto é, pediu para ouvir apenas os relatos que se relacionavam com a utilização pragmática da realidade não comum e ao movimento.

Desses relatos, estabeleceu a progressão para o específico dando ênfase positiva à versão de como eu tinha explorado a forma do corvo. No entanto, só deu importância à idéia do movimento depois que adotei aquela forma. O movimento foi o setor de minha recapitulação ao qual deu uma interação de ênfase positiva e negativa. Deu à narrativa ênfase positiva quando ela frisava a idéia da natureza pragmática da realidade não comum, ou quando tratava da percepção de elementos constituintes que me tinham permitido obter um sentido geral de orientação, enquanto parecia mover-me no âmbito de apreciação dependente. Deu ênfase negativa à minha incapacidade de me lembrar com exatidão da natureza ou direção desse movimento.

Dirigindo a progressão para um âmbito de apreciação mais vasto, Dom Juan centralizou suas especulações sobre meu relato da maneira especial pela qual eu percebia os detalhes que tornavam os elementos constituintes que estavam dentro do âmbito dependente. Sua especulação me levava a supor que, se fosse possível ver o mundo como um corvo o vê, o âmbito de apreciação dependente teria de se expandir em profundidade e estender-se para cobrir todo o espectro da realidade comum.

A fim de dirigir a progressão para uma utilização mais pragmática da realidade não comum, Dom Juan explicou meu jeito especial de perceber os elementos constituintes como sendo a maneira de o corvo ver o mundo. E, logicamente, essa maneira de ver pressupunha a entrada numa escala de fenômenos além das possibilidades normais na realidade comum.

A última experiência registrada em minhas anotações de campo foi um estado especial de realidade comum; Dom Juan o provocou isolando elementos constituintes da realidade comum pelo processo de sugestões a respeito de seu próprio comportamento.

Os processos gerais utilizados para dirigir o nível intrínseco da realidade não comum produziram os seguintes resultados durante o segundo estado especial de realidade comum. A progressão para o específico resultou no fácil isolamento de muitos elementos da realidade comum. No primeiro estado especial de realidade comum, os pouquíssimos elementos constituintes que foram isolados pelo processo de sugestões a respeito do ambiente também foram transformados em formas desconhecidas, privadas do consenso comum; contudo, no segundo estado especial de realidade comum, seus elementos constituintes eram muitos e,

embora não perdessem suas qualidades de serem elementos conhecidos, podem ter perdido sua capacidade de consenso comum. Esses elementos constituintes abrangiam, talvez, o ambiente total que estava dentro de minha percepção.

Dom Juan pode ter produzido esse segundo estado especial a fim de fortalecer o laço entre a realidade comum e a não comum, desenvolvendo a possibilidade de que a maioria, se não todos, dos elementos constituintes da realidade comum podia perder sua capacidade de ter consenso comum.

Do meu próprio ponto de vista, porém, esse último estado especial foi o resumo final de meu aprendizado. O formidável impacto do terror no nível da consciência sóbria teve a qualidade especial de minar a certeza de que a realidade da vida de todo dia fosse implicitamente real, a certeza de que eu, em matéria de realidade comum, poderia fornecer- me um consenso indefinidamente. Até aquele ponto, o rumo de meu aprendizado parece ter sido um trabalho contínuo para o colapso daquela certeza. Dom Juan utilizou todas as facetas de seus esforços dramáticos para conseguir o colapso durante aquele último estado especial, fato que me levou a crer que um colapso total daquela certeza teria removido a última barreira que me impedia de aceitar a existência de uma realidade separada: a realidade do consenso especial.

APÊNDICE B — ESBOÇO DE ANALISE ESTRUTURAL

A ORDEM OPERACIONAL

A PRIMEIRA UNIDADE

HOMEM DE CONHECIMENTO

SER UM HOMEM DE CONHECIMENTO É QUESTÃO DE APRENDER

Não havia exigências declaradas

Havia algumas exigências disfarçadas

Um aprendiz era escolhido por um poder impessoal

Aquele que era escolhido (escogido)

As decisões do poder eram indicadas por augúrios

UM HOMEM DE CONHECIMENTO TINHA PROPÓSITO INFLEXÍVEL

Frugalidade

Solidez de julgamento

Falta de liberdade para inovar

UM HOMEM DE CONHECIMENTO TINHA CLAREZA DE ESPÍRITO

Liberdade de procurar um caminho

Conhecimento do propósito específico

Ser fluido

SER UM HOMEM DE CONHECIMENTO ERA QUESTÃO DE TRABALHO ÁRDUO

Esforços dramáticos

Eficiência Desafio

UM HOMEM DE CONHECIMENTO ERA UM GUERREIRO

Tinha de ter respeito

Tinha de ter medo

Tinha de ser alerta

Consciência de propósito

Consciência do fluxo esperado

Tinha de ter autoconfiança

SER UM HOMEM DE CONHECIMENTO ERA UM PROCESSO INCESSANTE

Ele tinha de renovar a busca de ser um homem de conhecimento

Era impermanente

Tinha de seguir o caminho com coração

A SEGUNDA UNIDADE

UM HOMEM DE CONHECIMENTO TINHA UM ALIADO

UM ALIADO NÃO TINHA FORMA

UM ALIADO ERA PERCEBIDO COMO UMA QUALIDADE

O aliado contido na Datura inoxia:

- Era feminino
- Era possessivo
- Era violento
- Era imprevisível
- Tinha efeito nocivo sobre o caráter de seus seguidores
- Dava poder superfluido

O aliado contido na Psilocybe mexicana:

- Era masculino
- Era desapaixonado
- Era gentil
- Era previsível
- Tinha efeito benéfico sobre o caráter de seus seguidores
- Dava êxtase

UM ALIADO ERA DOMESTICÁVEL

Um aliado era um veículo

O aliado contido na Datura inoxia era imprevisível

O aliado contido na Psilocybe mexicana era previsível

Um aliado era um auxiliar

A TERCEIRA UNIDADE

UM ALIADO TINHA UM REGULAMENTO

O REGULAMENTO ERA INFLEXÍVEL

- Exceção devida à intervenção direta do aliado

O REGULAMENTO NÃO ERA CUMULATIVO

O REGULAMENTO ERA CORROBORADO PELA REALIDADE COMUM

O REGULAMENTO ERA CORROBORADO PELA REALIDADE NÃO

COMUM

Os estados de realidade não comum

A realidade não comum era utilizável

A realidade não comum tinha elementos constituintes

Os elementos constituintes tinham estabilidade

Tinham singularidade

Faltava-lhes consenso comum

Os propósitos específicos do regulamento:

Primeiro propósito específico, prova (Datara inoxia)

Técnica de manipulação, ingestão

Segundo propósito específico, adivinhação (Datura inoxia)

Técnica de manipulação, ingestão-absorção

Terceiro propósito específico, vôo corporal (Datura inoxia)

Técnica de manipulação, ingestão-absorção

Quarto propósito específico, prova (Psilocybe mexicana)

Técnica de manipulação, ingestão-inspiração

Quinto propósito específico, movimento (Psilocybe mexicana)

Técnica de manipulação, ingestão-inspiração

Sexto propósito específico, movimento adotando forma diferente (Psilocybe mexicana)

Técnica de manipulação, ingestão-inspiração

A QUARTA UNIDADE

O REGULAMENTO ERA CORROBORADO POR CONSENSO ESPECIAL

O BENFEITOR

Preparando o consenso especial

Os outros estados de realidade não comum

Eram provocados por Mescalito:

Era contido

O recipiente era o próprio poder

Não tinha regulamento

Não precisava de aprendizado

Era um protetor

Era um mestre

Tinha forma definida
A realidade não comum era utilizável
A realidade não comum tinha elementos constituintes
Os estados especiais de realidade comum:
Eram produzidos pelo mestre
Sugestões sobre o ambiente
Sugestões sobre o comportamento
A recapitulação da experiência:
Recordação dos fatos
Descrição dos elementos constituintes
Ênfase
Ênfase positiva
Ênfase negativa
Falta de ênfase
Dirigindo o consenso especial
O nível extrínseco da realidade não comum
O período preparatório
O período anterior à realidade não comum
O período seguinte à realidade não comum
Os estágios de transição
A supervisão do mestre
O nível intrínseco de realidade não comum
Progresso para o específico
Formas individuais específicas
Complexidades progressiva dos detalhes percebidos
Progressão do conhecido para formas desconhecidas
Resultados totais específicos
Progressão para um âmbito de apreciação mais extenso
Âmbito dependente
Âmbito independente
Progressão para uma utilização mais pragmática da realidade não comum
Progressão para o específico em estados especiais da realidade comum
A ORDEM CONCEITUAL

O APRENDIZ
A adoção capciosa da ordem conceitual
A adoção de boa-fé da ordem conceitual
Realidade do consenso especial
A realidade do consenso especial tinha valor pragmático